PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Beatriz de Souza Lima

"Do Amor em Tempos de Cólera":

agressividade, subjetividade e cultura

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Rio.

Orientador: Junia de Vilhena

Rio de Janeiro, janeiro de 2007

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Beatriz de Souza Lima

"Do Amor em Tempos de Cólera": agressividade, subjetividade e cultura

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profª. Junia de Vilhena
Orientadora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profª. Maria Inês Bittencourt
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profª. Silvia Maria Abu-Jamra Zornig
Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Profº. Benilton Carlos Bezerra Junior
Departamento de Políticas e Instituições de Saúde - UERJ

Profº. Henrique Figueiredo Carneiro
UNIFOR

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade
Coordenador Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, Janeiro de 2007.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Beatriz de Souza Lima

Graduou-se em Psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1979. Realizou formação psicanalítica pela Escola Lacaniana de Psicanálise. Ingressou no Mestrado de Psicologia Clínica da PUC-Rio em Novembro de 2001, tendo sido convidada a migrar para o Doutorado desta instituição em Novembro de 2002.

Ficha Catalográfica

Lima, Beatriz de Souza

"Do amor em tempos de cólera": agressividade, subjetividade e cultura / Beatriz de Souza Lima ; orientador: Junia de Vilhena. – 2007.
289 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Agressividade. 3. Violência. 4. Tendência anti-social. 5. Falhas ambientais. 6. Provisão ambiental. 6. Prevenção em saúde mental. I. Vilhena, Junia de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 03133383/CA

Para Carmem (*in memorian*)

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Junia de Vilhena, pela orientação e interlocução sensível e, sobretudo, pelo incentivo e confiança no meu projeto quando ele era apenas um esboço.

A todos os participantes da Casa da Árvore, pela acolhida calorosa, estimulante e enriquecedora, essencial para que esta tese chegasse ao seu formato final.

Aos colegas do grupo de pesquisa sobre Relações Objetais Precoces e Práticas Clínicas, pelos estudos e discussões que constituiram a base de minha compreensão sobre a obra de D. W. Winnicott. De modo especial, ao Professor Octávio Souza coordenador do grupo, que tão generosamente partilhou seu conhecimento conosco.

A Fernanda, Suzana e Perla, pela acolhida amistosa, quando tudo ainda era incerto e desconhecido neste percurso.

A Aline e Vicky, amigas queridas, pela parceria afetuosa tão vivamente compartilhada.

Ao José Otávio Naves, pelas contribuições de sua leitura atenta e sensível.

Ao Fernando Maia, pela valiosa assessoria técnica.

A Penélope Anne Baines e Claudia Prado, pela colaboração gentil e oportuna.

Aos colegas e amigos do curso de Pós-graduação da PUC-Rio.

A todos os funcionários do Departamento de Psicologia da PUC-Rio,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

especialmente Marcelina e Verinha, pela disponibilidade atenciosa e prestativa ao longo de todo o período.

Ao Hylton, pelo amor e carinho que trouxeram leveza ao tempo das minhas ausências.

Aos meus filhos, Pedro, Miguel, Branca, João e Mathias (*in memorian*) - fontes preciosas de inspiração e aprendizagem -, pelo incentivo e compreensão recebidos.

Aos meus avós Anna e Geraldo, por terem me iniciado nas técnicas de cultivo da vida.

Aos meus pais, Gilda e Gilberto (*in memorian*), por terem perseverado na vontade de me trazer ao mundo.

Aos amigos de ontem, de hoje e de sempre, pela certeza de um porto seguro em tempos de tantas mudanças.

Ao CAPES pelo apoio concedido.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Resumo

Lima, Beatriz de Souza; Vilhena, Junia de. **"Do Amor em Tempos de Cólera": agressividade, subjetividade e cultura.** Rio de janeiro, 2006, 289p. Tese de doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente tese tem como tema uma investigação sobre a participação da agressividade e da cultura nos processos de subjetivação e do tornar-se pessoa. Em um primeiro momento buscou-se estabelecer a distinção entre agressividade e violência no contexto da cultura, da teoria psicanalítica e na obra D.W. Winnicott. Em seguida efetuou-se um estudo sobre a teoria winnicottiana da agressividade que procurou compreender a sua evolução situando-a em relação à três contextos teóricos distintos: o inicial, o da teoria do desenvolvimento emocional e o dos objetos e fenômenos transicionais. Por fim, a partir do trabalho realizado pela ONG – Casa da Árvore, e dos conceitos de provisão ambiental, falha ambiental e tendência anti-social, elaborou-se uma reflexão sobre as manifestações agressivas e destrutivas, no âmbito de um dispositivo terapêutico que promove o atendimento coletivo de crianças de 6 a 12 anos, na comunidade do Morro do Chapéu Mangueira, na cidade do Rio de Janeiro. Defende-se a tese de que a promoção de uma política de atenção à infância resulta em um trabalho efetivo de prevenção em saúde mental, principalmente, no tocante à prevenção da violência, da delinqüência, dos distúrbios de conduta de caráter compulsivo e das doenças psicóticas.

Palavras-chave

Agressividade, violência, tendência anti-social, falhas ambientais, provisão ambiental e prevenção em saúde mental.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Abstract

Lima, Beatriz de Souza; Vilhena, Junia de. **"Love in the time of cholera": aggressiveness, subjectivity and culture.** Rio de janeiro, 2006, 289p. Tese de Doutorado – Psychology Department, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present thesis has as subject an inquiry on the participation of the aggressiveness and the culture in the processes of becoming a person. At a first moment was established the distinction between aggressiveness and violence in the context of the culture, the psychoanalysis theory and also considering the work of D.W. Winnicott. After that a study was done on the Winnicott's theory of the aggressiveness that tries to understand its evolution pointing it out in relation to the three theoretical contexts: the initial context, the context of the emotional development theory and the context of the transicional objects and phenomena. Finally, from the experience of the non-governmental organization – Casa da Árvore - , and from the concepts of environmental provision and fails and of antisocial tendency, a reflection was elaborated on the manifestations of aggressiveness development disturbs, in the scope of a therapeutic device that promotes the collective assistance to children from 6 to 12 years old, in the community of the Morro do Chapéu Mangueira, in the city of Rio de Janeiro. We support that the promotion of politics of attention to childhood results in an extraordinary mental health prevention, mainly in regards to the prevention of the anti-social behavior and of the psychotic illnesses.

Keywords

Aggressiveness; violence; anti-social tendency; environmental failures, environmental provision; mental health prevention

Sumário

1. Introdução 12

2. A questão da agressividade e a teoria freudiana. 29
2.1 Os primeiros momentos da teoria freudiana da agressividade 31
2.2 Agressividade, destrutividade, violência e pulsão de morte 50
2.3 Melanie Klein ou a importância da agressividade (destrutividade) para a emergência da vida psíquica. 53
2.4 A questão da agressividade em Winnicott: premissas e pressupostos 56

3. O poder do amor e a natureza múltipla do fenômeno agressivo 68
3.1 Agressão primária - o outro nome do amor dos começos 70
3. 2 A ausência de compaixão (ruthlessness) do bebê 73
3.2.1 O ódio da mãe pelo seu bebê 77
3. 3 Agressividade e desenvolvimento emocional 83
3.3.1 A agressividade e os estágios de desenvolvimento do ego 85
3.3.2 As raízes da agressividade e a teoria das pulsões 97
3.3.3 A pré-história do elemento agressivo: a motilidade, a função da fusão, a necessidade de oposição e o sentir-se real. 101

4. Brincando com fogo: agressividade e transicionalidade 108
4.1 A noção de criatividade em Winnicott 113
4.2 Um começo de muitos começos: o pequeno Deus, o verdadeiro self e a criação do mundo. 117
4.2.1 O brincar, o espaço potencial e o gesto espontâneo 128
4.3 A destrutividade em questão 135
4.3.1 O encontro com o Princípio de Realidade ou a conjugação do verbo SER no presente do indicativo: eu sou, tu és, ele é, ela é, nós somos..... 140
4.3.2 A terceira pessoa: o pai, o ambiente indestrutível e o outro sexo 154

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

4.4 A intrusão que obriga a reagir: as falhas do meio-ambiente e os transtornos no desenvolvimento da agressividade 161
4.4.1 A distorção em termos de verdadeiro e falso *self* ou a criatividade ameaçada 164
4.4.2 A tendência anti-social ou a esperança ameaçada 172

5. Do amor em tempos de cólera 186
5.1 Os conceitos de provisão ambiental e regressão no contexto do dispositivo analítico 188
5.1.1 A teoria da regressão 193
5.1.2 O conceito de provisão ambiental 197
5.2 A Casa da Árvore 207
5.2.1 Cada Casa é um caso: adaptando-se às particularidades de cada comunidade 211
5.2.2 A Casa do Chapéu Mangueira 215
5.2.3 Vidas em construção: o um a um da dimensão pessoal, em um atendimento coletivo 219
5.2.4 Dias de fúria: o desafio das manifestações agressivas e destrutivas no dispositivo terapêutico 234

6. Conclusão: E a esperança, onde mora a esperança? 268

7. Referências Bibliográficas 277

Anexos: 288

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

"Nada podemos fazer, é certo, para prevenir irrupções devastadoras da pulsão agressiva. Mas podemos fazer muita coisa para desativar o fascínio compulsivo pela violência gratuita ou injustificável".

J. F. Costa

1.
Introdução

Antes de começar a discorrer sobre os 'fios' condutores dessa tese – agressividade, subjetividade e cultura -, gostaria de tecer alguns comentários acerca dos seus antecedentes. Compartilhar, mesmo que de modo sucinto, a atmosfera e os acontecimentos que me permitiram realizar dois encontros, sem os quais não estaria aqui com estes 'fios'.

Encontrava-me em um momento de muitos questionamentos. Experimentava certa insatisfação com o trabalho clínico - com a prática e com a formação -, como se me faltassem elementos teóricos para fazer avançar as questões que me colocava. Pouco a pouco, fui percebendo que esta mesma insatisfação e questionamento atingia todas as áreas de relacionamento da minha vida. E que talvez, na verdade, eu me encontrasse em um momento de profunda reavaliação das bases e dos valores que sustentava, e que me sustentavam, por conseqüência.

Em decorrência desse estado, um 'movimento exploratório' de busca havia se instalado: passei a ler, a ouvir e freqüentar a diversidade. Aventurar-me à diversidade, aqui, significava a ousadia, pelo menos de início, de poder freqüentar outros mundos, outros ambientes e não somente aqueles que haviam se delineado como tais, para mim, ao longo da minha formação.

Foi no final do ano de 2000, em meio a esta 'exploração', que chegou às minhas mãos o texto, recém lançado, de Jurandir Freire Costa, *"Playdoier* pelos irmãos". Foi com imensa alegria que o li e reli. Era como se finalmente, ali, alguma coisa fizesse sentido para mim, como se de algum modo ele pudesse me revelar o que eu procurava e não sabia, despertando o que em mim ainda se encontrava de modo disperso e, portanto, desconexo. Este foi o primeiro encontro.

O segundo foi decorrência do primeiro. Aceitando o que entendi como sendo um convite feito pelo texto de Costa, revisitei Winnicott. "O Brincar e a Realidade" jazia em minha estante, já amarelecido pelo tempo. Nem mais reconhecia como sendo minhas as anotações que ele continha! Parecia que nunca o havia lido, tal a estranheza e a novidade. Grande re-encontro! Permitiu-me ir retomando, pouco a pouco, o que em mim havia ficado adormecido pela cantilena monótona dos últimos anos de formação. Agradeço a Jurandir

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Freire Costa que, com seu texto, ofereceu-me esta dupla oportunidade de despertar e experimentar novos caminhos.

Incluí este pequeno 'prefácio' por considerar que ele, de algum modo, misturando-se aos elementos precursores dos meus 'fios', é parte integrante dos mesmos. Ao final, a realização dessa tese confirmou a importância do entrelaçamento das noções de agressividade, subjetividade e cultura para a criação de ferramentas teóricas capazes de ir ao encontro das inquietações provenientes de um momento, que não é só meu, mas, sobretudo, histórico, sócio e cultural.

Antes de prosseguir, gostaria de advertir o leitor que esta tese foi escrita na 1ª. pessoa do plural, salvo em dois ou três momentos nos quais entendi que o teor da comunicação exigia a 1ª. pessoa do singular (peço perdão aos lingüistas e aos gramáticos por essa licenciosidade). A presença do 'nós' encontra seu fundamento nos diversos trabalhos de parceria que serviram de subsídio (imprescindíveis) à sua realização. Na parte teórica, as reuniões de orientação – individuais e em grupo -, bem como as discussões e os estudos realizados no Grupo de Pesquisa sobre Relações Objetais Precoces, foram essenciais à compreensão do pensamento de Winnicott e ao estabelecimento da estrutura do texto. Na parte clínica, a convivência nos vários dispositivos terapêuticos, bem como as discussões em reuniões e grupos de estudo do projeto Casa da Árvore, resultaram em fonte de inestimável aprendizagem e estímulo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

* * *

Encontramos na figura do *rapper* um arauto oportuno. Tal qual o bardo que, em tempos remotos, cantava em versos a sua epopéia, os *rappers* - com suas letras sem rima nem métrica, com seu 'papo reto' e voz direta, embalados apenas por ritmo e sem melodia -, nos trazem notícias de um mundo que fazemos de tudo para nos mantermos a uma certa distância: a chamada periferia, ocupada pelas comunidades em desvantagem social. Com a sabedoria de quem fala a partir da própria experiência, eles anunciam verdades cruas. Não nos escapou a profunda sintonia entre as suas descrições e comentários e algumas das vivências que tivemos durante a realização dessa tese. Assim, lançamos mão dos versos desses poetas agônicos para nos auxiliar a transmitir para o leitor uma legenda condizente

com as cenas que trazemos a seguir: "...dizem quem quer segue o caminho certo, ele se espelha em quem está mais perto"[1] (Racionais MC's).

> Cena I – 20/10/2005 - 26 crianças, que têm entre 6 e 12anos, estão brincando na Casa da Árvore do Morro do Chapéu Mangueira, na cidade do Rio de Janeiro:
>
> Após construírem uma casa grande, com vários ambientes, elas [as crianças] decidiram dar uma festa. Todas as crianças acabaram participando da brincadeira. Era uma festa de criança, o aniversário de um ano do filho da 'Maria'. Havia gente namorando, bebendo 'skol gelada', embriagada, enrolando e fumando baseado e cheirando pó. O que foi acompanhado dos seguintes comentários, feitos pelas próprias crianças: "Olha isso aqui é uma festa de criança, não dá pra fumar aqui!, tem que ser lá fora". "Fumar maconha tudo bem, mas cheirar, não. Aí já é demais!"

> Cena II – 19/06/2006 - as crianças têm entre 3 e 4 anos e estão brincando na creche que freqüentam, no Morro do Pavão-Pavãozinho, na cidade do Rio de Janeiro:
>
> Uma delas está deitada, inerte, sendo carregada pelos braços e pelos pés, pelas demais. Elas explicam que estão brincando de carregar defunto (desovar presunto, na gíria local).

Estas cenas aconteceram em duas comunidades localizadas em morros da zona sul carioca. Ambas, além de estarem em condição de desvantagem social, contam com a presença massiva do tráfico de drogas no seio da comunidade. Recentemente, o filme *Falcão – Meninos do Tráfico*[2] expôs, de forma contundente, essa ferida social que atinge proporções colossais. Mais uma vez a sociedade é intimada a encarar uma situação que ela insiste em negar a existência: os efeitos devastadores sobre a infância do fracasso da provisão social, aliado a boas doses de ilegalidade, corrupção e violência. Tal qual na voz do *rapper*, que denuncia: "aquele moleque sobrevive como manda o dia a dia, ta na correria, como vive a maioria... A polícia sempre dá o mau exemplo, lava a minha rua de sangue, leva o ódio para dentro de cada canto da cidade, pra cima dos quatro extremos da simplicidade"(Racionais MC's).

[1]Informamos ao leitor que a letra da música *Mágico de Oz,* do grupo Racionais MC's, encontra-se, na íntegra, no anexo desta tese.

[2] Documentário com depoimentos de crianças e adolescentes envolvidos no tráfico de drogas, produzido pelo rapper MV Bill e pelo coordenador da Central Única das Favelas (Cufa), Celso Athayde. Exibido na televisão, em rede nacional, em 19 de Março de 2006.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Uma pesquisa da Diretoria Geral de Tecnologia da Informação do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro revela que, no primeiro semestre de 2003, 53% das pessoas que tinham cometido algum tipo de delito tinham entre 18 e 24 anos. Quando a faixa etária era ampliada para 29 anos, o índice subia para 72%. "Nossos jovens foram adotados pelo crime", lamentava o presidente do Tribunal de Justiça Miguel Pachá[3]. Relatórios da 2ª. Vara de Infância e Juventude sobre crianças e adolescentes detidos entre 2005 e agosto de 2006 indicam um número crescente de menores envolvidos em casos de homicídio: "O número de adolescentes nas ruas é cada vez maior. Os bandidos estão mais novos e mais despreparados. E na maior parte das vezes eles estão drogados, sem controle", afirma a inspetora Marina Maggessi[4]. Os dados são alarmantes.

Sabemos que, a cada ano, aumenta o número de crianças que vivem em situações de risco. Com isso, estamos nos referindo às situações em que o fracasso da provisão social repercute, de forma estrondosa, no atendimento das necessidades básicas da criança em desenvolvimento, deixando-a exposta a fatores altamente nocivos à sua formação. Dentre eles, o que nos interessa destacar é a questão da violência[5]. Mais especificamente, as crianças que estão expostas às mais variadas formas de violência: seja a violência proveniente da realidade externa, seja a violência oriunda do interior – do exercício pulsional em situações em que o ego incipiente não pode contar com um suporte adequado e suficiente da provisão ambiental. Nesse sentido, as cenas relatadas acima são exemplares desse desamparo social e familiar (mesmo que involuntário), que tem por efeito expor a criança à situações de vida totalmente incompatíveis com a sua idade – sua capacidade de assimilação e elaboração (cognitiva e afetiva). Mais uma vez, ouçamos o *rapper*: "moleque novo que não passa dos doze, já viu viveu, mais que muito homem de hoje".

Por que será que essas cenas são tão chocantes? Seria uma resposta simplista dizer que é pela violência que elas veiculam. Nesse caso, de que violência estamos

[3] Jornal *O Globo* de 8 de Agosto de 2004.
[4] Jornal *O Globo* de 24 de Novembro de 2006.
[5] Entendemos que a questão relativa a presença da violência em nossa sociedade é um fenômeno altamente complexo cuja análise excede em muito os objetivos dessa tese. No entanto, gostaríamos de deixar registrado que, por mais que nosso estudo tenha se baseado em um trabalho de atendimento coletivo à infância, prestado em comunidades em condição de desvantagem social, acreditamos que o problema da violência em nossa sociedade não deve ser reduzido, unicamente, nem ao problema do tráfico de drogas, nem à condição de desvantagem social. Estes constituem apenas *um* aspecto do problema, mas não o único.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

falando? Já fomos crianças e sabemos que a violência e o brincar infantil fazem parceria, desde que o mundo é mundo. Quem não brincou de mocinho e bandido, de polícia e ladrão? Quem já não sonhou com uma espada ou mesmo um revólver, uma pistola ou uma espingarda? Quem já não sonhou matar os inimigos? O que nos choca, então? Certamente não é a destrutividade. É não encontrarmos a realidade fantástica, própria da infância, no brincar dessas crianças. Estamos diante de um brincar que nos assombra pela crueza das experiências de vida que ele revela. A violência que elas encenam não provém das fantasias destrutivas inerentes ao viver e ao amar. É violência vivida, sofrida na pele: "pelo reflexo do vidro ele vê, seu sonho no chão se retorcer", canta o *rapper*. Através do brincar, essas crianças buscam restaurar as cicatrizes de um vivido traumático. Re-criam uma nova cena onde seja possível atuar um protesto-manifesto, reivindicando o respeito e a proteção que lhes faltou: - "Olha, isso aqui é uma festa de criança, assim não dá!".

* * *

Costa (1984), em seu livro *Violência e Psicanálise*, já aludia ao fato de que se tornara desnecessário uma justificativa de um estudo sobre a violência, tamanha a sua incidência no cotidiano de nossas vidas. A violência, dizia ele, "invadiu todas as áreas da vida de relação do indivíduo: relação com o mundo das coisas, com o mundo das pessoas com seu corpo e sua mente" (p.9). Sem dúvida, há violência em nosso cotidiano. Contudo, será que teremos acordo quando tentamos explicitar ao que estamos nos referindo? A palavra violência parece ter adquirido, entre nós, uma extrema plasticidade que nos permite utilizá-la das mais variadas formas para descrever os mais diversos fenômenos, desde os crimes mais hediondos até uma suposta condição natural – violenta - de fundação da civilização e do psiquismo. Como exemplo, citamos Marin (2002): "Desde Freud, a psicanálise aponta que a violência é, enquanto fundadora da civilização, determinante da subjetividade. O homem da cultura é herdeiro e cúmplice de um crime, fato que tenderá a ser negado e perpetuado por toda a humanidade" (p.16).

A certa altura, em meio a um bombardeio de relatos que empregavam o termo violência de forma indiscriminada para descrever fenômenos das mais diversas naturezas, nos colocamos a questão: mas afinal, o que é violência? Foi essa pergunta que, em última instância, causou esta tese – seu ponta-pé inicial.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Por um lado, haviam as mudanças constatadas na clínica: o aumento das queixas relacionadas à drogadição, à síndrome do pânico e à depressão; os quadros que envolvem psicossomatoses, comportamentos aditivos, condutas anti-sociais, processos de despersonalização e distúrbios afetivos. Em suma, fenômenos para os quais as noções de histeria, neurose obsessiva e psicose mostravam-se insuficientes. Uma diversidade de subjetividades e de sofrimentos psíquicos que questionava não apenas a técnica analítica, mas, sobretudo, o próprio lugar da psicanálise em nossa sociedade:

> Nunca se discutiu tanto sobre desamparo, mal-estar, novas formas de subjetivação, futuro da psicanálise, crise de paradigmas, novas configurações psicopatológicas, neo-sexualidades,etc. É mais que evidente a necessidade de compreender os efeitos das transformações aceleradas que estão mudando a face do mundo, e o impacto dessas mudanças na organização de novas formas de experiência subjetiva, de novas modalidades de laço social..... a necessidade que temos de renovar nossos dispositivos clínicos e instrumentos teóricos para lidar com o sofrimento em suas configurações atuais. O que está em jogo é também a possibilidade de a psicanálise manter-se como um campo discursivo relevante na cultura (Bezerra Jr., 2000, p.106).

A problemática dos fenômenos que, em sua diversidade, questionam a clínica analítica não é algo tão novo assim. Aliás, a própria Psicanálise nasceu de um enfrentamento dessa natureza, bem como tem mantido esses fenômenos na condição de propulsores de seus avanços, tanto teóricos quanto clínicos. Na opinião de Pontalis (1977), "ela [a clínica psicanalítica] teve de lidar - e aqui, *fatores culturais* deveriam ser levados em conta - cada vez mais com o que chamou, de maneira aproximativa, as neuroses mistas, os casos limites, as neuroses de caráter, as personalidades narcísicas, etc" (p. 167 - o grifo é nosso). Por volta dos anos 50, o termo *borderline* surgiu em decorrência do reconhecimento da existência de pacientes para os quais, de um modo geral, a técnica analítica da interpretação era ineficaz.

Ao nos voltarmos para a teoria psicanalítica em busca dos subsídios necessários à nossa reflexão, a primeira coisa que nos acorreu foi que, apesar do interesse despertado por esse tema - em virtude da utilidade teórica ou clínica que ele possa ter nos dias de hoje - , Freud não incluiu o conceito de violência entre os conceitos metapsicológicos, abordando-o apenas como tema em poucos momentos da sua obra: os impulsos agressivos da pulsão de morte são a principal referência teórica sobre esse tema. Este foi o primeiro ponto ao qual nos ativemos, e que, ao nosso ver, merecia certa reflexão: Freud falava de impulsos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

agressivos e não violentos. Por mais que tenhamos não só incorporado o termo violência ao vocabulário psicanalítico, mas, sobretudo 'naturalizado-o' em nossa referência a uma suposta 'violência' própria à vida psíquica, julgamos tratar-se de um desdobramento que merecia nossa atenção.

Estabelecer a distinção entre violência e agressividade constituiu-se, pois, como um primeiro passo a ser dado. Encontramos nas palavras de Arendt (1969), ao comentar o uso indiscriminado que a ciência política vinha fazendo de certas palavras-chave[6], o mesmo sentimento que nos habitava: "utilizá-las (estas palavras) como sinônimos indica não apenas um certo desprezo pelos significados lingüísticos, o que já seria grave em demasia, mas também tem resultado em uma certa cegueira quanto às realidades às quais eles correspondem" (p.36).

Entendemos que reunir sob uma mesma rubrica – *violência* - fenômenos tão díspares entre si – chacinas, atentados, processos "naturais" de subjetivação, etc. –, contribui para a criação de um estado de indistinção que nos deixa à mercê de confusões e de mal-entendidos. Assim sendo, julgamos oportuno encetar um movimento que tivesse por objetivo criar um aparato teórico, capaz de discriminar e acolher os fenômenos relativos à temática da violência em sua emergência plural e diversificada.

Partimos da premissa que os termos agressividade e violência deveriam se referir, necessariamente, a fenômenos de significados distintos. Contudo, se a confusão entre esses termos existe no meio psicanalítico, como constata Costa (1984) em seu estudo, também ela deveria ser levada em conta: o que faz que uma coisa possa ser tomada pela outra? Que relações poderíamos estabelecer entre agressividade e violência? Quando e por que a agressividade torna-se violência? Qual a importância e a participação da agressividade na vida psíquica?

Estas questões nos levaram a constituir um eixo de pesquisa: agressividade, subjetividade e cultura – um estudo sobre a participação dos impulsos agressivos nos processos de subjetivação. Trabalhamos com a hipótese de que apreender a participação dos impulsos agressivos nos processos subjacentes à emergência e a manutenção da vida

[6] H. Arendt (1969, p.36). As palavras as quais a autora estava se referindo seriam: poder, vigor, força, autoridade e violência.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

psíquica, nos forneceria os subsídios necessários a uma reflexão e a uma problematização acerca do fenômeno da violência que, por diversas vias, incide em nosso cotidiano.

Se a compreensão de alguns fenômenos presentes na clínica apontava para a impotência, ou mesmo para a insuficiência do sujeito frente à "violência" própria à vida pulsional, no entanto, uma questão insistia: o emprego da palavra violência nessas circunstâncias seria adequado? Seriam esses fenômenos clínicos da atualidade o reverso silencioso do que encontramos, de modo tão evidente quão estridente em nossa sociedade, em termos de violência? Seria possível estabelecermos algum ponto de contato entre as transformações que experimentamos na clínica e no cotidiano em que vivemos? O que entendemos por violência psíquica - condição natural ou excepcional? Que relação poderíamos estabelecer entre agressividade, subjetividade e cultura?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

* * *

> Socialmente percebemos que o uso da palavra violência é, hoje, muito mais prevalente do que o de agressividade. O que se ouve e o que fala é: violência!!! Mesmo quando encontramos a palavra agressividade, parece que o seu significado resta obscurecido pelas cores de um cenário, por demais violento. O resultado é uma tendência, presente entre nós, em se abolir a distinção relativa ao campo polissêmico de cada um desses termos.

De modo análogo, encontramos no meio psicanalítico essa mesma tendência. Como observa Costa (1984), falta consenso e, às vezes, até mesmo bom senso quanto aos fenômenos que se pretende abordar ao se fazer uso desses termos: "o uso do termo violência em psicanálise continua sendo confuso, impreciso e, às vezes claramente estapafúrdio" (p.10). De um modo geral, as justificativas remetem-nos ao texto freudiano, principalmente quando estabelece, a partir da segunda teoria pulsional, a destruição como a finalidade dos impulsos agressivos: "existem essencialmente duas classes diferentes de pulsões: as pulsões sexuais, compreendidos no mais amplo sentido - Eros se preferem esse nome - e as pulsões agressivas, cuja finalidade é a destruição" (Freud, 1933[32], p.129)[7].

[7]À titulo de esclarecimento, informamos que, nessa tese, o termo pulsão será utilizado apenas no contexto da obra freudiana. No restante, empregaremos instinto para nos mantermos de acordo com o vocabulário de D.

No dicionário de Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda (1979), no verbete *agressividade*, encontramos: "disposição para agredir; qualidade de agressivo; dinamismo, atividade, energia, força". Sua origem remonta a palavra latina *aggredere* (agredir), que significa ir contra alguém, atacar, agredir; desdobrando-se em sondar, procurar, atrair, empreender, caminhar em direção a, dirigir-se a, ir em direção a, ir ter com, acercar-se de, aproximar-se". No verbete *violência*, encontramos: "qualidade de violento; ato violento; ato de violentar". Sua origem remonta à palavra latina *violentia*, que significa "rigor (do inverno), caráter violento, arrebatamento, veemência, ferocidade, aspecto feroz". *Violento,* por outro lado, significa, "que age com ímpeto, impetuoso; que se exerce com força; agitado, tumultuoso; irascível, irritadiço; intenso, veemente; em que se faz uso de força bruta; contrário ao direito e à justiça".

Se pararmos para analisar, percebemos que tanto a palavra *agressividade* quanto a palavra *violência* têm em comum a noção de força, o que por si só já nos remete a um dos principais conceitos da teoria psicanalítica: o conceito de pulsão. Sabemos que, para Freud, a essência de toda pulsão repousa na força ou pressão – o *Drang* pulsional – que ela exerce de maneira constante: "seu fator motor, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa. [...] Toda pulsão é uma parcela de atividade" (Freud, 1915, p. 142).

Podemos constatar, no entanto, que o contexto a partir do qual a noção de força emerge em cada um desses verbetes é distinto. Em *agressividade*, força é um substantivo e encontra-se associada à capacidade ou disposição para se empreender movimento, que por sua vez, parece estar sempre indo em busca de algo ou alguém. Por outro lado, em *violência* a palavra força aproxima-se muito mais de um qualificativo, expressando a maneira como ela atua. Aqui, o que resta valorizado é a pressão que ela exerce, responsável pelo caráter feroz e impetuoso de uma força bruta. De todo modo, não encontramos na origem das palavras agressividade e violência, qualquer referência à pretensa finalidade destrutiva dessa força. Em outras palavras, quer enfatizemos a noção de força pela sua capacidade de colocar as coisas em movimento, quer valorizemos o modo como ela se exerce, não fica explicitado a razão de utilizá-las como sinônimos de destruição. Trata-se

---

W. Winnicott, principal referência teórica desta tese. Segundo Abram (2000), ele preferia a palavra instinto porque esta nos faz lembrar da sua raiz biológica.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

de um deslocamento que aponta para a necessidade de maiores investigações acerca do contexto dessa transformação.

No verbete *destruição,* encontramos: "ato ou efeito destruir", ou seja, "demolir, arruinar, aniquilar; fazer desaparecer; dar cabo; extinguir; assolar, arrasar, devastar, destroçar; matar, exterminar; desarranjar, desorganizar, transtornar, desfazer; ter efeito negativo, reduzir a nada", podendo ainda significar, de modo surpreendente, na gíria, "apresentar ótimo desempenho em qualquer setor ou de atividade". Aqui, é justamente a finalidade da ação o que encontramos. E, até mesmo esta, dependendo do contexto, pode ter o seu sentido subvertido, como nos mostra o uso popular.

Com a noção de finalidade tocamos um ponto sensível da existência humana, sobre o qual a teoria psicanalítica veio lançar luz de forma desconcertantemente inovadora: a questão da intenção que está por trás de toda ação humana. Ou seja, caímos na seara do desejo. Ainda que não possamos afirmar a equivalência entre a finalidade de um impulso e o desejo do sujeito, com a equiparação sinonímica entre os termos – agressividade, violência e destruição – corremos o risco de nos esquecer da diferença entre esses fenômenos. Em Freud, o reconhecimento da finalidade destrutiva dos impulsos da pulsão de morte foi apenas mais um passo de sua incansável investigação sobre a natureza e a gênese do desejo. Enquanto a noção de finalidade nos remete a uma questão constitucional, só podemos falar de desejo se consideramos a dimensão subjetiva na qual ele se inscreve. E, desde os primeiros momentos da teoria freudiana, é na relação com o outro e no contexto de uma determinada cultura que se instauram os processos de subjetivação.

Como assinala Costa (1984), a problemática que envolve a equiparação das palavras agressividade e violência não deve ser avaliada apenas como uma questão interna ao saber analítico, mas, sobretudo, em relação à conjuntura cultural em que este saber se inscreve. Encontramos na própria cultura as vias de elaboração que teriam levado a psicanálise a não se ater a uma possível distinção entre agressividade e violência. De fato, a partir de um determinado momento, a psicanálise passou a ser, ela mesma, parte integrante desse contexto, entrando no compasso das ideologias modernas. Desse modo, ela teria sido levada a "renunciar a seu potencial crítico e a capitular diante da violência" (p.14). O corolário disso é uma certa 'naturalização' sacralizada da violência, que teve como principal desdobramento a sua banalização: fala-se da "violência diluindo o seu impacto e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

atenuando o seu horror" (p.14). O que, em última instância, somos levados a questionar com o trabalho de Costa, é a pretensa 'natureza violenta' do ser humano, bem como da cultura; ou seja, teses bastante difundidas entre nós que acabaram desembocando na idéia de que, tanto a cultura quanto o psiquismo, só existem pela ação da violência.

Ao considerarmos a violência como algo natural, estamos desconsiderando a participação da cultura na produção daquilo que, não importa o que seja, possamos chamar de "nossa natureza". E, em se tratando de natureza psíquica, desde Freud, não podemos considerá-la senão como um fato cultural, uma produção datada, relativa a um determinado momento histórico e social: "A banalização da violência é, talvez, um dos aliados mais fortes de sua perpetuação. A resignação de que somos 'instintivamente violentos' faz com que o homem se curve a uma inexorabilidade igual à morte" (Vilhena, 2002, p.183).

A idéia de que tanto a cultura quanto o psiquismo só existem pela ação da violência tornou-se, praticamente, um 'hábito mental' entre os psicanalistas. Uma concepção que é difícil de ser criticada, na medida em que é partilhada por alguns dos pensadores mais lúcidos da cultura contemporânea. A psicanálise não só se deixou influenciar por esta crença, como também ajudou a sua implantação e consolidação na mentalidade atual. Em certa medida, o próprio texto freudiano propiciou o aparecimento dessa interpretação. Para Costa (1984), além do conceito de pulsão de morte, a teoria do trauma infantil, em particular o trauma da sedução e o estudo sobre totem e tabu que traz como desdobramento a questão do tabu do incesto e o mito do parricídio primordial, serviram de subsídio à defesa do papel da violência como fato inaugural do psiquismo. Em certa medida, Freud partilhou do ambiente cultural da sua época, inspirando-se na idéia (muito difundia àquela época) de que o *homem é o lobo do homem*.

No entanto, em um texto já tardio de Freud (1932) intitulado *Por que a guerra?* – uma carta à Einstein -, encontramos indicações oportunas sobre questão da violência, num dos raros momentos em que ele aborda esse tema. A argumentação de Freud é complexa e cheia de ambigüidades. Inicialmente, a violência surge no contexto do "conflito de interesses" (p. 246), como um instrumento utilizado pelos homens na busca por uma solução. Em seguida ela aparece associada a uma "inclinação pulsional" (p. 247): a inclinação agressiva do homem, oriunda dos impulsos agressivos (destrutivos) da pulsão de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

morte. Por último, de forma surpreendente, ele afirma a existência de "uma intolerância constitucional à guerra" (p. 258). Segundo Costa (1984):

> A aparente incoerência da teoria revela o que Freud observador não pode deixar de notar: não existe um 'instinto de violência'. *O que existe é um instinto agressivo que pode coexistir perfeitamente com a possibilidade do homem desejar a paz e com a possibilidade do homem empregar a violência* (Costa, 1984, p.27 – o grifo é nosso).

Para Freud (1932), devemos ao processo de evolução cultural "o melhor daquilo em que nos tornamos, bem como boa parte daquilo de que padecemos" (p.158). Encontramos, pois, na ação da civilização os meios que incentivam a passagem da agressividade puramente impulsiva para a vigência de um pacifismo orgânico, constitucional:

> Dentre as características psicológicas da civilização, duas aparecem como as mais importantes: o fortalecimento do intelecto, que está começando a governar a vida pulsional, e a internalização dos impulsos agressivos com todas as suas conseqüentes vantagens e perigos (Freud, 1932, 258).

A partir dessas considerações, já é possível chegarmos a algumas conclusões. Primeiramente, que a temática da agressividade encontra-se intimamente relacionada ao conceito de pulsão, de tal modo que uma variação na compreensão do conceito de pulsão deve ser correlata a uma mudança na concepção da agressividade. Em segundo, que um estudo sobre agressividade deve incluir uma investigação sobre as raízes da intenção agressiva. Impossível considerar a questão da violência desvinculada da questão do desejo. O que nos permite avaliar um ato como violento? Segundo Costa (1984), é a possibilidade de supor um *'desejo de destruição'*, por parte de quem o realiza, que nos autorizaria a julgá-lo como um ato de violência e não uma descarga puramente impulsiva. Sabemos que é pelo desejo que a dimensão do humano melhor se evidencia: o animal necessita, não deseja. A aparente irracionalidade de um ato violento sempre poderá ser remetida às razões de um desejo inconsciente. É a possibilidade do desejo de destruição que nos permite discernir entre a pura descarga agressiva e o seu emprego intencional - violência. Por fim, constatamos que, nesse contexto, não podemos prescindir de uma avaliação do papel da cultura.

Ao sondarmos nosso campo de pesquisa - a teoria psicanalítica -, encontramos duas abordagens que mantêm entre si diferenças importantes na maneira de conceber a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

origem da agressividade: pulsional ou não-pulsional. De um lado, encontramos a maioria dos autores que desenvolvem seus trabalhos seguindo a tradição inaugurada por Freud; isto é, centrada na primazia da instância pulsional para a emergência da vida psíquica, recorrendo ao conceito de pulsão de morte como principal referência em um estudo sobre violência e/ou agressividade. Do outro, encontramos a obra de Winnicott que emerge, nessa conjuntura, como uma verdadeira exceção, assinalando a importância de fatores não-pulsionais na constituição do psiquismo, incluindo-se aí a agressividade. Mesmo que possamos encontrar, principalmente na Escola Inglesa, psicanalistas que compartilhem de algumas das idéias defendidas por esse autor, de fato ele é o único, dentre os psicanalistas posteriores a Freud, que constitui um trabalho amplo, consistente e sistematizado acerca da participação dos impulsos agressivos nos processos de subjetivação, tendo por fundamento uma crítica ao conceito freudiano de pulsão de morte.

Para Winnicott, a agressividade, em sua origem, é sinônimo de atividade: motilidade própria a todo tecido vivo. O significado dos impulsos agressivos deve ser apreendido na relação primordial do bebê com sua mãe. Haveria, portanto, uma agressividade primária que se manifesta em termos de uma voracidade *teórica* original. É a mãe quem devolverá ao bebê o sentido 'positivo' ou 'negativo' de sua agressividade puramente instintiva: "É a mãe, e o ambiente humano, quem *qualifica humanamente o instinto,* tornando-o uma manifestação pulsional, ou seja, *um desejo dirigido a um objeto* (bom ou mau) e *portador de um afeto* (bom ou mau)" (Costa, 1984, p.31 – o grifo é do autor). Ainda que o bebê possa 'atacar' sua mãe de forma vigorosa, o que geralmente acontece é que ela não qualifica nem reage a esses 'ataques' como manifestações de violência. Muito pelo contrário, ela encontra aí as provas do seu amor. Em sua abordagem, Winnicott (1950-55) não cansa de enfatizar que "a base para o estudo da agressividade real deve ser o estudo das raízes da intenção agressiva" (p. 288).

Encontramos na obra desse autor um arcabouço teórico que nos permitiu realizar uma ampla investigação sobre a participação da agressividade e da cultura nos processos de subjetivação e do tornar-se pessoa. Para Winnicott, a agressividade é o motor propulsor do desenvolvimento humano. À medida que o bebê cresce, a agressividade modifica o seu sentido e as suas características de acordo com o ambiente que bebê se depara. Impossível pensar a temática da agressividade fora do contexto no qual ela se

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

encontra inserida. O corolário disso é que os transtornos da agressividade resultam da incidência de falhas ambientais nos momentos iniciais do desenvolvimento. Diferentemente da tradição freudiana, Winnicott considera que tanto a agressividade quanto a destrutividade tem valor positivo e constituem uma conquista importante do desenvolvimento, para o indivíduo e para a sociedade.

Não foi difícil percebermos que a obra de Winnicott acenava com um arsenal teórico propício à realização dos nossos propósitos de investigação. Estabelecemos como ponto de partida uma avaliação sobre *A questão da agressividade e a teoria freudiana*. Nosso objetivo foi mapear as principais linhas de força que operam na delimitação dessa temática na obra e na posteridade freudiana, buscando, com isso, delinear a tradição a partir da qual o pensamento de Winnicott emerge. Para tal, acompanhamos Freud desde as suas primeiras elaborações teóricas, oriundas da experiência clínica dos comportamentos e sentimentos hostis e agressivos, até o aparecimento da sua teoria sobre a agressividade humana, explicitada formalmente em 1929, em *O Mal-estar na Civilização*. Contemplamos com atenção especial a primeira teoria pulsional freudiana, acreditando ser aí que encontramos os fundamentos da tradição freudiana da teoria winnicottiana da agressividade. Em seguida, avaliamos alguns aspectos do impacto que a teorização do conceito de pulsão de morte, em 1920, exerceu sobre a posteridade freudiana. Encerramos essa primeira etapa considerando as premissas e os pressupostos da concepção de Winnicott sobre a agressividade.

Pediatra de formação, fortemente influenciado pelas idéias de Darwin, Winnicott foi um vitalista: acreditava na existência de processos naturais que impelem o indivíduo em direção ao desenvolvimento e à saúde. Para ele, a teoria psicanalítica se constituiu como um terreno fértil no qual pôde fazer vicejar suas idéias e o seu interesse pelos momentos iniciais do desenvolvimento humano. Dispondo de uma ampla experiência na observação de bebês com suas mães, ele tinha como certo que a dependência era o primeiro fato na vida de uma pessoa. Ele não apenas chamou atenção para a importância dos fatores ambientais, como também valorizou os fenômenos relacionados às transações entre o indivíduo e o seu entorno. Sua contribuição mais importante foi justamente sobre os fenômenos e os objetos transicionais, que teriam lugar em uma terceira área da experiência: a área intermediária entre a realidade pessoal e o mundo externo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Dada a originalidade do pensamento de Winnicott, dedicamos dois capítulos dessa tese a um estudo sobre a sua teoria da agressividade. Neles, buscamos compreender a evolução dessa teoria situando-a em relação ao contexto teórico de sua obra, igualmente em evolução. Assim, iniciamos o capítulo 3 com suas primeiras formulações, nas quais a influência do pensamento kleiniano é notória, bem como a maneira muito peculiar e característica de Winnicott lidar com os conceitos que dele derivam. Em seguida, reunimos em um mesmo tópico as contribuições que decorrem da sua investigação acerca do papel da agressividade em relação àquilo que é, sem dúvida, o ponto mais característico do seu pensamento: sua teoria do desenvolvimento emocional. Aqui, a participação da agressividade nos processos de subjetivação foi avaliada levando-se em conta as etapas do desenvolvimento do ego que, segundo Winnicott, são em número de três: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência. A importância do meio ambiente é decisiva para o rumo dos acontecimentos ao longo de todo o processo.

No capítulo 4, avaliamos a temática da agressividade no contexto dos fenômenos e objetos transicionais. A relação entre agressividade, criatividade e destrutividade emerge, então, com todo vigor. Aqui se revela, além da face criativa da agressividade, o valor positivo da agressão e da destruição para o indivíduo e a sociedade. Acompanhamos o *self*[8] desde a sua emergência sólitária, inerente à existência subjetiva inaugural, até à percepção e o uso de objetos da realidade compartilhada. Uma jornada que se realiza às expensas do gesto espontâneo – o verdadeiro *self* em ação. Nesse momento, agressividade, criatividade e destrutividade são indiscerníveis e constituem o cerne vivo e pulsante do devir humano. Mais uma vez, vale ressaltar a importância vital do meio ambiente para o desfecho dos acontecimentos: as palavras-chaves são tolerância e sobrevivência.

De fato, para Winnicott, os transtornos da agressividade decorrem de falhas na provisão das condições ambientais adequadas ao seu desenvolvimento. Assim sendo, finalizamos esse capítulo dedicando uma atenção especial ao estudo dos transtornos que decorrem da incidência dessas falhas. Quando estas ocorrerem nos momentos mais iniciais do desenvolvimento – dependência absoluta –, o resultado são transtornos no processo de personalização: a dissociação da personalidade (em algum grau) em termos de verdadeiro e

[8] Essa noção será abordada no capítulo 2 dessa tese.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

falso *self*, chegando, nos casos mais graves, às doenças psicóticas. Nessa condição, o potencial agressivo encontra-se inibido, a espera de ser descoberto, só podendo ser experimentado quando atribuído a fatores externos. Nos casos em que a falha ambiental incide em uma etapa posterior - de dependência relativa -, o que surge é a tendência anti-social: S.O.S. desesperado e atuado, dirigido ao meio ambiente. Aqui se revela o valor de comunicação da agressão: seu potencial de mobilização que intima o meio a intervir.

Com as noções de falso *self* e tendência anti-social, Winnicott demonstra que o recalcamento das moções pulsionais não é o único responsável pelo sofrimento psíquico. Há transtornos que decorrem de falhas no processo de integração do ego. Com isso, a tarefa terapêutica deixa de visar apenas o levantamento do recalque por meio da interpretação, para buscar, também, reunir as partes cindidas do *self*. Ou seja, existem carências e incapacidades no paciente que podem ser restauradas por uma provisão ambiental adequada às suas necessidades. Nesse caso, a provisão ambiental concerne ao manejo e ao suporte oferecido pelo dispositivo terapêutico.

Nesse contexto, é fácil percebermos que a noção de prevenção em saúde mental é uma conseqüência natural das idéias de Winnicott sobre agressividade. Ele postulava não apenas a importância da provisão ambiental - os fatores ambientais -, como também a potencialidade terapêutica do brincar: a morada da criatividade primária. Disso resulta uma nova concepção, tanto da função do terapeuta quanto do dispositivo clínico, incluindo-se aí, até mesmo, a idéia de profilaxia em saúde mental. Sem dúvida, a potencialidade do arsenal terapêutico que emerge da teoria winnicottiana da agressividade é enorme.

Encontramos no projeto inovador da ONG Casa da Árvore uma sensibilidade clínica que apresentava uma fina sintonia com as idéias de Winnicott. Reconhecemos nele a oportunidade de avaliarmos a potencialidade terapêutica de um dispositivo, que encontra no brincar e no falar o seu principal recurso. A partir da observação do trabalho realizado por esse projeto e dos conceitos winnicottianos estudados - provisão ambiental, falha ambiental e tendência anti-social, etc. -, realizamos uma reflexão sobre as manifestações agressivas e destrutivas, no âmbito de um atendimento coletivo voltado para crianças de 6 a 12 anos, na comunidade do Morro do Chapéu Mangueira, na cidade do Rio de Janeiro.

Este encontro resultou numa experiência extremamente rica, profundamente estimulante e perturbadora. Durante um período de um ano e meio acompanhamos de perto

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

os êxitos e os impasses, as dores e as alegrias, assim como as dificuldades. Sobretudo, muitas dificuldades! No entanto, estas têm o seu peso relativizado pela dose de esperança que renasce a cada dia, a cada novo sorriso de criança.

Assim, buscamos demonstrar que a relevância da obra de Winnicott não é meramente teórica. É, também, essencialmente clínica. Desse modo, esperamos ter apresentado os argumentos que nos permitiram elaborar um estudo sobre o papel desempenhado pela agressividade e pela violência nos processos de subjetivação e nas experiências de sofrimento, em nossos dias. A partir de Winnicott, refletimos acerca desse sofrimento sem, no entanto, mergulharmos na desesperança. A observação do trabalho realizado pela Casa da Árvore nos permitiu confirmar o caráter preventivo atribuído por Winnicott a atendimentos dessa natureza. A partir desta experiência, defendemos a seguinte tese: a promoção de uma política de atenção à infância resulta em um trabalho efetivo de prevenção em saúde mental. Principalmente, ressaltamos a prevenção da violência, da delinqüência, dos distúrbios de conduta de caráter compulsivo e das doenças psicóticas. Para concluir, relançamos o apelo do *rapper*, fazendo votos de que possamos ajudá-lo a despertar as sensibilidades adormecidas: "*Queria que deus ouvisse a minha voz e transformasse aqui no mundo mágico de oz... Hey mano, será que ele terá uma chance?... eu penso que poderia ser um filho Meu, moro?"* (Racionais MC's).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

2.

A questão da agressividade e a teoria freudiana.

Em todo homem, é claro, habita um demônio oculto: o demônio da cólera, o demônio do prazer voluptuoso frente aos gritos da vítima torturada, o demônio da luxúria sem peias.
Dostoiévski, Os Irmãos Karamazov

Quando falamos de agressividade em psicanálise, imediatamente nos vem à lembrança, de modo quase automático, o texto de 1929, *Mal-estar na Civilização*, no qual Freud reconhece na agressividade inata do homem o principal fator de ameaça à vida em sociedade. Contudo, as coisas nem sempre foram assim. De fato, a agressividade se constituiu como um problema com o qual Freud teve que se debater durante muito tempo, embora, desde os primeiros momentos, tenha reconhecido e valorizado a incidência das tendências hostis como algo inerente à especificidade do tratamento analítico. "Na psicanálise,... de acordo com sua colocação diferenciada dos motivos, despertam-se todas as moções [do paciente], inclusive as hostis... são aproveitadas para fins de análise" (1905[1901], p.111).

Somente a partir de 1920, após a formulação da segunda teoria pulsional, a agressividade será reconhecida como uma pulsão específica, funcionando, desde então, praticamente como o outro nome dos impulsos da pulsão de morte, cuja finalidade é a destruição: "...existem essencialmente duas classes diferentes de pulsões: as pulsões sexuais, compreendidos no mais amplo sentido - Eros se preferem esse nome - e pulsões agressivas, cuja finalidade é a destruição" (Freud, 1933[32], p.129).

Um longo tempo se passou, portanto, antes que Freud pudesse estabelecer algo de modo mais definitivo, acerca das tendências hostis e agressivas. No entanto, isso não significa que durante esse lapso temporal ele não tenha se ocupado e se interrogado acerca das manifestações clínicas da agressividade. Muito pelo contrário. Ao que tudo indica, a experiência clínica da agressividade teve, não apenas, um papel decisivo em toda elaboração teórico-conceitual que inaugura o campo psicanalítico, mas, sobretudo, funcionou como um verdadeiro fiel do conceito de pulsão, ao exercer um balizamento importante na construção das duas teorias pulsionais.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Como sabemos, foi em função da resistência ao trabalho analítico que Freud descobriu a transferência, designando, desde os primeiros momentos, como transferência negativa as manifestações hostis e agressivas que, necessariamente, incidiam durante o tratamento analítico e que seriam responsáveis, até certo ponto, por essa resistência. Uma constatação como essa já nos permite dimensionar a centralidade e a importância com que a temática da agressividade incide no campo psicanalítico, participando diretamente das condições que promovem, viabilizam e sustentam a experiência analítica.

A hipótese de uma 'pulsão de agressão' foi trazida à discussão por Alfred Adler, em de 3 de junho de 1908[1]. Na ocasião, Freud teria concordado com Adler em quase todos os pontos, divergindo apenas quanto a um único ponto: o que Adler chamava de pulsão de agressão era o que ele conceituava como libido. No ano seguinte, ao comentar o caso do *Pequeno Hans,* Freud renova a sua crítica à concepção adleriana da agressão, assinalando, contudo, o seu interesse pela noção de 'confluência' ou 'imbricamento' (*verschänkung*) da pulsão de agressão com a pulsão sexual[2]. Encontramos, nesse artigo, um dos primeiros posicionamentos mais explícitos de Freud a propósito dos impulsos agressivos:

> Não posso convencer-me a aceitar a existência de uma pulsão agressiva especial ao lado das pulsões familiares de autopreservação e de sexo, e de qualidade igual à destas*. Parece-me que Adler promoveu erradamente a uma pulsão especial e auto-subsistente o que é, na realidade, um atributo universal e indispensável de todas as pulsões - seu caráter pulsional premente, o que poderia ser descrito como a sua *capacidade para iniciar movimento*. Nada restaria, então, dos outras pulsões, a não ser a sua relação com um objetivo, pois a sua relação com os meios de alcançar esse objetivo teria sido retirada deles pelo 'pulsão agressiva'. Apesar de toda a incerteza e obscuridade de nossa teoria das pulsões, eu preferiria, no momento, aderir ao ponto de vista usual, que deixa a cada pulsão o seu próprio poder de se tornar agressiva; e estaria inclinado a reconhecer as duas pulsões que se tornaram recalcadas em Hans como componentes familiares da libido sexual.
>
> * (nota de rodapé acrescentada em 1923) A passagem acima foi escrita numa época em que Adler parecia ainda estar tomando terreno da psicanálise, antes de ele colocar em evidência o protesto masculino e rejeitar o recalcamento. Desde então eu mesmo fui obrigado a afirmar a existência de um 'instinto agressivo', mas este é diferente do de Adler. Prefiro chamá-lo 'instinto destrutivo' ou 'instinto de morte' (Freud, 1909, p. 145-6 – o grifo é nosso).

---

[1] Através da conferência *O Sadismo na Vida e na Neurose* – publicada posteriormente com o título *A Pulsão de Agressão na Vida e na Neurose -,* proferida por ele numa "sessão da quarta-feira", que reunia em torno de Freud seus primeiros discípulos e colaboradores.

[2] Em 1915, em *Pulsões e suas Vicissitudes,* Freud retoma essa noção: "Pode acontecer que o mesmo objeto sirva para a satisfação de vários instintos simultaneamente, um fenômeno que Adler denominou de 'confluência' de instintos [*Triebverschränkung*]" (Freud, 1915, p.143).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Freud se recusa a aceitar a existência de uma pulsão agressiva independente e autonomizada, pois, no seu entender, cada pulsão tem o poder se tornar agressiva. Vale notar, no entanto, a sua referência à *capacidade para iniciar movimento*, como "um atributo universal e indispensável de todas as pulsões" (p. 145). A discussão com Adler nos permite entrever como a história da teoria freudiana da agressividade, além de ter sido longa, se confunde com a história de um dos conceitos mais fundamentais do campo analítico: o conceito de pulsão. Este, por sua vez, mesmo estando presente no artigo de 1895, não publicado à sua época, *Projeto para uma Psicologia Científica*, só veio à luz em 1905, através dos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*.

2.1 Os primeiros momentos da teoria freudiana da agressividade

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Podemos identificar três momentos na história da teoria freudiana da agressividade: o período que antecede ao aparecimento do conceito de pulsão em 1905; o período marcado pela elaboração da primeira teoria pulsional, 1905-1920 e, o período posterior à segunda teoria pulsional em 1920.

O primeiro momento corresponde àquele no qual a experiência da clínica psicanalítica conduz Freud a tomar como objeto de sua preocupação as manifestações clínicas da agressividade - os comportamentos e sentimentos hostis e agressivos - e, no entanto, o conceito de pulsão encontra-se nos bastidores, em vias de formação. A principal referência teórica desse contexto é a primeira tópica do aparelho psíquico, apresentada por Freud, no capítulo VII de sua obra inaugural *A Interpretação dos Sonhos*. Desde muito cedo, a experiência clínica exigiu o reconhecimento não apenas da incidência das moções hostis ou agressivas no tratamento analítico, mas, sobretudo, da participação, particularmente importante dos impulsos agressivos na etiologia de certas afecções como, por exemplo, da neurose obsessiva e da paranóia.

Além da noção tão central de transferência, uma série de idéias e de conceitos é fruto de uma reflexão que se impôs a partir da experiência clínica da agressividade. Por exemplo, a noção de ambivalência[3] indicativa da "coexistência de tendências, de atitudes e de sentimentos opostos, por excelência o amor e o ódio, senão ao nível metapsicológico

[3]Termo cunhado por Bleuler e incorporado por Freud em 1912, em *A Dinâmica da Transferência.*

mais fundamental, pelo menos na experiência" (Laplanche e Pontalis, 1970, p.38). De igual modo, o complexo de Édipo que, desde a *Interpretação dos Sonhos*, é concebido como uma forma de apreender o problema relativo à conjunção de desejos amorosos e hostis, a qual é responsável pela manifestação dos mais variados arranjos e constelações fenomênicas.

Em 1905, o aparecimento do conceito de pulsão, no artigo *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, inaugura o segundo momento, durante o qual podemos acompanhar a incidência da experiência clínica da agressividade na elaboração da primeira teoria pulsional. Como assinala Strachey (1969), será principalmente em termos de sadismo que Freud abordará os impulsos agressivos, ao longo desses primeiros escritos. O primeiro e mais longo estudo sobre esse tema já aparece nesse artigo de 1905 e traz considerações que são, aparentemente, contraditórias. Inicialmente, Freud apresenta o sadismo como uma 'pulsão componente' ou 'parcial' da pulsão sexual: "o sadismo corresponderia a um componente agressivo autonomizado e exagerado da pulsão sexual, movido por deslocamento para o lugar preponderante" (Freud, 1905, p.148). No entanto, ao final do segundo ensaio, ao descrever a crueldade própria do caráter infantil, Freud reconhece a origem independente dos impulsos agressivos:

> Com independência ainda maior das outras atividades sexuais vinculadas às zonas erógenas desenvolve-se na criança o componente de crueldade da pulsão sexual. A crueldade é perfeitamente natural no caráter infantil, já que a trava que faz a pulsão de dominação deter-se ante a dor do outro — a capacidade de compadecer-se — tem um desenvolvimento relativamente tardio. É sabido que ainda não se teve êxito na análise psicológica exaustiva dessa pulsão; podemos supor que o impulso cruel provenha da pulsão de dominação e surja na vida sexual numa época em que os genitais ainda não assumiram seu papel posterior. Assim, ela domina uma fase da vida sexual que mais adiante descreveremos como organização pré-genital* (Freud, 1905, p. 180).
>
> *nota do editor: [As duas últimas frases receberam a sua forma atual em 1915. Em 1905 e 1910, diziam: "Podemos supor que os impulsos de crueldade brotem de fontes que de fato independem da sexualidade, mas unam-se a ela precocemente por uma anastomose (conexão cruzada) próxima de seus pontos de origem. A observação ensina, entretanto, que o desenvolvimento sexual e o desenvolvimento das pulsões escopofílicas e de crueldade estão sujeitos a influências recíprocas que restringem a suposta independência das duas classes de instintos.]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Como sabemos, é nesse artigo de 1905 que o termo *trieb,* pulsão, aparece pela primeira vez publicado[4]. Fortemente influenciado por uma perspectiva genética, Freud concebe a crueldade infantil como um componente da pulsão de dominação. É digno de nota que, nesse momento, no qual ele está lançando as fundações de sua primeira teoria pulsional, encontrarmos ali, lado a lado à referência à pulsão sexual a invocação de uma pulsão de origem não sexual - a pulsão de dominação. Uma pulsão que se dirige, desde muito cedo, 'cegamente' para o exterior – indiferente ao sofrimento alheio -, dominando a fase da organização pré-genital vida sexual infantil. No entanto, a 'crueldade infantil' não é suficiente para fazê-lo cogitar a respeito de uma pulsão específica da agressividade, vide a sua crítica a Adler, feita em 1909.

A publicação, em 1915, de *Os Instintos e suas Vicissitudes,* representa a culminância desse segundo contexto. Trata-se de um artigo de importância capital para a compreensão não apenas da temática da agressividade, mas, sobretudo, do pensamento freudiano durante os anos que antecedem 1920. Freud, em seu esforço de compor uma metapsicologia, reúne nesse artigo os conhecimentos adquiridos até então, a propósito do conceito de pulsão. Segundo Mezan (2001), esse é o conceito mais abrangente do pensamento de Freud, o qual funciona com um marco central, principalmente, entre os anos de 1905 e 1915. A oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação funciona como o eixo em torno do qual gravitam os temas e as questões dessa época.

Freud dedica a primeira parte desse artigo à demonstração da importância do conceito de pulsão, como um pressuposto necessário não apenas à concepção de uma certa modalidade terapêutica, mas ao próprio reconhecimento da vida psíquica com o funcionamento que lhe é inerente. A pulsão é a condição primeira do psiquismo. "Um conceito básico convencional [...] ainda é algo obscuro, mas nos é indispensável na psicologia" (Freud, 1915, p.137).

Nesse texto de 1915, é possível identificar três níveis a partir dos quais Freud tenta elaborar as respostas às questões colocadas pela diversidade dos fenômenos clínicos

[4] Em 1895, em *Projeto para uma Psicologia Científica* - texto que só foi publicado em 1950 - Freud utiliza pela primeira vez a palavra *Trieb*, para designar uma estimulação interna, constante, de origem somática. " O fato de que as *Qn* endógenas atuam por soma apenas significa que essas *Qn são* constituídas de parcelas de excitação mínimas".... Através de um processo que inclui, por um lado a 'soma' de excitação e, por outro, a 'facilitação' das vias de condução "surge no interior do sistema [psi] o impulso que sustenta toda a atividade psíquica. Conhecemos essa força como *vontade* – o derivado das *pulsões [trieb]*. (Freud, 1895, p.335 – o grifo é do autor).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

oriundos da conjugação das tendências amorosas e hostis. Primeiramente ele insiste na sua recusa em admitir a hipótese de uma pulsão agressiva específica, tal como foi sugerida por Adler. Ao enunciar os elementos que seriam comuns às duas classes de pulsão – pulsões sexuais e pulsões de autoconservação -, ele reafirma, por um lado, a definição, apresentada em 1911 no *Caso Schreber,* de que a pulsão seria um conceito limítrofe entre o somático e o psíquico e, por outro, acrescenta um novo elemento aos três já apresentados em sua definição de 1905[5]. Esse novo elemento, denominado por ele de '*drang',* força ou pressão, será descrito como "a própria essência" da pulsão – "seu fator motor, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa... Toda pulsão é uma parcela de atividade" (Freud, 1915, p. 142).

Em segundo lugar, ao discutir as vicissitudes das pulsões, a compreensão dos comportamentos e sentimentos agressivos - tais como o sadismo ou o ódio -, é buscada através de complexos mecanismos psíquicos, oriundos da dinâmica subjacente à oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação. Freud associa os impulsos agressivos às pulsões de autoconservação, as quais teriam por função a manutenção e a afirmação da existência individual. Do mesmo modo, ele postula uma gênese própria para o ódio, ao afirmar que "a aparente transformação do amor em ódio é apenas uma ilusão" (Laplanche e Pontalis, 1970, p.39). Ao afirmar que o ódio não é simplesmente o negativo do amor, ele dá provas de já ter à sua disposição uma complexa teoria metapsicológica da agressividade. A tese central de Freud está contida na sua afirmação de que "os verdadeiros protótipos da relação de ódio não provém da vida sexual, mas da luta do ego para preservar-se e manter-se" (Freud, 1915, p.160).

Por fim, encontramos, no texto de 1915, as elaborações teóricas de Freud acerca dos fenômenos relacionados à temática da destruição, que, paradoxalmente, surgem no âmbito das pulsões de autoconservação. Ele retoma a noção de pulsão de dominação, com a intenção de especificar, no âmbito das pulsões de autoconservação - seja como função ou mesmo como pulsão independente -, a atividade que visa assegurar o seu domínio sobre o objeto. Na opinião de Laplanche e Pontalis (1970), com a noção de dominação, Freud

[5] Os demais elementos, que compõem a definição de pulsão apresentada por Freud em 1905 são: a finalidade, *ziel*, que é sempre a satisfação, ou seja, a descarga; o objeto, *objekt*, o meio através do qual a pulsão alcança a sua finalidade e por fim a fonte, *quelle*, o processo somático localizado num órgão ou parte do corpo, de onde provem a estimulação que é representada na vida psíquica por uma pulsão.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

estabelece "uma espécie de campo intermediário entre a simples *atividade* inerente a toda função e uma tendência para a destruição pela destruição" (p.40). Não escapa à observação de Freud que "a tomada em consideração do outro e do seu sofrimento só aparecem no retorno masoquista, tempo em que a pulsão de dominação se torna indiscernível da excitação sexual que provoca" (Idem, p. 40). Há, pois, para Freud, um tempo inicial de ausência de compaixão, no qual "o dano ou o aniquilamento do objeto é indiferente" (Freud, 1915, p.160).

Um breve recuo nos ajudará a avaliar melhor as contribuições de 1915. Comecemos pela definição de pulsão como capacidade de iniciar movimento. Ao definir as características essenciais da pulsão, Freud deixa claro que se tratam de características comuns às duas classes de pulsões – as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação - em suma, elas são idênticas quanto à sua natureza. Como observa Mezan (2001), "o que constitui a especificidade de cada uma delas é a relação com a acessibilidade do objeto" (p.158). Enquanto que os objetos que satisfazem as necessidades das pulsões de autoconservação só existem na realidade exterior, as pulsões sexuais têm acesso à satisfação através do próprio corpo, são auto-eróticas.

Em 1910, em *As Perturbações Psicogênicas da Visão segundo a Concepção Psicanalítica*, Freud se refere à distinção entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação ou do ego. Em outras palavras, o ego conta agora com um suporte pulsional. A diferença capital entre essas duas classes de pulsão é formulada por ele, em 1911, ao enunciar as *Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental*, o qual tem uma parte dedicada a investigação das relações entre o ego e a realidade.

> A substituição do princípio de prazer pelo principio de realidade, com todas as conseqüências psíquicas envolvidas,... não se realiza, na verdade, de repente; tampouco se efetua simultaneamente em toda a linha, pois, enquanto este desenvolvimento tem lugar nas pulsões do ego, as pulsões sexuais se desligam deles de maneira muito significativa. As pulsões sexuais comportam-se auto-eroticamente a princípio; obtêm sua satisfação do próprio corpo do indivíduo e, portanto, não se encontram na situação de frustração que forçou a instituição do princípio de realidade (Freud, 1911, p.282).

Para Freud (1911), o acesso à realidade externa é uma conquista do desenvolvimento. Um processo, que não se realiza de uma hora para outra, nem de uma vez por todas. À essa época, ao mesmo tempo em que ele postula a existência de uma indiferenciação inicial entre as duas classes de pulsão – imbricadas no ato de mamar -, ele

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

atribui à realidade externa o papel determinante no processo gradativo de diferenciação entre elas (Mezan, 2001). Freud faz questão de assinalar que a frustração oriunda do contato com o princípio de realidade diz respeito às pulsões de autoconservação e não às sexuais.

Em 1915, Freud, ao reafirmar a primazia das pulsões - "são as pulsões e não os estímulos externos [que] constituem as verdadeiras forças motrizes por detrás dos progressos..." (p.140) –, faz questão de valorizar o fator motor, "a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa,... em conseqüência de sua ligação com o corpo (Idem, p.142)". Em suma, ele enfatiza o fato de que "todas as pulsões são qualitativamente semelhantes e devem o efeito que causam somente à quantidade de excitação que trazem em si, ou..., a certas funções dessa quantidade" (Idem, p.144).

Nessa mesma ocasião, ele faz questão de precisar a distinção entre estímulos internos e externos. No seu entender, uma pulsão é um estímulo aplicado à mente, um estímulo de origem interna, de impacto constante e do qual não se pode fugir. Devido ao seu caráter imperioso, "necessidade, seria o melhor termo para caracterizar um impulso pulsional" (Idem, p. 139). Em contrapartida, um estímulo externo é algo que nos impõe uma única tarefa, a fuga ou afastamento através de movimentos musculares.

> Imaginemo-nos na situação de um organismo vivo quase inteiramente inerme, até então sem orientação no mundo, que esteja recebendo estímulos em sua substância nervosa. Esse organismo muito em breve estará em condições de fazer *uma primeira distinção e uma primeira orientação.* Por um lado, estará cônscio de estímulos que podem ser evitados pela ação muscular (fuga); estes, ele os atribui a um mundo externo. Por outro, também estará cônscio de estímulos contra os quais tal ação não tem qualquer valia e cujo caráter de constante pressão persiste apesar dela; esses estímulos são os sinais de um mundo interno, a prova de necessidades instintuais. A substância perceptual do organismo vivo terá assim encontrado, *na eficácia de sua atividade muscular*, uma base para distinguir entre um 'de fora' e um 'de dentro' (Freud, 1915, p. 139 – o grifo é nosso).

Freud deixa claro que interno ou externo não são dados *a priori* reduzidos a uma mera questão de localização. Tanto o mundo interno quanto o mundo externo serão "criados" pela eficácia da atividade muscular, no âmbito das primeiras experiências num determinado meio e em virtude de uma estimulação que, a princípio, não pode ser distinguida quanto à sua procedência ou origem – interna ou externa. Estamos falando de uma 'atividade' (muscular) que não se produz, propriamente, em função de 'necessidades pulsionais', mas que se constitui, essencialmente, como uma manifestação inerente ao 'ser

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

(estar) vivo'. O importante a ser destacado é que é no nível da eficácia dessa atividade que se decide entre o que é interno e o que é externo, definindo-se, por conseqüência, o que é da ordem do pulsional, ou seja, as força prementes que, segundo Freud (1915), resultam em 'necessidades' imperiosas que exigem satisfação.

Do mesmo modo, Freud estabelece a diferenciação, igualmente importante, entre a estrutura dos comportamentos que se encontram, aí, envolvidos:

> Os estímulos externos impõem uma única tarefa: a de afastamento; isso é realizado por *movimentos musculares*, um dos quais finalmente atinge esse objetivo e, sendo o movimento conveniente, torna-se a partir daí uma disposição hereditária. Não podemos aplicar esse mecanismo aos estímulos pulsionais, que se originam de dentro do organismo. Estes exigem muito mais do sistema nervoso, fazendo com que ele empreenda *atividades complexas e interligadas, pelas quais o mundo externo se modifica* de forma a proporcionar satisfação à fonte interna de estimulação... Naturalmente, nada existe que nos impeça de supor que os próprias pulsões sejam, pelo menos em parte, precipitados dos efeitos da estimulação externa, que no decorrer da filogênese ocasionaram modificações na substância viva. (Freud, 1915, p.140- o grifo é nosso).

Freud aproxima os *movimentos musculares*, eficazes em silenciar os estímulos externos, a uma resposta do tipo reflexa. Sua intenção é ressaltar o caráter automático e a simplicidade dessa ação. Por outro lado, ele assinala que os estímulos internos, isto é, as pulsões, exigem "*atividades complexas e interligadas, pelas quais o mundo externo se modifica"*. A temática da ação perpassa todo o seu texto, subjacente ao desenvolvimento pulsional, seja através dos simples movimentos musculares envolvidos no processo de diferenciação entre interno externo, seja na complexidade das ações, convenientes à satisfação das moções pulsionais, que introduzem modificações na realidade externa.

Ao mesmo tempo em que parece estar seguro quanto à condição fundamental da dimensão pulsional para o fomento da vida psíquica, Freud não deixa de reconhecer que, no entanto, essa dimensão está submetida a um certo tempo de engendramento. Entendemos que, ao atribuir a "primeira distinção e orientação" à eficácia da atividade muscular Freud nos remete, de modo inequívoco, ao plano da experiência, reconhecendo, aí, o palco no qual o potencial herdado juntamente com o funcionamento que lhe é inerente será redefinido, ou mesmo 're-criado', a partir do interjogo com a realidade externa. É esse o contexto que acompanha a sua ênfase em caracterizar a pulsão, essencialmente, pelo termo pressão ou *Drang* - "seu fator motor, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa,... em conseqüência de sua ligação com o corpo (p.142)". O

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

ponto essencial, nos dirá Freud, de forma intrigante, já quase ao final de seu artigo, é que "o sujeito do ego é passivo no tocante aos estímulos externos, mas ativo através de seus próprios instintos" (p.155). Ou seja, as atividades musculares, reflexas e automáticas, por mais que estejam envolvidas na importante distinção entre interno e externo, não têm valor de ação para Freud: elas carecem da motivação oriunda de necessidades pulsionais.

Nesse texto, Freud retorna, de modo insistente, aos momentos iniciais do desenvolvimento, constituindo, a cada vez, uma perspectiva mais elaborada. Transcrevemos na íntegra uma dessas passagens, de modo que possamos melhor avaliar o que ele concebeu como "uma situação psíquica primordial" (p.156):

> Originalmente, no próprio começo da vida mental, o ego é catexizado com as pulsões, sendo, até certo ponto, capaz de satisfazê-las em si mesmo. Denominamos essa condição de 'narcisismo', e essa forma de obter satisfação, de 'auto-erótica'*. Nessa ocasião, o mundo externo não é catexizado com interesse (num sentido geral), sendo indiferente aos propósitos de satisfação. Durante esse período, portanto, o sujeito do ego coincide com o que é agradável, e o mundo externo, com o que é indiferente (ou possivelmente desagradável, como sendo uma fonte de estimulação)
>
> * Alguns das pulsões sexuais,... são capazes dessa satisfação auto-erótica, e assim, estão adaptados a ser o veículo para o desenvolvimento sob o domínio do princípio do prazer [do 'ego da realidade' original para o 'ego do prazer']... As pulsões sexuais que desde o início exigem um objeto, e as necessidades das pulsões do ego, que jamais são capazes de satisfação auto-erótica, naturalmente perturbam esse estado [de narcisismo primordial] e dessa forma preparam o caminho para um avanço a partir dele. *Na realidade o estado narcisista primordial não seria capaz de seguir o desenvolvimento, se não fosse pelo fato de que todo indivíduo passa por um período durante o qual é inerme, necessitando de cuidados, e durante o qual suas necessidades prementes são satisfeitas por um agente externo, sendo assim impedidas se tornarem maiores* (Freud, 1915, p. 156 – o grifo é nosso).

Esse é de um dos raros momentos, na obra Freud, em que ele faz referência, de modo tão explícito quão enfático, à nossa condição inicial de dependência absoluta dos 'cuidados' e da atenção de um 'agente externo'. Por outro lado, a preocupação com os possíveis efeitos traumáticos da realidade externa foi uma presença constante em sua obra. Que nossas "necessidades prementes" possam ser satisfeitas, inicialmente, por um "agente externo" é, no entanto, para Freud, uma condição essencial: um contexto com o qual ele parece estar seguro de sempre poder contar, ao descrever os momentos mais iniciais do psiquismo. É, pois, na vigência desses 'cuidados atenciosos' que devemos considerar o desenrolar e a efetividade daquilo que, até aqui, consideramos com Freud, como 'atividade muscular'. Mesmo que ele não enfatize de modo mais explícito, seu raciocínio nos leva a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

refletir sobre a importância desses cuidados iniciais. Podemos, então, deduzir que com uma provisão ambiental adequada nesse momento inicial, essa 'atividade muscular' poderá ter sua eficácia amplificada ou, até mesmo, dispor de um grau variável de dependência ou submissão às exigências pulsionais. De igual modo, podemos supor que a inadequação ou insuficiência dos cuidados iniciais deverá trazer conseqüências para os 'mundos' que, nesse momento, estão sendo criados. O importante é que, qualquer que seja o caso (favorável ou desfavorável), será sempre no interjogo entre a motilidade vital do bebê e os cuidados que lhes são dispensados que se efetivará a criação daquilo que poderá ser reconhecido como interno e/ou externo, entre bom ou mau.

Vejamos, agora, como Freud (1915) aborda as manifestações hostis e agressivas. Ao realizar o estudo sobre as vicissitudes pulsionais, ele se depara com a gênese das "atividades complexas e interligadas, pelas quais o mundo externo se modifica de forma a proporcionar satisfação à fonte interna de estimulação" (p.140). Ou seja, ele descreve a complexidade dos comportamentos oriundos do conflito entre as pulsões sexuais, - que desde o início exigem um objeto -, e as necessidades das pulsões de autoconservação - que jamais são capazes de satisfação auto-erótica.

Freud restringe sua investigação aos instintos sexuais, alegando a dificuldade de observação das pulsões de autoconservação. A complexidade do texto que se segue é de tal ordem que, em vários momentos, torna-se difícil acompanhá-lo em suas inúmeras ambigüidades e aparentes contradições. A compreensão só nos chega quando percebemos que, apesar da ênfase concedida por Freud à dimensão pulsional no tocante a emergência da vida psíquica – sua proposta é uma investigação sobre as vicissitudes pulsionais -, de fato, o que ele parece ter em mente é uma realidade complexa, composta por várias dimensões submetidas, cada uma delas, a um desenvolvimento, ao mesmo tempo próprio e interligado às demais.

Aliás, a própria noção de desenvolvimento utilizada por Freud (1915) tem as suas especificidades. Ela comporta tanto a possibilidade de um constante recomeçar – a vida de cada pulsão como uma "série de ondas sucessivas e isoladas,... comparável a de sucessivas erupções de lava" (p.152) – quanto à possibilidade uma transformação retrogressiva – "essa nova característica [seria] acrescentada à onda anterior e assim por diante" (p.152). Além do mais, ela admite a permanência de fases intermediárias do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

desenvolvimento, o que é exemplificado em termos de ambivalência, tanto pulsional quanto emocional. E, é importante que se diga, todas essas considerações não deixam de levar em conta a noção mais usual de desenvolvimento que têm na biologia do corpo a sua orientação – "o fato de que todo indivíduo passa por um período durante o qual é inerme, necessitando de cuidados" (p.156).

Assim, ao investigar o desenvolvimento pulsional Freud acaba por realizar, no mesmo golpe, uma genealogia do amor e do ódio. E, o mais importante, é que esses desenvolvimentos – pulsional e afetivo - têm como pressuposto que o desenvolvimento do ego esteja se processando.

> Ficamos habituados a denominar a fase inicial do desenvolvimento do ego, durante a qual suas pulsões sexuais encontram satisfação auto-erótica, de 'narcisismo', sem de imediato travarmos um debate sobre a relação entre o auto-erotismo e o narcisismo. Segue-se que a fase preliminar do instinto escopofílico, na qual o próprio corpo do sujeito é o objeto da escopofilia, deve ser classificada sob o narcisismo, e que devemos descrevê-la como uma formação narcisista. A pulsão escopofílica ativo desenvolve-se a partir daí, deixando o narcisismo para trás. A pulsão escopofílica passivo, pelo contrário, aferra-se ao objeto narcisista. De maneira semelhante, a transformação do sadismo em masoquismo acarreta um retorno ao objeto narcisista. E em ambos esses casos [isto é, na escopofilia passiva e no masoquismo] o *sujeito* narcisista é, através da identificação, substituído por outro ego, estranho. Se levarmos em conta a fase do sadismo preliminar e narcisista que construímos, estaremos aproximando-nos de uma compreensão mais geral — a saber, que as vicissitudes pulsionais, que consistem no fato de a pulsão retornar em direção ao próprio ego do sujeito e sofrer reversão da atividade para a passividade, se acham na dependência da organização narcisista do ego e trazem o cunho dessa fase (p.153 – o grifo é do autor).

Em 1914, Freud havia dedicado o artigo, *Sobre o Narcisismo: uma introdução*, a um amplo estudo acerca das questões relativas ao desenvolvimento do ego. O conceito de narcisismo que daí surge, juntamente com o de auto-erotismo, que já havia sido introduzido em 1905, parecem constituir, agora, em 1915, uma base segura que o permite fazer avançar em suas investigações metapsicológicas. Enquanto o auto-erotismo aponta para a emergência de um corpo auto-suficiente em suas necessidades sexuais (auto-eróticas) – para a pulsão sexual "o objeto é insignificante em comparação com o órgão que lhe serve de fonte"; a noção de narcisismo traz à luz a complexidade da problemática que envolve a constituição de um 'si mesmo' – *amar-se a si próprio* é o traço característico do narcisismo. Segundo Strachey (1969), a hipótese do narcisismo, formulada em 1914, ajudou Freud em sua relutância em admitir a possibilidade de uma pulsão agressiva

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

independente da libido: "os impulsos de agressividade, e de ódio também, desde o início pareceram pertencer à pulsão de autoconservação, e, visto que esta se achava agora incluída na libido, não se exigia qualquer pulsão agressiva independente" (p.79).

Narcisismo e auto-erotismo tornam-se, pois, conceitos-chave para que possamos acompanhar Freud em suas elaborações que, em última instância, irão resultar na construção não apenas de um "*sujeito* narcisista" mas, sobretudo, de um "ser-no-mundo-narcisista" - um certo modo de estar no mundo, que tem na "organização narcisista do ego" seu centro de gravidade e, ao mesmo tempo, vê com 'maus olhos', ou mesmo ignora, tudo que lhe é externo.

> Na medida em que o ego é auto-erótico, não necessita do mundo externo, mas em conseqüência das experiências sofridas pelos instintos de autopreservação, ele adquire objetos daquele mundo, e, apesar de tudo, não pode evitar sentir como desagradáveis por algum tempo, estímulos instintuais internos (Freud, 1915, p. 157).

Assim, ao acompanharmos Freud em sua investigação acerca das vicissitudes pulsionais, nos deparamos com as motivações egocêntricas e narcisistas do comportamento humano. 'Sua majestade o sujeito narcisista', esforça-se por transformar em 'si-mesmo' tudo que vê ou toca, ignorando, ou mesmo abominando, tudo que não seja 'Eu'. A hostilidade está no fundamento da relação do sujeito com toda e qualquer instância alteritária, "provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos" (p.161). Do mesmo modo, são as pulsões de auto conservação – às quais os comportamentos e sentimentos hostis e agressivos encontram-se associados – que, não se satisfazendo com os prazeres sensuais auto-eróticos, rompem as barreiras do universo narcisista em busca de novos prazeres, produzindo transformações no mundo externo, que têm por conseqüência o enriquecendo da experiência de si-mesmo.

Podemos, então, concluir que disso resulta uma capacidade de amar – e, de um modo geral, uma capacidade de se relacionar – que tem por característica uma tendência em abolir as diferenças: um amor narcísico. Uma vez que o sujeito tenha experimentado as benesses oriundas do narcisismo primário todos os seus esforços se encontrarão não apenas orientados, mas, sobretudo, empenhados em preservar a sua manutenção – "Eu só quero amar, só quero amar![6]. Nesse contexto, o ódio surgirá como um sinal, assinalando que a

[6] Verso de uma música de Tim Maia.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

capacidade de amar do sujeito encontra-se ameaçada. A agressividade, aqui, está a serviço das defesas do sujeito.

Ainda que Freud (1915) tenha indicado que "a fase puramente narcisista cede lugar à fase objetal" (p.158), vale notar que esta se constitui, no entanto, tendo por fundamento o retorno ao objeto narcisista originário. Duas conclusões se impõem a partir dessas constatações: primeiro, que a possibilidade de intercâmbio entre interno e externo se apresenta como algo extremamente problemático para a organização narcisista do ego e, segundo que, em última instância, a alternativa fuga ou dominação se constitui como o verdadeiro 'portal de acesso' ao universo narcisista.

Para Freud (1915), todos esses acontecimentos – relativos aos desenvolvimentos que viemos considerando até agora -, além de gozarem de concomitância temporal, emergem numa experiência que estaria submetida à influência de três polaridades - atividade/passividade, ego/mundo e prazer/desprazer -, o que contribui para que a relação do sujeito com a instância alteritária tenha um grau de complexidade ainda maior. É digno de nota que, duas dessas polaridades decorrem do próprio funcionamento pulsional, seja a capacidade de iniciar movimento – atividade/passividade –, seja a que envolve as quantidades que se encontram relacionadas às noções de prazer e desprazer.

> ... o traço essencial das vicissitudes sofridas pelas pulsões está na *sujeição dos impulsos pulsionais às influências das três grandes polaridades que dominam a vida mental.* Dessas três polaridades podemos descrever a da atividade-passividade como a *biológica*, a do ego-mundo externo como *real*, e finalmente a do prazer- desprazer como a polaridade *economia* (Freud, 1915, p.162 – o grifo é do autor).

É, pois, nesse contexto, extremamente complexo[7], que comporta um duplo engendramento - de si mesmo e do mundo -, o qual encontra-se submetido a vários tensionamentos concomitantes - internos e externos -, que devemos considerar a abordagem freudiana dos comportamentos e sentimentos hostis e agressivos. Nele, a temática agressividade surge através da consideração tanto do sadismo que, dada a ênfase quanto a capacidade de iniciar movimento, é concebido, nesse momento, como posição originária do sujeito – "se existe... uma satisfação masoquista mais direta é muito duvidosa" (Idem,

[7] Não temos a pretensão de ter esgotado com nossa exposição a abrangência da complexidade relativa ao contexto criado por Freud, em sua investigação acerca das vicissitudes pulsionais. Nosso esforço foi apenas de trazermos de modo esquemático as principais linhas de articulação e tensão, visando-se uma contextualização para a temática da agressividade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

p.148) -, quanto do ódio que, como vimos, "enquanto relação com objetos é mais antigo que o amor. Provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos" (Idem, p.161).

Desse modo encontramos a agressividade, por um lado, como uma atividade e, como tal, própria à experiência de parcialidade dos impulsos componentes da sexualidade – sadismo – que, "desde o começo se dirigem [é dirigido] para um objeto estranho"[8] (Idem, p.154) com a finalidade de " torturar, humilhar e dominar". Para o ser-no-mundo narcisista o sadismo coincide com os impulsos motores que se dirigem rumo ao exterior, esforçando-se para a efetivação de uma única finalidade: atender às exigências de satisfação da organização narcisista do ego. Ele representa a fusão manifesta das pulsões sexuais e de auto-conservação. Sem dúvida ele comporta um certo 'enfrentamento', ao se constituir como uma alternativa à atividade de fuga imposta pelos estímulos externos, e se apresentar como o principal meio através do qual se realizará a tendência a dominar os estímulos, postulada por Freud. Assim sendo, a violência de que se trata - "o sadismo consiste no exercício de violência ou poder sobre uma outra pessoa como objeto" (Idem, p. 148) - encontra-se, por um lado, relacionada com as quantidades aí envolvidas – antes de mais nada é uma questão de força – e, por outro, traz à luz a problemática que discutiremos em seguida, envolvendo o intercâmbio entre interno e externo, tematizada por Freud em termos de dominação e destruição, no âmbito da organização narcisista do ego.

Por fim, o sadismo tanto participa da forma mais primitiva de amor – a incorporação ou devoramento -, efetivando "um tipo de amor que é compatível com a abolição da existência separada do objeto... expressando os esforços motores do ego em direção [a esses] aos objetos como fontes de prazer" (Idem, p.160). Bem como, está presente "na fase mais elevada da organização sádico-anal pré-genital...sob a forma de uma ânsia (*urge*) de dominar, para a qual o dano ou o aniquilamento do objeto é indiferente" (Idem). Em suma, enquanto sadismo, a agressividade pode ser a expressão de um amor

[8] "No sadismo, a fonte orgânica.... aponta inequivocamente para outro objeto que não ele próprio, muito embora esse objeto seja parte do próprio corpo do sujeito" (Freud, 1915, p. 148). Essa afirmação de Freud porta uma ambigüidade exemplar, ao nosso ver, da complexidade relativa ao desenvolvimento pulsional, ao indicar a problemática que envolve as noções de auto-erotismo e narcisismo' que, em última instância, encontram-se relacionadas num campo de mútuo engendramento que abarca, tanto da emergência de um 'si mesmo', narcisista, quanto o reconhecimento de um corpo próprio erógeno. O importante é que são os esforços motores dos impulsos sádicos que permitem que todas essas realizações, verdadeiras construções altamente complexas e sofisticadas, se efetivem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

cruel, impiedoso e violento, no qual os esforços em busca de prazer acabam por eludir, de uma forma ou de outra, a dimensão alteritária. Contudo, é bom lembrar que ele se encontra, no entanto, empenhado numa dupla criação - de si-mesmo e do mundo - com toda a complexidade que isso possa envolver. Podemos, então, afirmar que, nesses termos, a agressividade do sadismo é também, criatividade: é ele que enriquece o universo narcisita, ao expandir as suas fronteiras. Ainda que Freud não tenha se ocupado dessa temática, a maneira como conduz seu raciocínio legitima nossa conclusão.

De modo similar, podemos pensar sobre a agressividade que surge através da temática do ódio, cujos verdadeiros protótipos, para Freud (1915), "se originam não da vida sexual, mas da luta do ego para preservar-se e manter-se" (p.148). Chegamos, então, à parte do artigo de Freud que comporta mais ambigüidades, principalmente, no que tange ao caráter originário do ódio. Contudo, qualquer que seja a interpretação que se dê às colocações de Freud, resta incontornável o fato de o ódio ser considerado o sentimento que assinala a aparição da dimensão alteritária no horizonte narcisista. Enquanto no amor estamos nos domínios do já conhecido, no ódio encontramo-nos sob a ameaça narcísica oriunda do desconhecido. Vale lembrar que, como vimos anteriormente, a temática do ódio é abordada enquanto uma "reversão do *conteúdo* [que] encontra-se no exemplo isolado da transformação do amor em ódio" (p.148 – o grifo é do autor). É preciso ter em mente que, neste momento, Freud investiga o ódio que tem no amor a sua principal referência. Ainda que o reconhecimento quanto às origens distintas desses sentimentos torne a oposição amor/ódio um tanto mais complexa – haveria, de fato, uma tripla possibilidade de oposição: amor/ódio-indiferença, amar-ser amado e amor-ódio - e, justifique o comentário de Laplanche e Pontalis (1970) de que, para Freud, "a aparente transformação do amor em ódio é apenas uma ilusão" (p.39).

O caso do amor e do ódio, nos adverte Freud, "adquire especial interesse pela circunstância de que se recusa a ajustar-se ao nosso esquema das pulsões" (Freud, 1915, p. 154). De modo diverso ao do funcionamento pulsional – sempre parcial -, encontramos os sentimentos de amor e de ódio relacionados à experiências de totalidade: Freud concebe "o amor como sendo a expressão de *toda* a corrente sexual de sentimento" (p.154 – o grifo é do autor), bem como afirma que "as atitudes de amor e ódio não podem ser utilizadas para as relações entre os instintos e seus objetos, mas estão reservadas para as relações entre o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

ego *total* e os objetos (p.159 – o grifo é nosso)". Ou seja, são os afetos e não as pulsões que nos franqueiam as experiências de totalidade.

Devemos avaliar a relevância dessas considerações tendo em mente que essas duas dimensões – afetiva e pulsional – encontram-se, em Freud, mutuamente implicadas - "a polaridade do prazer-desprazer está ligada a uma escala de sentimentos, cuja *importância suprema na determinação de nossas ações* já foi ressaltada" (p.155 – o grifo é nosso). "Quando a fase puramente narcisista cede lugar à fase objetal, o prazer e o desprazer significam relações entre o ego e o objeto" (p.160). Em linhas gerais, podemos dizer que Freud enfatiza, basicamente, dois aspectos em sua investigação: por um lado o caráter violento da força pulsional e, por outro, a hostilidade do mundo externo. De tal modo que, tanto o mundo interno – pressão constante - quanto o mundo externo – excesso de estímulos - se apresentam como ameaças para um sujeito, que encontra no psiquismo um refúgio, uma defesa. Vale lembrar que, para Freud, as vicissitudes pulsionais são defesas contra as pulsões. Assim, a violência do mundo pulsional interno frente e a hostilidade do mundo externo forjam um sujeito valorizado pelo potencial de sua ação – violência e destruição –, às voltas com um psiquismo concebido como defesa.

Diante de tanto poderio, o que parece passar desapercebido é o fato da dependência inerente à vida de todo o ser humano. Certamente Freud não deixa de mencionar o mais óbvio, a dependência absoluta dos primeiros momentos: somos absolutamente dependentes dos cuidados atenciosos de um "agente externo", de modo especial, de seu investimento amoroso e narcísico. Mas, a coisa não pára por aí. Ele dá provas de admitir a dependência como um fato próprio à existência humana. Mesmo não sendo tematizada, a questão da dependência está implícita no texto, presente na descrição que Freud nos fornece da efetivação do desenvolvimento pulsional: é no interjogo entre o sujeito e um outro que ela acontece. A presença do outro é imprescindível à realização do sujeito. Somos dependentes da presença sensível e responsiva de um outro ser humano - uma 'companhia viva'[9] - para a efetivação dos processos de subjetivação ao longo das etapas do desenvolvimento pulsional. Um outro que, paradoxalmente, não se apresenta, de

[9] *Companhia Viva* é o título do livro de Anne Alvarez. Essa temática será retomada no último capítulo desta tese.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

início, como uma ameaça e que, acima de tudo, seja compassivo e tolerante, capaz de suportar a violência de nossas investidas amorosas.

Para concluir, algumas observações sobre a questão da dominação. Como observam Laplanche e Pontalis (1970), essa questão traz à luz o cerne da problemática na qual se inscreve a questão da agressividade em Psicanálise: a diferenciação eu/não-eu. Ou seja, o acesso à realidade em sua qualidade de externalidade, juntamente com as possibilidades de intercâmbio entre essas duas instâncias. A noção de uma pulsão de dominação é algo que, no entanto, nunca foi suficientemente esclarecido por Freud. Em 1915, não há propriamente uma referência a uma pulsão de dominação. Ao invés disso encontramos Freud (1915) atribuindo ao sistema nervoso a tarefa de "*dominar estímulos*", como um postulado necessário, "de natureza biológica [que] utiliza o conceito de 'finalidade' (ou conveniência)" (p.140), que se encontra, por sua vez, em consonância com a possibilidade de existência de uma atividade na qual "o mundo externo não é catexizado com interesse". Laplanche e Pontalis (1970) reconhecem aí a postulação de "uma espécie de campo intermediário entre a simples *atividade* inerente a toda função e uma tendência para a destruição pela destruição" (p. 40 – o grifo é do autor), numa enigmática referência ao exercício da pulsão de morte.

Para Freud, a dominação é um funcionamento inerente ao ser/estar vivo, o qual ele não está seguro de poder definir como pulsional. Ela se constitui como condição inaugural do próprio psiquismo, como o principal meio através do qual se efetua o intercâmbio entre o interno e o externo – a alternativa seria a fuga. Desse modo, a consideração da dominação sugere a possibilidade de existência de um tempo de indistinção entre eu/não-eu - o afeto do ódio está ausente – que renova o debate sobre o problema da destruição.

Aliás, a temática da destruição aparece, precisamente, em apenas quatro momentos do texto de 1915, portando uma certa ambigüidade e chegando, até mesmo, a se tornar indiscernível da própria noção de pulsão. Vejamos, então, como a coisa se passa. Num primeiro momento, Freud (1915), ao se questionar sobre os instintos primordiais, afirmará que uma pulsão de destruição é, dentre outras, algo altamente especializado - "Não devemos deixar de nos perguntar se motivos pulsionais como esses, [uma pulsão lúdica ou de destruição ou de estado gregário], tão altamente especializados [...] não permitem

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

ulterior dissecação" (p.144). Num segundo momento, encontramos a referência a uma "intenção de destruir", presente numa fase já avançada do desenvolvimento:

> Quando a fase puramente narcisista cede lugar à fase objetal, o prazer e o desprazer significam relações entre o ego e o objeto. Se o objeto se torna uma fonte de sensações agradáveis, estabelece-se uma ânsia (*urge*) motora que procura trazer o objeto para mais perto do ego e incorporá-lo ao ego. Falamos da 'atração' exercida pelo objeto proporcionador de prazer, e dizemos que 'amamos' esse objeto. Inversamente, se o objeto for uma fonte de sensações desagradáveis, há uma ânsia (*urge*) que se esforça por aumentar a distância entre o objeto e o ego, e a repetir em relação ao objeto a tentativa original de fuga do mundo externo com sua emissão de estímulos. Sentimos a 'repulsão' do objeto, e o odiamos; esse ódio pode depois intensificar-se ao ponto de uma inclinação agressiva contra o objeto — uma intenção de destruí-lo (p.159 – o grifo é do autor).

Nessa passagem, encontramos a primeira e única vez que Freud utiliza a palavra agressividade em seu artigo. É aqui, nesse ponto avançado do desenvolvimento, quando a fase puramente narcisista cede lugar à fase objetal, que encontramos uma 'inclinação agressiva' - uma intenção de destruir. Num terceiro momento, ao comentar a inexistência de uma conexão íntima entre o ódio e o prazer ou a função sexual, ele afirmará:

> A relação de *desprazer* parece ser a única decisiva. O ego odeia, abomina e persegue, com intenção de destruir, todos os objetos que constituem uma fonte de sensação desagradável para ele, sem levar em conta que significam uma frustração quer da satisfação sexual, quer da satisfação das necessidades autopreservativas. Realmente, pode-se asseverar que os verdadeiros protótipos da relação de ódio se originam não da vida sexual, mas da luta do ego para preservar-se e manter-se (Freud, 1915, p. 159-0, o grifo é do autor).

E, por fim, ao comentar as fases iniciais do desenvolvimento libidinal:

> Reconhecemos a fase de incorporação ou devoramento como sendo a primeira dessas finalidades [dos instintos sexuais] — um tipo de amor que é compatível com a abolição da existência separada do objeto e que, portanto, pode ser descrito como ambivalente. Na fase mais elevada da organização sádico-anal pré-genital, a luta pelo objeto aparece sob a forma de uma ânsia (*urge*) de dominar, para a qual o dano ou o aniquilamento do objeto é indiferente. O amor nessa forma e nessa fase preliminar quase não se distingue do ódio em sua atitude para com o objeto. Só depois de estabelecida a organização genital é que o amor se torna o oposto do ódio' (Freud, 1915, p.160-1 – o grifo é do autor).

A princípio, ficamos com a impressão de que a intenção de destruir seria algo secundário - algo "altamente especializado", que surge numa fase avançada do desenvolvimento. Contudo, ao nos depararmos com esse caráter tão decisivo do desprazer - capaz de despertar um ódio que não está relacionado com a frustração quer da satisfação

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

sexual, quer da satisfação das necessidades autopreservativas - somos obrigados a repensar nossa primeira impressão. Nos lembramos, então, da afirmação de Freud (1914) acerca da 'tendência a dominar' inerente ao aparelho psíquico: "reconhecemos nosso aparelho mental como sendo, acima de tudo um dispositivo destinado a dominar (*bewältigung*) as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos" (p. 102). Desse modo, chegamos à conclusão de que *evitar o desprazer* é o que há de mais primordial para Freud nesse momento: são as excitações aflitivas e não as prazerosas que nos impelem e nos colocam em movimento – repúdio primordial ou dominação. E, como já vimos, é da eficácia desse movimento que advém orientação e discernimento. A definição que emerge como um precipitado a partir da constatação do efeito do movimento realizado: a fuga, ou a superação de uma situação que, até então, se apresentava como avassaladora – dominação. O essencial é que, para Freud, a busca pelo prazer parece ser algo secundário nesse momento.

É, pois, nessa conjuntura que devemos pensar a temática da destruição, atentos à maneira pela qual ela, aí, se introduz, chegando até mesmo a se confundir com a noção de dominação. Pelo que vimos até agora, antes de qualquer coisa, a destruição visa eliminar o desprazer. E, como, para Freud, os estímulos externos são as principais fontes de desprazer, a emergência de toda e qualquer instância alteritária consistirá numa ameaça, devendo, portanto, ser destruída enquanto tal. Acontece, no entanto, que há estímulos que, a despeito das sensações aflitivas, ainda assim conduzirão a uma obtenção de prazer. Mas isso, a princípio, é indiscernível. Essa condição é capital para que possamos acompanhar Freud, nesse momento. É assim que chegamos ao importante papel que a dor irá desempenhar junto à economia psíquica, o qual complexifica os horizontes de uma investigação acerca dos comportamentos e sentimentos hostis e agressivos. Para Freud (1915), "as sensações de dor, assim como outras sensações desagradáveis, beiram a excitação sexual e produzem uma condição agradável, em nome da qual o sujeito, inclusive, experimentará de boa vontade o desprazer da dor" (Freud, 1915, p. 149). Encontramos, assim, a equivalência subversiva entre dor e prazer, entre amor e destruição, assinalando que, de algum modo, algo do exterior – as sensações aflitivas denunciam essa origem – veio habitar o interior. Desse modo, a dor pelo 'contato' com uma existência separada é assimilada, transformando

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

aquilo que seria ameaçador para a organização narcisista do ego em fonte de prazer, objeto de amor – destruição da dimensão alteritária no âmbito do amor narcisista.

A hipótese de uma pulsão de morte aparece em 1920, em *Além do Princípio do Prazer*, juntamente com um debate sobre a questão da fusão/desfusão[10] (pulsional), propiciando a teorização de uma pulsão agressiva independente, inaugurando o terceiro e último contexto da temática da agressividade na obra freudiana. Sem dúvida alguma, o mais importante, por se inscrever no contexto mais amplo das grandes reformulações teóricas impostas ao campo analítico com o aparecimento da segunda teoria pulsional. Nele, a agressividade surgirá como um dos pilares dessa nova concepção pulsional que, por sua vez, se fez acompanhar de perto por uma profunda remodelação do aparelho psíquico, conhecida como a segunda tópica.

Aqui produzimos um corte. Não nos ocuparemos com o terceiro contexto, ainda que possamos reconhecer a sua extrema importância. Nosso interesse em expor, de modo mais abrangente, o segundo contexto teórico está relacionado à escolha do psicanalista inglês D.W.Winnicott como principal referência teórica desta tese. É fato notório a crítica desse psicanalista ao conceito de pulsão de morte, bem como a sua preferência pelas formulações contidas na primeira teoria pulsional freudiana. E, como observa Souza (2001), para que possamos "compreender a produção da posteridade freudiana não como teoria obsoleta, mas como fonte de aprendizado para a prática clínica" (p. 289), precisamos ter em mente não apenas o ambiente cultural em que essas contribuições se realizaram, mas nos colocarmos o mais próximo possível no lugar do leitor:

> ... que lia Freud a medida que ele escrevia, ignorando tanto o futuro dos conceitos e idéias com as quais entrava em contato quanto a direção que Freud daria ao que propunha ou o que acataria das contribuições dos seus discípulos. O leitor, enfim, não apenas de Freud, mas de toda a produção dos psicanalistas da época, e que precisava orientar-se em meio a tudo isso (Souza, 2001, p. 289).

Nossa intenção é permitir que o leitor possa apreender a originalidade da teoria winnicottiana da agressividade sem, no entanto, deixar de perceber o quanto esta se

[10] Estamos cientes de não termos abordado em nosso relato a evolução da questão sobre a fusão/desfusão das pulsões, que acompanha os momentos da teorização freudiana por nós considerados. Apesar da importância dessa temática ela excede, em muito, os limites pretendidos desta tese.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

encontra fortemente enraizada na tradição freudiana, especialmente na que se delineou a partir de 1915[11].

2.2 Agressividade, destrutividade, violência e pulsão de morte.

Em 1920, pressionado por impasses clínicos, Freud traz à luz os fenômenos relacionados à compulsão a repetição, produzindo um amplo debate sobre os limites do funcionamento do princípio do prazer que resulta na elaboração de uma nova teoria pulsional, composta agora pelas pulsões de vida e pela pulsão de morte. Essa reformulação permite que a questão da agressividade possa ser retomada, agora, sob os auspícios da tendência destrutiva, de retorno ao inorgânico da pulsão morte. Como já vimos, o texto de 1929, *Mal-estar na Civilização*, representa o ponto de culminância da elaboração freudiana acerca da agressividade.

Green (1988) observa que em 1971, por ocasião do Congresso Internacional de Psicanálise[12], cujo tema dos debates versava sobre a temática da agressividade, podia-se "constatar que a quase totalidade dos analistas continuava cética com respeito à existência das pulsões de morte, com exceção dos kleinianos" (p.11) que, no entanto, lhe davam uma significação bastante diferente da proposta por Freud[13]. Ao tentar compreender os rumos tomados pelo movimento psicanalítico, após a virada de 1920, Green nos brinda com algumas observações que consideramos extremamente pertinentes:

> Foi necessário audácia para propor aos psicanalistas, ainda embriagados por um apetite de conquista, que aceitassem reconhecer este implacável exército das sombras. [...] O que no começo era somente uma especulação que os psicanalistas não eram obrigados a aceitar, torna-se-ia, no decorrer dos anos, em função da clínica – e também dos fenômenos sociais – uma certeza, pelo menos para Freud, pois não se pode dizer que tenha sido unanimemente seguido neste ponto (Green, 1988, p. 11-2).

[11]É importante notar que a crítica de Winnicott visa apenas o conceito de pulsão de morte, não atingindo a segunda tópica do aparelho psíquico.
[12] Celebrava-se neste congresso o retorno de Freud à Viena, na pessoa de sua filha Anna.
[13] Laplanche e Pontalis (1970) chamam a atenção para o fato de que a dualidade entre as pulsões de vida e as pulsões de morte foi, freqüentemente, assimilada pelos psicanalistas como sexualidade versus agressividade, o que não é correto, pois opera uma simplificação da hipótese freudiana. Eles reconhecem, no entanto, que o próprio texto freudiano teria contribuído para isso. Para maiores esclarecimentos recomendamos a leitura do *Vocabulário de Psicanálise*, dos referidos autores.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Na década de 20 já era notável a diferença entre o freudismo berlinense organizado em torno de Karl Abraham, a tradição vienense centrada na figura de Freud e a Sociedade Britânica de Psicanálise, que já reunia nomes como os de Ernest Jones e James Strachey. Duas dissidências já haviam se dado no movimento psicanalítico: Adler, que nunca chegara a aceitar totalmente as idéias de Freud e Jung que, de modo distinto, havia ocupado o lugar do discípulo dileto de Freud. Em Viena, Freud havia radicalizado a sua concepção acerca da pulsão, sustentando a origem interna da pulsão de morte. Em Berlim, Abraham apresenta um ensaio teórico sobre as fases do desenvolvimento da libido; em Budapeste, Ferenczi defende a necessidade de elasticidade da técnica. O enfrentamento das dificuldades encontradas na clínica era o grande motor a impulsionar os psicanalistas. Contudo, enquanto Freud buscava ultrapassar os impasses clínicos através do aprimoramento teórico, seus discípulos, valorizando a dimensão terapêutica, experimentavam inovações no âmbito da técnica. Como assinala Green (1990), Freud fazia o possível para não se afastar de uma base teórica que tinha como certa: a primazia das pulsões – reafirmando com o conceito de compulsão à repetição a quase autonomia do funcionamento pulsional. Se Freud desconfia de todo deslizamento em direção ao objeto e aos fatores ambientais, promovido pelos discípulos, é porque teme uma regressão da teoria psicanalítica a uma concepção que atribui muito à conjuntura, ao real, à eventualidade. No seu entender, a consideração desses fatores representava uma ameaça, suscetível restabelecer a prevalência do consciente em detrimento da parte do inconsciente. Em suma, a atitude de Freud para com os discípulos era duplamente orientada. Ao mesmo tempo em que buscava respeitar as opiniões diferentes das suas, não deixava de exercer uma forte vigilância sobre as idéias que poderiam colocar em risco a sua grande descoberta e frágil conquista: inconsciente. Para Green (1990), enquanto Freud encontrava-se preocupado em enfatizar o poder criador do inconsciente – o que o levava a encarar de modo reticente o papel desempenhado pelo objeto – seus discípulos eram conduzidos a se defrontarem cada vez mais com a problemática das relações objetais[14].

[14] O impacto exercido pela 'virada de 1920' no seio do movimento psicanalítico é um tema extremamente amplo e controverso que exigiria uma investigação que excede em muito os limites do presente trabalho. Nos limitamos em oferecer ao leitor apenas algumas linhas de fuga. Que elas sejam, ao menos, instigantes e sugestivas de maiores pesquisas, já terão cumprido o seu papel.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

A valorização dos fatores ambientais tem como conseqüência a priorização de uma dimensão não-pulsional da experiência na constituição do psiquismo. Souza (2001), descreve com muita precisão e clareza os principais deslocamentos que aí se operam, na passagem das teorias que privilegiam a dimensão pulsional para as teorias da relação de objeto:

> Ao valorizar as qualidades das experiências de tranqüilidade e quietude do bem-estar proporcionadas pelos cuidados maternos, as teorias da relação de objeto se desenvolvem à custa da restrição do alcance da teoria pulsional, e não por seu remanejamento. [...] É importante notar, contudo, que a restrição do alcance da teoria pulsional não implica em seu abandono. De modo geral, [...] a experiência pulsional conserva nas teorias de relação de objeto o caráter econômico de descarga de tensão da metapsicologia freudiana, assim como sua vinculação às funções corporais. Em contrapartida - e isso é o mais importante -, deixa abranger a totalidade da experiência subjetiva [...] Ao lado da experiência pulsional e a antecedendo é concebida uma dimensão experiencial não-pulsional de abertura primitiva ao outro: o amor primário em Balint e a identificação primária feminina em Winnicott (Souza, 2001, p.294).

O ponto a ser destacado é o não-abandono da teoria pulsional pelos teóricos das relações de objeto. O que existe é apenas uma restrição do seu alcance. Contudo, a preocupação, cada vez maior com os estágios pré-edípicos conduziria a uma mudança no foco do pai para a mãe. Nesse sentido, a obra de Winnicott é exemplar: a relação mãe-bebê não apenas é o alicerce a partir do qual ele formula suas contribuições teóricas como serve de modelo à experiência clínica.

Nosso intuito em trazer essas reflexões é de chamar a atenção para o fato de que, a aparente unanimidade quanto a aceitação e à significação da noção freudiana de pulsão de morte comporta, na realidade, desde a sua formulação, uma diversidade de matizes, sensibilidades e orientações teóricas. Além do mais, paralelamente à forma de se conceber esse conceito tão central, existe também a maneira como cada psicanalista o integrou à teoria freudiana que o antecede. Os trabalhos de Melanie Klein, de Winnicott e de Lacan – três grandes nomes da posteridade freudiana - ilustram bem este estado de coisas: a noção que cada um desses autores atribui ao conceito de pulsão de morte não apenas varia como também se encontra estreitamente relacionada à maneira que cada um tem de integrar os dois momentos de teorização da obra freudiana – antes e depois de 1920. Em Klein, encontramos a equivalência entre pulsão de morte, agressividade e destrutividade. Aliás, coube a ela revelar a importância da agressividade (destrutividade) para a constituição do psiquismo. Winnicott, por sua vez, mesmo partilhando com Klein a importância desses

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

impulsos para a emergência da vida psíquica, jamais aceitou o conceito de pulsão de morte. Para ele, a agressividade primária é um fenômeno não-pulsional, que tem sua origem na motilidade inerente aos impulsos vitais. Por fim, a teoria lacaniana opera dois deslocamentos: abole a dualidade pulsional, afirmando que toda pulsão é, ao mesmo tempo, pulsão de morte e sexual, ao mesmo tempo em que postula a primazia da instância pulsional na estruturação do psiquismo. A valorização da força pulsional – *drang* – em termos do *quantun* pulsional, contribuirá para o aparecimento da noção de gozo, bem como da idéia de violência psíquica, tornando secundário o problema da agressividade.

2.3 Melanie Klein ou a importância da agressividade (destrutividade) para a emergência da vida psíquica.

Certamente, Melanie Klein[15] foi a mais importante dentre os pós-freudianos: responsável pela primeira transformação criativa do freudismo. A chegada de Klein à Londres, em 1926, produz profundas transformações na situação da psicanálise local, e, em pouco tempo irá repercutir no movimento internacional. Nessa mesma época, Anna Freud, a herdeira legal de Freud, tal qual Klein, inicia o atendimento de crianças pequenas. Ambas tinham em comum o fato de serem analistas leigas - não dispunham da formação médica. A rivalidade entre elas, no entanto, não tardou a aparecer, iniciando-se quando Klein ainda estava em Berlim. A partir de 1935 essa oposição adquire novos contornos. Por um lado, Klein introduz o conceito de "posição depressiva", tornando manifesta a oposição às suas idéias dentro da própria Sociedade Britânica de Psicanálise. Por outro, a expansão nazista

[15] Pioneira da psicanálise com crianças, Melanie Klein nasceu em Viena, em 1882. Após seu casamento, Klein se estabelece em Budapeste entre 1910 e 1920, período em que trava os primeiros contatos com a obra de Freud e é analisada por Ferenczi. Atendendo à sua sugestão, inicia o tratamento analítico de crianças. As contribuições de Klein logo despertariam o interesse da comunidade analítica. Enquanto os trabalhos de Freud consistiam em extrapolações retrospectivas da infância, os de Klein procediam da observação direta de crianças. Em 1920, fugindo a pressões políticas e atendendo a um convite de Karl Abraham para trabalhar no Instituo Psicanalítico de Berlim, muda-se para a Alemanha, iniciando uma segunda análise com Abraham em 1924. Neste mesmo ano, sua comunicação no congresso de Salzburgo traz à luz idéias inovadoras e ousadas que questionam alguns aspectos do complexo de Édipo. O confronto com Anna Freud torna-se inevitável. Em julho de 1925, Melanie Klein realiza, por iniciativa própria, uma série de palestras para os membros da SBP. Com a morte prematura de seu analista Karl Abraham, em dezembro de 1925, encontra-se privada de seu principal apoiador. Sua situação em Berlim torna-se, então, mais difícil em virtude das divergências teóricas que, a esta altura, já eram notáveis. Em 1926, Klein muda-se para Londres, aceitando o convite feito por Ernest Jones.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

traz à Inglaterra a família e os amigos de Freud, acirrando mais ainda essa oposição, com a diferença de que a maioria das partes em conflito encontrava-se agora reunida sob um mesmo teto, o da Sociedade Britânica de Psicanálise (Kohon, 1994).

Após um longo período de conflitos e discussões internas, organizou-se uma série de reuniões que tinha por objetivo esclarecer a posição de Klein frente a metapsicologia freudiana. 'As Controvérsias', nome pelo qual se tornaram conhecidos esses debates, constituíram um dos períodos mais importantes da SPB[16]. Mesmo não tendo tido êxito em solucionar as cisões internas, os ingleses conseguiram desenvolver maneiras de permitir que os grupos rivais co-existissem. Ao final, esse processo resultou no reconhecimento legal da existência de três tendências na SBP. Surgia, assim, o Grupo Intermediário ou Independente – o *Middle Group* – composto pelos analistas que não se definiam quer como seguidores de A.Freud, quer como discípulos de Klein. Inaugurava-se, aí, o que se tornaria conhecido como a "Tradição Independente" da SBP. Pela primeira vez no movimento psicanalítico, um conflito de opiniões sobre questões teóricas e técnicas não terminava em dissidência ou expurgo.

O Grupo Independente, do qual faziam parte Winnicott, Balint, e Fairbairn e muitos outros, sempre foi o mais numeroso e mais apto a exercer o poder geral na SBP, até porque era o menos ameaçador e o mais disposto à discussão. O Grupo Freudiano contava com a importante presença de Anna, herdeira nominal de Freud. Ele mantinha excelentes relações com a cada vez mais poderosa e prestigiada comunidade psicanalítica americana, cujos principais líderes eram emigrados austríacos e alemães, que haviam se organizado na chamada "Psicologia do Ego". O Grupo Kleiniano era o mais aguerrido, o mais organizado e, teoricamente o mais coeso na SBP.

Sem sombra de dúvida, o trabalho de Klein representa um marco na origem das chamadas teorias de 'relações objetais'. Com Klein e seus seguidores o conceito freudiano de pulsão de morte será abordado nos termos dos impulsos agressivos presentes no

[16] A complexidade desses debates pode ser apreendida através da literatura disponível sobre o assunto. Brome, V. (1982), *Ernest Jones – Freud's Alter Ego;* Gillespie, W. H. (1963), *Jubilee oration. The Britsh Psycho-Analytical society: retrospect and prospect, fiftieth anniversary;* Glover, E. (1949), *The position of psycho-analysis in Britain,* (1966), *psycho-Analysis in England;* King, P. (1979), *The contributions of Ernest Jones to the British Psycho-Analytical Society*, (1981), *The education of a psycho-analyst*, (1983), *The life and the work of Melanie Klein in the British Psycho-Analytical Society;* Schmideberg, M. (1971), *A contribution to the history of the psycho-analytic movement in Britain;* Segal, H. (1979), *Klein*; Steiner, (1985), *Some thoughts about tradition and change arising from an examination of the British Psycho-Analytical Society's Controversial Discussions (1943-1944).*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

sadismo, na voracidade e na inveja. A dualidade pulsional sendo reduzida à oposição entre sexualidade e agressividade. Segundo Figueiredo (1999), a interpretação kleiniana do conceito de pulsão de morte opera uma simplificação na tese do dualismo pulsional defendida por Freud, inaugurando uma tradição – extremamente importante no campo freudiano - que, a seu ver, constitui-se a partir "muito mais de um *uso* e mesmo de um *abuso* kleiniano da pulsão de morte freudiana" (p.28, o grifo é do autor). Souza (2000) assinala, no entanto, que as formulações propostas por Klein, resultam numa ênfase quanto à natureza simbólica dos mecanismos psíquicos, em virtude da ampliação do conceito de fantasia, concebida, nesse contexto, como o conteúdo primário de todos os processos psíquicos:

> Não se trata somente de afirmar que os mecanismos psíquicos são sempre desencadeados por significações, ou seja, por experiências psíquicas, mas de afirmar, além disto, que os mecanismos psíquicos são, neles mesmos, expressões significativas, e não apenas reações diante de significações (Souza, 2000, p.208).

A partir da observação e da interpretação da brincadeira infantil, Klein promove uma investigação acerca dos primórdios da vida psíquica, impulsionada pelo trabalho clínico com crianças muito pequenas ou perturbadas. Ela não tardou a reconhecer e enfatizar a importância decisiva das pulsões agressivas (destrutivas) para a gênese do psiquismo. Até então, a teoria freudiana havia apenas valorizado o papel desempenhado pela sexualidade. No entender de Figueiredo (1999), em Klein 'o *instinto de morte* torna-se falante e adquire o direito a uma presença conspícua no campo dos fenômenos clínicos" (p.35, o grifo é do autor).

Através da interpretação das brincadeiras infantis Klein redefine o espaço psíquico: constrói imagens até então inéditas, reveladoras daquilo que ela denominou como o mundo interno da criança. "Ela foi a primeira a formular, embora freqüentemente numa linguagem psicanalítica densa, a intensidade passional dos primórdios da vida emocional" (Phillips, 1988, p.9). Angústias persecutórias arcaicas são responsáveis pela colocação em marcha do funcionamento psíquico e pelo aparecimento de mecanismos de defesa primitivos. A dor psíquica – o medo, a culpa, a ansiedade, a depressão – são colocados no centro do desenvolvimento humano. Tanto as teorias de Klein sobre o desenvolvimento emocional primitivo, quanto a importância que ela atribui aos impulsos agressivos e destrutivos nesse processo, foram cruciais para Winnicott. De fato, o trabalho desse autor

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

não pode ser compreendido sem uma referência ao de Klein. "A importância do mundo interno e de seus objetos, o poder penetrante da fantasia, a centralidade da noção de voracidade primária – todas essas idéias Winnicott retira de Klein e usa de maneira própria" (Idem).

Winnicott compartilhou com Klein a crença quanto à importância fundamental e decisiva dos primeiros momentos do desenvolvimento. Contudo, desde o começo, ele afirmaria que o bebê busca contato com outras pessoas, e não simplesmente gratificação instintual: "O impulso agressivo [...] é extremamente poderoso e faz parte da pulsão que clama por relacionamentos. É [...] uma parte essencial do impulso primitivo de amor" (Winnicott, 1952a, p.35). Em outras palavras, "não é a satisfação instintual que faz um bebê começar a ser, sentir que a vida é real, achar a vida digna de ser vivida" (Winnicott, 1967d, p.137). Para Winnicott, desde os primeiros momentos, o bebê se inicia na vida como um ser humano profundamente sociável: ele clama por intimidade, e não apenas por alívio de tensão – por relacionamentos e, não simplesmente por satisfação.

Winnicott nunca aceitou o conceito freudiano de pulsão de morte. Como observa Ferreira (2003) nele, bem como nos autores da chamada Tradição Independente, a importância do conceito de pulsão será substituída por uma teoria das relações objetais precoces, correlata de uma ênfase na importância dos fatores externos e do meio ambiente. Figueiredo (1999) acredita que a crítica de Winnicott ao conceito de pulsão de morte diz respeito muito mais ao uso que a tradição kleiniana fez dessa noção. De todo modo, a noção de agressividade não deixa de ser central na obra desse psicanlista inglês. Aliás, como observa Phillips (1988), "foi através da compreensão da agressão que Winnicott finalmente se separaria de Klein" (p.104).

2.4 A questão da agressividade em Winnicott: premissas e pressupostos

Em nenhum campo cultural é possível ser original, exceto numa base de tradição

D. W. Winnicott

O médico e psicanalista inglês, Donald Woods Winnicott, juntamente com Melanie Klein e Anna Freud, foi uma das principais referências da psicanálise na

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Inglaterra, na geração que sucedeu a Freud. Reconhecido por seu espírito independente, avesso à dogmatismos e excepcional gênio clínico, foi responsável pela introdução da psicanálise de crianças na Inglaterra, antes da chegada de Melanie Klein a Londres. Na condição de integrante do *Middle Group*, desempenhou um importante papel na interlocução com os demais grupos da Sociedade Britânica de Psicanálise, reunidos em torno de Klein e A. Freud. Sua herança conceitual encontra-se entre as mais importantes da posteridade freudiana.

Winnicott nasceu em 7 de Abril de 1896, em Plymouth, província de Devon, conhecida pela tradição metodista não-conformista. Foi o caçula e único filho homem de Frederick e Elizabeth Winnicott, que tinham mais duas filhas: Cathlenn e Violet, respectivamente, cinco e seis anos mais velhas que ele. O pai foi um bem-sucedido comerciante, que por duas vezes chegou a ser prefeito da cidade. Em reconhecimento a seu trabalho cívico, foi nomeado cavaleiro. Winnicott cresceu em um universo marcado pela presença de muitas mulheres: a mãe, a avó, uma babá, uma governanta e as duas irmãs. Certa vez ele confessou que se considerava filho único de várias mães. Aos 13 anos foi estudar em Cambridge como aluno interno do Leys School. Nasceria ali a sua paixão pela biologia e pelas idéias de Darwin. Do mesmo modo, o episódio em que foi enviado para a enfermaria da escola por ter fraturado a clavícula seria decisivo para a sua escolha pela medicina. Cativado pelas idéias de Darwin, estudou biologia no Jesus College, em Cambridge e, depois Medicina no St. Bartolomew's Hospital em Londres. Ainda na faculdade, intrigado pelo fato de não ser capaz de lembrar de seus sonhos, deparou-se com um livro sobre Freud, enquanto buscava em uma livraria uma leitura capaz de auxiliá-lo. Durante a primeira guerra serviu como cirurgião estagiário. Terminada a guerra voltou a estudar, formando-se em 1920.

O ano de 1923 seria um ano de muitos começos para Winnicott: ele se casa, é nomeado médico pediatra do Paddington Green Children's Hospital - cargo que ocupou durante 40 anos, chegando a atender mais de 60 mil casos -, e inicia sua primeira análise, com James Strachey. As décadas de 20 e de 30 marcaram um período de grande efervescência na Sociedade Britânica de Psicanálise. A chegada de Klein com suas idéias inovadoras, em 1926, estimulou ainda mais os debates científicos, que tiveram o seu ponto

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

de culminância com a vinda A. Freud, em 1938. Encontramos nas próprias palavras de Winnicott (1962c) a descrição de como foi o seu encontro com a psicanálise àquela época:

> ... nos anos 20, tudo tinha o complexo de Édipo em seu âmago. A análise das neuroses conduzia o analista repetitivamente às ansiedades pertencentes à vida instintiva do período dos 4 a 5 anos do relacionamento da criança com seus pais. dificuldades anteriores que vinham à tona eram tratadas em análise como regressão a pontos de fixação pré-genitais, mas a dinâmica vinha do complexo de Édipo marcadamente genital da meninice ou meninice posterior que é imediatamente anterior à passagem do complexo de Édipo e início do período de latência. Então, inumeráveis histórias clínicas me mostravam que crianças que se tornaram doentes, seja neuróticos, psicóticos, psicossomáticos ou anti-sociais, revelavam dificuldades no seu desenvolvimento emocional na infância, mesmo como bebês. Crianças hipersensíveis paranóides podiam até ter começado a ficar assim nas primeiras semanas ou mesmo dias de vida. Algo estava errado em algum lugar. Quando vim a tratar crianças pela psicanálise pude confirmar a origem das neuroses no complexo de Édipo, mas mesmo assim sabia que as dificuldades começavam antes. [...] Os bebês podiam ficar emocionalmente doentes (Winnicott,1962c, p.157).

Em seu relato ele não deixa de reconhecer a importância de Melanie Klein para a sua formação, com quem ele confessa ter aprendido psicanálise:

> Tornou-se um momento importante em minha vida aquele em que meu analista interrompeu minha análise e me falou de Melanie Klein. [...] 'Se está aplicando teoria psicanalítica a crianças, deveria travar conhecimento com Melanie Klein. Ela foi atraída `a Inglaterra por Jones para fazer a análise de alguém muito especial para Jones (seu filho); ela está afirmando coisas que podem ou não ser verdade, e deve descobrir por si mesmo pois não conseguirá o que Melanie Klein ensina em minha análise de você'.
>
> De modo que fui ver e ouvir Melanie Klein, e descobri uma analista que tinha muito que dizer sobre as ansiedades que pertencem ao primeiro ano; me instalei para trabalhar auxiliado por ela. [...] Na base dessa análise pré-kleiniana que realizara baseado na minha própria por Strachey, vim a aprender algo da imensidão de coisas que descobri que ela já sabia. [...] Aprendi então psicanálise com Melanie Klein. [...] uma mestra pioneira (Idem).

A partir da análise de crianças muito pequenas, Klein faz recuar, cada vez mais, o ponto de origem do Complexo de Édipo: uma emergência precoce, que se daria em torno dos seis meses de vida. No entanto, a radicalização das suas idéias aconteceria em 1935, com a introdução do conceito de posição depressiva, que desloca a centralidade desse complexo na estruturação da vida psíquica. Klein postula a existência de um conflito de importância vital para o desenvolvimento emocional: a tomada de consciência, pela criança, de seus impulsos, idéias e sentimentos destrutivos com relação ao objeto amoroso. Um conflito que se daria, no entanto, num relacionamento a dois e não à três. Daí a reação

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

dos psicanalistas da época. Nesse mesmo ano, Winnicott inicia uma supervisão com Klein que duraria seis anos. Sua intenção era ser analisado por ela, mas ela o recusou pois queria que ele tomasse em análise o seu filho caçula, o que ele fez durante o período de 1935-1939. Ao final da década de 1930, Winnicott submeteu-se a uma segunda análise com Joan Riviere.

Como assinala Davis (1981), a crença de Winnicott de que a vida vale a pena de ser vivida talvez tenha sido um dos fatores que mais influência exerceu na sua obra. Sua fé na vida e na natureza humana não tinha, no entanto, nada de romântico. Ele tinha plena consciência do fato de que "a vida é difícil, inerentemente difícil para todo ser humano desde o começo da vida" (Winnicott, 1946a, p. 144). Do mesmo modo, ele estava ciente das enormes dificuldades que se originam da vida em sociedade. A despeito disso, ele alimentava a convicção de que a vida poderia ser valiosa e criativa para cada ser humano. Daí a sua não-aceitação da explicação de Freud sobre a natureza da agressividade humana em termos de pulsão de morte. Ao invés da tendência destrutiva, de retorno ao inorgânico, Winnicott acreditava na potencialidade criativa dos impulsos vitais inerentes à natureza humana: "De uma maneira ou de outra, nossa teoria inclui a crença de que viver criativamente constitui um estado saudável, e de que a submissão é uma base doentia para a vida" (Winnicott, 1971e, p. 95). A doença é, para ele, a inibição da espontaneidade própria ao viver.

Ele estava, portanto, fortemente comprometido com a idéia de processos naturais[17] de desenvolvimento – derivada da biologia darwiniana -, ancorado na crença quanto à existência de um impulso biológico por detrás de todo progresso. No seu entender a psicanálise havia inovado ao revelar que existia algo que não era meio ambiente, numa época em que todos atribuíam às influências externas os descaminhos experimentados pelo sujeito. Contudo, a seu ver, não se tratava de desprezar, desde então, os fatores externos: "a coisa era como retornar ao meio ambiente sem perder tudo o que fora ganho pelo estudo dos fatores internos" (Winnicott, 1967c, p.439).

[17] Apesar da imprecisão que a palavra 'natural' comporta, ela é muito freqüente no vocabulário de Winnicott. Abram (2000) acredita que ela seja utilizada por ele para designar processos cuja efetivação independe dos impulsos instintuais. Para Phillips (1988), esta palavra foi responsável por muitos mal-entendidos na compreensão de seus textos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Existem idéias na teoria de seleção natural de Darwin que são essenciais à teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott. Dentre elas, a mais importante, na opinião de Davis (1981), é a de que a evolução, tanto biológica quanto cultural são inseparáveis e dependem do processo de individuação. Além disso, a própria noção de evolução traz em si a idéia de progressão, o que implica que as coisas não permanecem paradas. Trata-se de uma noção que é central para a compreensão do pensamento de Winnicott. A passagem abaixo é um dos muitos exemplos que atestam a presença dessa idéia na sua obra:

> Vamos partir do princípio de que o desenvolvimento inicial do indivíduo implica num *continuar a ser*. O psicossoma inicial prossegue ao longo de uma certa linha de desenvolvimento, desde de que esse *continuar a ser não seja perturbado* (Winnicott, 1949b, p.334 – os grifos são do autor).

A expressão utilizada por Winnicott *"going on being"*, freqüentemente traduzida por 'continuidade do ser' ou simplesmente ser, bem como a noção de 'linha da vida', é exemplar dessa realidade processual inerente ao fluxo vital, a partir da qual ele concebe o existir humano. No seu entender, a teoria clássica e o tratamento psicanalítico da neurose tomam como certo algo muito básico: que o paciente é uma pessoa. Parte-se da suposição de que o paciente tem uma personalidade unificada e estável, disponível para a interação com outros. Desse modo, a localização do *self*[18] no próprio corpo é, na maioria das vezes, tida como óbvia. No entanto, como ele nos adverte, "uma grande parte do que tendemos a considerar como óbvio teve um começo e uma condição a partir dos quais iniciou-se o seu desenvolvimento" (Winnicott, 1945a, p. 223).

A noção de desenvolvimento é central no trabalho de Winnicott. Encontramos, de modo reiterado em seus textos, sua preocupação em nos apresentar a noção de desenvolvimento como a chave necessária para a compreensão das suas idéias. Na década de 1960, ele chegou a designar a sua teoria do desenvolvimento emocional como a "espinha dorsal" de todo o seu trabalho. Podemos dimensionar essa importância através das suas próprias palavras:

> A única companhia que tenho ao explorar o território desconhecido de um caso novo é a teoria que levo comigo e que se tornou parte de mim, e a respeito da qual nem preciso pensar de maneira deliberada. Esta é a teoria do desenvolvimento emocional do indivíduo que, para mim, inclui a história total do relacionamento individual da criança até seu meio ambiente específico. Não se pode evitar que ocorram mudanças nas bases teóricas de meu trabalho com o passar do tempo e no interesse da experiência. Pode-se

[18] Esta noção será abordada a seguir.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> comparar minha posição com a de um violoncelista que primeiro se preocupa com a *técnica* e depois torna-se realmente capaz de tocar a *música*, aceitando a técnica como dada. Tenho consciência de estar fazendo este trabalho com mais facilidade e êxito do que era capaz há trinta anos, e meu desejo é comunicar-me com aqueles que ainda estão desenvolvendo a técnica, dando-lhes, ao mesmo tempo, a esperança que um dia virá do fato de poder tocar a música.
> O fato de ser capaz de um desempenho perfeito a partir de uma partitura escrita traz muito pouca satisfação (Winnicott, 1971a, p.14).

Por mais de quarenta anos, Winnicott trabalhou em um projeto acerca do desenvolvimento humano – iniciado ainda na época em que era pediatra - que se tornaria cada vez mais complexo. Através dele tentou explicar como o indivíduo cresce, desde a dependência rumo a uma maneira pessoal de ser, como ele se torna, ao mesmo tempo, uma pessoa comum e singular e como o meio-ambiente inicial torna isso possível. Em suma, Winnicott se dedicou a investigar exaustivamente os fatores que participam da constituição desse algo que, na maioria das vezes, temos como certo, como um dado de partida: o indivíduo, a pessoa. Como veremos a seguir, para ele, nesse processo de vir-a-ser, de tornar-se pessoa, a agressividade, juntamente com o meio ambiente, desempenha um papel fundamental, funcionando como o verdadeiro motor propulsor dessa jornada.

Sua maior objeção ao trabalho de Klein residia no fato dela ter realizado uma teoria do desenvolvimento emocional em termos somente do bebê, sem referência ao meio ambiente. Para Winnicott, isso é totalmente impossível. Ele entende que

> Toda tendência no sentido do amadurecimento é herdada e a psicanálise está simplesmente interessada na interação entre o que é herdado e o que é ambiental... Incidentalmente, em termos da organização do ego do bebê muito pequeno, a tendência herdada constitui um fator *externo* de um tipo particularmente grosseiro. É possível que a Sra. Klein tenha pensado que o fator hereditário era pessoal e não ambiental, mas isto seria deixar de fora todo o problema do ego imaturo e a dependência que se baseia no fato de que o NÃO-EU ainda não se separou do EU (Winnicott, 1969c, p.351 – os grifos são do autor).

Winnicott foi um autor que valorizou como nenhum outro o fato da dependência inerente ao existir humano. Assim sendo, o torna-se pessoa é concebido por ele como um processo de desenvolvimento e amadurecimento pessoal, que acontece no interjogo entre o indivíduo e o meio ambiente, entre os impulsos herdados de uma dada constituição e o contexto no qual eles se manifestam. O crescimento é uma tarefa contínua da integração psicossomática, viabilizada pela continuidade dos cuidados de uma mãe

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

suficientemente-boa[19] – que sustenta a continuidade do ser, '*going on being*', nos estágios mais iniciais da vida. Loparic (1995) descreve a função da mãe winnicottiana nos seguintes termos: "antes de fazer qualquer coisa para o bebê, a mãe tem que deixar que este seja, que constitua uma 'uma quantidade do simples ser' e que *continue sendo*, isto é, que aconteça. Essa e nenhuma outra é a primeira tarefa da mãe winnicottiana" (p.49, o grifo é nosso). Do mesmo modo que o bebê é dependente da atenção materna para sobreviver, sua mãe também é dependente das pessoas que estão à sua volta para ser atendida em suas necessidades. A dependência do outro é o primeiro fato na vida do indivíduo, antes do bom e do mau. Anterior à sexualidade como insuportável há o desamparo.

Em virtude desta dependência, o tema da submissão torna-se central na obra de Winnicott. Como observa Phillips (1988), enquanto a concepção darwiniana postulava a não-sobrevivência dos indivíduos que eram incapazes de se adaptar ao meio ambiente, na teoria winnicottiana do desenvolvimento é a mãe – o primeiro ambiente – que precisa se adaptar ativamente às necessidades do seu bebê. "Nos termos de Winnicott, a criança tem, de início, o direito natural de usar a mãe impiedosamente para o reconhecimento e a gratificação que o seu desenvolvimento requer" (p. 4). O corolário disso é que o desenvolvimento humano pode ser melhor descrito como uma batalha impiedosa contra a submissão ao meio-ambiente. O reconhecimento dessa não-submissão inata da criança é, portanto, correlato à concepção da agressividade como manifestação de impulsos vitais, veículo primordial do desenvolvimento pessoal. Para Winnicott, o homem somente pode se encontrar através do relacionamento com os outros e da independência adquirida pelo reconhecimento da dependência, todo esse processo se realizando às expensas de seu potencial agressivo.

Como assinala Davis (1981), enquanto o esquema freudiano de desenvolvimento era centrado no conceito de pulsão e se preocupava, preferencialmente, com os efeitos da experiência orgiástica, a teoria do desenvolvimento emocional de

[19] Segundo Winnicott a mãe suficientemente-boa é aquela que se adapta ativamente às necessidades de seu bebê. Ela "começa com uma adaptação quase completa às necessidades de seu bebê e, à medida que o tempo passa, adapta-se cada vez menos completamente, de modo gradativo, segundo a crescente capacidade do bebê em lidar com o fracasso dela" (Winnicott, 1951, p.25). Sua intenção é "transmitir uma concepção não idealizada da função, materna" (Winnicott, 1968b, p.80).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Winnicott surgiu em termos do *self*[20] em evolução. Para Winnicott, "nenhum uso poderia ser feito da experiência baseada nestes instintos até que se pudesse dizer que havia presente uma *pessoa que vivencia* (ego ou *self*)" (p.28). No seu entender, "não é a satisfação instintual que faz um bebê começar a ser, sentir que a vida é real, achar a vida digna de ser vivida. [...] É o eu (*self*) que tem de preceder o uso do instinto pelo eu (*self*)". (Winnicott, 1967d, p.137). A sua preocupação era com a gênese da pessoa da experiência, daí o seu interesse pelo desenvolvimento, não da psicologia do Id, mas da psicologia do ego. Desse modo, no centro da sua teoria de desenvolvimento o que se coloca não é um conflito mítico entre forças incompatíveis mas a localização do *self* no próprio corpo.

O corpo está na raiz da teoria de desenvolvimento de Winnicott. É a partir das experiências corporais que se desenvolve a parceria psico-somática - entre a 'psique' e o 'soma'. "A palavra psique, aqui, significa *elaboração imaginativa dos elementos, sentimentos e funções somáticas*, ou seja, da vitalidade física" (Winnicott, 1949b, p.333 – os grifos são do autor). O *self* é, antes de tudo e principalmente um *self* corporal, como fica claro na citação abaixo:

> Essa interação da psique com o soma constitui uma fase precoce do desenvolvimento individual. Num estágio posterior o corpo vivo, com seus limites e com um interior e um exterior, *é sentido pelo indivíduo* como formando o cerne do eu imaginário. O desenvolvimento desse estágio é extremamente complexo, e apesar de tratar-se de um processo poderia já estar bastante completo poucos dias depois do nascimento... E mais: tudo que se aplica aos estágios iniciais aplica-se também, até certo ponto, mesmo aos estágios que chamamos de maturidade ou fase adulta (Winnicott, 1949b, p.333 – os grifos são do autor).

A despeito de ser um conceito central em sua teoria, o *self* não é fácil de ser definido. Nos escritos de Winnicott encontramos variações na sua significação de acordo com o contexto em que ele é encontrado:

> Fico pensando que poderia escrever algo a respeito desta palavra [*self*] mas, naturalmente, assim que me ponho a fazê-lo, descubro que há muita incerteza mesmo em minha própria mente, sobre o que quero dizer. Descobri que havia escrito o seguinte: para mim o *self* não é o ego, é a pessoa que é eu, que é apenas eu, que possui uma totalidade baseada no funcionamento do processo de maturação. Ao mesmo tempo, o *self* tem partes e, na realidade, é constituído dessas partes. Elas se aglutinam desde uma direção interior para exterior no curso do funcionamento do processo

[20] Abram (2000) observa que "deve ser notado que, embora Winnicott – diferentemente de Melanie Klein e Freud – faça uma distinção entre o ego e o *self*, por toda sua obra a forma com que se utilizou desses termos é, com bastante freqüência, contraditória e ambígua" (p. 11). Em nossa exposição buscamos fornecer ao leitor um apanhado das principais referências sobre esse tema.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> maturacional, ajudado como deve ser (maximamente no começo) pelo meio ambiente humano que sustenta e maneja e, por uma maneira viva, facilita (Winnicott, 1970a, p. 210).

De todo modo, como assinala Davis (1981), o *self* carrega efetivamente uma conotação de identidade pessoal que está muito próxima da que encontramos na linguagem cotidiana: um sentimento de identidade que advém com a consciência de si (*self-awareness*). De início essa identidade pessoal é apenas potencial, somente através do crescimento ela poderá se transformar numa realização. Em outras palavras, é o processo maturacional que está lá desde o começo, o responsável pela capacidade do indivíduo se tornar quem ele é. Pontalis (1977) atenta para o fato de que a importância atribuída à noção de *self* é um dos traços mais marcantes da literatura psicanalítica anglo-saxônica:

> Dizemos anglo-saxônica, dizemos *self* e hesitamos em traduzir por *soi*. Obstáculo lingüístico que é também um obstáculo epistemológico. Diferença cultural sobre a qual pode-se perguntar se não recobre também uma divergência de ideologia ou de filosofia espontânea. E sabemos qual o impacto da cultura ambiente sobre os conceitos psicológicos e psicanalíticos. Mas sabemos, igualmente, que não existe nada mais difícil do que medir este impacto. Também é preciso, inicialmente colocar a questão: o *self* é exportável? E entende-la no seu duplo sentido: exportável de uma cultura a outra e de um indivíduo ao outro (Pontalis, 1977, p. 159).

Ainda que a palavra *self* esteja, no fim das contas, profundamente arraigada na língua inglesa, não é difícil constatar que "a maioria das pessoas aceita que há necessidade de uma identidade pessoal para que possamos nos sentir reais e para que possamos ter alguma influência sobre o curso dos eventos" (Pontalis, 1977, p.160).

Para Winnicott, no entanto, "o ego se oferece para estudo muito antes da palavra *self* ter relevância" (Winnicott, 1962a, p.55). Como observa Abram (2000), de fato, Winnicott nunca chegou a esclarecer de maneira satisfatória a diferença entre o ego e o *self*. No seu entender é de grande utilidade termos em mente que "o ego constitui-se em um aspecto do *self* que possui uma função bastante particular: organizar e integrar a experiência" (p. 221). Através do ego, os componentes da constituição herdada são reunidos, pedaço por pedaço, num *self* nascente:

> O exemplo disso seriam os dedos das mãos ou dos pés do bebê, ou o som do seu próprio choro, os quais, de acordo com Winnicott, não são necessariamente sentidos parte de si de início. O ego encontra-se intimamente ligado ao desenvolvimento neuro-fisiológico, à percepção e ao desenvolvimento do intelecto, da memória e da cognição, os quais tornam-se seus aliados em despertar a orientação do indivíduo para um mundo fora do *self* (Davis, 1981, 29).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

O ego desempenha, portanto, uma função vitalmente importante para a emergência de uma realidade psíquica pessoal: organizar a elaboração mental dos eventos sensórios e motores. Daí a importância do suporte egóico, fornecido pelos cuidados maternos nos momentos iniciais ao ego incipiente do bebê. Para Winnicott essa realidade interna pessoal é uma extensão da fantasia do bebê, a qual, desde o início da vida, consiste na elaboração imaginativa das experiências corporais. Essa elaboração simples corresponde a uma parte essencial de cada indivíduo que nunca é perdida, ainda que nem sempre seja acessível à consciência. Winnicott (1935) aprofunda a noção de realidade interna proposta por Klein ao afirmar que esta não deve ser confundida com a de fantasia: "a fantasia é uma parte dos esforços do indivíduo para lidar com a realidade interna [...] O indivíduo chega à realidade externa através das fantasias onipotentes elaboradas na tentativa de livrar-se da realidade interna" (p. 200). Ele chama atenção para o fato de que, com a noção de mundo interno, torna-se possível a localização dos eventos psíquicos. Em uma nota, acrescentada em 1957, ele esclarece: "O termo 'realidade psíquica' não envolve qualquer localização da fantasia. O termo realidade interna pressupõe a existência de um interior e de um exterior, e portanto, de uma membrana limitadora pertencente ao que atualmente chamo de psicossoma" (Idem, p.199).

Um outro aspecto a ser considerado é que, do mesmo modo que o conceito de *self* é inseparável da anatomia, fisiologia e biologia, ele é, também, essencial à compreensão do que Winnicott entende por saúde mental do ser humano. Ele foi um dos poucos autores a insistir na importância clínica de buscarmos uma reflexão sobre o que seja saúde, assim como o que seja normal. Ainda que a definição e o manejo desses termos nos coloque imensas dificuldades, não devemos nos furtar, de tempos em tempos, de tentar explicitar o nosso entendimento sobre eles. Trata-se de critérios que são subjacentes a qualquer prática clínica.

Antes de qualquer coisa, para Winnicott não é possível pensar em saúde apenas em termos individuais: a saúde é sempre uma questão da relação do indivíduo com o seu entorno. Em segundo lugar, ele considerava insatisfatória uma avaliação da saúde que se restringisse às posições do Id, ou seja, que limitasse à dimensão pulsional da vida. Em termos gerais, para ele saúde significa maturidade de acordo com a idade do indivíduo. "O

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

sintoma de uma vida não-criativa é o sentimento de que nada tem significado, o sentimento de futilidade, de que nada importa" (Winnicott, 1970c, p. 36).

A saúde encontra, assim, o seu fundamento na mais simples e mais fundamental de todas as experiências, a 'experiência de ser'. O ser deve vir antes do sexo, viabilizado, nos primórdios da existência, por uma maternagem suficientemente boa. Disso resulta o sentimento de realidade – o sentir-se real – que advém da oposição encontrada pelo impulso agressivo (criativo) no meio ambiente:

> Ser e sentir-se real dizem respeito essencialmente à saúde, e só se garantirmos o ser é que poderemos partir para coisas mais objetivas. Sustento que isso não é apenas um julgamento de valor, mas que há um vínculo entre a saúde emocional individual e o sentimento de se sentir real (Winnicott, 1967a, p. 18 – o grifo é do autor).

Ainda que a noção de saúde para Winnicott (1967a) inclua "a idéia de uma vida excitante e da magia da intimidade" (p. 14), o principal de sua reflexão a esse respeito é um tanto mais complexo:

> A vida de um indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimentos conflitivos, dúvidas, frustrações, tanto quanto por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher sintam que estão vivendo sua própria vida, assumindo responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou as censuras pelas falhas. Em outras palavras, pode-se dizer que o indivíduo emergiu da dependência para a independência, ou autonomia. (Winnicott, 1967a, p. 10).

A saúde está relacionada a uma flexibilidade das defesas que permitem ao indivíduo adaptar-se criativamente às exigências sempre mutantes e renovadas da vida. A simples ausência de neurose ou de sintomas psiquiátricos não significa saúde. Ela deve incluir a possibilidade de o indivíduo dispor do seu potencial de forma espontânea e criativa. Apenas o verdadeiro *self* pode ser criativo. Com isso tocamos o cerne da teoria winnicottiana da agressividade: o valor positivo da agressão. Para Winnicott (1954) há "um princípio fundamental da existência: tudo aquilo que provém do verdadeiro *self* é sentido como real (e posteriormente como bom), qualquer que seja sua natureza, sempre agressiva" (p.389). Vale assinalar que o gesto espontâneo – o verdadeiro *self* em ação - não é pura impulsividade, trata-se de um gesto que se efetiva em sintonia com acontecimentos do mundo. No entanto, como assinala Davis (1985), nem sempre é fácil compreendermos esse valor positivo que Winnicott atribui à agressão – uma conquista do desenvolvimento, sinal de saúde: uma agressão que, em sua origem, é tanto criatividade quanto destrutividade. A

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

seguir, com os capítulos 3 e 4 desta tese pretendemos fornecer as condições necessárias a essa compreensão.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

3.

O poder do amor e a natureza múltipla do fenômeno agressivo

De todas as tendências humanas, a agressividade, em especial, é escondida, disfarçada, desviada, atribuída a agentes externos, e quando se manifesta é sempre uma tarefa difícil identificar suas origens.
(Winnicott, 1939)

As idéias fundamentais de Winnicott, no tocante à agressividade, nunca chegaram a se modificar realmente ao longo de toda a sua vida. De fato, elas foram sendo enriquecidas e elaboradas, desde seu primeiro trabalho intitulado Agressão, de 1939, até suas últimas contribuições, a partir da sua preocupação com o papel da agressividade no desenvolvimento do indivíduo (Abram, 2000). Para Winnicott, a agressividade está sujeita a várias vicissitudes: à medida que o bebê cresce ela será vivenciada através de processos totalmente dependentes do tipo de ambiente com que ele, o bebê, se depara.

Para Phillips (1988), por trás dos principais trabalhos de Winnicott na década de 1950[1] estava o seu interesse acerca do papel da agressividade no desenvolvimento emocional. "Era a natureza da agressão e o seu papel no desenvolvimento que, efetivamente, o deixava perplexo" (Phillips, 1988, p.103). Ainda que fosse evidente, para Winnicott, a participação essencial da agressividade ao processo de individuação, não era óbvio que se tratasse de um instinto que pudesse ser comparável ao instinto sexual. Na opinião de Phillips, em Winnicott, à temática da agressividade encontra-se associada tanto aos seus '*insights'* mais poderosos bem como às suas formulações mais obscuras.

Não era usual entre os psicanalistas, àquela época, a noção de realização do *self* (*self*-realization): "na psicanálise os instintos tinham vicissitudes ou destinos, mas não *selves*" (Phillips, 1988, p.104). Klein, desenvolvendo o conceito freudiano de pulsão de morte, havia proposto uma teoria que tinha por base o caráter inato da destrutividade infantil, a qual ela se referia em termos de ódio, sadismo ou inveja. Winnicott (1960b) não se cansa de prestar tributo ao trabalho de Klein, reconhecendo que "as pesquisas de Klein acrescentam mais à teoria de Freud ao clarificar a inter-relação entre as ansiedades

[1] Para Phillips (1988) esses artigos seriam: *Preocupação Materna Primária* (1956), *a Tendência Anti-Social* (1956) *e Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais* (1951).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

primitivas e os mecanismos de defesa" (p. 42). A seu ver, ao se ocupar com a análise de crianças muito pequenas, o trabalho de Klein lançava luz sobre a infância mais precoce, chamando "atenção para a importância dos impulsos agressivos e destrutivos que estão situados mais profundamente do que aqueles que são reativos à frustração e relacionados ao ódio e à raiva" (Idem).

Winnicott (1962c) não achava válida a idéia freudiana de instinto de morte, bem como considerava desorientador e extremamente simplista o uso que Klein fazia da palavra ódio. No entender de Phillips (1988), ele "tentou suplantar vocabulário de Klein – o qual, a seu ver, havia patologizado o desenvolvimento comum – com uma história natural do papel da agressão no desenvolvimento emocional" (p.105). A noção de realização do *self*, juntamente com a de agressividade, constituem o cerne da sua teoria do desenvolvimento que tem no poder do amor sua pedra fundamental. Ao final da década de 30, insurgindo-se contra o pensamento dominante àquela época, Winnicott irá associar a temática da agressividade aos poderosos impulsos do amor primário que visam a realização do *self*, inaugurando uma linha de pesquisa que se tornaria uma das vigas mestras da sua teoria e o acompanharia até o final da sua vida.

A partir da sua preocupação inicial com o papel da agressividade no desenvolvimento do indivíduo, Winnicott acabou por produzir uma extensa investigação que veio renovar o debate acerca tanto da criatividade quanto da destrutividade inerentes à natureza humana. Ao longo desse trajeto, a agressividade irá se revelar como um fenômeno de natureza múltipla. Como veremos, a seguir, num primeiro momento, ele estará preocupado preferencialmente em propor e sedimentar novas bases para o estudo do fenômeno agressivo. Não apenas ele reconhece na agressão primária - ao invés dos impulsos destrutivos da pulsão de morte -, a expressão do amor primário, como também, a partir de 1945, chamará atenção para a importância decisiva dos fatores ambientais quanto aos sentidos que esses impulsos poderão adquirir. Com a teorização, na década de 1950, dos *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais,* surge, com todo vigor, a questão da criatividade, revelando, através do gesto espontâneo, a face criativa dos impulsos agressivos. Por fim, em sua última contribuição, *O Uso de Um Objeto e Relacionamento Através de Identificações*, apresentada perante a Sociedade Psicanalítica de Nova York em novembro de 1969, Winnicott irá postular o valor positivo da destruição. Como observa

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Phillips (1988), para Winnicott, "agressão não era uma coisa única, e os propósitos aos quais ela servia no desenvolvimento do indivíduo mudaram com o tempo" (p.104).

Nosso objetivo é apresentar a evolução do pensamento de Winnicott, no tocante à questão da agressividade, acompanhando-o nos vários momentos da sua investigação. Como ele mesmo afirmaria, em um de seus últimos trabalhos, é a "idéia de um primeiro impulso destrutivo é a que é difícil de compreender. É isto que precisa de atenção e debate" (Winnicott, 1968f, p.186). Desse modo, esperamos criar as condições necessárias para uma melhor compreensão e avaliação das suas formulações, em sua complexidade e abrangência.

3.1 Agressão primária - o outro nome do amor dos começos

> *Posso apoiar minha tese citando Freud, que escreveu que, de acordo com Empédocles, o poder do amor* ***esforça-se por aglomerar as partículas primeiras dos elementos (do universo e do homem), dos quatro elementos em uma unidade única...*** *(Winnicott, 1968 – o grifo é do autor)*

A expressão *agressão primária* apareceu pela primeira vez em 1939, no trabalho inaugural de Winnicott sobre o tema da agressividade - *Agressão*. Nesse momento, ele postula a existência de uma agressão primária que será descrita enquanto "uma voracidade teórica ou amor-apetite primário, que pode ser cruel (*ruthless)*, doloroso, perigoso, mas só o é por acaso. O objetivo do bebê é a satisfação, a paz de corpo e de espírito" (Winnicott, 1939, p.97).

Por volta de 1936, fugindo da crescente ameaça nazista, um contingente considerável de analistas havia buscado abrigo na Sociedade Britânica de Psicanálise. A oposição teórica – e apaixonada – suscitada pelo trabalho de Klein havia chegado a um clímax com a publicação, em 1935, de *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníacos depressivos*. Nesse artigo, ao introduzir o conceito de posição depressiva, Klein desloca a centralidade do complexo de Édipo na estruturação da vida psíquica. Em 1938, "a oposição a Klein foi ainda mais reforçada com a chegada da família e amigos de Freud... A maioria das partes em conflito achava-se agora reunida sob um só teto, o da Sociedade Britânica de Psicanálise" (Kohon, 1994, p.32).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Winnicott participa dessa efervescência teórica abstendo-se de tomar partido. Ao final de 1935, responde ao artigo de Klein através de *A Defesa Maníaca*, trabalho este, que "o qualificou como membro da Sociedade Britânica de Psicanálise" (Phillips, 1988, p.55). Na opinião de Khan (2000), encontramos nesse texto, "a primeira formulação [de Winnicott] contendo o seu ponto de vista sobre a pessoa humana... Nesse trabalho, Winnicott já assume o seu ponto de vista característico" (p.14):

> Passei a confrontar a realidade externa não tanto com a fantasia, quanto com a realidade interna... Faz parte da defesa maníaca do indivíduo a sua incapacidade de aceitar o significado pleno da realidade interna. O termo 'realidade psíquica' não envolve qualquer localização da fantasia. O termo 'realidade interna' pressupõe a existência de um interior e de um exterior, e portanto de uma membrana limitadora pertencente ao que atualmente chamo de 'psicossoma'(nota acrescentada em 1957). A realidade interna deve ser ela própria descrita em termos de fantasia. Não é, porém, sinônimo de fantasia, visto que este termo é usado para indicar a fantasia que é pessoal e organizada, relacionada historicamente a experiências físicas de excitação, prazeres e dores da infância. A fantasia é uma parte dos esforços do indivíduo para lidar com a realidade interna. Pode-se dizer inclusive que a fantasia – atualmente eu diria o 'fantasiar' (nota acrescentada em 1957) – e o devaneio são manipulações onipotentes da realidade externa. O controle onipotente da realidade implica em fantasias sobre essa realidade. O indivíduo chega à realidade externa através das fantasias onipotentes elaboradas na tentativa de livrar-se da realidade interna. (Winnicott, 1935, p.199-200 – os grifos são do autor).

A noção de mundo interno, introduzida por Winnicott em 1935, é fundamental para compreensão de suas idéias sobre agressividade, formuladas em 1939. Como observa Davis (1981), para Winnicott, "é sob a influência da realidade interna que o mundo adquire forma para o bebê e a criança" (p. 30).

> Ao oferecermos uma descrição extremamente minuciosa do comportamento do bebê ou da criança, estamos deixando de fora pelo menos a metade, pois a riqueza da personalidade é, predominantemente, um produto do mundo de relações internas que a criança está construindo o tempo todo através do dar e receber psíquico, algo que ocorre permanentemente e é paralelo ao dar e receber físico que se pode facilmente presenciar (Winnicott, 1939, p.98).

Winnicott propõe, então, uma investigação sobre os comportamentos e sentimentos agressivos que tem por base uma diferenciação entre idéias e experiência, entre intenção e possibilidade. A tese principal defendida por ele, em 1939, encontra-se, em linhas gerais, resumida nesta passagem:

> Se é verdade que o bebê tem uma grande capacidade para destruição, não é menos verdadeiro que ele também tem uma grande capacidade para proteger o que ama de sua própria destrutividade, e a principal destruição existe sempre, necessariamente em sua

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> fantasia. E, quanto a essa agressividade instintiva, é importante assinalar que, embora se torne em breve algo que pode ser mobilizado a serviço do ódio, é originalmente uma parte do apetite, ou de alguma outra forma de amor instintivo. É algo que recrudesce durante a excitação, e seu exercício é sumamente agradável.
> Talvez a palavra voracidade expresse melhor do que qualquer outra a idéia de fusão original de amor e agressão, embora o amor neste caso esteja confinado ao amor-boca (Winnicott, 1939, p.97).

Estamos em 1939, ano que marca o início da Segunda Grande Guerra. Em 16 de Dezembro deste ano, Winnicott, junto com John Bolby e Emanuel Miller, envia uma carta ao *British Medical Journal*, alertando as autoridades em relação aos "perigos da evacuação das cidades de crianças com menos de cinco anos" (Winnicott, C. et all., 1984, p.5).

Para Abram (2000), Winnicott encontra-se empenhado em descrever a experiência do bebê com sua própria agressão. Ao mesmo tempo em que fornece uma série de exemplos de como a agressividade primária se manifesta nas relações externas, expõe a noção de um mundo interno, no qual a agressividade surge a partir da fantasia. Ele empreende, neste momento, uma "exploração da fantasia de destruição contida na agressão primária, bem como da inibição do desejo verdadeiro de destruir" (p.7), introduzindo a diferenciação, que será elaborada por ele nos anos subseqüentes, entre a destruição que ocorre na fantasia e aquela que é atuada. Uma noção que será central na sua teoria sobre o uso de um objeto, formulada em 1968.

Através da diferenciação entre o plano das fantasias e o plano da experiência, entre o plano da intenção e o das possibilidades, Winnicott sustenta que, por mais que a agressão primária do bebê possa ser considerada abominável, por um observador, a princípio, ela não é vivenciada por ele (o bebê) dessa forma. E, portanto, como assinala Abram (2000), "não faz parte do vocabulário emocional do bebê" (p.8). Do mesmo modo, ele é sensível ao fato de que "muito rapidamente os bebês passam a proteger o seio, e na verdade é muito raro que mordam com o objetivo de ferir" (Winnicott, 1968a, p. 26). No seu entender, "se admitirmos que o bebê pode machucar, e sente um impulso para isso, teremos de admitir também a existência de uma inibição dos impulsos agressivos, facilitando a proteção do que é amado e está, portanto em perigo" (Winnicott, 1939, p. 97).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

É importante notar que, com a noção de agressão primária Winnicott deixa os impulsos agressivos, em sua origem, mais próximos dos impulsos libidinais de Eros[2], numa época em que agressividade era praticamente sinônimo de destrutividade e pulsão de morte. Como assinala Phillips (1988), a teoria desenvolvida por Klein a partir do conceito freudiano de pulsão de morte, "tinha certeza quanto a destrutividade inata do bebê, a qual ela freqüentemente chamava de maneira simplificada 'ódio', o qual era oposto, numa simplicidade alegórica rígida, ao amor" (Phillips, 1988, p.104). A seu ver, é através da elaboração de uma compreensão sobre a temática da agressividade que Winnicott irá se separar, finalmente, de Klein.

3. 2 A ausência de compaixão (*ruthlessness*)[3] do bebê

> *Nos termos de Winnicott, a criança tem um direito natural de usar a mãe, inicialmente, impiedosamente para o reconhecimento e a gratificação que seu desenvolvimento requer.*
>
> *(Phillips, 1988)*

Como teremos oportunidade de observar, "em 1945 o pensamento de Winnicott quanto à agressão alargou-se consideravelmente" (Abram, 2000, p.9). Este ano marca tanto o término da Segunda Guerra Mundial, quanto o fim das Grandes Controvérsias no interior da Sociedade Britânica de Psicanálise, que trouxe consigo a formação dos grupos dos freudianos e dos kleinianos, o que acabou por contribuir para o surgimento do *Middle*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

---

[2] De fato, com teremos oportunidade de ver um pouco mais adiante, a crítica de Winnicott ao conceito freudiano de pulsão de morte é correlata de uma maneira muito pessoal de conceber o desenvolvimento pulsional. Nesse contexto, o valor desse comentário é muito mais esquemático do que propriamente de precisão teórica.

[3] *Ruthlessness* é uma palavra chave na obra de Winnicott que, no entanto, tal como *concern, holding e timing,* apresenta enormes dificuldades quanto a sua tradução. No dicionário Webster's (1982) encontramos: r*uthless* (adj.), implacável, sem piedade, cruel, desumano e *ruthlessness* (subst.), crueldade, impiedade,desumanidade. Segundo Bogomoletz (2000), a "idéia básica é a de que é *ruthless* quem não percebe ou não dá importância à dor que provoca" (p.230). Sua sugestão é de que "*ruthless* (adj.) seja traduzido por 'sem compaixão ou piedade ('impiedoso') e *ruthlessness* (subst.), por 'ausência de piedade ou compaixão' (p.10). A seu ver, a palavra *crueldade*, freqüentemente utilizada para traduzir o substantivo *ruthlessness*, tem a desvantagem de que "no sentido que normalmente damos a esta palavra em português, ela possui uma conotação hostil, indicando a atitude ou a disposição de fazer o mal" (Bogomoletz, 1990, p.11). Nesse trabalho, acatamos as sugestões de tradução de Bogomoletz, as palavras cruel/crueldade aparecerão apenas quando se tratar de citação de texto que as adote como opção de tradução. Com o intuito de minimizarmos as dúvidas, decidimos manter o termo original em inglês entre parênteses ao lado da tradução utilizada. Para maiores esclarecimentos recomendamos ao leitor a *Nota Introdutória à Tradução* em *Natureza Humana* in Winnicott, 1988[54]; S*obre a Tradução* e N.T. à pág. 230, in Winnicott (2000[1958]).

Group, do qual Winnicott veio a tomar parte. Pela primeira vez na história da psicanálise uma divergência teórica não terminava em rompimento, uma "realização característica dos psicanalistas britânicos, alcançada mediante sua notável capacidade de conciliação" (Kohon, 1994, p.35).

Em novembro de 1945, Winnicott apresenta à Sociedade Britânica de Psicanálise o artigo *Desenvolvimento Emocional Primitivo*. Na opinião de Phillips (1988), este trabalho funciona como um verdadeiro "divisor de águas" em sua obra, na medida em que "reúne vinte anos de experiência clínica como psicanalista e pediatra, e fornece um pano de fundo para todas as suas especulações posteriores" (p.76). Para Khan (2000), nele, Winnicott (1945a) tenta explicitar com maiores detalhes, e numa linguagem mais pessoal, o argumento inaugurado por ele, dez anos antes, em *A Defesa Maníaca*, postulando os três processos que constituem os primórdios da realidade interna. São eles: "1- a integração; 2 - personalização; 3 - em seguida a estes, – a apreciação do tempo e do espaço e de outros aspectos da realidade – numa palavra, a realização" (p. 222).

Ao mesmo tempo em que Winnicott (1945a) aposta na existência de um potencial herdado, comprometendo-se com a idéia de processos 'naturais' de desenvolvimento, ele chama atenção para a importância dos fatores ambientais, especialmente da mãe, na criação das condições que favoreçam o desabrochar desse potencial. No seu entender, os processos de integração, personalização e realização são colocados em marcha, ajudados pela "experiência instintiva e a repetida e silenciosa experiência de estar sendo cuidado fisicamente" (p. 225).

Depois de se dedicar aos processos de integração e personalização, ele passa a explorar "os primeiros passos no desenvolvimento da relação com a realidade externa, e da fantasia com a realidade externa" (Idem, p. 229), uma "questão de dimensões colossais" (Idem), que alcançamos imediatamente com o fenômeno da integração. Nessa empreitada, ele lança as bases dos argumentos que se tornarão o eixo central da sua teoria sobre agressividade e, encontra-se relacionado com o contato com o princípio de realidade. Àquela época, era uma tendência dominante na teoria analítica localizar a origem da agressividade na reação às inevitáveis frustrações inerentes à entrada do princípio de realidade. Para Winnicott, no entanto, "a agressividade, que é relativa a frustração,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

pressupõe um alto grau de amadurecimento, impossível de ser concebido nos momentos iniciais" (Dias, 2000, p. 11).

Assim, ele inaugura o seu ponto de vista observando que, "freqüentemente ouvimos falar das frustrações muitíssimo reais impostas pela realidade externa, mas com muito menos freqüência ouvimos algo sobre o alívio e a satisfação que ela proporciona" (Winnicott, 1945, p. 228). Ele esclarece que, ainda que o leite real seja mais satisfatório que o leite imaginário, "este não é o problema" (Idem).

> O problema é que na fantasia as coisas funcionam de um modo mágico: não há freios na fantasia, e o amor e o ódio têm conseqüências alarmantes. A realidade externa tem freios e pode ser estudada e conhecida, e a verdade é que o impacto total da fantasia pode ser tolerado somente quando a realidade é suficientemente levada em conta (Winnicott, 1945a, p. 228).

Para Winnicott, "o subjetivo é tremendamente valioso, mas é tão alarmante e mágico que não pode ser usufruído, exceto enquanto um paralelo ao objetivo" (Idem). No seu entender, a possibilidade de uma percepção objetiva do mundo, bem como a atitude científica, têm como fundamento o relacionamento primário com a mãe.

> É especialmente no início que as mães são vitalmente importantes, e de fato é tarefa da mãe proteger o seu bebê de complicações que ele ainda não pode entender, dando-lhe continuamente aquele pedacinho simplificado do mundo que ele, através dela, passa a conhecer... Toda a falha relacionada à objetividade, em qualquer época, refere-se à falha nesse estágio do desenvolvimento emocional primitivo (Winnicott, 1945a, p. 228).

Paralelamente à importância atribuída à realidade, ele considera que "a fantasia não é algo criado pelo indivíduo a fim de lidar com as frustrações da realidade externa" (Idem). A seu ver, "isto só é verdade em relação ao devaneio" (Idem). O ponto central da sua argumentação repousa no fato de que "a fantasia é mais primária que a realidade, e o enriquecimento da fantasia com riquezas do mundo depende da experiência da ilusão[4]" (Idem). Com Winnicott, a fantasia deixa de ser um substituto da realidade para se transformar no único meio através do qual podemos ter acesso a essa mesma realidade.

Com essas idéias ele apresentava os rudimentos daquilo que viria a ser a sua teoria da dependência. Ele inaugurava, assim, uma perspectiva que reconhecia a

[4] A temática relativa a experiência da ilusão aparece desenvolvida no capítulo 4 desta tese.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

possibilidade de um contato com o princípio de realidade que não fosse traumático (relativo à frustração).

> Para que essa ilusão se dê na mente do bebê, um ser humano precisa dar-se ao trabalho permanente de trazer o mundo para ele num formato compreensível e de um modo limitado, adequado às suas necessidades. Por esta razão não é possível a um bebê existir sozinho, física ou psicologicamente, e de fato é preciso que uma pessoa específica cuide dele no início (Winnicott, 1945a, p. 229).

Nesse contexto, Winnicott postula a existência de *self* primitivo impiedoso (*ruhless*), indicando com isso a ausência de compaixão que se manifestaria antes do bebê começar se sentir preocupado ou concernido (*concerned*) com os resultados das suas experiências instintivas.

> É preciso postular a existência de um relacionamento objetal inicial impiedoso (*ruhless*). Novamente, talvez esta seja apenas uma fase teórica, e ninguém consegue ser impiedoso (*ruhless*) depois da fase do *concern,* a não ser em estados dissociados. Mas os estados de ausência de compaixão (*ruhlessness*) dissociada são comuns no início da infância, e emergem em certos tipos de delinqüência e de loucura, e precisam estar disponíveis na saúde. A criança normal tem prazer na relação impiedosa (*ruhless*) com a mãe, geralmente em meio a brincadeiras, e ela precisa da mãe porque esta é a única de quem se pode esperar que tolere a sua ausência de compaixão (*ruhlessness*) mesmo por brincadeira, pois isto na verdade a fere e a cansa. Sem a possibilidade de brincar sem compaixão, a criança terá que esconder o seu eu (*self*) impiedoso e dar-lhe vida apenas em estados dissociados (Winnicott, 1945a, p. 230 – os grifos estão no texto estabelecido em português).

Ao invés de conceber, tal como Klein, um sadismo inato, Winnicott (1945a) defende a idéia de um relacionamento objetal inicial impiedoso (*ruhless*), inerente à exploração benigna e 'natural' que o bebê faz de sua mãe. A criança normal, nos diz Winnicott, "tem prazer na relação impiedosa (*ruhless*) com a mãe, geralmente em meio a brincadeiras, e ela precisa da mãe porque esta é a única de quem se pode esperar que tolere a sua ausência de compaixão (*ruhlessness*) mesmo por brincadeira, pois isto na verdade a fere e a cansa" (p. 230). Ele postula que um *self* impiedoso (*ruthless*) antecederia um *self* concernido (*concerned*) ou, mais especificamente, que a capacidade de sentir compaixão é dependente, para o seu desenvolvimento, que tenha sido possível ao *self* impiedoso se expressar.

Na opinião de Phillips (1988), a ausência de compaixão dos impulsos primitivos foi uma das contribuições mais significantes de Winnicott à teoria psicanalítica. A seu ver, trata-se de uma idéia que, sem dúvida, era extremamente perturbadora para ele, na medida

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

em que uma preocupação (*concern*) precoce com o objeto poderia significar inibição do desenvolvimento.

Um aspecto crucial, exemplar da maneira como a agressividade, no entender de Winnicott, afeta o desenvolvimento emocional do bebê, repousa no modo como esse *self* impiedoso obtém uma resposta da mãe. "Se o bebê é obrigado a ocultar seu *self* cruel por causa de um ambiente incapaz de tolerar a agressão, isso acarretará uma dissociação, - isto é, uma não-integração, um desconhecimento e uma divisão" (Abram, 2000, p.10). Segundo Abram, é esta dissociação que Winnicott irá explorar em 1947, em um de seus mais importantes trabalhos, *Hate in the Countertransference.*

O trabalho realizado por Winnicott com psicóticos adultos, bem como sua experiência na remoção de crianças durante a guerra, reforçaram a sua impressão de que seria a provisão ambiental e não exclusivamente a constituição humana, tal como era concebida pela psicanálise, até então, que conduziria a psicopatologia.

Abram (2000) observa que Winnicott irá se referir, posteriormente, a esse período como 'pré-remorso' ou 'pré-preocupação' (*concern*), ou seja, anterior a fase por ele descrita como do *concern*. "Em outras palavras, o bebê não possui qualquer consciência de sua crueldade. Apenas ao entender que é capaz, é que, então, se volta e diz 'Eu fui cruel'" (p.10).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

3.2.1 O ódio da mãe pelo seu bebê

Quando te vi
Logo percebi
Que eu estava pra sempre ligado a você

Senti tal agonia,
Tanta antipatia
Tamanho cretino é você

Sei que estou errado,
Ninguém é tão culpado
Mas todos precisam de alguém para amar

Com ódio é igual,
E equilibra legal
Ter alguém para sempre odiar

Um ódio tão puro,

Um desprezo tão duro,
Nojo tão profundo me faz renascer
Meu antipodal, meu maior baixo astral
Pesadelo pra mim é você
(Aroeira)

Em 1947, a partir de sua experiência clínica com pacientes psicóticos e anti-sociais, Winnicott empreende uma ampla reflexão sobre a incidência clínica do ódio que resulta em um artigo que se tornaria um de seus mais conhecidos trabalhos, emblemático do seu pensamento a esse respeito, *O Ódio na Contratransferência.* Vale notar que a tese a respeito do ódio, e tudo aquilo que brota dela neste texto, permanece a mesma na totalidade da obra de Winnicott.

Reconhecendo a complexidade do problema do ódio e suas raízes, Winnicott (1947a) se propõe a abordá-lo a partir de um determinado ponto: a tensão emocional a que está submetido o analista ao lidar com os pacientes psicóticos e anti-sociais, avaliando sobremaneira os sentimentos hostis que surgem na contratransferência[5], ou seja, no analista. Dando continuidade aos debates travados com Klein, ele sugere a importância clínica de se efetuar a distinção entre a agressividade primária, inerente aos impulsos do amor primário, e a "coincidência de amor e ódio [que] é algo que sempre aparece caracteristicamente na análise de psicóticos" (p.279). Para ele,

> Essa coincidência de amor e ódio à qual me refiro é algo distinto da agressividade que complica o impulso do amor primitivo, e implica em que na história desse paciente ocorreu um fracasso do ambiente à época dos primeiros impulsos instintivos em busca do objeto (Winnicott, 1947a, p.279).

Winnicott se refere à 'coincidência de amor e ódio' para designar o fenômeno do amor-ódio simultâneos, índice da incapacidade do paciente psicótico de estabelecer uma distinção entre ambos. "O paciente terá a profunda convicção de que o analista só é capaz de relacionar-se com ele a partir desse mesmo fenômeno brutal e perigoso... dando margem a problemas de manejo que podem facilmente exigir do analista mais do que ele pode dar" (Idem). Como assinala Abram (2000), para Winnicott, a capacidade de odiar está

[5] Abram (2000) observa que, em 1947, o termo *contratransferência*, conceitualmente, não era visto pela teoria psicanalítica senão como um problema para o psicanalista. A autora observa que os principais textos seminais sobre essa temática surgiriam apenas a partir de 1949. A seu ver, trata-se de um termo que Winnicott utiliza em raros momentos da sua obra, ainda que possamos relacionar a totalidade de sua contribuição sobre a técnica analítica ao que hoje é entendido como sendo contratransferência – um instrumento de pesquisa do inconsciente do paciente (Heimann, 1950). É digno de nota que, neste artigo, o uso que Winnicott faz dessa noção não se distingue daquele que é feito pela maior parte dos psicanalistas em 1947.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

relacionada a possibilidade de compreensão do ódio como algo distinto do amor, uma conquista, indicativa que uma determinada fase do desenvolvimento foi alcançada.

Diferentemente de Klein, para quem o ódio, o sadismo e a inveja eram manifestações dos impulsos da pulsão de morte e, portanto, constitucionais, Winnicott sustenta que o ódio é uma emoção dependente de intenção, ou seja, dependente dos processos de integração - um bebê imaturo ainda não dispõe de intenção consciente. Winnicott lança mão do texto de 1915, *A Pulsão e suas Vicissitudes* - no qual, a seu ver, Freud apresenta idéias originais e esclarecedoras sobre o ódio -, a fim de corroborar as suas razões de acreditar que o conceito ódio constitucional é insustentável:

> Somos capazes de dizer sem pensar muito que o instinto 'ama' o objeto pelo qual anseia para fins de satisfação, mas se dissermos que o instinto 'odeia' um objeto isto nos soará muito estranho, e assim percebermos que as atitudes de amor e ódio não podem caracterizar o relacionamento do instinto com o objeto, mas devem ficar restritas ao relacionamento do ego como um todo com os seus objetos (Freud, apud, Winnicott, 1947a, p. 285).

> Acredito que esta é uma afirmação verdadeira e importante. Significaria isto que a personalidade deveria estar integrada antes que possamos dizer que o bebê odeia? Tão cedo quanto possa ocorrer a integração – e talvez ela aconteça antes num auge de excitação ou raiva – há um estágio teoricamente anterior no qual o que quer que o bebê faça que seja capaz de machucar não é feito a partir do ódio. Utilizei a expressão amor impiedoso (*ruthless love*) para descrever esse estágio. Seria isto aceitável? À medida que o bebê torna-se capaz de se sentir uma pessoa inteira, o termo 'ódio' passa a ter sentido para descrever um certo conjunto de seus sentimentos (Winnicott, 1947a, p. 285).

Para Winnicott, uma pessoa inteira (total) "é o indivíduo que conseguiu alcançar o 'status unificado' e capaz de distinguir entre 'eu' e 'não-eu', dentro e fora" (Abram, 2000, p.11), algo, portanto, que está relacionado a uma fase relativamente avançada do desenvolvimento infantil. Em sua teoria do desenvolvimento, ele sustenta que de início, na fase de dependência absoluta, a agressividade do bebê surge para ser necessariamente impiedosa (*ruthlessness*). Nesse contexo, o ódio é uma emoção complexa que só aparece depois de um longo caminho já haver sido percorrido em termos de desenvolvimento.

Por outro lado, de modo surpreendente, Winnicott (1947a) irá afirmar que "a mãe, no entanto, odeia o seu bebê desde o início" (p. 285). Ele fornece uma lista[6] de dezoito razões para que a mãe odeie o seu bebê. Todas são conseqüências do uso impiedoso

[6] A lista completa encontra-se em Winnicott, 1947a, p.285-6.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

(*ruthless*) que o bebê faz de sua mãe, em proveito de seu próprio desenvolvimento. Contudo, é importante que a mãe seja capaz de tolerar o sentimento de ódio contra o bebê sem fazer nada a esse respeito. "O ponto mais interessante a respeito da mãe é a sua capacidade de ser tão agredida e sentir tanto ódio por seu bebê sem vingar-se dele, e sua aptidão para esperar por recompensas que podem vir ou não muito mais tarde" (Idem, p. 286).

Ele chama atenção para a ajuda que a mãe recebe "das canções de ninar que ela canta e que felizmente o bebê não pode compreender" (Idem). Em nossa cultura, esse tipo de cantiga[7] é igualmente comum. Quem não se lembra desses versos? B*oi, boi, boi da cara preta, pega essa criança, que tem medo de careta*; *nana neném que a cuca vem pegar*; etc. O auxílio dessas canções advém do fato de a mãe poder expressar simbolicamente o seu ódio, por meio de versos que seu bebê não pode compreender. O ritmo o embala como que o protegendo desse ódio, que aparece denotativo na música, mas conotado na melodia e no tom da voz materna. A ambivalência é, dessa forma, um dado da experiência. Desse modo, o bebê experimenta, juntamente com o amor que a mãe lhe devota, um ódio que não é negado, que pode ser vivenciado de maneira não-intrusiva, adaptado pela mãe às suas possibilidades.

É importante notar que, nesse momento, uma atitude sentimental por parte da mãe pode ser muito prejudicial ao seu bebê: o sentimentalismo implica sempre na existência de um ódio que é negado. As canções de ninar não são sentimentais. Winnicott (1947a) acreditava não ser possível a uma criança tolerar toda extensão de seu ódio se ela se desenvolver em um ambiente sentimental. A criança, nos diz ele, "precisa de ódio para poder odiar" (p. 287).

A contrapartida clínica é que, "se isto é verdade, não podemos esperar que um paciente psicótico em análise consiga tolerar o seu ódio pelo analista a não ser que o analista possa odiá-lo" (Idem). Winnicott estabelece um paralelo entre o ódio que a mãe sente pelo seu bebê recém-nascido e o ódio que o analista sente, em determinados momentos, na análise de pacientes psicóticos, anti-sociais ou regredidos. Para ele, a relação mãe-bebê é o modelo primordial da situação analítica e a fonte para todas as analogias do

[7] No original: *Rockabye baby, on the tree top/ When the Wind blows the cradle will rock,/When the bough breaks the cradle will fall,/ Down will come baby, cradle and all.* Nana neném no galho lá em cima,/ Se o vento sopra o berço se inclina,/ Se o galho se parte o berço despenca,/ O bebê cai no chão e o berço arrebenta.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

seu trabalho. A partir de 1950, a importância da mãe ser capaz de tolerar o próprio ódio com relação ao seu bebê, sem fazer nada a esse respeito será, cada vez mais, enfatizada. Ela será formulada, então, como a necessidade de o objeto (mãe) sobreviver aos ataques impiedosos (*ruthless*) do seu bebê, sem retaliação.

Para Winnicott (1947a) a questão do ódio, em algum momento, torna-se um aspecto central na condução de um tratamento. Com o conceito de *ódio objetivo e legítimo* ele insiste na importância clínica do analista efetuar a diferenciação entre o plano das idéias e o da experiência, entre intenção e possibilidade. No seu entender, "uma das tarefas mais importantes na análise de qualquer paciente é a de manter a objetividade em relação a tudo aquilo que o paciente traz" (p.279). Um caso especial desse tema é:

> a necessidade de o analista ser capaz de odiar o paciente objetivamente. Acima de tudo ele não deve negar o ódio que realmente existe dentro de si. O ódio que é *legítimo* nesse contexto deve ser percebido claramente, e mantido num lugar à parte para ser utilizado numa futura interpretação (Winnicott, 1947a, p.279).

A conseqüência clínica de uma tal concepção é que, como ele postula, "em certos estágios de certas análises o ódio do analista é na verdade buscado pelo paciente, e nesses momentos é necessário expressar um ódio que seja objetivo" (Idem). Ele observa que, "quando o paciente está à procura de um ódio legítimo, objetivo, ele deve ter a possibilidade de encontrá-lo, caso contrário não se sentirá capaz de alcançar o amor objetivo. (Idem, p.283). No seu entender, "é preciso distinguir esse fenômeno do ódio que só se justifica num outro contexto, mas que é deflagrado por algum ato de um paciente. (Idem, p.284). Como ele mesmo afirma, "Se tudo isto for aceito, fica para ser discutida a questão de como interpretar o ódio do analista pelo paciente" (Idem). Uma questão que, em algum momento, torna-se crucial para o desenlace de uma análise e, no entanto, envolve sempre um certo risco:

> Trata-se de um problema que implica perigo, exigindo o mais cuidadoso *timing* possível. Creio, porém, que uma análise permanecerá incompleta, enquanto mesmo em sua última fase não seja possível ao analista contar ao paciente o que ele, analista, fez sem que o paciente soubesse, por estar tão doente nas fases iniciais. Enquanto esta interpretação não for feita, o paciente permanecerá de algum modo na condição de criança – incapaz de entender o que ele deve à sua mãe (Winnicott, 1947a, p.287).

Winnicott localiza na temática do ódio a dívida que temos com relação às nossas mães. Devemos a elas o fato de terem sobrevivido: de terem nos amado, mesmo nos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

odiando em nossa 'inocente' fúria implacável. Experiência inaugural de importância vital para a aceitação plena do potencial de nossa natureza humana. Facilmente concordamos com a assertiva do poeta de que todos "precisam de alguém para amar". O mais difícil é percebermos que "com ódio é igual/ e equilibra legal/ ter alguém para sempre odiar" (Aroeira). Sabemos que Winnicott reservou o termo ódio para descrever um sentimento complexo relativo a uma etapa avançada do desenvolvimento emocional. Ainda assim, ele não deixou de reconhecer as emoções extremamente fortes que perpassam a relação priomordial mãe-bebê, que são totalmente dependentes dos cuidados maternos quanto às possibilidades dos seus destinos.

3. 3 Agressividade e desenvolvimento emocional

O maior apetite do homem é
desejar ser. Se os olhos vêem
com amor o que não é, tem ser
(Pe. Antônio Vieira)

Em 1951, Winnicott publicou *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais*. Dentre as suas contribuições, talvez tenha sido esta a de maior repercussão. Na opinião de Phillips (1988), durante a década de 50 Winnicott tentou explicitar de forma mais detalhada e coerente os processos por meio dos quais o bebê realiza a transição entre a condição inicial de estar fundido com a mãe e a experiência posterior de estar separado dela. Qual é o papel da mãe nesses processos? Quais os meios que a criança lança mão, com o intuito de restaurar a continuidade da sua vida, se o meio-ambiente falhar em relação a ele? Por trás do interesse de Winnicott por essas questões havia a preocupação, que viria a ser título de um outro artigo seminal, *A Agressividade em Relação ao Desenvolvimento Emocional*. Na realidade, um conjunto de três artigos escritos entre 1950 e 1955 que, posteriormente, foram reunidos para fins de publicação sob essa rubrica. Para Abram (2000), nesse artigo, encontramos exposto, de forma definitiva, o pensamento de Winnicott a respeito do papel da agressão.

Winnicott reafirma, nesse momento, os pressupostos que norteiam sua reflexão sobre a questão da agressividade, ratificando, de forma contundente, a idéia que havia introduzido em 1939, de que "a energia instintiva recalcada constitui um perigo potencial

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

para o indivíduo e para a comunidade" (Winnicott, 1939, p.94). Em 1950, a idéia central que está por trás deste estudo da agressividade "é a de que, se a sociedade encontra-se em perigo, não é por causa da agressividade do homem, mas em conseqüência da repressão da agressividade pessoal nos indivíduos" (Winnicott, 1950-55, p. 288).

Nessa oportunidade, ele nos alerta quanto às enormes dificuldades que são inerentes ao estudo da agressividade:

> Numa psicologia total, ser roubado é o mesmo que roubar, e é tão agressivo quanto... E o mais difícil de tudo isso, possuir é tão agressivo quanto apoderar-se vorazmente... Estas são considerações dolorosas, pois dirigem a nossa atenção para certas dissociações ocultas, dentro do que é socialmente aceito na atualidade (Winnicott, 1950-55, p.288).

Como já mencionamos, no capítulo 2, em 1929, o próprio Freud já havia nos advertido nesse sentido, ao se referir às enormes resistências – internas e externas – que teve de enfrentar antes de poder afirmar a existência de uma pulsão de morte ou de destruição. Algo que, de certo modo, veio a acontecer apenas tardiamente em sua obra.

> A afirmação da existência de um instinto de morte ou de destruição deparou-se com resistências, inclusive em círculos analíticos... Para mim, elas são muito mais úteis, de um ponto de vista teórico do que quaisquer outras possíveis... Recordo minha própria atitude defensiva quando a idéia de um instinto de destruição surgiu pela primeira vez na literatura psicanalítica, e quanto tempo levou até que eu me tornasse receptivo a ela. Que outros tenham demonstrado, e ainda demonstrem, a mesma atitude de rejeição, surpreende-me menos, pois 'as criancinhas não gostam' quando se fala na inata inclinação humana para a 'ruindade', a agressividade e a destrutividade, e também para a crueldade (Freud, 1930[29], p 142).

Freud atribuiu a uma atitude, ao mesmo tempo, 'infantil'- 'as criancinhas'- e defensiva, nossa relutância em reconhecer a existência de motivações 'escusas' em nosso proceder – a agressividade e a crueldade inerentes a todo ser humano. De certo modo, cada um a seu modo, nos coloca diante do mesmo problema: a dificuldade intrínseca à assunção da responsabilidade por nossa agressividade. Como diz o dito popular, 'filho feio não tem pai'. Como admitir, por exemplo, a paternidade por essa agressividade 'inocente', inerente ao possuir-nosso-de-cada-dia? – "possuir é tão agressivo quanto apoderar-se vorazmente" (Winnicott, 1950-55, p.288). E, aqui, não estamos nos referindo a consumos desenfreados. A agressividade alheia, sem dúvida, é muito mais fácil de ser reconhecida: ela nos atinge, sentimos na carne.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Na década de 50, Winnicott irá propor a noção de dissociação como principal ferramenta teórica na abordagem desse problema. Em 1945, ele havia postulado uma não-integração primária como condição inaugural da vida psíquica, afirmando que "num início teórico a personalidade não está integrada" (Winnicott, 1945a, p.223), sugerindo que a questão da dissociação fosse entendida como uma decorrência dessa condição inicial do psiquismo. Segundo ele:

> o problema da não-integração acarreta outro, o da dissociação... Proponho que a partir da não-integração surja uma série de dissociações, devidas ao fato de a integração não se dar completamente, permanecendo parcial (Winnicott, 1945a, p.226).

Para Khan (2000), Winnicott utiliza-se, neste momento, do conceito de dissociação que havia sido introduzido por Glover, inaugurando uma linha de pesquisa que o levaria "a redigir a sua declaração definitiva sobre a dissociação na realidade interna no artigo *Distorções do Ego em Termos de Verdadeiro e Falso Eu (Self)"* (p.15). Um artigo cuja leitura é indispensável para a compreensão do trabalho clínico realizado por Winnicott, na medida em que "constitui uma revolucionária mudança de ênfase em relação à teoria e à prática daquela época" (Idem).

Como já mencionamos, em 1935, Winnicott havia afirmado a diferenciação necessária entre o plano das idéias e o da experiência. Essa questão é retomada, em 1947, com a noção de ódio objetivo. Ao propor, em 1950, que "a base para o estudo da agressividade real deve ser o estudo das raízes da intenção agressiva" (Winnicott, 1950-55, p.288), ele reafirma, mais uma vez, os pilares do seu ponto de vista. No seu entender, "todas as experiências são tanto físicas quanto não-físicas. As idéias acompanham e enriquecem as funções corporais, e estas acompanham e *realizam*[8] a ideação" (Idem, p.289 – o grifo é do autor).

Partindo desses pressupostos, Winnicott conclui que, em suas origens, a agressividade é uma função parcial, praticamente sinônimo de atividade:

> Antes da integração da personalidade, já lá está a agressividade. O bebê dá pontapés dentro do útero: não se pode dizer que ele esteja abrindo o caminho para fora a pontapés. Um bebê de poucas semanas agita os braços: não se pode dizer que ele esteja querendo golpear. O bebê mastiga os mamilos com suas gengivas: não se pode dizer que ele esteja pretendendo destruir ou machucar (Winnicott, 1950-55, p.289).

[8] Nota do autor: "de acordo com a expressão de Sechehaye, realização simbólica" (Winnicott, 1950-55, p.289).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

O aparecimento da intenção agressiva, ele esclarece, encontra-se intimamente relacionado ao funcionamento dos processos de integração e personalização:

> São essas funções parciais que aos poucos organizam-se na criança à medida que esta se torna uma pessoa, transformando-se em agressividade. Na doença o paciente apresenta atividades e agressividade não inteiramente intencionais. A integração da personalidade não é alcançada num determinado dia ou numa determinada época. Ela vem e vai, e mesmo quando alcançada em alto grau pode ser perdida devido a uma situação ambiental adversa. Ainda assim, o comportamento intencional surge em algum momento, quando há saúde. Na medida em que um comportamento é proposital, a agressividade é intencional. Surge aqui imediatamente a fonte da agressividade – a experiência instintiva. A agressividade faz parte da expressão primitiva de amor (Winnicott, 1950-55, p.289).

Em suma, Winnicott propõe que as manifestações agressivas sejam avaliadas como um fenômeno de natureza complexa que exige dos profissionais que dele se ocupam, antes de qualquer coisa, "manter a objetividade em relação a tudo o que o paciente traz" (Winnicott, 1947a, p.279). No seu entender, o estudo da 'agressividade real' e objetiva - que se manifesta no plano da experiência e difere daquela que se efetiva no nível das idéias e da fantasia – deve ser contemplado com uma perspectiva genética que leve em conta o grau de desenvolvimento emocional do indivíduo, possibilitando, assim, uma melhor investigação acerca das raízes da intenção agressiva.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

3.3.1 A agressividade e os estágios de desenvolvimento do ego

Em 1950, Winnicott propõe que um estudo sobre agressividade leve em conta os estágios de desenvolvimento do ego, os quais, ele divide em número de três, de acordo com a relação do indivíduo com os efeitos da experiência instintual:

Inicial	pré-integração propósito sem piedade (*ruthlessness*)
Intermediária	Integração propósito com piedade/culpa (*concern*)
Personalidade total	Relações interpessoais Situações triangulares etc

Conflitos, conscientes e inconscientes
(Winnicott, 1950-55, p.290).

Um estágio inicial, anterior à integração, no qual a agressividade teria um propósito impiedoso (*ruthlessness*); um estágio intermediário, no qual a integração da personalidade já é um fato, acarretando o surgimento do concernimento (*concern*) e do sentimento de culpa. O terceiro e último estágio seria aquele que, a seu ver, teria sido abordado pela teoria freudiana. Ele abarcaria as relações interpessoais, as situações triangulares, os conflitos, conscientes e inconscientes vivenciados pelo que ele designa como personalidade total[9].

Como observa Abram (2000), nessa empreitada, "Winnicott é muito explícito sobre o seu desejo de retomar a expressão cunhada por Melanie Klein, 'posição depressiva'" (p.12), enquanto elabora suas idéias sobre o destino da agressividade. Na opinião de Phillips (1988), Winnicott tenta "substituir o vocabulário de Klein – o qual, a seu ver, havia patologizado o desenvolvimento comum – por uma história natural do papel da agressão no desenvolvimento emocional" (p.105). De fato, ele não cansa de enfatizar que considera a posição depressiva como uma conquista do desenvolvimento normal e que, é "necessário examinar a agressividade para além da reação agressiva que inevitavelmente acompanha o impulso do Id, devida ao fracasso da experiência do Id decorrente do princípio de realidade" (Winnicott, 1950-55, p.296).

Ou seja, Winnicott (1950-55) discorda da tendência, comum no meio psicanalítico da sua época, que busca vincular as manifestações agressivas à entrada no princípio de realidade – portanto, um fenômeno reativo - e, principalmente à raiva devida à frustração. A seu ver, ainda que se possa dizer que "no impulso do amor primitivo encontraremos sempre uma reação agressiva, pois na prática não existe satisfação total do Id" (p.295), é preciso ter em mente que "o impulso do amor primitivo opera num estágio em que o ego está apenas começando a desenvolver-se, quando a integração ainda não é um fato estabelecido" (Idem, p.296), o que torna inadequada a referência a uma intenção agressiva. Para ele, as raízes da agressividade devem ser investigadas como um fenômeno independente das reações de raiva oriundas da frustração. Como ele mesmo afirma, sua

[9] "Uma pessoa total, segundo Winnicott, é o indivíduo que conseguiu alcançar um 'status unificado' e capaz de distinguir entre 'eu' e 'não-eu', dentro e fora" (Abram, 2000, p.11).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

intenção "é a de examinar a pré-história do elemento agressivo (destrutivo apenas por acaso) nas experiências iniciais do Id. Os impulsos do amor primitivo (Id) têm um aspecto destrutivo, embora não haja na criança a intenção de destruir" (Idem, p.296).

3. 3.1.1 O estágio do pré-concernimento[10] (*pre-concern*)

Em 1950, Winnicott retorna à questão da ausência de compaixão (*ruthlessness*) do bebê, no contexto da sua teoria do desenvolvimento emocional, trazendo à luz a temática do concernimento (*concern*): ele postula a existência de um estágio teórico no qual o concernimento estaria ausente. Nesse momento, ele afirma que a criança:

> Existe como uma pessoa e tem propósitos, mas não tem ainda concernimento quanto aos resultados. Ela ainda não considera importante o fato de que o ela destrói quando excitada é a mesma coisa que ela valoriza nos calmos intervalos entre as excitações. Seu amor excitado inclui um ataque imaginário ao corpo da mãe. Aqui vemos a agressividade como fazendo parte do amor (Winnicott, 1950-55, p.290-1).

Abram (2000) chama a atenção para um ponto de evolução no pensamento winnicottiano, extremamente importante de ser associado à essa passagem: enquanto no texto de 1945 ele se refere a um relacionamento objetal inicial impiedoso, em 1952, com *Ansiedade Associada à Insegurança*, ele se mostra preparado para postular, de forma categórica, um tempo anterior à relação de objeto, um tempo, no qual a mãe e o bebê encontram-se fundidos. Daí a sua afirmação:

> *Isso que chamam de bebê não existe*... Antes das relações de objeto as coisas são assim: a unidade não é o indivíduo, a unidade é o contexto ambiente-indivíduo. O centro de gravidade do ser não surge no indivíduo. Ele se encontra na situação global. Através do cuidado suficientemente bom, através das técnicas, da sustentação e do manejo geral, a casca passa a ser gradualmente conquistada, e o cerne (que até então nos dava a impressão de ser um bebê humano) pode começar a tornar-se um indivíduo (Winnicott, 1952b, p.166 – o grifo é do autor).

A ausência de compaixão (*ruthlessness*) do bebê, desde então, pertence a esse tempo, uma etapa de dependência absoluta, na qual mãe e bebê encontram-se fundidos. Nessa condição, o bebê "não é capaz de reconhecer sua dependência em relação à sua mãe e nem seu amor cruel (*ruthless*) por ela" (Abram, 2000, p.10). Ou seja, a partir da década de

[10] O termo *concern* não dispõe de tradução padronizada em nosso idioma. Elsa O. Dias e Zeljko Loparic, pensadores winnicottianos da atualidade, sugerem concernimento, em referência à concernir, dizer respeito, ter relação, referir-se. Encontramos ainda como alternativa, preocupação e, menos freqüente, envolvimento.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

50, torna-se evidente para Winnicott a impossibilidade de se pensar as questões relativas ao desenvolvimento infantil sem levar em conta o seu entorno. É inegável a importância decisiva do meio-ambiente quanto ao destino e ao sentido que os impulsos agressivos adquirem ao longo do desenvolvimento.

Na opinião de Phillips (1988), a partir do trabalho realizado com as crianças removidas durante a guerra, e os pacientes psicóticos, ficou cada vez mais difícil, para Winnicott, ignorar a pressão exercida pela realidade externa. As contribuições que ele fez, nos anos que se seguiram a esse período, atestam um processo de elaboração teórica que o conduziu a uma tolerância, cada vez maior, com relação à idéia de que "o relacionamento inicial impiedoso (*ruhless*) com a mãe era essencial ao desenvolvimento" (p.87). Torna-se evidente para Winnicott a importância, para a criança em desenvolvimento, que ela possa se encolerizar "com freqüência numa idade em que não precisa sentir remorso" (Winnicott, 1939, p. 97).

Nos principais trabalhos, escritos no final da década de 1940, Winnicott tenta descrever "a conexão vital entre a ausência de compaixão (*ruhlessness*) primitiva do bebê e a continuidade dos cuidados dos quais seu desenvolvimento depende" (Phillips, 1988, p. 87). Ao final, ele acaba por concluir que é a capacidade da mãe de se adaptar ao seu bebê, incluindo aí a sua sobrevivência a essa ausência de compaixão, que facilitaria ou sabotaria essa conexão.

Para Winnicott, o bebê que se encontra fundido à sua mãe é incapaz de discernir entre um 'eu' e um 'não-eu', entre dentro e fora, não tendo, portanto, nenhum tipo de preocupação ou responsabilidade com respeito aos resultados de seu amor impiedoso. Por outro lado, ele é sensível ao fato de que o bebê, desde os tempos mais remotos, experimenta dois tipos de relacionamentos com a mãe: um calmo e outro excitado[11]. Esse estado de coisas resulta numa dissociação primária da personalidade[12] – entre os estados calmos e excitados – que, para Winnicott, seria "a dissociação fundamental da personalidade" (Phillips 1988, p. 82). Como observa Phillips (1988), na medida em que, por um lado,

[11] Como observa Souza (2001), talvez tenha sido Balint um dos primeiros a efetuar uma crítica à ênfase concedida à voracidade pulsional, chamando a atenção para a importância, no início da vida psíquica, dos acontecimentos que se desenrolavam na quietude. Além de Winnicott, muitos ingleses do chamado Grupo dos Independentes partilhavam dessas idéias.

[12] Como veremos adiante, a temática relativa à dissociação primária da personalidade será, posteriormente, abordada por Winnicott em termos da distinção entre a mãe-ambiente e a mãe-objeto.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

somente depois da integração o bebê começa ter um *self*' e, por outro, "integração significa literalmente a combinação de partes" (Idem), podemos concluir que, para Winnicott, "é a dissociação – não o recalcamento ou a divisão (*splitting*), ambos os quais implicam num ego para fazer o trabalho – que obstrui o desenvolvimento posterior" (Idem).

3.3.1.2 O estágio do concernimento ou preocupação (*concern*)

Winnicott postula a existência de um estágio do concernimento ou preocupação (*concern*), numa referência explícita à fase descrita por Klein como 'posição depressiva' no desenvolvimento emocional. Para ele, era a capacidade para se preocupar e se sentir culpado que, mais do que a depressão, caracterizava a conquista, pelo bebê, desse estágio do desenvolvimento, o qual, em seu artigo *A Agressividade em Relação ao Desenvolvimento Emocional* ele descreve nos seguintes termos:

> A integração do ego já alcançou um grau em que o indivíduo pode perceber a personalidade da figura materna, e isto é tremendamente importante, pois tem como conseqüência o sentimento de concernimento quanto aos resultados de suas experiências instintivas, tanto físicas quanto ideativas.
> O estágio do concernimento traz consigo a capacidade de sentir culpa. Isto leva à transformação de uma parte da agressividade em fenômenos clínicos, tais como o sofrimento ou o sentimento de culpa, ou um equivalente físico como o vômito. A culpa refere-se ao dano que a criança imagina haver causado à pessoa amada nos momentos do relacionamento excitado. Na saúde é possível a criança dar conta da culpa, e com ajuda de uma mãe viva e atenta (que incorpora um fator temporal) torna-se capaz de descobrir um anseio pessoal por dar e construir e reparar. Assim, uma boa parte da agressividade transforma-se em funções sociais, e é desta forma que ela se manifesta. Ao sentir-se abandonada (quando não há quem aceite uma oferenda ou reconheça uma tentativa de reparação), essa transformação quebra e a agressividade reaparece. *A atividade social não pode ser satisfatória* a não ser quando se baseia num sentido de culpa pessoal a respeito da agressividade (Winnicott, 1950-55, p.291 – o grifo é do autor).

Para Winnicott, a chegada do bebê ao estágio do concernimento representa um marco importante do desenvolvimento emocional, comparável ao complexo de Édipo no desenvolvimento das crianças. No seu entender, com o conceito de posição depressiva, Klein havia desenvolvido "a idéia do conflito em um relacionamento simples a duas pessoas, do lactente com a mãe, conflito originado das idéias destrutivas que acompanham

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

o impulso amoroso[13]" (Winnicott, 1958a, p. 25). Ainda que reconhecesse o imenso valor da contribuição de Klein para o seu trabalho clínico, certos pontos de discordância eram, no entanto, cruciais para ele. Antes de tudo, considerava 'posição depressiva' um nome pouco apropriado. No seu entender, "estar deprimido é uma conquista e implica alto grau de integração pessoal e uma aceitação da responsabilidade por toda destrutividade que está ligada a viver a vida instintiva e à raiva à frustração" (Winnicott, 1962c, p.160).

Em 1954, com o artigo *A Posição Depressiva no Desenvolvimento Emocional Normal*, Winnicott tem por objetivo apresentar o conceito de Klein, de um modo pessoal. Sua intenção é enfatizar a posição depressiva enquanto uma conquista no desenvolvimento normal. No seu entender, Klein não havia dado destaque suficiente ao papel desempenhado pela mãe nesse processo: "o bebê ou a criança pequena chega a posição depressiva sendo sustentada pela mãe, porém, mais que isso, sendo sustentada ao longo de uma fase de sua vida" (Winnicott, 1954-55, p.356).

Winnicott (1954-55) tem em mente um fenômeno complexo, um elemento inerente no processo da passagem de cada indivíduo humano do estágio do pré-concernimento ao concernimento. Segundo ele, "a técnica da maternagem permite que o amor e o ódio coexistentes no bebê se distingam um do outro, e que em seguida venham a se inter-relacionar e tornem-se gradualmente controláveis a partir de dentro" (p. 356). Encontramos aqui a origem da ambivalência, ou seja, "o bebê se tornou capaz de combinar a experiência erótica com a agressiva e relativa a um único objeto" (Winnicott, 1963a, p. 72). Contudo, ele observa, tratar-se de algo que não se dá de uma vez por todas, mas sim, que "ocorre gradualmente, sob certas condições de maternagem, durante o período entre os cinco e os doze meses de idade, e pode não se completar até um momento muitíssimo posterior, sendo possível descobrir-se em análise que isto nunca ocorreu" (Winnicott, 1954-55, p. 360).

Assim, além de estabelecer o estágio do *concern* como um período de transição que pode ser, extremamente variável, em sua duração, Winnicott acreditava na existência de algumas precondições para a sua aquisição: "os estágios anteriores devem ter sido atravessados sem demasiados problemas, na vida ou na análise, ou em ambas, [...] o bebê

[13] Segundo Winnicott, nesse momento "a criança ainda não progrediu o bastante para fazer uso de um pai interventor... o bebê saudável vive [nesse momento] independente do pai, que por sua vez é absolutamente necessário para proteger a mãe" (Winnicott, 1988[54], p. 90).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

deve ter conseguido estabelecer-se como pessoa inteira" (Idem, p. 357). Em outras palavras, é preciso que o sentimento de ser uma unidade seja um fato para o bebê, o que permite que se possa presumir que ele esteja vivendo dentro de seu próprio corpo.

Winnicott (54-55) é enfático em afirmar que, "o desenvolvimento posterior à obtenção do *status* de unidade depende, [...] da simplicidade estável e confiável do ambiente" (Idem, p. 360 – o grifo é do autor). A seu ver, é necessário que o bebê possa contar com a colaboração atenta e sensível da mãe, a qual, seja capaz de sustentar uma dada situação por um certo período de tempo. Na sua opinião, Klein, em sua abordagem, não havia enfatizado suficientemente o papel decisivo da mãe para a conquista, pelo bebê, desse importante estágio do desenvolvimento – uma mãe viva e atenta, capaz de incorporar o fator temporal. A mãe, ao sustentar uma situação, por um certo período de tempo, dá ao bebê a oportunidade de elaborar as conseqüências de suas experiências instintivas. Por sua vez, essa sustentação precisa ser re-experimentada inúmeras vezes em um período, considerado por Winnicott, como um período crítico na vida do bebê.

O que ele designa por "período critico" constitui-se na realidade como um tempo de passagem e de transformação. Um intervalo temporal de duração variável, durante o qual irão se efetivar, de modo gradativo, mudanças importantes na vida do bebê, as quais culminarão com a progressão da ausência de compaixão (*ruthlessness*) inicial para a preocupação (*concern*) quanto aos resultados de suas experiências instintivas. Segundo Winnicott, trata-se de um progresso que pode ser descrito nos seguintes termos:

> Surge a idéia de uma membrana limitadora, e daí segue-se a idéia de um interior e um exterior. Em seguida desenvolve-se a idéia de um EU* e de um não-EU [*No original, ME e not-ME (N. do t.)]. Existem agora conteúdos do EU que dependem em parte de experiências instintivas. Desenvolve-se a possibilidade de um sentimento de responsabilidade pela experiência instintiva e pelos conteúdos do EU, e um sentimento de independência em relação ao que está fora. Surge um sentido para o termo 'relacionamento', indicando algo que ocorre entre pessoas, o EU e os objetos. A conseqüência é o reconhecimento de que há algo equivalente ao EU na mãe, o que implica em senti-la como uma pessoa; o seio é então visto como parte de uma pessoa (Winnicott, 1988[54], p. 88).

Em função da integração, as experiências instintivas começam a ser experimentadas pelo bebê como intenções pessoais. Contudo, ainda não há, para ele, uma clara distinção entre as suas intenções e o que de fato existe. Desse modo, "o 'ataque' impiedoso ao objeto, deflagrado pelo instinto, cede lugar a um crescente reconhecimento da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

mãe como a pessoa que cuida do Eu, ao mesmo tempo que é a pessoa que oferece uma parte de si para ser comida" (Winnicott, 1988[54], p. 89 – o grifo é do autor), tornando cada vez mais evidente a distinção entre os estados tranqüilo e excitado. Chega o momento em que o bebê começa a se dar conta da existência de dois usos inteiramente diferentes da mesma mãe: ela tanto é fonte de alimento quanto de conforto. É difícil para o bebê aceitar o fato de que a mãe, tão valorizada nas fases tranqüilas entre as mamadas, é a mesma pessoa que foi e será atacada impiedosamente nas fases de excitação. Winnicott (1963a) cunha as expressões "mãe-objeto" e "mãe-ambiente" para descrever, respectivamente, "a mãe possuidora do objeto parcial que pode satisfazer as necessidades urgentes do lactente, e a mãe como pessoa que evita o imprevisto e que ativamente provê o cuidado de suster e do manejo global" (p. 72).

A tese de Winnicott é de que o concernimento surge na vida do bebê como uma experiência altamente complexa, ao se unirem na sua mente a mãe-objeto e a mãe-ambiente. Nesse momento, do lado do bebê, duas coisas estão acontecendo:

> Uma delas é a percepção da identidade entre os dois objetos, a mãe dos momentos tranqüilos e a mãe usada e até atacada no auge da tensão instintiva. A outra é o início do reconhecimento de que existem idéias, fantasias, elaboração imaginativa da função, idéias e fantasias relativas ao fato, mas que não devem ser confundidas com o fato (Winnicott, 1954-55, p. 361-2).

Winnicott (1963a) chama atenção para a importância da 'fusão' que se realiza durante essa conquista do desenvolvimento emocional, enquanto o bebê experimenta impulsos agressivos e eróticos dirigidos ao mesmo objeto e ao mesmo tempo: "do lado erótico há tanto procura de satisfação como procura de objeto, e do lado agressivo há um complexo de raiva empregando erotismo muscular e de ódio, que envolve a retenção de um objeto bom em imagem, para comparação" (p. 71).

Ele não cansa de enfatizar a importância vital do ambiente para que essa progressão tão complexa no desenvolvimento emocional possa ocorrer. Ainda que não se trate da dependência absoluta dos momentos iniciais, existe aqui um alto grau de dependência por parte do bebê. É a presença constante da mãe que permite ao bebê colecionar lembranças suficientes que torne para ele possível suportar a ausência materna. Aqui, a palavra chave é tempo. Um ambiente suficientemente bom é representado aqui pela sobrevivência da mãe que, nesse momento, encarna a passagem do tempo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> A mãe está sustentando a situação e o dia prossegue em sua marcha, e o bebê toma consciência de que a mãe 'tranqüila' esteve envolvida com a grande onda da experiência instintiva, e sobreviveu. Isto se repete dia após dia, e finalmente ocorre um somatório que faz o bebê começar a reconhecer a diferença entre os assim chamados fatos e fantasias, ou entre a realidade interna e a externa (Winnicott, 1954-55, p. 363).

Nessas condições, a presença materna favorece o aparecimento de um fenômeno mais complexo: dois tipos de ansiedade que surgem no bebê, como resultado da experiência instintiva. A primeira está relacionada à ansiedade a respeito do objeto do amor instintivo: "agora, a mãe não é mais a mesma de antes [...] há um buraco onde antes havia um corpo cheio de riquezas" (Winnicott, 1954-55, p. 363). A outra ansiedade diz respeito ao interior do próprio bebê. Depois da mamada,

> além de sentir-se apreensivo quanto ao buraco por ele imaginado no corpo da mãe, vê-se também intensamente às voltas com a contenda no interior do eu (*self*), uma briga entre o que é sentido como bom, ou seja, apoiando o eu (*self*), e o que é sentido como mau, ou seja, persecutório" (Winnicott, 1954-55, p. 364).

O termo raiva é o que melhor descreve os sentimentos que começam a surgir nesse momento. Ainda que considere que, "obviamente, alguma raiva devida à frustração é parte integrante mesmo de uma boa experiência" (Idem, p.363), Winnicott propõe uma nova leitura para o fenômeno da raiva devida à frustração:

> Em minha descrição chegamos agora à questão da raiva que deriva da frustração. A frustração, impossível de se evitar inteiramente em todas experiências, favorece uma dicotomia: 1. Impulsos agressivos inocentes contra objetos frustrantes. 2. Impulsos agressivos provocadores de culpa contra objetos amados. A frustração age como um elemento sedutor que leva para longe da culpa, e promove um mecanismo de defesa que consiste em separar o amor e o ódio e fazê-los agirem em direções diferentes. Se a cisão dos objetos em bom e mau* realmente ocorre, o sentimento de culpa é atenuado, mas em compensação o amor perde uma parte de seu valioso componente agressivo, e o ódio torna-se mais explosivo. [*nota do autor: Atualmente eu diria 'idealizado e mau', em de vez de 'bom e mau'] (Winnicott, 1950-55, p.291-2).

Como observa Abram (2000), enquanto na teoria kleiniana o bebê, através de mecanismos inatos, opera, desde o princípio, a separação entre o bom e o mau objeto – posição esquizo-paranóide -, para Winnicott essa separação se dará como resultado da experiência, mais especificamente, da experiência da frustração. Para Winnicott a coloração do mundo interno do bebê é absolutamente contingente no que diz respeito a sua relação com o mundo externo. A partir desses acontecimentos o interior do bebê ganha complexidade, e a criança nada mais pode fazer além de esperar as conseqüências. É

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

preciso, então, supor a existência de um processo de eliminação imaginativa, comparável ao da digestão:

> Mas enquanto no processo da digestão física ocorre eliminação apenas de materiais inúteis, o processo de eliminação imaginativa tem um potencial tanto bom quanto ruim. A elaboração demora algum tempo e o bebê pode apenas aguardar os seus resultados entregue passivamente ao que se passa lá dentro. Na saúde, esse mundo interno pessoal transforma-se no infinitamente rico núcleo do eu (*self*) (Winnicott, 1954-55, p. 364).

Winnicott (1954-55) traz à cena a importância da reparação e da restituição. "O bebê abençoado com uma mãe que sobrevive, que reconhece um gesto de doação quando este ocorre, está agora em condições de fazer algo a respeito daquele buraco, o buraco no seio ou no corpo, criado imaginariamente no momento instintivo original" (p.365). O bebê encontra-se, assim, pela primeira vez, em condições de dar algo. Winnicott observa que, sem esse dar não haverá um verdadeiro receber. Ainda que a mãe aceite tanto o que é bom quanto o que é ruim, é preciso que ela saiba distinguir entre o que é oferecido como bom e o que é oferecido como ruim. O gesto de doação somente alcançará o seu valor restitutivo, se a mãe fizer a sua parte. Caso contrário, "o fracasso da reparação leva à perda da capacidade de se preocupar e à sua substituição por formas primitivas de culpa e ansiedade" (Winnicott, 1963a, p. 78).

Essa importante fase do desenvolvimento é, na realidade, composta pelas inúmeras repetições que se distribuem ao longo de um período de tempo. Elas irão constituir o que Winnicott chama de 'círculo benigno', responsável pela instituição do estágio do *concern*. Um círculo benigno compreende as seguintes etapas:

1) experiência instintiva,
2) aceitação de responsabilidade que se chama culpa,
3) uma resolução ou elaboração,
4) um gesto restitutivo verdadeiro.

Phillips (1988) observa que, a noção de "círculo benigno leva em conta a sensibilidade da mãe de um modo que Klein nunca havia enfatizado" (p.108). Em circunstâncias favoráveis, a mãe continua viva e disponível, ou seja, além de estar disponível fisicamente ela não está preocupada com outra coisa. Para Winnicott, enquanto "a mãe-objeto tem de demonstrar que sobrevive aos episódios dirigidos pelo instinto, [...] a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

mãe-ambiente tem uma função especial, que é a de continuar a ser ela mesma, a ser empática com o lactente, a de estar lá para receber o gesto espontâneo e se alegrar com isso" (Winnicott, 1963a, p. 73). O ponto essencial é que "se o objeto não é destruído é por causa de sua própria capacidade de sobreviver e não por causa da proteção do objeto pelo bebê" (Idem). Caso o bebê encontre uma proteção excessiva por parte da mãe-ambiente, ele se tornará inibido e sua tendência será o afastamento.

A ansiedade do bebê está relacionada com o fato de que, em sua fantasia, se ele consumir a mãe, ele a perderá. No entanto, à medida que o bebê sente que pode contribuir sua ansiedade é passível de se modificar. É o aumento gradativo da confiança de que haverá oportunidade para a contribuição, que torna o bebê capaz de tolerar a ansiedade. Trata-se de uma experiência fundamental para a criança. Winnicott (1963a) acredita que esse modo de suportar a ansiedade tem como conseqüência a alteração da sua qualidade: ela se transforma em sentimento de culpa. Em outras palavras, o sentimento de culpa, oriundo do uso impiedoso dos objetos pelos impulsos instintivos, pode ser mitigado pela contribuição feita à mãe-ambiente. A mãe-ambiente ao fornecer, com sua presença sensível e atenciosa, oportunidade para o bebê doar e fazer reparações, "capacita o bebê a se tornar cada vez mais audaz ao experimentar seus impulsos instintivos" (Idem). Desde então, "a culpa não é sentida, mas permanece dormente, ou em potencial, e aparece (como tristeza ou estado de ânimo deprimido) somente se não surge a oportunidade de reparação" (Idem). Winnicott cunhou, então, um termo mais positivo para designar esse sentimento de culpa modificado: concernimento ou preocupação (*concern*). O importante a ser destacado é que é a oportunidade de contribuir que possibilita à criança a conquista dessa capacidade.

Nesse momento, tudo gira em torno da palavra integração. Ao nos referirmos à ansiedade que é 'retida' é preciso ter em mente que "a integração no *tempo* se acrescentou à integração mais estática dos estágios mais precoces" (Idem, p.74 – o grifo é do autor). Como observa Dias (2000), "quando há fracasso da integração, precisamos encontrar fora de nós as coisas que desaprovamos. O preço é a perda da destrutividade que, na verdade, nos pertence. Sem a destrutividade, não há amor verdadeiro" (p. 40). As falhas na integração estão relacionadas com "o fracasso da mãe-objeto em sobreviver ou da mãe-ambiente em prover oportunidades consistentes para reparação que leva a uma perda da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

capacidade de se preocupar e à sua substituição por ansiedades e defesas cruas tais como *splitting* e desintegração" (Winnicott, 1963a, p. 74).

A partir do momento em que o bebê alcança o estágio do concernimento, sua psicologia torna-se mais complexa: ele começa a se preocupar não apenas com os efeitos de seus impulsos sobre sua mãe, como também começa a perceber os resultados de suas experiências em seu próprio eu (*self*). Tem início, nesse momento, uma tarefa que o acompanhará por toda a vida, a tarefa de administrar o seu mundo interno:

> O fato é que esta tarefa não pode ser iniciada antes que a criança esteja bem alojada no interior de seu corpo, e conseqüentemente em condições de perceber a diferença entre o que está dentro e o que está fora de si mesma, e entre o que é real e o que é fruto de sua fantasia. A administração do mundo externo dependerá da administração do mundo interno (Winnicott, 1950-55, p.292).

A possibilidade de crescimento do mundo interno do bebê está condicionada à conquista do estágio do concernimento. A partir desse momento irão se desenvolver diversos mecanismos de defesa extremamente complexos, os quais devem ser examinados em qualquer tentativa de se compreender a questão da agressividade numa criança que tenha alcançado esse estágio. Encontramos a explicação do comportamento agressivo de uma criança no modo pelo qual ela administra o seu mundo interno. Em termos gerais, pode-se dizer que: "a criança tenta preservar ali [no mundo interno] o que é sentido por ela como benigno, e em certos momentos sente que seria bom eliminar alguma coisa ruim" (Winnicott, 1950-55, p. 294). Clinicamente, essa administração pode se manifestar de várias formas: desde uma dramatização da expulsão do que é ruim, até a apresentação de um humor depressivo. Em casos extremos, encontramos um estado intolerável de morte interna, passível de desenvolver um quadro maníaco complementar. Nesse caso, a conseqüência clínica não é "uma explosão de agressividade, mas um estado de agitação ansiosa comum, hipomania, da qual faz parte uma ligeira agressividade na forma de desarrumação, desleixo, irritação e falta de perseverança construtiva" (Idem). O importante a ser destacado é que, na saúde, a agressividade além de ter um valor positivo para o indivíduo, adquire um valor social:

> Na saúde o indivíduo pode guardar a maldade dentro de si para usá-la contra forças externas que ameaçam o que ele julga valioso. A agressividade tem, nesse caso, um valor social. Esse valor é dado pelo fato de que aqui, em contraste com a agressividade maníaca ou delirante, ficar preservada a objetividade, e assim o inimigo pode ser

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> enfrentado com economia de esforços. Trata-se de um inimigo que, para ser atacado, não precisa ser amado (Winnicott, 1950-55, p. 295).

Por fim, é importante notar que todo esse desenvolvimento, "que pode estar a caminho em circunstâncias favoráveis entre os seis e os nove meses de idade, geralmente não é alcançado até que o sujeito venha à análise" (Winnicott, 1954-55, p. 373). Ou seja, nem sempre é alcançado pelo indivíduo.

3.3.2 As raízes da agressividade e a teoria das pulsões

Como sabemos, Winnicott nunca compartilhou da maneira como a teoria psicanalítica à sua época abordava a questão da agressividade. Dentre outras coisas, ele não aceitava que se empregasse o termo agressividade como sinônimo, praticamente, de destrutividade. Ao longo de toda a sua obra, ele empenhou muito de seu esforço teórico na elucidação dessas tendências que, para ele, deveriam ser tratadas como fenômenos de natureza distinta. Como ele mesmo reconhece, isso levou tempo e, apenas em 1969, em um de seus últimos e mais importantes artigos[14], ele estaria em condições de realizar uma formulação mais acabada sobre esse problema. Por um lado, ele discordava da tendência, dominante entre os psicanalistas da sua época, de localizar a origem da agressividade nas reações às inevitáveis frustrações associadas ao princípio de realidade. Por outro, ele nunca concordou com o conceito freudiano de pulsão de morte, especialmente, da maneira como Klein o abordava, nos termos da inveja, do ódio ou do sadismo constitucionais. Sua principal objeção prendia-se ao fato de que, em ambos os casos, não se considerava a importância decisiva do meio-ambiente nos estágio iniciais do desenvolvimento humano. Para Winnicott, é a atitude do ambiente com relação à agressividade do bebê que influencia de maneira determinante o modo como este irá lidar com as moções agressivas que fazem parte de sua natureza humana. Como vimos, já em 1939, em seu primeiro artigo sobre o tema, ele já afirmaria: "o comportamento agressivo de crianças... nunca é uma questão exclusiva de emergência de instintos agressivos primitivos. Nenhuma teoria válida sobre agressividade infantil poderá ser construída a partir de premissa tão falsa" (Winnicott, 1939, p.94).

[14] *O Uso de um Objeto e Relacionamento Através de Identificações*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Na opinião de Zeljko Loparic (1999), Winnicott foi sensível ao fato de que o conceito de pulsão, tal como era utilizado por Freud e Klein, era insuficiente para abordar muitos aspectos que eram essenciais na vida dos bebês: "Existem nos bebês e nos seres humanos em geral necessidades (*needs*) e as urgências (*urges*) básicas que não podem, em princípio, ser vistas como decorrência das exigências instintuais biológicas ou libidinal-pulsionais" (Loparic, 1999, p.134). No seu entender, a formulação feita por Winnicott de uma teoria do desenvolvimento emocional que visa contemplar o processo de amadurecimento pessoal, encontra-se intimamente relacionada à sua rejeição do conceito freudiano de pulsão, constituindo-se como "uma teoria alternativa da urgencialidade" (Idem):

> A tendência à integração de Winnicott não é nem uma pulsão, nem um mero resultado da fusão entre diferentes pulsões. Não se trata de uma força de modo algum, mas de uma urgencialidade originária de outro tipo: a que busca a unidade articulada, do si-mesmo, do mundo e da convivência com os outros no trato com as coisas, e, à luz dessa múltipla meta originariamente articulada, governa a acontecência do ser humano (Loparic, 1999, p.137).

Sem dúvida, a maneira de Winnicott conceber a noção de agressividade é correlata em sua obra a uma crítica ao conceito freudiano de pulsão de morte. Ainda que, em determinados momentos essa crítica seja explícita, ele mesmo nunca se preocupou em formalizar uma teoria pulsional como alternativa à teoria freudiana das pulsões. Como vimos no capítulo 2, Winnicott não está tão isolado em sua crítica à segunda teoria das pulsões freudiana. É possível rastrear uma discussão acerca desse tema, na geração que se seguiu à Freud.

Em Winnicott, a temática da agressividade, além de se fundamentar em uma crítica ao conceito freudiano de pulsão de morte, revela o modo muito peculiar dele utilizar o conceito de pulsão. Segundo Abram (2000), ele empregava o termo 'instinto' a fim de sublinhar a base biológica do impulso. O uso idiossincrático que Winnicott fez da "terminologia freudiana, misturada à linguagem dos pacientes, pode tornar algumas das passagens de seu texto de 1950-54 [*Agressividade em relação...*] confusas e de difícil entendimento" (p.13). Phillips (1988) corrobora a opinião dessa autora, afirmando que "os termos de Winnicott [a esse respeito] são potencialmente confusos" (p.106). Ao estabelecer que a motilidade é o precursor da agressão - um termo que ganha sentido à medida que o bebê cresce -, Winnicott postula a existência de uma energia inata para o desenvolvimento

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

dotada de uma qualidade especificamente agressiva. Algo que pode ser usado para descrever os movimentos do feto, os movimentos de preensão do bebê e a atividade de mastigação que pode, eventualmente, se tornar uma mordida: o potencial agressivo. Para Phillips (1988), este 'potencial agressivo', ao qual Winnicott não se refere como um instinto, é equivalente, nos escritos da década de 50, a um potencial para o desenvolvimento. Para esse autor, é importante notar que, nas formulações de Winnicott deste período, aquilo que ele chama de instinto é insuficiente em si mesmo para o desenvolvimento completo do bebê, se não se leva em conta esse potencial agressivo.

Na década de 50, ao investigar as *Raízes Primitivas da Agressividade*, Winnicott postula a existência de duas raízes para a vida pulsional, mas não dois instintos: a raiz erótica e a raiz agressiva. Como ele mesmo relata, a experiência clínica com pacientes regredidos foi decisiva para a formulação dessa hipótese: "quando o paciente está em busca da raiz agressiva de sua vida instintiva a tarefa do analista é mais cansativa, de um modo ou de outro, do que se a busca do paciente é pela raiz erótica" (Winnicott, 1950-55, p.300).

Winnicott (1950-55) descobriu que os componentes agressivo e erótico envolvem o objeto em dois tipos de relacionamentos significativamente distintos:

> ...as experiências eróticas podem se completar enquanto o objeto é subjetivamente concebido ou criado pela própria pessoa... pode[ndo] ser completada por qualquer coisa que alivie o impulso erótico [...] os impulsos agressivos não proporcionam nenhuma experiência satisfatória a não ser que encontrem oposição (Winnicott, 1950-55, p.301).

Nos estágios iniciais - quando o *eu* e o *não-eu* ainda estão se constituindo -, o componente agressivo conduz o indivíduo rumo a um objeto ou a um *não-eu* que ele sentirá como externo. É a resistência encontrada no mundo externo que irá fornecer ao bebê a definição de seus próprios limites. Como observa Phillips (1988), enquanto "através do componente erótico nos estágios iniciais o bebê e o objeto de seu desejo são aparentemente idênticos, o componente agressivo satisfaz um desejo por diferenciação" (p.110). Assim, enquanto o potencial erótico está localizado em zonas, é biológico e é mais ou menos o mesmo para cada bebê, o "*componente agressivo deve ser extremamente variável*. [...] A quantidade do potencial agressivo do bebê depende da quantidade de oposição que ele terá encontrado" (Winnicott, 1950-55, p.302-3).

Winnicott propõe o termo 'força-vital' para designar uma força inicial unificada que, nos estágios mais primitivos do desenvolvimento, se dividiria em dois componentes: o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

componente agressivo, nascido da oposição e o componente erótico, nascido da complementariedade. Como observa Abram (2000), Winnicott (1950-55) lança mão de um termo utilizado por Freud em sua teoria das pulsões para falar da combinação desses componentes – a função da fusão. Na sua opinião, a teoria psicanalítica vinha dedicando pouca atenção a esse processo, considerando a fusão dos componentes agressivo e erótico como algo já dado, e não como uma conquista do desenvolvimento que pode ou não se efetivar: "Nem sempre consideramos a era anterior à fusão e o processo da fusão suficientemente significativos" (p.300).

Para Phillips (1988), Winnicott (1950-55) dá início a uma série de importantes distinções, ainda que a terminologia utilizada por ele torne-se, em alguns momentos, um tanto confusa. Ao afirmar que "em suas origens, a agressividade é quase sinônimo de atividade" (p.289), ele estabelece "uma noção de agressividade primária que não é nem um instinto, nem algo parecido a uma urgência para a destruição" (Phillips, 1988, p.106).

Em *Natureza Humana*, encontramos uma das formulações mais explícitas da sua crítica ao conceito freudiano de pulsão de morte, bem como a enunciação da sua correlata preocupação com as raízes do comportamento agressivo:

> Freud falou sobre o estado inorgânico do qual se origina cada indivíduo e ao qual todo indivíduo retorna, e com base nisto formulou a sua idéia dos Instintos de Vida e de Morte. Ao propor este fato óbvio sugerindo que ali estava oculta uma verdade, Freud nos deu uma amostra de seu gênio. No entanto, nem o uso que Freud fez desse fato nem o desenvolvimento da teoria dos Instintos de Vida e de Morte a partir do mesmo foram capazes de me convencer, e seria mais útil aos que pretendem levar adiante o trabalho de Freud que, deste ponto em diante, abandonem tudo exceto a idéia original.
> [...] do ponto de vista do indivíduo e da experiência individual (que constitui a Psicologia), o indivíduo emerge não do inorgânico mas da solidão. [...] Este estado é muito anterior ao instinto, e mais longínquo ainda da capacidade de sentir culpa.
> Ao final, sua teoria se torna uma falsa teoria da morte que ocorre como um fim para a vida, e uma teoria da agressividade que também se revela falsa, porque deixa de lado duas fontes vitalmente importantes da agressão: aquela inerente aos impulsos do amor primitivo (no estágio anterior ao *concern*, independentes das reações à frustração), e aquela pertencente à interrupção da continuidade do ser pela intrusão que obriga a reagir. [...] as dúvidas do próprio Freud quanto a validade da sua teoria tornaram-se, a meu ver, mais importantes que a teoria em si mesma. De qualquer modo, é sempre possível que eu tenha compreendido mal as verdadeiras intenções de Freud (Winnicott, 1988[54], p. 155 - o grifo é do tradutor).

Como podemos perceber, a base a partir da qual Winnicott efetua suas reflexões é bem distinta da de Freud. Enquanto neste encontramos o relato de um observador sensível e atento, mas ainda assim 'externo' aos acontecimentos que descreve, em Winnicott

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

(1988[54]) nos deparamos com o seu esforço para nos relatar os eventos a partir do ponto de vista do sujeito da experiência. Portanto, é a partir dessa premissa que devemos tentar apreender a sua afirmação de que "o indivíduo emerge não do inorgânico mas da solidão" (Idem). Como veremos no próximo capítulo, para Winnicott, será cada vez mais "necessário considerar o conceito de isolamento deste [do] *self* central como uma característica de saúde" (Winnicott, 1960b, p. 46). Nesse contexto, ainda que ele pudesse reconhecer que "no impulso do amor primitivo encontraremos sempre uma reação agressiva, pois na prática não existe a satisfação total do id" (Winnicott, 1950-55, p. 295), por outro lado, ele acreditava firmemente na necessidade de se buscar as raízes próprias da agressividade, independente das experiências de frustração. Ele sustentava o seu ponto de vista apoiado em sua perspectiva genética sobre o tornar-se pessoa:

> O impulso do amor primitivo opera num estágio em que o ego está apenas começando a desenvolver-se, quando a integração, por exemplo, ainda não é um fato estabelecido. Existe um amor primitivo em funcionamento num período em que não é possível ainda a aceitação da responsabilidade. Nessa etapa não há ainda nem mesmo a ausência de concernimento. Trata-se de uma era em que, se a destruição é parte do objetivo do impulso do id, sua presença ali é meramente incidental a satisfação. A destruição torna-se uma responsabilidade do ego, quando este já integrado e organizado a ponto de existir a raiva e, conseqüentemente o temor à retaliação (Winnicott, 1950-55, p. 296).

O importante a ser destacado é que, ainda que Winnicott não tenha se preocupado em formalizar uma teoria das pulsões e, como vimos, alguns autores cheguem até mesmo a considerar suas formulações um tanto confusas, sua investigação acerca das raízes da agressividade resultou em uma das contribuições mais originais à teoria psicanalítica. Se não nos deixarmos capturar apenas pela aparência, encontraremos à nossa disposição um extenso material de inestimável valor não apenas teórico, mas, sobretudo, clínico, imprescindível a todos os estudiosos interessados nessa temática.

3.3.3 A pré-história do elemento agressivo: a motilidade, a função da fusão, a necessidade de oposição e o sentir-se real.

Como vimos, na década de 50, Winnicott empenha seus esforços na tarefa de examinar a pré-história do elemento agressivo (destrutivo apenas por acaso). Em suas origens, a agressividade é sinônimo de atividade. Para ele, encontramos "duas fontes

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

vitalmente importantes da agressão: aquela inerente aos impulsos do amor primitivo (no estágio anterior ao *concern*, independentes das reações à frustração), e aquela pertencente à interrupção da continuidade do ser pela intrusão que obriga a reagir" (Winnicott, 1988[54] - o grifo é autor). Tornava-se cada vez mais evidente a necessidade de se considerar os estágios iniciais do desenvolvimento, numa investigação sobre a agressividade. Desta feita, ao remontar às experiências iniciais do Id, ele sugere, inspirado no trabalho de Hartmann, que "talvez fosse melhor aceitar a idéia de uma fase de indiferenciação Id-Ego" (Winnicott, 1950-55, p.297).

Nesse contexto, alguns pontos são importantes de serem destacados. Primeiro, ele retoma a relação entre agressividade e destrutividade, ao reafirmar a natureza impiedosa dos impulsos do amor primitivo (*ruthless love*) enfatizando, no entanto, tratar-se de uma "era em que, se a destruição é parte do objetivo do impulso do id, sua presença ali é meramente incidental a satisfação" (Winnicott, 1950-55, p. 296). Melhor dizendo, "os impulsos do amor primitivo (id) têm um aspecto destrutivo, embora não haja na criança a intenção de destruir" (Idem). Na década de 50 ele acrescenta um elemento conceitual fundamental que persistirá até o fim de sua obra: a ausência de qualquer tipo de preocupação, por parte do bebê, com respeito aos resultados de seu amor excitado, em virtude da indistinção inicial entre eu e não-eu.

Em segundo lugar, é importante notar que, ao mesmo tempo em que ele reconhece uma raiz instintual da destrutividade que é inerente ao impulso amoroso primitivo, ele localiza a origem da agressividade na motilidade (erotismo muscular) própria a todo organismo vivo. Para Winnicott (1950-55), "certos elementos datam dos albores do movimento fetal – ou seja, a motilidade... Devemos acrescentar a isto um elemento correspondente cuja origem é a vertente sensória" (p.296).

Por fim, é importante notar que ele retoma as idéias introduzidas em seu artigo de 1952, *Psicoses e Cuidados Maternos,* no qual ele investiga o modo pelo qual o indivíduo é afetado pelas tendências do ambiente, a fim de indicar uma fonte especialmente importante de agressividade: a falha nos cuidados maternos iniciais que obriga o indivíduo a reagir.

Antes de qualquer coisa, é necessário diferenciar entre a raiz instintual da destrutividade e a raiz motora da agressividade (a motilidade). Como observa Dias (2000),

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

ao considerarmos os estágios iniciais do desenvolvimento, os impulsos que surgem nos estados excitados são marcados por um caráter de urgência e decorrem, em última instância, do fato do bebê estar vivo. Segundo a autora, nesse contexto "dois tipos de impulsos devem ser diferenciados: o que tem origem na tensão instintual[15] e o que deriva da motilidade, da necessidade de movimentar-se, exercitar a vivacidade que está presente nos músculos e tecidos e de topar com objetos" (Dias, 2000, p.14).

Como vimos, a motilidade já se manifesta mesmo antes de o bebê nascer, através dos movimentos fetais dentro do útero: "ao movimentar-se, a criança dá de encontro com alguma coisa e, com isso o meio ambiente é constantemente descoberto e redescoberto" (Idem). Como assinala Dias (2000), é importante esclarecer o significado dessas 'descobertas' iniciais do bebê, na medida em que estamos falando de um período no qual não existe ainda a distinção entre um eu e um não-eu:

> Descobrir o ambiente, nesse momento inicial, não significa que o bebê se dá conta da existência de objetos externos, mas que começa a haver, pela repetição do contato, um crescente 'conhecimento', que não é mental, mas baseado na familiaridade que vai sendo construída, de atributos como permanência, consistência, durabilidade, etc., anterior, portanto, à consciência da existência de um mundo e de objetos externos (Dias, 2000, p.15).

Por sua vez, a raiz instintual da destrutividade encontra-se vinculada ao estado imperioso de urgência gerado, no bebê, pela tensão instintual que clama por um alívio imediato. Ainda que não se possa dizer que o bebê saiba algo sobre a necessidade que o aflige ou mesmo sobre o que deve ser feito para aplacá-la, é possível afirmar que essa condição leva o bebê a buscar algo em algum lugar. De tal forma que, quando a mãe apresenta o seio no momento oportuno e o bebê o ataca vorazmente movido por impulsos poderosos, ela propicia o aparecimento, da sensação de ter encontrado aquilo que ele buscava. É importante notar que tanto a movimentação vigorosa quanto o impulso imperioso podem parecer ao observador uma demonstração de agressividade. Contudo, como observa Winnicott, não se pode falar que o bebê esteja tentando machucar, porque ele "ainda não está suficientemente desenvolvido para que a agressividade já possa significar alguma coisa" (Winnicott, 1968a, p. 26). A partir da década de 50, ao remontar à

[15] Como observa Dias (2000), "a rigor, quando se refere aos estágios iniciais, Winnicott não fala em instintos, mas em *tensão instintual*. Ele reserva o termo instinto para o momento do amadurecimento em que a vida instintual puder ser integrada como uma experiência do eu" (p.20 – o grifo é do autor).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

motilidade vital a origem da agressividade, Winnicott faz da agressividade primária sinônimo de espontaneidade, principal veículo da criatividade primária.

Para Winnicott (1950-55) a motilidade está no início de tudo, ela antecede, até mesmo, a manifestação do impulso cruel, o qual, na sua concepção, é dependente da oposição externa para se constituir. Em condições satisfatórias "é preciso que cada bebê injete o máximo de motilidade primitiva nas experiências do Id" (p. 297). É neste ponto que se mostra "verdadeira a idéia de que o bebê precisa da frustração promovida pela realidade – pois se a experiência do Id fosse completa e sem obstáculo algum, ocorreria a frustração dessa outra parte derivada da raiz motora" (Idem).

Em termos gerais, "no padrão das experiências do id de cada bebê, estão incluídos *x* por cento de motilidade primitiva. Restam 100- *x* por cento para serem usados de outros modos – e deve ser esta a razão da ampla diferença existente entre os indivíduos quanto à sua agressividade" (Idem). Em virtude das condições ambientais iniciais, três padrões podem se desenvolver em torno do fenômeno da motilidade. O primeiro, ao qual Winnicott irá se referir como sendo o da saúde[16], é proporcionado por uma maternagem suficientemente boa. Ele é enfático em afirmar que "nestas condições, e somente nestas condições o indivíduo pode começar a existir, começar a existir para viver experiências do Id. O palco está armado para a introdução máxima da motilidade nas experiências do Id" (Winnicott, 1950-55, p. 298). Nele,

> O ambiente é constantemente descoberto e redescoberto a partir da motilidade. Aqui, cada experiência no contexto do narcisismo primário enfatiza o fato de que o indivíduo está se desenvolvendo no centro, e o contato com o ambiente *é uma experiência do indivíduo* (em seu estado de ego-id indiferenciados, a princípio) (Winnicott, 1950-55, p. 297-8 – o grifo é do autor).

Winnicott utiliza, então, a palavra 'fusão' para indicar "o processo positivo pelo qual elementos difusos que fazem parte de um erotismo muscular e do movimento se tornam (normalmente) fundidos com o funcionamento orgiástico das zonas erógenas" (Winnicott, 1960b, p. 45). Algo que, como ele enfatiza, somente é passível de acontecer no âmbito de uma maternagem satisfatória, sendo descrito por ele nos seguintes termos:

[16] Como vimos no capítulo 2, a noção de saúde em Winnicott encontra-se vinculada à possibilidade da relação ao outro, da qual somos todos dependentes, possa ser vivenciada pelo indivíduo de maneira não submissa. Ou seja, na saúde encontramos a condição necessária para que a motilidade inerente à vitalidade própria dos tecidos possa se expressar com espontaneidade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> Ocorre a fusão entre o *x* por cento do potencial de motilidade e o potencial erótico (sendo que *x* é quantitativamente elevado). Ainda assim, há 100- *x* por cento do potencial de motilidade deixado de fora da fusão, ficando disponível para ser usado com objetivos puramente motores.
> É preciso lembrar que a fusão torna possíveis experiências que *nada tem a ver com gestos de oposição* (reações à frustração). Aquilo que irá se fundir ao potencial erótico é satisfeito pela gratificação instintiva. Por contraste, os 100- *x* de motilidade não fundidos *precisam encontrar oposição.* Essa parte da motilidade *precisa de algo para empurrar,* caso contrário permanecerá sem experiências e constituirá uma ameaça para o bem-estar. Na saúde o indivíduo sente prazer em buscar a oposição adequada (Winnicott, 1950-55, p. 298 – o grifo é do autor).

Aqui se revela a importância decisiva da mãe suficientemente boa. A oposição é necessária para dar realidade ao impulso, permitindo o desenvolvimento daquilo que Winnicott designa como o potencial agressivo de todo indivíduo. Contudo, quando a oposição é excessiva ela se transforma em intrusão[17], tornando-se responsável pelo aparecimento do segundo e do terceiro padrão, dependendo do grau da sua incidência. Em termos gerais, nessa condição, "em vez de uma série de experiências individuais, temos uma série de *reações à intrusão*... desenvolve-se uma retirada em direção à quietude, única situação em que a existência individual é possível. A motilidade é, agora, parte da experiência da reação à intrusão" (Winnicott, 1950-55, p. 297 – o grifo é do autor).

Nos termos de Winnicott, a reação à intrusão significa que o sentido de *self* do bebê, bem como o seu continuar-a-ser (*going on being*) é interrompido e a função da fusão fica suspensa - uma violação do *self* . O potencial agressivo de cada indivíduo é, portanto, variável, na medida em que depende do grau de oposição que pode ser encontrada no ambiente. Ou seja, ele é dependente da maneira pela qual os limites aos movimentos ou qualquer expressão corporal foram estabelecidos. A partir dessas considerações Winnicott nos fornece suas conclusões: uma reflexão detalhada, ainda que de forma resumida, sobre as vicissitudes da força vital ainda na vida intra-uterina:

> Na saúde, os impulsos do feto levam à descoberta de que existe um ambiente, sendo este último a oposição encontrada pelo movimento e sentida durante o movimento. A conseqüência, aqui, é um reconhecimento precoce do *Eu*. (Fica subentendido que, na prática, tais coisas acontecem gradualmente, indo e vindo repetidamente, sendo alcançadas e perdidas em seguida.)
> Na doença ocorre que neste estágio tão primitivo é o ambiente que se impõe, sendo a força vital consumida em reações à intrusão – e a conseqüência é o contrário da sólida instauração do *Eu*. Em casos extremos acontecem muito poucas experiências a não ser

[17] A questão da intrusão ambiental será abordada de modo mais abrangente no próximo capítulo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> através de reações, e o *Eu* não se estabelece. Em vez disso encontramos um desenvolvimento baseado na experiência da reação. O indivíduo que assim passa a existir será chamado de falso[18], pois a impulsividade pessoal estará ausente. Neste caso não haverá fusão dos componentes agressivo e erótico, pois o *Eu* não está instaurado no momento da experiência erótica. O bebê vive, pois alguém o seduz para a experiência erótica. Mas ao lado da vida erótica, que jamais é sentida como real, encontraremos uma vida de agressividade reativa dependente da experiência de oposição... O estado mais comum é *a falta de fusão em algum grau* (Winnicott, 1950-55, p. 303 – o grifo é do autor).

É digno de nota a precocidade desses acontecimentos tão decisivos para as etapas posteriores de nossas vidas. Aliás, como o próprio Winnicott (1950-55) sugere, "muita coisa acontece antes da primeira mamada" (p. 300). É importante notar que a sensação de realidade com relação à própria existência advém, principalmente, da raiz motora. "As experiências eróticas com uma fraca participação do elemento motilidade não fortalecem a sensação de realidade ou de existir" (Idem, p. 299). O corolário disso é a importância do processo de fusão, pois, é "a fusão da agressividade com o componente erótico incrementa a sensação de realidade da experiência" (Idem). É essa 'sensação de realidade' - o sentir-se real – que dá ao indivíduo a sensação de que a vida vale a pena ser vivida.

Real aqui significa que o indivíduo sente que o contato foi estabelecido com algo genuinamente outro que resiste à coerção. Para Phillips (1988), Winnicott constrói com suas formulações um sistema idiossincrásico, no qual o termo "'real' vem significar distinto, [enquanto] 'irreal', pela implicação do domínio do erótico, significa, ao menos, parcialmente fundido com" (p.111). Portanto, é somente através do componente agressivo que o relacionamento com outros reais pode existir. Essas são considerações valiosas, que permitem uma melhor compreensão da afirmação de Winnicott segundo a qual, "*a não ser que o ambiente tenha sido suficientemente bom, o ser humano não poderá diferenciar-se, e não poderá então ser estudado em termos de uma psicologia da normalidade*" (Winnicott, 1950-55, p. 300 – o grifo é do autor).

Para Phillips (1988), o que permite a Winnicott falar de agressividade primária – motilidade primitiva – em termos de espontaneidade, é o fato dele vincular tanto a noção de vitalidade quanto a sensação de sentir-se real ao componente agressivo. Desde então,

[18] A questão sobre a distinção entre um verdadeiro e um falso *self* será abordada no próximo capítulo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

a espontaneidade encontra-se relacionada ao gesto impulsivo que se efetiva em sintonia com os acontecimentos do mundo. A espontaneidade torna-se, assim, a principal virtude de uma boa vida. Sem dúvida, o gesto impulsivo (espontâneo) do bebê precisa ser encontrado pela mãe. Uma mãe que, segundo Phillips (1988), "funciona como um colaborador de seu bebê - ao mesmo tempo, suficientemente outro e suficientemente identificado com ele – e não um cúmplice" (p. 112). É essa oposição sensível e responsiva do objeto externo, que viabiliza o aparecimento do potencial agressivo e é imprescindível ao desenvolvimento. Em contrapartida, é importante notar que, para Winnicott, a satisfação pulsional seria, potencialmente aniquiladora:

> Especialmente se a satisfação física rouba-lhe [do bebê] o apetite muito rapidamente. O bebê fica então com: a agressividade não descarregada – pois o erotismo muscular ou impulso primitivo (motilidade) não foi suficientemente utilizado durante a mamada; ou com um sentimento de fiasco – pois uma fonte do prazer de viver foi embora repentinamente, e o bebê não sabe que ela irá voltar (Winnicott, 1954-55, p. 362).

Desse modo, somos levados a concluir que é o componente agressivo - a raiz motora - o responsável pela realização de uma experiência instintual que pode ser sentida como verdadeira, na condição de ser encontrado pela mãe. Com essas formulações, Winnicott aproxima a temática da criatividade aos impulsos do amor primário, às experiências instintuais verdadeiras mais remotas que comportam uma agressividade impiedosa (*ruthlessness*). A criatividade, assim, ao invés de estar vinculada a atividade reparadora do estágio, relativamente tardio, do concernimento (*concern*), surge como algo primário - associada aos impulsos impiedosos (*ruthlessness*) do amor primário -, tornando-se a marca distintiva do pensamento de Winnicott. Como veremos, no próximo capítulo, os estágios mais primitivos do desenvolvimento são intrinsecamente os mais criativos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

4.

Brincando com fogo: agressividade e transicionalidade

> *Para chegar rapidamente à idéia que tenho em mente poder-se-ia usar com proveito a idéia do fogo que sai da boca do dragão. Cito Plínio, que (prestando tributo ao fogo) indaga: "Quem pode dizer se, em essência, o fogo é construtivo ou destrutivo?*
>
> *(Winnicott, 1968)*

Ao final da década de 50, o potencial agressivo juntamente com os cuidados maternos já constituía o cerne da teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott, a qual ele já se referia, agora, como uma teoria do amadurecimento. No seu entender, "*a maturação requer e depende da qualidade do ambiente favorável*" (Winnicott, 1963c, p. 164 – o grifo é do autor). Como observa Phillips (1988), através do trabalho de Winnicott e de outros teóricos da Escola Inglesa, a psicanálise deixou de ser apenas uma teoria sobre o desejo sexual para ser também uma teoria da provisão emocional. Na década de 60, através do conceito de objeto transicional, Winnicott tentou responder a questão: como pode o bebê ou a criança atingir, eventualmente, um estágio de relativa independência, partindo de uma provisão ambiental inicial suficientemente boa, na qual a criatividade primária e a capacidade para a ilusão são fatos estabelecidos no seu desenvolvimento? Na concepção de Winnicott (1962b), era preciso chegar a uma teoria do desenvolvimento normal para podermos ser capazes de compreender as doenças e as várias imaturidades.

> A história do desenvolvimento emocional de uma criança é tremendamente complicada... precisamos chegar a uma teoria do desenvolvimento normal para podermos ser capazes de compreender as doenças e as várias imaturidades, uma vez que já não damos mais por satisfeitos a menos que possamos preveni-las e curá-las. Não aceitamos a esquizofrenia infantil mais do que aceitamos poliomielite ou a condição da criança espástica. Tentamos prevenir, e esperamos ser capazes de conduzir à cura onde quer que haja anormalidade que signifique sofrimento para alguém (Winnicott, 1962b, p.65).

Ainda que em sua abordagem Winnicott (1968f) considerasse que a influência do ambiente externo é decisiva quanto ao modo com que o bebê irá lidar com sua agressividade inata, esta não era uma questão tranqüila para ele. Como ele mesmo afirma, é a "idéia de um primeiro impulso destrutivo é a que é difícil de compreender. É isto que precisa de atenção e debate" (p.186). E, de certo modo, foi a isso que ele se dedicou por

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

mais de trinta anos: enquanto desenvolvia sua teoria do desenvolvimento emocional e sua investigação sobre o papel desempenhado pela agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. Em uma nota de rodapé, escrita em 1970 no livro *Natureza Humana*[1], ele esclarece que uma das razões de ter adiado a publicação desse livro foi a sua dificuldade em "admitir a existência de uma agressividade primária e um impulso destrutivo, que é indistinguível do amor primário" (Winnicott, 1988[54], p. 99). Uma questão que, como ele mesmo confessa, só seria resolvida em 1968, em *"O Uso de um Objeto"*. Durante este tempo, Winnicott realizou uma ampla reflexão acerca dos aspectos criativos e destrutivos inerentes à natureza humana, que só viria à luz em seus últimos trabalhos, reunidos, principalmente, em seu livro *O Brincar e a Realidade*, publicado pouco antes da sua morte.

Paralelamente à sua preocupação com os impulsos destrutivos, Winnicott considerava que o problema que envolve as raízes da atividade construtiva é "um tema que se apresenta repetidamente no trabalho analítico e é sempre de grande importância. Tem a ver com as relações entre construção e destruição" (Winnicott, 1960d, p.153). Desse modo, enquanto encontramos na tradição psicanalítica uma tendência a fazer coincidir a questão da agressividade à da destrutividade, Winnicott retoma essa discussão, introduzindo um termo novo: a criatividade. Em sua obra, a relação entre agressividade, criatividade e destrutividade vem à luz no contexto da sua contribuição mais original – o espaço potencial – introduzida, em 1951, no artigo *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais*.

Desde 1952, quando afirmou que "*isso que chamam de bebê não existe*" (Winnicott, 1952b, p.165), Winnicott empenhou seus esforços em descrever os primórdios da vida psíquica, tentando desvendar a forma de relação existente entre a subjetividade do bebê e a sua luta para consiguir perceber objetivamente o mundo. Para ele, no estágio inicial do desenvolvimento, no qual a dependência do bebê ao meio ambiente é absoluta, o 'eu' do bebê não está separado do 'não-eu', "o que vemos é a dupla maternante" (Idem). O objeto nessas relações primitivas é, para o bebê, indiscernível do seu próprio eu. Winnicott referiu-se a tal objeto como um objeto subjetivo a fim de diferenciá-lo de um objeto

[1] O livro *Natureza Humana* foi escrito por Winnicott no verão 1954, num período de tempo relativamente curto, contudo, ele seria publicado, apenas depois da sua morte, em 1988. O livro tinha como "propósito original fornecer as anotações que os estudantes [do curso *Crescimento e Desenvolvimento Humano*] não conseguiam fazer, e colocá-las à disposição de todos os estudantes da natureza humana" (Winnicott, C., 1990, p.15). Winnicott, no entanto, enquanto viveu, não cessou de revê-lo e revisá-lo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

objetivamente percebido. Ele buscava compreender como se dá a transição desse estágio inicial de dependência absoluta, no qual o bebê encontra-se fusionado à mãe, aos estágios posteriores de dependência relativa. A seu ver, a partir dessa condição inaugural de fusão mãe-bebê, haveria uma diferenciação gradual do bebê em relação à sua mãe:

> Um processo de transição da dependência absoluta a ela [mãe] como um objeto subjetivamente concebido – o seio descoberto quando imaginado pelo bebê faminto, ainda que por mágica – em direção a uma independência relativa de, e de relacionamento com, um objeto descoberto estar além do controle onipotente" (Phillips, 1988, p. 114).

Nessa jornada, ele postulou a existência de uma área intermediária da experiência, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa

> Desde o nascimento, o ser humano está envolvido com o problema da relação entre aquilo que é objetivamente percebido e aquilo que é subjetivamente concebido e, na solução desse problema, não existe saúde para o ser humano que não tenha sido iniciado suficientemente bem pela mãe. *A área intermediária a que me refiro é a área que é concedida ao bebê, entre a criatividade primária e a percepção objetiva baseada no teste da realidade*. Os fenômenos transicionais representam os primeiros estágios do uso da ilusão, sem os quais não existe, para o ser humano, significado na idéia de uma relação com um objeto que é por outros percebido como externo a esse ser. (Winnicott, 1951, p. 26 – o grifo é autor).

Sensível à importância dos *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais* – um fator universal nas vidas dos bebês e das crianças -, Winnicott, por mais de vinte anos, buscou integrar a observação desses fenômenos à sua teoria do desenvolvimento emocional. Desta feita, ele acabou por trazer à luz a complexidade e a significância dos estádios primitivos da relação de objeto e da formação de símbolos e estender sua investigação aos vínculos que os indivíduos estabelecem com a cultura. Para Khan (2000), ele "interessou-se tanto pelo modo como a cultura, com seu amplo vocabulário de símbolos e suas atividades simbólicas, ajuda o indivíduo a encontrar e a realizar a si mesmo" (p. 21). Na opinião desse autor, "o conceito de objeto transicional ajudou o pensamento psicanalítico a reavaliar o papel da cultura como uma contribuição positiva e construtiva à experiência humana, em vez de como fonte de mal-estar" (Idem).

Em sua abordagem, Winnicott (1964a) situa o problema da relação entre agressividade, criatividade e destrutividade no âmbito do contato primário com a realidade externa. Numa primeira aproximação, a fim de diferenciá-los, ainda que de modo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

esquemático e artificial, podemos dizer que, enquanto a agressividade é uma das muitas fontes de energia de um indivíduo, um impulso que clama por relacionamentos, a criatividade "é a tendência geneticamente determinada do indivíduo para estar e permanecer vivo e para se relacionar com os objetos que lhe surgem no caminho durante os momentos de obter algo" (Winnicott, 1970c, p. 26), ou seja, "um impulso inato que se dirige à saúde" (Abram 2000, p.84). Por fim, a destrutividade é a qualidade própria ao estar vivo, segundo Winnicott (1968f), "a pulsão é destrutiva" (p.186). Contudo, é digno de nota que, ainda que possamos fazer distinções entre esses termos, eles guardam entre si um denominador comum: o fato de podermos fazer remontar, cada um, em suas origens, à atividade que caracteriza a qualidade de estar vivo.

Nesse momento, vale lembrar a importância que Winnicott atribui aos fatores ambientais com relação às vicissitudes e aos significados que os impulsos agressivos poderão adquirir ao longo do desenvolvimento. Mais especificamente: a relação mãe-bebê ocupa o centro de sua teoria, servindo de alicerce e matriz desse desenvolvimento e, como vimos no capítulo anterior, é através do impulso agressivo que se estabelece o relacionamento com a realidade externa, desde os primórdios da nossa existência. Em sua trajetória, Winnicott acaba por comparar o impulso agressivo ao fogo e, citando Plínio, nos lança a pergunta: "quem pode dizer se, em essência, o fogo é construtivo ou destrutivo?" (Winnicott, 1968f, p. 185).

Partindo desta indagação, é nossa intenção abordar a relação entre agressividade, criatividade e destrutividade, investigando suas vicissitudes ao longo das diferentes etapas do desenvolvimento, postuladas por Winnicott, ao levar em conta a condição de dependência do bebê humano ao nascer. O fato da dependência é uma das vigas mestras da sua teoria do desenvolvimento emocional. No seu entender, "é importante ter em mente o conceito de dependência absoluta (do bebê em relação ao meio ambiente), que se transforma rapidamente em dependência relativa, sempre numa trajetória em direção à independência (que jamais é alcançada)" (Winnicott, 1968b, p.80). A fonte desse progresso é o *processo maturacional* inato no indivíduo. Nessa jornada, "o bebê, a princípio vive em um mundo subjetivo" (Winnicott, 1970b, p. 220), ainda não estabeleceu uma distinção entre o que constitui o EU e o NÃO-EU. Nesse contexto, "o comportamento do meio ambiente faz parte do bebê da mesma forma que o comportamento de seus

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

impulsos hereditários para a integração, para a autonomia e a relação com objetos, e para uma integração psicossomática" (Winnicott, 1968b, p.80). No entanto, como observa Winnicott (1969b), a passagem para o estágio seguinte, a percepção objetiva da realidade não se dá simplesmente em função da operação das tendências herdadas do bebê. Trata-se de uma passagem que pode nunca acontecer, apesar das tendências herdadas estarem perfeitamente boas no bebê. Para ele, "este desenvolvimento se dá *por causa das experiências que o bebê tem do comportamento adaptativo da mãe* (ou substituto materno), ... [é] o comportamento adaptativo da mãe [que] torna possível ao bebê encontrar fora do *self* aquilo que é necessário e esperado" (p. 197). Não obstante, entre a experiência com o objeto subjetivo e o uso de um objeto, objetivamente percebido, Winnicott postulou a existência de uma área intermediária da experiência, que favoreceria a colocação, pelo sujeito, do objeto fora da área do seu controle onipotente. Desta feita, vale lembrar que, em Winnicott (1970b), a agressividade é um impulso inato, bem como faz "parte do exercício *que pode conduzir à descoberta de objetos que são externos*" (p. 221 – o grifo é do autor)

Winnicott iniciou seu percurso investigando de maneira sensível e abrangente os impulsos agressivos. Tendo em mente que "a base para o estudo da agressividade real deve ser o estudo das raízes da intenção agressiva" (Winnicott, 1950-55, p.288), ele chegou ao problema da pré-história do elemento agressivo, postulando que "em suas origens, a agressividade é quase sinônimo de atividade" (Idem, p.289). Ainda que tenha partido de um estudo exaustivo sobre a raiz instintiva dos impulsos agressivos - a ausência de compaixão inerente aos impulsos do amor primário (*ruthless love*) -, Winnicott encontrou na motilidade primária o que tanto buscava: a origem não-pulsional da agressividade. Essa descoberta, juntamente com as demais, realizadas na década de 50 - a necessidade de se levar em conta o fato da dependência do bebê e a existência de uma área intermediária da experiência, os fenômenos e os objetos transicionais -, resultaram na sua contribuição mais original sobre essa temática: a raiz não-pulsional da agressividade que permite vincular a questão da agressividade à da criatividade e, no mesmo golpe à da destrutividade.

Em nossa exposição, é chegada a hora de nos ocuparmos, de modo mais abrangente, dessa raiz não-pulsional da agressividade. Como já fizemos anteriormente, respeitaremos o percurso de Winnicott, privilegiando, inicialmente, a relação entre agressividade e criatividade para, em seguida, através da noção de uso de objeto, abordar o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

problema da destrutividade. Por fim, investigaremos os principais transtornos da agressividade, algumas das vicissitudes possíveis dos impulsos agressivos, quando estes tiveram que lidar com a incidência de falhas ambientais.

4.1 A noção de criatividade em Winnicott

O bebê, novo para o céu e para a terra,
Jamais imagina que, no momento em que
Sua tenra palma pressiona o círculo do seio,
Isto é Eu

Mas à medida que ele cresce, apreende muito
E aprende o uso de 'Eu' e 'mim',
Descobrindo que 'não sou o que vejo,
E sou diferente do que toco'

Assim, circunda-o uma mente separada
A partir da qual a memória pura deve começar
Como se a trama que o aprisiona
Em seu isolamento começasse a se definir.
(Tennyson, In Memoriam XLIV, 1850)[2]

Antes de qualquer coisa, é preciso ter em mente que a abordagem de Winnicott em relação à questão da criatividade apresenta algumas divergências em relação ao trabalho tanto de Freud quanto de Melanie Klein. Em linhas gerais, podemos dizer que, em Freud, a questão da criatividade restou vinculada à sua teoria da sublimação, que em certa medida permaneceu uma teoria em aberto. Em Klein ela aparece associada aos impulsos reparadores inerentes à posição depressiva, a qual, segundo Winnicott, seria uma conquista relativamente tardia do desenvolvimento emocional primitivo. Segundo Abram (2000), o conceito de criatividade primária surge na obra de Winnicott na década de 50, enquanto ele elabora suas idéias sobre a importância decisiva da função da mãe para o desenvolvimento do bebê.

Em 1948, ele já manifesta sua discordância com relação à concepção kleiniana, ao sugerir que existem outras raízes da criatividade, ainda que a reparação forneça "um vínculo importante entre o impulso criativo e a vida vivida pelo paciente" (Winnicott,

[2] *The baby new to earth and sky/ What time his tender palm is prest/ Against the circle of the breast/ has never thought this is his; But as he grows he gathers much/ And learns the use of "I" and "me",/ And finds "I am not what I see, And other than the things I touch"./ So rounds he a separate mind/ From whence the frame that binds him in/ His isolation grows defined.* (Tennyson, 1850, apud, Davis, 1981, p. 25)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

1948a, p. 156). Em 1958, ao tecer um comentário sobre o artista criativo, Winnicott vincula a criatividade à ausência de compaixão (*ruthlessness*): "tenho um respeito sub-reptício pela falta de piedade (*ruthlessness*) que leva de fato, em tais circunstâncias, a conseguir mais do que o trabalho orientado pela culpa" (Winnicott, 1958a, p.29). Ou seja, ele relança o problema da relação entre agressividade, criatividade e destrutividade, vinculando a destrutividade própria à agressividade primária – *ruthlessness* - que, por sua vez, é inerente aos impulsos do amor primário, à criatividade.

Em 1951, no artigo *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais*, Winnicott se refere à capacidade de o bebê criar o seio, situando a criatividade no centro e no início da relação primordial:

> ... o seio é criado pelo bebê repetidas vezes, pela capacidade que tem de amar ou (pode-se dizer) pela necessidade. Desenvolve-se nele um fenômeno subjetivo, que chamamos de seio da mãe*. A mãe coloca o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento exato.
> * Incluo toda a técnica de maternagem. Quando se diz que o primeiro objeto é o seio, a palavra 'seio' é utilizada, acredito, para representar tanto a técnica da maternagem quanto o seio físico (Winnicott, 1951, p.26).

Winnicott introduz a noção de criatividade chamando a atenção para o paradoxo envolvido nessa questão: para que o bebê possa criar o seio é necessário que a mãe coloque o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento exato. A seu ver, esse paradoxo deve ser "aceito, tolerado e respeitado, e não resolvido" (Winnicott, 1951, p.s/n). Como assinala Khan (2000), Winnicott percebeu que para nós, seres humanos, "a verdade só funciona através da metáfora ou do paradoxo" (p. 17). Segundo Winnicott, "a vida é uma pirâmide invertida e o ponto sobre o qual ela repousa é um paradoxo. O paradoxo exige aceitação como tal e não precisa ser resolvido. Isto é loucura permitida, uma loucura que existe dentro do arcabouço de sanidade. Qualquer outra loucura é uma amolação, uma enfermidade" (Winnicott, 1970b, p.220 – o grifo é do autor).

Para que a mãe possa desempenhar satisfatoriamente a sua função – situar o objeto no lugar e no momento adequados – é necessário que ela esteja profundamente identificada com o seu bebê, adaptando-se ativamente às suas necessidades. Nessas condições, "em grande parte, ela é o bebê, e o bebê é ela" (Winnicott, 1966c, p.4). Winnicott chamou esse estado de sensibilidade muito especial, no qual a mãe ingressa

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

pouco antes de dar à luz e do qual se recupera algumas semanas ou meses após o nascimento, de preocupação materna primária.

> Essa condição organizada (que seria uma doença no caso de não existir uma gravidez) poderia ser comparada a um estado de retraimento ou de dissociação, ou a uma fuga , ou mesmo a um distúrbio num nível mais profundo, como por exemplo um episódio esquizóide, onde um determinado aspecto da personalidade toma poder temporariamente. Gostaria muito de encontrar um bom nome para essa condição, e propor que ele seja adotado como algo a ser levado em consideração toda vez que fosse feita referência à fase inicial da vida do bebê. Não acredito que seja possível compreender o funcionamento da mãe no início mesmo da vida do bebê sem perceber que ela deve alcançar esse estado de sensibilidade exacerbada, quase uma doença e recuperar-se dele (Winnicott, 1956a, p. 401).

É importante notar que, ainda que o papel da mãe seja decisivo nessa relação primordial, "aqui, como sempre na obra de Winnicott, há uma ênfase na iniciativa da ação no bebê... e não no ambiente, embora o contexto ambiental e a técnica fornecida pela mãe específica de um bebê específico sejam vitais" (Davis, 1981, p. 40). Para ele, o que importa é que, "seja qual for o grau de importância que atribuirmos ao ambiente, o indivíduo permanece, e dá ao ambiente um sentido" (Winnicott, 1988[54], p.119).

Segundo Abram (2000), conceito de criatividade começa a ganhar forma em 1953, por ocasião de um comentário de Winnicott à obra de Fairbairn. Nessa oportunidade, ele afirma a necessidade de se postular a existência de uma criatividade primária, de modo que se possa contemplar um "campo da experiência infantil e do desenvolvimento egóico, que não necessariamente estão associados ao conflito pulsional" (Winnicott, 1953, apud. Abram, 2000, p. 84).

> ... apenas recentemente os analistas começaram a sentir a necessidade de elaborar uma hipótese que contemplasse o campo da experiência infantil e do desenvolvimento egóico, que não necessariamente estão associados ao conflito pulsional, e onde existisse intrinsecamente um processo psíquico comparável àquele que denominamos de 'criatividade (psíquica) primária' (Winnicott, 1953, apud. Abram (2000), p. 84).

Há dois anos Winnicott havia introduzido os termos 'objetos transicionais' e 'fenômenos transicionais' para designar uma área intermediária de experiência, uma "área de desenvolvimento e experiências individuais [que] parece ter sido desprezada [pelos psicanalistas], enquanto a atenção se focalizava na realidade psíquica, pessoal e interna, e sua relação com a realidade externa ou compartilhada" (Winnicott, 1971b, p.s/n). Como

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

observa Davis (1981), trata-se de uma parte da sua teoria que deve a sua evolução a uma observação direta, simples e sensível, oriunda de sua experiência clínica como pediatra. Winnicott notou que o primeiro objeto possuído pelo bebê tinha uma importância especial para ele, a qual era reconhecida, consentida e respeitada pelos pais. A partir de suas observações, ele fez remontar a origem dessa primeira possessão não-eu do bebê - o objeto transicional - a formas muito primitivas de se relacionar e brincar.

Para Winnicott uma investigação acerca dos fenômenos transicionais e, portanto, de uma dimensão não-pulsional, "não pode, na realidade, estar fora do campo daqueles cujo interesse é a magia do viver imaginativo e criador" (Winnicott, 1971b, p.s/n). Mas, além de tentar desvendar o enigma colocado pelo psiquismo humano, há o interesse de Winnicott em compreender a experiência do existir humano. Na sua opinião, "essa teoria não afeta o que conhecemos a respeito da etiologia das psiconeuroses, ou do tratamento de pacientes psiconeuróticos; tampouco se choca com a teoria estrutural da mente, formulada por Freud. Mas afeta nossa visão da pergunta: "sobre o que versa a vida?" (Winnicott, 1967d, p.138). Winnicott relata como foi conduzido a refletir sobre essas questões a partir do tratamento de psicóticos: "Os pacientes psicóticos que pairam permanentemente entre o viver e o não viver, forçam-nos a encarar esse problema, problema que é realmente próprio, *não dos psiconeuróticos , mas de todos os seres humanos*" (Idem, p.139). A seu ver, era insuficiente uma descrição da natureza humana que fosse formulada apenas em termos de uma realidade psíquica interna em oposição à uma realidade externa compartilhada. Existiria uma "terceira parte da vida do ser humano, parte que não podemos ignorar, que constitui uma área *intermediária* de experimentação, para qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa" (Idem, p. 15 – o grifo é do autor). Ele prossegue esclarecendo:

> Trata-se de uma área que não é disputada, porque nenhuma reivindicação é feita em seu nome, exceto que ela exista como lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, ainda que inter-relacionadas (Winnicott, 1951, p.15).

Portanto, é a este "lugar de repouso" que Winnicott está se referindo, em 1953, ao formular a hipótese de uma criatividade primária inerente a um campo da experiência que não estaria associado ao conflito pulsional. Para ele, "seja qual for a definição [de criatividade] a que cheguemos, ela deve incluir a idéia de que a vida vale a pena – ou não –

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

ser vivida, a ponto de a criatividade ser – ou não – uma parte da experiência de vida de cada um" (Winnicott, 1970c, p.23). A noção de criatividade acabou por se tornar sua principal referência na avaliação da experiência clínica, servindo de fundamento para uma ampla reflexão sobre a questão da saúde[3]. A seu ver, saúde é sinônimo de "espontaneidade e intuição" (Phillips, 1988, p. 54). Da mesma forma, ele considerava a "doença uma inibição do potencial de espontaneidade que, para ele, caracterizava a vivacidade de uma pessoa" (Idem, p. 2).

4.2 Um começo de muitos começos: o pequeno Deus, o verdadeiro *self* e a criação do mundo.

> *O que se comunica ao bebê é: 'Venha para o mundo de uma forma criativa, crie o mundo; só o que você criar terá significado para você'. E em seguida: 'O mundo está sob o seu controle'. A partir desta experiência de onipotência inicial o bebê é capaz de começar a experimentar a frustração, e até mesmo a de chegar um dia ao outro extremo da onipotência, isto é, de perceber que não passa de uma partícula do universo, um universo que ali já estava antes mesmo da concepção do bebê, e que foi concebido por um pai e uma mãe que gostavam um do outro. Não é a partir da sensação de ser Deus que os seres humanos chegam à humildade característica da individualidade humana?*
>
> *(Winnicott, 1968)*

Como vimos anteriormente, em 1945, ao estabelecer a sua teoria sobre *O Desenvolvimento Emocional Primitivo*, Winnicott postula a existência de três processos "cujo início ocorre muito cedo: 1- integração; 2- personalização; 3- em seguida a estes, a apreciação do tempo e do espaço e de outros aspectos da realidade – numa palavra a realização" (Winnicott, 1945a, p. 223). Nesse momento, o texto, além de sugerir a existência de uma certa seqüência entre os processos, apresentava o problema da relação com a realidade externa como uma "questão de dimensões colossais" (Idem, p. 227), que seria alcançada mediante o fenômeno da integração. Em *Natureza Humana* (1988[54]), ao fornecer uma apresentação alternativa desse tema, ele irá se referir aos três processos como três linguagens diferentes para a descrição dos fenômenos precoces do desenvolvimento

[3] Recomendamos ao leitor interessado sobre nessa temática a leitura do artigo, *O Conceito de Indivíduo Saudável*, Winnicott, 1967a.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

emocional. Além disso, ele altera a ordem de apresentação da seqüência, colocando o estabelecimento da relação com a realidade externa em primeiro lugar, acrescido do seguinte comentário: "não me foi possível encontrar uma seqüência óbvia no desenvolvimento que possa ser utilizada para determinar a ordem dessa descrição". (Winnicott, 1988[54], p. 119). Ainda que Winnicott (1945), aparentemente, não tenha chegado a uma conclusão definitiva sobre essa "questão de dimensões colossais" (p. 227), ele não hesita em afirmar que o problema do relacionamento com a realidade externa se coloca desde o início e que não se trata de uma conquista do desenvolvimento. Além disso, seu comentário, ao sugerir uma possível coexistência desses processos, nos permite entrever a complexidade que envolve esses acontecimentos precoces:

> Desde o início da sua obra Winnicott deixaria claro o papel do ambiente na constituição da subjetividade humana. Sobretudo, considerando as relações indivíduo-meio a partir de uma lógica não mecanicista ou linear. Para ele o sujeito é sempre auto-hetero-constitutivo, fruto de mecanismos complexificadores que não se esgotam numa estrutura pré-definida. Aquilo que o define como sujeito singular – portatno, como diferença -, advém de uma experiência paradoxal, engendrada pela retroação de seu potencial herdado com a participação ativo-adaptativa do meio ambiente facilitador: a criatividade primária (De Leo, 2005, p. 36-7).

Nessa empreitada, ele situa o problema da criatividade primária nos primórdios do desenvolvimento emocional, abordando-o através do conceito de 'primeira mamada teórica', ao mesmo tempo, fundamento de todos os relacionamentos excitados posteriores e protótipo de "qualquer primeiro contato teórico" (Winnicott, 1988[54], p. 134). Segundo Winnicott, "a primeira mamada teórica é representada na vida real pela soma das experiências iniciais de muitas mamadas" (Idem, p. 126). Ela é descrita, por ele, nos seguintes termos:

> O bebê está com uma crescente tensão instintiva. Desenvolve-se uma expectativa, um estado de coisas no qual o bebê está preparado para encontrar algo em algum lugar, mas sem saber o quê. Não há expectativa semelhante no estado tranqüilo ou não-excitado. Mais ou menos no momento certo, a mãe oferece o seio (Winnicott, 1988[54], p. 120).

Ainda que, "devido à extrema imaturidade do bebê a primeira mamada não possa ser significativa como experiência emocional, não resta dúvida de que se a primeira mamada ocorre satisfatoriamente, estabelece-se um contato, de modo que o padrão das mamadas se desenvolve a partir dessa primeira mamada" (Winnicott, 1988[54], p. 120). Winnicott chama a atenção para o fato de que, estas experiências excitadas são realizadas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

contra um fundo de tranqüilidade, no qual existe um outro tipo de relacionamento entre o bebê e a mãe[4] e, no seu entender, esse estado tranqüilo certamente é o primário.

Nos momentos inaugurais da existência, a dependência é um fato, "o lactente existe tão-somente por causa do cuidado materno, junto com o qual ele forma uma unidade" (Winnicott, 1960b, p. 42). Com a expressão 'relacionamento tranqüilo' Winnicott abrange todas as experiências do bebê que se desenrolam entre as mamadas e, das quais, não participa a tensão instintual. Neles o bebê encontra-se "elaborando imaginativamente os estados fisiológicos da digestão, ou envolvido pelos ruídos, cheiros e movimentos do ambiente" (Dias, 2003, p. 191). Esse tipo de relacionamento tranqüilo resulta dos cuidados maternos, especialmente daquilo que Winnicott designa por *holding* – segurar –, abrangendo com isso "a técnica pela qual alguém mantém a criança aquecida, segura-a e dá-lhe banho, balança-a e a chama pelo nome" (Winnicott, 1945a, p. 224). Ou seja, "o termo *holding* é utilizado aqui para significar não apenas o segurar físico de um lactente, mas também a provisão ambiental total, anterior ao conceito de 'viver com'[5] (Winnicott, 1960b, p.44 – os grifos são do autor). Para ele, o *holding* comporta tudo aquilo que, nesta ocasião, uma mãe é e faz, constituindo-se numa prerrogativa essencial para um bom começo. Nessas condições:

> O essencial constitui a mais simples de todas as experiências, a que se baseia no contato *sem atividade* e que cria as condições necessárias para que se manifeste o sentimento de unidade entre duas pessoas, que de fato são duas e não apenas uma. Estas coisas dão ao bebê a oportunidade de ser[6], a partir da qual podem surgir as coisas seguintes, que têm a ver com a ação, o fazer e o deixar que façam por ele. Aqui estão os fundamentos daquilo que, gradualmente, se torna para o bebê uma existência fundamentada na auto preservação (Winnicott, 1966c, p. 5 – o grifo é nosso).

Winnicott (1966c) fala de "contato *sem atividade*" a fim de ressaltar que nesse tipo de contato, propiciado pelo *holding*, a satisfação pulsional não está em jogo. Aqui, a dependência é absoluta: "o bebê é amparado pela mãe, e só entende o amor que se expressa

---

[4] Como vimos no capítulo anterior, Winnicott considera a distinção entre os estados excitados e tranqüilos a dissociação mais primária e fundamental da personalidade, a qual, na década de 60, foi por ele abordada através da diferença entre a mãe-ambiente e a mãe-objeto.

[5] Segundo Winnicott, nesse contexto "a expressão 'viver com' implica relações objetais, e a emergência do lactente do estado de estar fundido com a mãe, e sua percepção dos objetos como externos a ele próprio" (Winnicott, 1960b, p. 44).

[6] É importante ressaltar que no texto original de Winnicott encontramos a expressão *going on being*, estar sendo, que nos remete à noção de movimento e continuidade, transmitindo, dessa forma, a idéia de uma realidade processual.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

em termos físicos [...] nesse momento estamos mais preocupados com a mãe *segurando* o bebê em seus braços - *holding* – do que com a mãe alimentando o bebê" (Winnicott, 1955, p.217). Desse modo, ao contar com um cuidado materno suficientemente bom de início, o bebê não está sujeito a satisfações instintivas a não ser quando há participação do ego. Assim, não é tanto uma questão de gratificar o bebê como de lhe permitir descobrir e se adaptar por si mesmo ao objeto seio. É nesse sentido que devemos compreender a afirmação de Winnicott (1962a) de que "não há id antes do ego" (p. 55). Sem o alicerce de um relacionamento suficientemente bom e tranqüilo, o relacionamento com a realidade externa fica comprometido: "as experiências instintivas , que constituem a base essencial desse relacionamento, não podem ser sentidas com a intensidade completa de um envolvimento total" (Davis, 1981, p. 39).

Vale lembrar que, nesse estágio inicial, "o lactente está não-integrado na maior parte do tempo, e nunca completamente integrado; a coesão dos vários elementos sensório-motores resulta do fato de que a mãe envolve o lactente, às vezes fisicamente e de modo contínuo simbolicamente" (Winnicott, 1960c, p.132). Nessas condições, "o bebê passa com muita facilidade, da integração ao conforto descontraído da não-integração" (Winnicott, 1968b, p. 86). Como observa Abram (2000), Winnicott "passa a descrever esse estado de 'ser' como um estado de não-integração" (p.240):

> ... nos momentos tranqüilos dizemos que não existe uma ordem, mas apenas uma profusão de coisas distintas, o céu visto por entre as árvores, algo a fazer com os olhos da mãe que vêm e vão vasculhando tudo. Falta a necessidade de qualquer integração... é extremamente importante ser capaz de manter isso. Sem isso alguma coisa é perdida. Algo relacionado a estar calmo, descansado, relaxado e sentindo-se 'um' com as pessoas e as coisas quando não há excitação ao redor (Winnicott, 1948, apud. Davis, 1981, p. 35).

Winnicott irá se referir às necessidades mais iniciais do bebê como necessidades do ego, em oposição às necessidades do id que colocam em cena a questão da satisfação dos instintos. A seu ver, "pode-se usar a palavra ego para descrever a parte da personalidade que tende, sob condições favoráveis a se integrar em uma unidade [...] O ego se oferece para estudo muito antes da palavra *self*[7] ter relevância" (Winnicott, 1962a, p. 55).

[7]Como observa Abram (2000), ainda que a distinção entre *self* e ego seja difícil de ser estabelecida, "é de extrema utilidade ter em mente que, apesar disso nunca ter sido suficientemente esclarecido pelo próprio Winnicott, o ego constitui-se em um aspecto do self que possui uma função bastante particular: organizar e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Para ele, "o *self* verdadeiro provém da vitalidade dos tecidos corporais e da atuação das funções do corpo, incluindo a ação do coração e a respiração [...] e é, de início, essencialmente não reativo aos estímulos externos" (Winnicott, 1960c, p.136). A integração é o principal aspecto dessa etapa inicial desenvolvimento, na qual o ego incipiente do bebê começa a se desenvolver, apoiado pelo ego materno. Aqui as forças do id clamam por atenção e são, de início, externas ao bebê (Winnicott, 1960b).

> Deve-se ressaltar que ao me referir a satisfazer as necessidades do lactente não estou me referindo à satisfação dos instintos. Na área que estou examinando os instintos não estão ainda claramente definidos como internos ao lactente. Os instintos podem ser tão externos como o troar de um trovão ou uma pancada. O ego do lactente está criando força e, como conseqüência, está a caminho de um estado em que as exigências do Id serão sentidas como parte do *self*, e não como ambientais. Quando esse desenvolvimento ocorre, a satisfação do id se torna um importante fortificante do ego, ou do *self* verdadeiro, mas as excitações do id podem ser traumáticas quando o ego ainda não é capaz de incorporá-las, e ainda é incapaz de sustentar os riscos envolvidos e as frustrações experimentadas até o ponto em que a satisfação do id se torne um fato (Winnicott, 1960c, p. 129).

Deste modo, "o auxílio do ego do cuidado materno possibilita ao lactente viver e se desenvolver, a despeito de não ser capaz de controlar ou de se sentir responsável pelo que de bom e mau ocorre no ambiente" (Winnicott, 1960b, p. 39). Dizemos, então, "que o apoio do ego materno facilita a organização do ego do bebê" (Winnicott, 1966c, p.9), resultando numa identificação por parte do bebê, "que é menos uma realização do bebê que um resultado do relacionamento que a mãe possibilita... as pessoas chamam de identificação primária. Isso é o começo de tudo[8], e confere significado a palavra muito simples como ser" (Idem).

> O importante é que eu sou *não significa nada, a não ser que eu*, inicialmente, *seja juntamente com um outro ser humano* que ainda não foi diferenciado. Por esse motivo, é mais verdadeiro falar a respeito de *ser* do que usar as palavras *eu sou*. Não é exagero dizer que a condição de ser é o início de tudo, sem a qual o *fazer* e o *deixar que lhe façam* não tem significado. É possível induzir um bebê a alimentar-se e a desempenhar todos os processos corporais, mas ele não sente essas coisas como uma experiência, a menos que esta última se forme sobre uma proporção de simplesmente ser, que seja suficiente para constituir o eu que será, finalmente, uma pessoa. (Winnicott, 1966c p. 9 – o grifo é do autor).

---

integrar a experiência" (p.221). Para maiores esclarecimentos sobre a distinção entre *self* e ego recomendamos a leitura do capítulo dois desta tese.

[8] Em 1962, ao afirmar que "o início está no momento em que o ego inicia", Winnicott acrescenta a seguinte nota: "é bom lembrar que o começo é uma soma de começos" (Winnicott, 1962a, p.56).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Do mesmo modo que Winnicott já fala de *holding* materno mesmo antes de o bebê nascer, ele postula a existência de "um estado de ser que é um fato no bebê normal, antes do nascimento e logo depois" (Winnicott, 1988[54], p.148). Segundo ele, "o desenvolvimento inicial do indivíduo, implica num continuar a ser" (Winnicott, 1949b, p. 334). Esse sentimento de continuidade de ser emerge "como resultado da experiência subjetiva do bebê ser fundido à mãe suficientemente boa" (Abram, 2000, p.238). E, nos termos de Winnicott, "a continuidade de ser significa saúde" (Winnicott, 1988[54], 148).

> A capacidade que a mãe possui de ir ao encontro das necessidades em constante mutação e desenvolvimento deste bebê permite que sua trajetória de vida seja relativamente contínua; permiti-lhe também, vivenciar situações fragmentárias ou harmoniosas, a partir da confiança que deposita no fato concreto de o segurarem. [...] ele passa a confiar nos processos internos que levam à integração em uma unidade (Winnicott, 1968b, p. 86).

Winnicott atribui importância vital a esses acontecimentos precoces. A seu ver, "as bases da saúde mental são lançadas na primeira infância, pelas técnicas utilizadas com naturalidade por uma mãe, preocupada em cuidar do seu filho" (Winnicott, 1952c, p.305). "Na verdade, o êxito no cuidado infantil depende de devoção[9], e não de 'jeito' ou de esclarecimento intelectual" (Winnicott, 1951, p. 25). E, "do sucesso nessa etapa depende a saúde mental no que diz respeito à psicose" (Winnicott, 1952c, p. 308). No seu entender, nesses momentos iniciais, a falha de adaptação[10] materna provoca uma distorção nos processos de vida individual do bebê. Ou seja, como ele mesmo afirma, "uma inauguração tão delicada de relacionamento exige certas condições" (Winnicott, 1988[54], p.123). Aqui, o ambiente adquire sua importância máxima na provisão as condições favoráveis à realização das tendências inatas do bebê, ou seja, a integração, a personalização e o relacionamento com a realidade externa. "Igualmente importante, além da integração, é o desenvolvimento do sentimento de estar dentro do próprio corpo" (Winnicott, 1945a, p. 225), em uma palavra, a personalização. Tal como no processo de integração, "é a experiência instintiva e a repetida e silenciosa experiência de estar sendo cuidado fisicamente que constroem, gradualmente, o que podemos chamar de personalização"

[9] Em 1966, Winnicott utiliza a expressão a *mãe dedicada comum* para se referir a mulher que se encontra engajada na luta pela sobrevivência e, como qualquer outro ser humano, sujeita as venturas e desventuras próprias do viver. O que a distingue é que um dia ela se descobre "anfitriã de um novo ser humano" (Winnicott, 1966c, p. 3).

[10] As conseqüências das falhas do meio-ambiente nesse estágio do desenvolvimento serão abordadas no tópico 4.3 desta tese.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

(Idem). Isto "significa que o bebê passa a sentir, como uma conseqüência do toque amoroso, que seu corpo constitui-se nele mesmo (o bebê), e/ou que seu sentimento de *self* centra-se no interior de seu próprio corpo" (Abram, 2000, p. 138). Winnicott chamou a isto de integração psicossomática. A seu ver, "é fácil considerar óbvia a localização da psique no corpo, esquecendo que se trata de algo a ser alcançado" (Winnicott, 1988[54], p.143). "O resultado do progresso normal no desenvolvimento do lactente durante essa fase [do *holding*] é que ele chega ao que se poderia chamar 'estado unitário'[11]. O lactente se torna uma pessoa, com individualidade própria" (Winnicott, 1960b, p.45 – o grifo é do autor).

> Associada a isso está a chegada do lactente à existência psicossomática, que começa a adquirir um padrão pessoal; eu me referi a isso como a inserção da psique no soma. A base dessa inserção é a ligação das experiências funcionais motoras e sensoriais com o novo estado do lactente de ser uma pessoa. Como um desenvolvimento adicional vem a existir o que poderia se chamar de membrana limitante, que até certo ponto (normalmente) é equacionada com a superfície da pele, e tem uma posição entre o 'eu' e o 'não-eu' do lactente. De modo que o lactente vem a ter um interior e um exterior, e um esquema corporal (Winnicott, 1960b, p.45 – o grifo é do autor)

Na medida em que os processos de integração e personalização estão em andamento, amparados por um ambiente facilitador, podemos dizer que o palco está armado para que as experiências instintivas aconteçam e possam ser sentidas como pessoais[12]. Esse é o contexto para o qual Winnicott nos chama a atenção: o do relacionamento tranqüilo e harmonioso com a mãe, a fim de considerarmos a realização da primeira mamada (teórica). Nessas condições, e somente nelas, o bebê está pronto para criar, e a mãe torna possível para o bebê ter a ilusão de que o seio, e aquilo que o seio significa, foram criados pelo impulso originado na necessidade. Assim, segundo Winnicott (1988[54]),

> Se as complicações não são grandes demais, ocorre algo muito simples. É difícil encontrar as palavras exatas para descrever este simples evento, mas podemos dizer que em razão de uma vitalidade do bebê e através do desenvolvimento da tensão instintiva o bebê acaba por esperar alguma coisa; e então há um movimento de alcançar algo, que pode rapidamente tomar a forma de um movimento impulsivo da mão ou da boca em

[11] Lembramos que esse 'estado unitário' deve ser considerado como uma condição passível de ser reversível e transitória. Como vimos no capítulo anterior, "a integração da personalidade não é alcançada num determinado dia ou numa determinada época. Ela vem e vai, e mesmo quando alcançada em alto grau pode ser perdida devido a uma situação ambiental adversa" (Winnicott, 1950-55, p.289).

.

[12] É importante lembrar que, para Winnicott, apenas em termos teóricos podemos falar de uma seqüência lógica entre esses processos, na medida em que, desde o início, eles entrariam em funcionamento de maneira simultânea.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> direção a um suposto objeto. Creio que não será inadequado dizer que o bebê está pronto para ser criativo. Haveria a alucinação de um objeto, se houvesse material mnemônico para ser usado nesse processo de criação, mas isso não pode ser postulado considerando-se que é uma primeira mamada teórica. Aqui o ser humano se encontra na posição de estar criando o mundo. O motivo é a necessidade pessoal; testemunhamos então a gradual transformação da necessidade em desejo (Winnicott, 1988[54], p. 122).

Dessa forma, para Winnicott, a mãe, depois de satisfazer as necessidades mais primitivas de seu bebê pelo simples cuidado físico, tem diante de si uma nova tarefa: "ela deve ir ao encontro do momento criativo específico, e saber disso através de sua própria capacidade para identificar-se com o bebê e pela observação do seu comportamento" (Winnicott, 1988[54], p. 122). É nesse contexto de *holding*, quando as experiências do bebê têm início, que ocorrem as comunicações mais importantes entre o bebê e sua mãe. Nessas condições, a comunicação é uma questão de contato físico e se constitui a partir de uma experiência de mutualidade. Sem dúvida, trata-se de uma comunicação silenciosa, que "se baseia na empatia materna mais do que na compreensão do que é ou poderia ser verbalmente expresso" (Winnicott, 1960b, p.41). É essa comunicação silenciosa que auxilia a "mãe a concretizar exatamente aquilo que o bebê está pronto para procurar, de tal forma que ela lhe dá uma idéia das coisas que ele está pronto para procurar" (Winnicott, 1968b, p.89). Ou seja, no âmbito dos primeiros contados, "a comunicação só se torna ruidosa quando fracassa" (Winnicott, 1969b, p.200).

Segundo Winnicott, a capacidade do lactente de usar símbolos resulta do "êxito repetido da mãe em responder ao gesto espontâneo ou alucinação sensorial do lactente" (Winnicott, 1960c, p.133). A seu ver, o que deve ser ressaltado na expressão 'realização simbólica' presente no trabalho de Sechehaye, é o fato de que "é o gesto ou alucinação do lactente que se torna real" (Idem). Ele considera este um ponto essencial de sua teoria e a única condição que permite que o verdadeiro *self* se torne uma realidade viva. Se tudo correr bem, com o passar do tempo, o gesto criativo, o choro e o protesto, acabam por se transformar em 'pequenos sinais' que auxiliam a mãe a realizar a sua tarefa. Nesse momento, certamente, o bebê já estará próximo do fim da fusão com os cuidados maternos.

Winnicott (1960b) chama atenção para a distinção muito sutil que há entre a compreensão da mãe das necessidades do bebê baseada na empatia, e sua mudança para uma compreensão baseada em algo no bebê ou criança pequena que identifica a necessidade. Trata-se de uma tarefa que é especialmente difícil para as mães em virtude das

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

crianças oscilarem entre um estado e outro com muita facilidade: "em um minuto elas estão fundidas com a mãe e requerem empatia, enquanto no seguinte estão separadas dela, e então, se ela souber suas necessidades por antecipação ela é perigosa, uma bruxa" (Winnicott, 1960b, p. 50).

Segundo Winnicott (1988[54]), é "enganoso pensar no estabelecimento do senso de realidade do bebê como um produto da insistência da mãe quanto à natureza externa das coisas do mundo externo" (p. 121). Em 1945, ele descreve o contato inicial com a realidade externa enquanto um 'momento de ilusão': uma superposição de duas linhas de vida que se efetiva na medida em que "a mãe e o bebê *vivam juntos uma experiência*[13]" (Winnicott, 1945a, p. 227), por ocasião da primeira mamada teórica.

> Tentarei descrever nos termos mais simples de que modo vejo esse fenômeno... O bebê tem impulsos instintivos e idéias predatórias. A mãe tem o seio e o poder de produzir leite, e a idéia de que ela gostaria de ser atacada por um bebê faminto. Esses dois fenômenos não estabelecem uma relação entre si até que a mãe e o bebê *vivam juntos uma experiência*.
> Imagino esse processo como se duas linhas viessem de direções opostas, podendo aproximar-se uma da outra. Se elas se superpõem, ocorre um *momento de ilusão*. (Winnicott, 1945a, p.227 – os grifos são do autor).

Como vimos, a mãe é responsável por fornecer o contexto no qual irá se estabelecer o relacionamento primário com a realidade externa: no momento oportuno, ela fornece o seio e o desejo de alimentar um bebê faminto. Não se pode dizer que o bebê saiba, de saída, o que deve ser criado. O importante é que, é "a adaptação da mãe quando suficientemente boa [que] dá a este a *ilusão* de que existe uma realidade externa correspondente à sua capacidade de criar" (Winnicott, 1951, p.27- o grifo é do autor). Desse modo, o momento de ilusão consiste no contato com "uma partícula de experiência que o bebê pode considerar *ou* como uma alucinação sua, *ou* como um objeto pertencente à realidade externa" (Winnicott, 1945a, p.227 – os grifos são do autor). Podemos, então, dizer que através da adaptação sensível da mãe "as idéias do bebê são enriquecidas por detalhes reais de visão, sensação, cheiro, e na próxima vez esses materiais serão usados na alucinação" (Idem). Desse modo, para Winnicott, a ilusão não seria um substituto da realidade, mas o primeiro e único método de encontrá-la.

[13] Em 1969 Winnicott utilizou a expressão experiência de mutualidade para se referir a esse viver junto inicial.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Em de 1951, no artigo *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais*, ele retoma essa temática, empreendendo um amplo estudo sobre o que ele chama "substância da ilusão" que resulta no reconhecimento de uma área intermédia da experiência, - entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido - uma área de ilusão que pode também se apresentar com um espaço potencial entre o indivíduo e o mundo. Nessa ocasião ele reconhece na experiência ilusória "uma raiz natural do agrupamento entre os seres humanos" (Winnicott, 1951, p.15).

Como observa Phillips (1988), freqüentemente "pensamos em ilusão como algo enganoso ou como alguma coisa em que podemos acreditar a fim de nos proteger de uma realidade mais inaceitável" (p. 83). Para Winnicott, no entanto, "é através da ilusão e, de fato, somente através da ilusão que o bebê pode ter acesso à realidade" (Phillips, 1988, p.83). Em todos os casos, a ilusão deve surgir em primeiro lugar. Somente após a experiência da ilusão o bebê passa a ter "inúmeras possibilidades de aceitar e até mesmo utilizar a desilusão" (Winnicott, 1988[54], p. 121).

Winnicott não cansa de enfatizar a importância decisiva do papel da mãe nesse momento – a mãe suficientemente boa. "Não há possibilidade alguma de um bebê progredir do princípio do prazer para o princípio de realidade ou no sentido, e para além da identificação primária, a menos que exista uma mãe suficientemente boa" (Winnicott, 1971[51], p.23). É a adaptação ativa da mãe às necessidades do bebê que, "propicia ao bebê a oportunidade para a *ilusão* de que o seio dela faz parte do bebê, de que está, por assim dizer, sob o controle mágico do bebê" (Winnicott, 1951, p.26 – o grifo é do autor). Nessas condições, "a onipotência é quase um fato da experiência" (Idem).

Ao mesmo tempo em que Winnicott descreve a primeira mamada (teórica) como um momento, por essência, criativo, ele afirma: "após a primeira mamada teórica, o bebê começa a ter material com o qual criar" (Winnicott, 1988[54], p.126). Com isso ele nos dá a dimensão da sua concepção do processo criativo. Nesse "início teórico, o bebê vive desperto em um mundo onírico. O que se acha lá quando ele está acordado torna-se material para sonhos. Mais tarde, a alternância de adormecido e desperto deve tornar-se nítida e o mundo do bebê deixa de ser um mundo subjetivo" (Winnicott, 1970b, p. 220). Podemos, então, dizer que, "de certa forma, o bebê está acumulando material para o sonho" (Winnicott, 1968a, p.24), ou mesmo, que "aos poucos o bebê começa a se tornar capaz de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

alucinar o mamilo no momento em que a mãe está pronta para oferecê-lo" (Idem). Em outras palavras, depois de haver criado o seio como um fenômeno subjetivo, em virtude da presença real (e oportuna) do seio materno, o bebê torna-se capaz de imaginá-lo, até mesmo, em sua ausência. No decorrer do tempo, a partir da repetição dessa experiência e da oportuna apresentação de objeto, feita pela mãe,

> surge um estado no qual o bebê sente confiança em que o objeto do desejo pode ser encontrado, e isto significa que o bebê gradualmente passa a tolerar a ausência do objeto. Desta forma inicia-se no bebê a concepção de realidade externa, um lugar de onde os objetos aparecem e no qual eles desaparecem. Através da magia do desejo, podemos dizer que o bebê tem a ilusão de possuir uma força criativa mágica, e a onipotência existe como um fato, através da sensível adaptação da mãe (Winnicott, 1988[54], p.126).

Aqui a palavra chave é confiança. Uma "adaptação bem sucedida dá uma sensação de segurança e um sentimento de ter sido amado" (Winnicott, 1968b, 87). Com o passar do tempo, a capacidade da mãe de ir ao encontro das necessidades do bebê, em constante processo de mudança e desenvolvimento, resulta numa comunicação (silenciosa) ao seu bebê: "sou confiável – não por ser máquina, mas porque sei do que você está precisando; além disso, me preocupo, e quero providenciar as coisas que você deseja. Isso é o que chamo de amor, neste estágio do seu desenvolvimento" (Idem). Desse modo, em condições favoráveis, a onipotência é vivenciada de tal modo que, o bebê tem a experiência de ser alimentado por um objeto que ele possui e controla. "O lactente experimentando onipotência sob a tutela do ambiente facilitador *cria e recria* o objeto, e o processo gradativamente se forma dentro dele e adquire um apoio na memória" (Winnicott, 1963c, p.164). Como observa Phillips (1988), é a repetição dessa experiência que fornece ao bebê "a confiança no seu desejo como fonte de possibilidade... um incentivo ao contato com o mundo externo" (p.84).

Para Winnicott, a possibilidade de um reconhecimento gradual, por parte do bebê, da ausência de controle mágico sobre a realidade externa repousa nessa experiência inicial de onipotência, viabilizada pela técnica adaptativa da mãe. Assim, a principal tarefa da mãe após propiciar oportunidade para ilusão é promover a desilusão, ou seja, a mãe torna-se sensível à crescente capacidade do bebê suportar pequenas falhas na sua adaptação. Desse modo, ela estará dando tempo ao filho para adquirir, no seu tempo e no seu ritmo, todas as formas de lidar com o choque de reconhecer a existência de um mundo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

situado fora do seu controle mágico. Somente o bebê que gozou da ilusão do onipotente, criando e controlando, "pode então gradativamente vir a reconhecer o elemento ilusório, o fato de brincar e imaginar. Isto é a base do símbolo que de início é, ao mesmo tempo espontaneidade e alucinação, e também, objeto externo e finalmente catexizado" (Winnicott, 1960c, p. 133).

4.2.1 O brincar, o espaço potencial e o gesto espontâneo

> *Os momentos em que o poeta original dentro de nós criou o mundo externo, descobrindo o familiar no não familiar, são talvez esquecidos pela maioria das pessoas ou permanecem guardados em algum lugar secreto da memória, porque se assemelham muito a visitações de deuses par que sejam mesclados com o pensamento cotidiano.*
> *Milner, 1957*

Como vimos até agora, em condições favoráveis, a experiência da primeira mamada teórica resulta na criação de um "terceiro mundo, um mundo ilusório" que nem é a realidade interna do bebê, nem é um fato externo, "e que toleramos num bebê, ainda que não o façamos num adulto" (Winnicott, 1988[54], p.126). São esses primeiros estágios do uso da ilusão, chamados por Winnicott de fenômenos transicionais, que são abordados de forma detalhada com o conceito de primeira mamada teórica: "considerei útil denominar os objetos e fenômenos que pertencem a este tipo de experiências de 'transicionais'. Aos objetos chamei de 'objetos transicionais', e às técnicas empregadas nessas situações de 'fenômenos transicionais'(Winnicott, 1988[54], p. 126)". Ele observa que "o contato inicial entre o bebê e sua mãe pode parecer apenas uma brincadeira [...] podemos dizer, que mãe e filho estão brincando" (Idem, p.125). Como observa Davis (1985), em seus escritos, Winnicott se dedicou, de maneira especial, a investigar duas maneiras de se estar em condições de se relacionar com outras pessoas. A primeira e a mais primitiva é o brincar, que resulta da sobreposição do espaço potencial do indivíduo com o de um outro. A outra, é um tipo de relacionamento que ele chamou de 'identificação cruzada[14]', o qual já requer um certo grau de desenvolvimento emocional.

[14] O tema da identificação cruzada será abordado mais adiante.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Segundo Abram (2000), já na década de 30, Winnicott teve a sua atenção despertada pela importância e a função do brincar. E, como ele mesmo afirma, o brincar sempre se constituiu como uma característica da sua técnica de consulta. No entanto foi, sobretudo, durante a década de 60 que ele "destacou o valor deste brincar, em especial com relação à psicoterapia e à busca e à descoberta do *self*"(p.56). Para Winnicott (1971c), "o brincar precisa ser estudado como um tema em si mesmo, suplementar ao conceito de sublimação do instinto" (p. 60), na medida em que, nele, a satisfação instintual não é o que é buscado. Pelo contrário, "se a excitação física do envolvimento instintual se torna evidente, então o brincar se interrompe ou, pelo menos se estraga (Idem). Ele admite que, a partir dos seus estudos sobre os fenômenos transicionais "o significado do brincar adquiriu um novo colorido" (Idem, p. 61). E, desde então, foi possível reivindicar que:

> *O brincar tem um lugar* e um tempo. Não é *dentro*,... Tampouco é *fora*, o que equivale a dizer que não constitui parte do mundo repudiado, do não-eu, aquilo que o indivíduo decidiu identificar (com dificuldade e até mesmo sofrimento) como verdadeiramente externo, fora do controle mágico (Winnicott, 1971c, p. 62).

No entender de Winnicott (1971c), "para controlar o que está fora, há que fazer coisas, não simplesmente pensar ou desejar, e fazer coisas toma tempo" (p.70). Desse modo ele chama a atenção para o fato de que, "brincar é fazer". Ele resumiu a sua teoria do brincar examinando uma seqüência de relacionamentos que têm lugar no processo de desenvolvimento:

1. O bebê está fundido ao objeto. "A visão que o bebê tem do objeto é subjetiva e a mãe se orienta no sentido de tornar concreto aquilo que o bebê está pronto a encontrar".

2. "O objeto é repudiado, aceito de novo e objetivamente percebido. Esse processo complexo é altamente dependente da mãe ou figura materna preparada para participar e devolver o que é abandonado" .

Aqui, o fator tempo é importante, em virtude de que "a mãe se acha num permanente oscilar entre ser o que o bebê tem capacidade de encontrar e ser ela própria, aguardando ser encontrada" . Se ela for capaz de sustentar essa situação por um certo período de tempo, o "bebê tem certa experiência de controle mágico" – a onipotência torna-se um fato da sua experiência. Podemos então, dizer que se desenvolve um estado de confiança no qual "o bebê começa a fruir de experiências baseadas num 'casamento' da onipotência dos processos intrapsíquicos com o controle que tem do real" (Idem, p. 71- o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

grifo é do autor). No entender de Winnicott (1971c), "a confiança na mãe cria aqui um *playground* intermediário, onde a idéia da magia se origina, visto que o bebê, até certo ponto, *experimenta* onipotência" . Ele esclarece que chama "isso de *playground* porque a brincadeira começa aqui. O *playground* é um espaço potencial entre a mãe e o bebê, ou que une a mãe e o bebê" (Idem).

Ainda que Winnicott reconheça que a brincadeira é extremamente excitante, ele chama a atenção para o fato de que ela "é excitante *não primariamente porque os instintos se acham envolvidos*, isso está implícito" (Idem – o grifo é do autor). A seu ver, a importância do brincar advém da "precariedade do interjogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle de objetos reais. É a precariedade própria da magia, magia que se origina na intimidade de um relacionamento que está sendo descoberto com digno de confiança " (Idem).

3. Na etapa seguinte o bebê é capaz de "ficar sozinho na presença de alguém". Ele é capaz de brincar "com base na suposição de que a pessoa a quem ama e que, portanto, é digna de confiança e lhe dá segurança, está disponível e permanece disponível quando é lembrada, após ter sido esquecida". Para Winnicott, "essa pessoa é sentida como se refletisse de volta o que acontece no brincar" (Idem).

4. Nesse momento a criança começa a poder "fruir de uma superposição de duas áreas de brincadeira". A mãe, que inicialmente brincou com o seu bebê, com o cuidado suficiente para ajustar-se às suas atividades lúdicas, começa a introduzir elementos do seu próprio brincar. "Dessa maneira, está preparado o caminho para um brincar conjunto num relacionamento" (Idem, p. 72).

Para Winnicott, o essencial é que o brincar é sempre uma experiência: "uma experiência criativa, uma experiência na continuidade espaço-tempo, uma forma básica de viver" (Idem p.75). Ele resume assim as principais qualidades do brincar:

> (a). É útil pensar na *preocupação* que caracteriza o brincar de uma criança pequena. O conteúdo não importa. O que importa é o estado de quase alheamento, aparentado à *concentração* das crianças mais velhas e dos adultos. A criança que brinca habita uma área que não pode ser facilmente abandonada, nem tampouco admite facilmente intrusões.
> (b). Essa área do brincar não é a realidade psíquica interna. Está fora do indivíduo, mas não é o mundo externo.
> (c). A criança traz para dentro dessa área da brincadeira objetos ou fenômenos oriundos da realidade externa, usando-os a serviço de alguma amostra derivada da realidade interna ou pessoal. Sem alucinar, a criança pões para fora uma mostra do potencial

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

onírico e vive com essa amostra num ambiente escolhido de fragmentos oriundos da realidade externa.
(d). No brincar, a criança manipula fenômenos externos a serviço do sonho e veste fenômenos externos escolhidos com significado e sentimentos oníricos.
(e). Há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado, e deste para as experiências culturais.
(f). O brincar implica confiança e pertence ao espaço potencial existente entre (o que era a princípio) bebê e figura materna, com o bebê num estado de dependência quase absoluta e a função adaptativa da figura materna tida como certa pelo bebê.
(g). O brincar envolve o corpo:

I. devido a manipulação de objetos.
II. porque certos tipos de intenso interesse estão associados a certos aspectos de excitação corporal.

(h). A excitação das zonas erógenas ameaça constantemente o brincar e, portanto, ameaça o sentimento que a criança tem de existir como uma pessoa. Os instintos constituem a principal ameaça tanto à brincadeira quanto ao ego; na sedução um agente externo explora os instintos da criança e ajuda a aniquilar o sentimento que ela tem de existir como unidade autônoma, tornando impossível o brincar.
(i). *Brincar, essencialmente satisfaz*. Isso é verdade mesmo quando leva a um alto grau de ansiedade. Há um grau de ansiedade que é insuportável e destrói o brincar.
(j). O elemento prazeroso no brincar traz consigo a implicação de que o despertar instintual não é excessivo; o despertar instintual além de um certo ponto tem de conduzir a:

I. clímax
II. clímax fracassado e uma sensação de confusão mental e desconforto físico que só o tempo pode corrigir.
III. clímax alternativo (como na provocação da reação dos pais, ou social, na ira, etc.)

Pode-se dizer que o brincar atinge seu próprio ponto de saturação, que se refere à capacidade de conter a experiência.
(k). O brincar é inerentemente excitante e precário. Essa característica não provém do despertar instintual, mas da precariedade própria ao interjogo na mente da criança do que subjetivo (quase alucinação) e do que é objetivamente percebido (realidade concreta ou realidade compartilhada) (Winnicott, 1971, p. 76-7 – o grifo é do autor).

Segundo Winnicott (1971c), o brincar está localizado no espaço potencial existente entre o indivíduo e o ambiente. Como observa Davis (1981), ainda que essa área intermediária, em sua origem, tenha servido à experiência de onipotência, "o que é vital, no caminho do indivíduo em direção à independência, não é a continuação da experiência de onipotência, mas, ao invés disso, uma continuação da capacidade criativa" (p.64). Sabemos que a criatividade envolve o indivíduo numa ação espontânea. E, para Winnicott, "isto é tão verdadeiro com relação à experiência do indivíduo quanto à criança brincando" (Idem). Ele postula a existência de uma apercepção criativa que, juntamente com o desenvolvimento cognitivo, permite ao indivíduo engajar-se "numa troca significativa com o mundo, um

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

processo de duas direções no qual o auto-enriquecimento se alterna com a descoberta do significado do mundo das coisas vistas" (Winnicott, 1967e, p.155).

> Tenho esperança que o leitor aceite uma referência geral à criatividade, tala como postulamos aqui, evitando que a palavra se perca ao referi-la apenas à criação bem sucedida ou aclamada, e significando-a com um colorido de toda a atitude com relação à realidade externa.
> É através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo em todos os seus pormenores é reconhecido apenas como algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação. A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à idéia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida (Winnicott, 1971e, p. 95).

De fato, "qualquer atividade pode vir a pertencer a essa área desde que seja colorida pelo sentimento individual de estar pessoalmente presente" (Davis, 1981, p. 64). Na opinião de Davis (1981), o que melhor expressa essa noção de apercepção é a afirmação de Winnicott (1971d) de que,"é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou o adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu *self*. (p.80). Ele propõe a seguinte seqüência:

(a) relaxamento em condições de confiança baseada na experiência;

(b) atividade criativa, física e mental, manifestada na brincadeira;

(c) a somação dessas experiências formando a base do sentimento de *self*. (p. 83).

A seu ver, somente "nessas condições altamente especializadas o indivíduo pode reunir-se e existir como unidade, não como defesa contra ansiedade, mas como expressão do EU SOU, eu estou vivo, eu sou eu mesmo. Nesse posicionamento tudo é criativo" (Idem - o grifo é do autor). Vale lembrar que a continuidade do ser "tem lugar junto ao verdadeiro *self* e ao potencial herdado, e está relacionado à não-integração" (Abram, 2000, p. 238). É ela, a experiência de continuidade de ser, que serve de alicerce para o desenvolvimento da capacidade de brincar e viver criativamente.

A isto vem se somar o fato de que, para ele, "somente no brincar é possível a comunicação, exceto a comunicação direta, que pertence à psicopatologia ou a um extremo de imaturidade" (Idem). Para Winnicott, as atividades do espaço potencial resultam relacionamentos pessoais e significativos entre indivíduos separados. A comunicação acontece em virtude da superposição dos espaços potenciais, constituindo "um terreno

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

comum de relações afetivas, nas quais a tensão instintual não é um aspecto primordial, as relações tornam-se possíveis pela experiência de relacionamento egóico da infância" (Davis, 1981, p. 65). Em suma, a comunicação advém de uma mutualidade na experiência – a superposição dos espaços potenciais -, de tal modo que os relacionamentos interpessoais podem alcançar "uma riqueza e uma facilidade que trazem consigo um estabilidade flexível à qual damos o nome de saúde" (Winnicott, 1970, apud. Davis, 1981, p. 65).

Como observa Davis (1981), cada vez mais, Winnicott passou a vincular o trabalho clínico à idéia de comunicação no espaço potencial:

> *A psicoterapia é efetuada na superposição de duas áreas lúdicas, a do paciente e a do terapeuta*. Se o terapeuta não pode brincar, então ele não se adequa ao trabalho. Se é o paciente que não pode, então algo precisa ser feito para ajudá-lo a tornar-se capaz de brincar, após o que a psicoterapia pode começar. O brincar é essencial porque nele o paciente manifesta a sua criatividade (Winnicott, 1971d, p. 80 – o grifo é do autor).

A noção de espaço potencial permitiu a Winnicott repensar a relação do indivíduo com a sociedade e a cultura. Ele utilizou a expressão " 'experiência cultural' como uma ampliação da idéia dos fenômenos transicionais e da brincadeira" (Winnicott, 1967d, p. 138), assinalando que, "a ênfase na verdade recai na experiência" (Idem). Podemos, então, dizer que, "em uma escala mais ampla, a superposição da experiência pessoal é o que dá às instituições sociais e aos costumes o seu caráter, estabilidade e flexibilidade" (Davis, 1981, p. 66). Desse modo, "o valor do espaço potencial de cada indivíduo, para a sociedade, reside na contribuição que pode ser feita em termos de criatividade pessoal" (Idem). Naturalmente, devemos incluir nessas contribuições não apenas "as criações dos indivíduos que se destacam nas artes e nas ciências, os quais de forma tão óbvia enriquecem a nossa cultura, mas, de modo igualmente significativo, a doação do *self* em áreas menos espetaculares do viver e do trabalhar" (Idem).

> Estou pensando em algo que pertence ao fundo comum da humanidade, para o qual indivíduos e grupos podem contribuir, e do qual todos nós podemos fruir, *se tivermos um lugar para guardar o que encontramos* (Winnicott, 1967d, p. 138).

Desse modo, o potencial da área de ilusão repousa na possibilidade de um intercâmbio infinitamente variável, no qual o indivíduo pode retirar algo do fundo comum da humanidade e contribuir para uma cultura que fornece "a continuidade da raça humana que transcende a existência pessoal" (Winnicott, 1967d, p. 139). Para Winnicott, "as

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

experiências culturais estão em continuidade direta com a brincadeira: a brincadeira daqueles que ainda não ouviram falar em jogos" (Idem).

O corolário disso é que quando o indivíduo emerge do ambiente, durante a sua jornada rumo à independência, a separação é mitigada "no local em que se pode dizer que a *continuidade* está cedendo lugar à *contigüidade*" (Idem, p. 140 – o grifo é do autor). Foi a noção de objeto transicional[15] que permitiu Winnicott postular a existência de uma separação que não é uma separação, mas uma forma de união. A seu ver, "ao observarmos o uso, pela criança de um objeto transicional, a primeira possessão não-eu, estamos assistindo tanto ao primeiro uso de um símbolo pela criança quanto à primeira experiência de brincadeira (Idem, p. 134). Nessa condição, o "uso de um objeto simboliza a união de duas coisas agora separadas,... no ponto, no tempo e no espaço, do início de seu estado de separação" (Idem, p. 135 – o grifo é do autor).

Para todo indivíduo o uso do espaço potencial é determinado pelas experiências de vida que se realizam nas etapas iniciais da sua existência. Podemos dizer que:

> Desde o início, o bebê tem experiências maximamente intensas no espaço potencial existente entre o objeto subjetivo e o objeto objetivamente percebido, entre extensões do eu e o não-eu. Esse espaço potencial encontra-se na interação entre nada haver senão eu e a existência de objetos e fenômenos situados fora do controle onipotente (Winnicott, 1967d, p. 139).

Em condições favoráveis, o espaço potencial será preenchido com os produtos da própria imaginação criativa do bebê. O importante, nos diz Winnicott, é que:

> A criança precisa de um período de tempo no qual experiências estáveis nos relacionamentos podem ser utilizadas para o desenvolvimento da área intermediária, na qual fenômenos transicionais ou lúdicos possam se estabelecer para essa criança específica, de modo que, desse momento em diante, a criança pode desfrutar tudo que deriva do uso do símbolo, pois o símbolo da união proporciona um alcance mais amplo à experiência humana do que a própria união (Winnicott, 1966b, p. 130).

Podemos, então, concluir com Winnicott, que "é preciso encontrar os meios de atrair a atenção dos que estão encarregados dos bebês recém nascidos para a tremenda importância dessa experiência inicial de um relacionamento excitado entre o bebê e sua mãe" (Winnicott, 1988[54], p. 125). Ainda que existam dificuldades intrínsecas ao estabelecimento desse relacionamento, no entanto, "o que a mãe necessita é da chance de

[15] Esta noção será abordada no capítulo 5 desta tese.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

ser natural e de encontrar o seu caminho junto com o bebê, da mesma forma como outras mães encontraram seus próprios caminhos desde o alvorecer da história humana, e até mesmo antes da evolução do homem a partir dos mamíferos" (Winnicott, 1988[54], p. 125). Uma tarefa que só poderá ser realizada se mãe puder ser sustentada, no ambiente mais próximo, pelo pai (ou marido), e no ambiente mais amplo da sociedade, pelas instituições competentes.

4.3 A destrutividade em questão

Nesse momento, algumas observações são importantes de serem feitas a fim de que possamos retomar a questão da relação entre agressividade, criatividade e destrutividade, na etapa inicial de dependência absoluta. Primeiramente, há a observação de Winnicott que ele considera ser a mais importante nesse campo, e que diz respeito à existência de agressividade no bebê:

> Com o passar do tempo o bebê começa a chutar, gritar e arranhar. Na situação de alimentação, havia no início, uma atividade vigorosa da gengiva, um tipo de atividade que pode facilmente resultar em rachaduras no mamilo; alguns bebês realmente aderem ao seio com as gengivas e o machucam bastante. Não se pode afirmar que estejam tentando ferir, porque o bebê ainda não está suficientemente desenvolvido para que a agressividade já possa significar alguma coisa. Com o passar do tempo, porém, os bebês já têm um impulso de morder. Trata-se de algo muito importante, que diz respeito à crueldade[16], aos impulsos e à utilização de objetos desprotegidos. Muito rapidamente, os bebês passam a proteger o seio, e na verdade é muito raro que mordam com objetivo de ferir, mesmo quando já possuem dentes (Winnicott, 1968a, p.25-6).

De certo modo essa passagem ajuda a compreender Winnicott, quando ele afirma que a agressividade, em sua origem, é um fenômeno não-pulsional. No início, está a motilidade como manifestação do próprio viver. Uma situação de alimentação bem conduzida permite, ao mesmo tempo, a diferenciação e a fusão de duas raízes da vida instintual. Por um lado, há a emergência da raiz erótica, nascida da experiência de complementaridade e satisfação; por outro, há a raiz agressiva, nascida da resistência encontrada (oposição) pelos movimentos exploratórios, e responsável pela localização do objeto fora do *self*. "Sob condições favoráveis, ocorre a fusão dos impulsos eróticos e da

[16] No original, *ruthlessness*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

motilidade, e então o termo sadismo oral se torna aplicável, seguido por todos os desenvolvimentos deste tema" (Winnicott, 1959-64, p. 117). O impulso implacável (*ruthless*) de morder surge da repetição da experiência (satisfatória) de ser alimentado, ao propiciar a fusão da raiz agressiva (motilidade) com a raiz erótica. Nessa condição:

> A criança passa a amar e a odiar simultaneamente, e a aceitar a contradição. Um dos mais importantes exemplos da conjugação de amor e agressão surge com o impulso para morder, que passa a ter um sentido aproximadamente a partir dos cinco meses... Originalmente, ... é o objeto bom, o corpo materno que excita o morder e produz idéias de morder. Assim, o alimento acaba por ser aceito como símbolo do corpo da mãe, do corpo do pai ou de qualquer outra pessoa amada.
> É tudo muito complicado e é necessário muito tempo para que a criança domine as idéias e excitações agressivas e seja capaz de controlá-las sem perder a capacidade para ser agressivo em momentos apropriados, seja ao odiar ou ao amar (Winnicott, 1964a, p.108).

O importante a ser destacado é que Winnicott não vê sentido algum em se falar de sadismo original. No seu entender, trata-se de uma conquista do desenvolvimento, uma emergência que é dependente da qualidade da experiência vivenciada nesses momentos iniciais. A fusão pode não se dar, bem como a agressividade pode também se extraviar. Como observa Phillips (1988), "demorou um longo tempo para Winnicott chegar a uma afirmação relativamente clara sobre a ausência de compaixão (*ruthlessness*) dos impulsos do amor primário" (p. 86). Foi desconcertante para ele descobrir o quanto o 'objeto' poderia dificultar ou mesmo impedir esse desenvolvimento. Para Winnicott (1950-55), "se a agressividade é perdida nesse estágio do desenvolvimento emocional, ocorre também a perda de uma parte da capacidade de amar, ou seja, de relacionar-se com objetos" (p.291).

Talvez seja esse o momento que melhor se aplique à observação de Winnicott de que, muitas vezes empregamos o termo agressividade quando o que deveríamos usar era espontaneidade:

> O gesto impulsivo volta-se para fora e torna-se agressivo quando encontra oposição. Há realidade nessa experiência, e ela funde-se facilmente às experiências eróticas que aguardam o recém-nascido. Estou sugerindo que *é esta impulsividade e a agressividade que dela deriva que levam o bebê a necessitar de um objeto externo, e não apenas de um objeto que o satisfaça* (Winnicott, 1950-55, p. 304 – o grifo é do autor).

Winnicott enfatiza que, nesse momento, a mãe "tem uma função a cumprir sempre que o bebê morder, arranhar, puxar os seus cabelos e chutar, e esta função é sobreviver" (Winnicott, 1968a, p. 26). A seu ver, trata-se de um estágio muito difícil do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

desenvolvimento que, no entanto, não pode ser evitado. Se a mãe é capaz de perceber o que se passa com o bebê, enquanto ela está sendo destruída por ele, ela facilmente encontrará os meios de "proteger-se sem se valer de retaliação e vingança... O bebê se encarregará do resto" (Idem). A sobrevivência da mãe permitirá ao bebê um significado novo para a palavra amor. Além disso, surgirá uma nova conquista em sua vida: a capacidade de fantasiar. Vejamos isso, nas palavras de Winnicott:

> É como se o bebê agora pudesse dizer para a sua mãe: 'Eu a amo por ter sobrevivido à minha tentativa de destruí-la. Em meus sonhos e em minha fantasia eu a destruo sempre que penso em você, pois a amo'. É isto que objetifica a mãe, coloca-a num mundo que não é parte do bebê, e a torna útil (Winnicott, 1968a, p. 26).

Desde a década de 50, era evidente para ele a origem da agressividade, ou seja, a motilidade. Havia, contudo, algo ali que insistia e se tornaria o elemento central de seus últimos trabalhos: a origem da destrutividade. Em 1964, Winnicott postula a existência de uma destruição primitiva, descrevendo-a como um processo difuso, vinculado a motilidade própria do viver – um piscar de olhos, por exemplo -, ao qual atribui a máxima importância. Ora, "como acontece, talvez muito cedo, que um bebê destrua o mundo"? (Winnicott, 1964a, 108). Vejamos a sua resposta:

> Isso é de importância vital, pois é o resíduo dessa destruição infantil 'difusa' que poderá realmente destruir o mundo em que vivemos e que amamos. Na mágica infantil, o mundo pode ser aniquilado num abrir e fechar de olhos, e recriado através de um novo olhar e uma nova fase de necessidades (Winnicott, 1964a, p. 109 - o grifo é do autor).

Desse modo, haveria para Winnicott, nas primeiras fases do desenvolvimento, uma *destruição mágica* que "caminha lado a lado com a criação mágica" (Winnicott, 1964a, p. 109). A seu ver, é ela que está por trás "da força inerente aos seres humanos e subjacente à atividade destrutiva ou seu equivalente no sofrimento sob controle"(Idem).

Posteriormente, em 1969, ele formula a hipótese de uma pulsão de destruição inicial, a qual ele chamou de amor-conflito, numa referência ao dualismo de *philia* (amor) e *neikos* (conflito, disputa):

> Posso apoiar minha tese citando Freud, que escreveu que, de acordo com Empédocles, o poder do amor *esforça-se por aglomerar as partículas primevas dos elementos* (do universo e do homem), *dos quatro elementos em uma unidade única*, enquanto o poder do conflito 'desfazer, anular, etc., etc.'. Temos aqui a idéia da atividade do ego de aglomerar, que não é relacionar-se com objetos (Winnicott, 1969a, p. 189 – o grifo é do autor).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

É importante notar a importância dada por Winnicott à "atividade do ego de aglomerar", condição fundamental para o desenvolvimento da capacidade de relacionamento, a qual ele vincula à criação do espaço potencial existente entre o bebê e sua mãe.

> Se essa área [o espaço potencial] for imaginada como parte da organização do ego, termos aqui uma parte do ego que não é um ego corporal, que não está fundada no padrão de *funcionamento* corporal, mas nas *experiências* corporais. Tais experiências sãp próprias da relação de objeto de tipo não orgiástico, ou do que pode ser chamado de capacidade de relacionamento do ego (*ego-relatedness*), no local em que se pode dizer que a *continuidade* está cedendo lugar à *contigüidade* (Winnicott, 1967d, p. 140 – o grifo é do autor).

Nesse momento, o termo pulsão, até então raro no texto de Winnicott, aparece designando à combinação da atividade do ego com a atividade pulsional propriamente dita. Desse modo ele insiste na necessidade de se considerar o estabelecimento dos relacionamentos excitados sobre o pano de fundo dos relacionamentos tranqüilos. O ponto crucial do seu argumento é que:

> A primeira pulsão é, ela própria, uma só coisa, algo que chamo de destruição, mas poderia ter chamado de pulsão combinada amor-conflito. Esta unidade é primária É isto que surge no bebê pelo processo maturacional natural.
> O destino dessa unidade de pulsão não pode ser enunciado sem referência ao meio ambiente. A pulsão é potencialmente 'destrutiva', mas ser ela destrutiva ou não depende de como é o objeto (Winnicott, 1969a, p. 190 – o grifo é do autor).

Voltando à questão da agressividade, destacamos mais um ponto importante: a sua relação com a localização do objeto. Como vimos no capítulo anterior, para Winnicott, a mudança de 'objeto de subjetivo' para 'percebido objetivamente' se realiza mais efetivamente por meio das satisfações do que pelas frustrações vivenciadas. No seu entender, é nesse ponto que se revela a importância da agressividade na constituição daquilo que poderá vir a ser reconhecido, pelo indivíduo, como realidade externa:

> A satisfação derivada de uma mamada tem menos valor no que concerne ao estabelecimento de relações objetais do que quando o objeto cruza seu caminho, por assim dizer. A gratificação instintiva proporciona ao lactente uma experiência pessoal, *mas pouco afeta a posição do objeto*... Enunciei isto de outra forma, afirmando que o lactente se sente 'subornado'[17]por uma mamada satisfatória (Winnicott, 1963c, p. 165 – o grifo é do autor).

[17] Ver capítulo 3 desta tese.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Nesse momento, vale lembrar a afirmação de Winnicott segundo a qual, o potencial agressivo necessita encontrar oposição adequada para se desenvolver: "os 100 – *x* por cento de motilidade não fundidos *precisam encontrar oposição*... essa parte da motilidade *precisa de algo para empurrar*" (Winnicott, 1950-55, p. 298). No seu entender:

> A agressão experimentada pelo lactente, que faz parte do erotismo muscular, do movimento e de forças irresistíveis encontrando objetos imóveis, esta agressão e as idéias ligadas a ela levam ao processo de colocar o objeto separado do *self* na medida em que o *self* começa a emergir como uma entidade (Winnicott, 1963c, p. 165 – o grifo é do autor).

Na visão de Winnicott, se tudo correr bem, o bebê pode vir a lucrar com a experiência de frustração. Nesse caso, uma adaptação incompleta às necessidades do bebê pode exercer um papel benigno: tornar o objeto objetivamente percebido. Objetos que, desde então, tornam-se reais - tão amados quão odiados. Existe aqui uma importante distinção a ser feita: na etapa do desenvolvimento que é anterior à conquista da fusão, quando o comportamento do bebê é reativo a falhas do ambiente favorável ou da mãe-ambiente, isso pode parecer agressão, mas na realidade é sofrimento. As falhas na adaptação apenas são proveitosas "*quando o lactente pode odiar o objeto*, isto é, quando pode reter a idéia do objeto como potencialmente satisfatório ao mesmo tempo em que reconhece sua falha em assim proceder" (Winnicott, 1963c, p. 165 – o grifo é do autor). Somente depois de atingir a fusão o bebê pode vir a lucrar com o aspecto frustrante do objeto, descobrindo a existência de um mundo que é não-eu. Nesse contexto, o aparecimento da raiva funciona como um sinal para a mãe, indicando que o bebê já é capaz de suportar algumas falhas (relativas), nos cuidados dispensados por ela.

Com sua abordagem, Winnicott pretende enfatizar o tremendo desenvolvimento que representa para o bebê a conquista de um estado de fusão, a partir do qual a falha ambiental poderá exercer um papel positivo: franquear ao bebê a possibilidade de reconhecer um mundo que é repudiado. No seu entender, a recusa é parte do processo de criação: o mundo, antes de ser externo, é um mundo que foi repudiado.

Podemos, agora, retornar à pergunta lançada por Winnicott (1968e): "quem pode dizer se, em essência, o fogo é construtivo ou destrutivo?" (p. 185). A seu ver, a possibilidade da agressividade (e a destrutividade) se tornar uma realização positiva do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

indivíduo é dependente da qualidade dos cuidados que a acolheram e a acompanharam através dessa fase vital do início do desenvolvimento.

> Dando-se tempo para os processos de maturação, a criança se tornará capaz de ser destrutiva e de odiar, agredir e gritar, em vez de aniquilar magicamente o mundo. Dessa maneira a *agressão concreta é uma realização positiva*. Em comparação com a destruição mágica, as idéias e o comportamento agressivos adquirem valor positivo e o ódio converte-se num sinal de civilização, quando se tem em mente todo o processo do desenvolvimento emocional do indivíduo, e especialmente suas primeiras fase (Winnicott, 1964a, p. 110 – o grifo é do autor).

Sem dúvida, nem sempre é muito fácil compreender Winnicott quando ele afirma o valor positivo tanto da agressão quanto da destruição, considerando-as uma conquista do desenvolvimento. Trata-se, no entanto, de idéias que não deixam de estar associadas à sua crença de que "se a sociedade encontra-se em perigo, não é por causa da agressividade do homem, mas em conseqüência da repressão da agressividade pessoal nos indivíduos" (Winnicott, 1950-54, p. 288). A partir dele, podemos avaliar a importância, para toda criança, de poder dispor das condições necessárias à facilitação do seu desenvolvimento, cujo motor propulsor é seu potencial agressivo/destrutivo/criativo. Toda criança precisa torna-se capaz de criar o mundo a partir da uma experiência pessoal, nascida de seu potencial agressivo/destrutivo,criativo. A experiência (onipotente) de criar a si mesmo e o mundo permite que aquilo que foi construído a partir da ilusão adquira, paradoxalmente, um sentido de realidade. É disso que emerge o sentimento se *self* e de sentir-se real. Para que a vida possa adquirir um significado para o indivíduo é necessário que ela seja fruto de um gesto espontâneo, cri-ativo. "Todo bebê precisa ter suficiente experiência de onipotência para tornar-se capaz de ceder a onipotência à realidade externa ou a um princípio- Deus" (Winnicott, 1966a, p. 125). É esse valor positivo da agressão e, principalmente, da destruição ao qual Winnicott dedicou as suas últimas contribuições, que buscaremos entender a seguir.

4.3.1 O encontro com o Princípio de Realidade ou a conjugação do verbo SER no presente do indicativo: eu sou, tu és, ele é, ela é, nós somos.....

> *Encontro você;*
> *Você sobrevive ao que eu lhe faço à medida que a reconheço como um não-eu;*
> *Uso você;*
> *Esqueço-me de você;*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Você, no entanto, se lembra de mim;
Estou sempre me esquecendo de você;
Perco você;
Estou triste.
(Winnicott, 1968)

Ao longo da sua obra, Winnicott não cansa de enfatizar que sem o reconhecimento do valor positivo da agressão não é possível avançar em nossa investigação sobre o tema. Segundo ele, uma das maneiras de nos inteirarmos desse valor é assistindo à criança tornar-se separada de sua mãe e do meio ambiente de forma gradativa. A agressividade sendo o veículo primordial da vida está por trás de todos processos envolvidos, de forma simultânea, na criação de si mesmo e do mundo.

Sabemos que o bebê, a princípio, vive em um mundo subjetivo. Em seus primórdios o indivíduo existe, precariamente, fusionado à figura materna, em um estado de dependência absoluta. Dessa maneira:

> A passagem do tempo, juntamente com a cumulação de uma experiência pessoal, contribui para as condições que são essenciais para que o processo herdado de crescimento conduza o menino ou a menina através de, ou para uma existência separada, uma existência que possa ser livre da fusão, mas ainda assim, permitir a reexperiência de estar 'fundido com' (depois chamada de regressão) (Winnicott, 1970b, p. 220).

Segundo Winnicott (1970b), "é axiomático que não exista relacionamento com um objeto subjetivo" (p. 221): ainda que, desde o início, o mundo encontre-se lá, para com ele serem estabelecidas relações, isso só é passível de acontecer, do ponto de vista do bebê, quando ele se torna objetivamente percebido, como algo que lhe é externo. Aqui se revela a pertinência da sua crítica à abordagem kleiniana que reduziu a agressividade às manifestações dos impulsos sádicos, tais como: o ciúme, a inveja e a raiva pela frustração. Em sua contribuição, ele considerava que "mais aproximadamente básico é o conceito de agressão como parte do exercício *que pode conduzir à descoberta de objetos que são externos* (Idem – o grifo é do autor).

Mais do qualquer outro autor, Winnicott (1960b) enfatizou a necessidade de se considerar o conceito de isolamento do *self* central como uma característica de saúde. É bem conhecido o seu ponto de vista, segundo o qual "o indivíduo emerge não do inorgânico mas da solidão" (Winnicott, 1988[54], p. 155).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> No início, o indivíduo é como uma bolha. Se a pressão externa adapta-se ativamente à pressão interna, o elemento central da situação será a bolha, ou seja, o eu do bebê. Mas se a pressão do ambiente for maior ou menor do que a do interior da bolha, então a bolha não será o elemento principal, e sim o ambiente. A bolha adapta-se à pressão externa (Winnicott, 1949a, p. 264).

Winnicott acreditava que na existência de um impulso biológico por trás de todo progresso. Assim, cada indivíduo traria consigo uma tendência individual herdada para crescer, integrar-se, relacionar-se com objetos e amadurecer. É este potencial herdado que fornece as condições para os processos através dos quais o ser humano pode tornar-se ele mesmo, um membro da sociedade e fazer uma contribuição para o mundo. Para Winnicott (1960b), "o *self* central poderia ser considerado como o potencial herdado que está experimentando a continuidade da existência, e adquirindo à sua maneira e em seu passo uma realidade psíquica pessoal e o esquema corporal pessoal" (p. 46). O corolário disso é que "o *self* verdadeiro é a posição teórica de onde vem o gesto espontâneo e a idéia pessoal. O gesto espontâneo é o *self* verdadeiro em ação" (Winnicott, 1960c, p. 135).

Em 1968, no artigo *O Uso de Um Objeto e Relacionamento Através de Identificações*, Winnicott pretende demonstrar o valor positivo da destrutividade na criação de um mundo de realidade compartilhada. Sua intenção é explicar como o impulso destrutivo cria a qualidade de externalidade. Como observa Davis (1981), "é relativamente fácil compreender como, nos primórdios, a motilidade contribui para separar o indivíduo do ambiente. O que é mais difícil é ver como a agressão contribui para a permanência do objeto" (p. 68).

Em 1969, Winnicott estabelece a diferença entre relação de objeto e o uso do objeto. No seu entender, "a relação de objeto é uma experiência que pode ser descrita em termos do sujeito, como ser isolado" (Winnicott, 1969d, p. 123). Nela, "o sujeito permite que se efetuem certas alterações no eu (*self*), alterações do tipo que nos levou a criar o termo catexia" (Idem). Por outro lado, ao falar de 'uso de objeto', Winnicott observa: "tomo a relação de objeto como evidente e acrescento novas características que envolvem a natureza e o comportamento do objeto" (Idem). Ou seja, "o objeto, se é que tem que ser usado, deve ser necessariamente real, no sentido de fazer parte da realidade compartilhada, e não um feixe de projeções" (Idem).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Winnicott chama a atenção para o fato de que essa mudança não ocorre automaticamente. Ela depende da existência de um ambiente que atenda às necessidades do bebê, nas etapas iniciais do desenvolvimento, favorecendo a aquisição da capacidade de usar objetos e o acesso ao princípio de realidade. Para usar um objeto, a criança precisa ter desenvolvido *capacidade* de usar objetos. Em primeiro lugar, vem a relação de objeto, depois, ao final, o uso do objeto. No entanto,

> Entre o relacionamento e o uso existe a colocação, pelo sujeito, do objeto fora da área de seu controle onipotente, isto é, a percepção, pelo sujeito, do objeto como fenômeno externo, não como entidade projetiva; na verdade, o reconhecimento do objeto como entidade por seu próprio direito (Winnicott, 1969d, p. 125).

Winnicott utilizou a expressão 'fenômenos transicionais' para se referir a essa etapa importante no desenvolvimento de cada criança. Aqui, a palavra chave é tempo. Nesse momento, um ambiente favorável pressupõe "tempo, de tal modo que a criança seja ajudada por alguém que se adapte de forma extremamente sensível enquanto a criança está no processo de adquirir a capacidade de usar a fantasia, de apelar para a realidade interna e para o sonho, e de manipular brinquedos" (Winnicott, 1966b, p. 129), Ao brincar, a criança penetra nessa área intermediária que é nem dentro nem fora. É nessa área de transição que encontra-se a oportunidade máxima para o indivíduo fazer sentido dos componentes agressivos. Nos casos favoráveis, fazer sentido desses componentes conduz tanto à experiência da raiva, quanto à fusão dos componentes agressivos e eróticos.

Davis (1985), ao abordar essa temática, sugere que essa passagem da relação de objeto para o uso de um objeto possa ser apreendida sob a rubrica do verbo SER, mais especificamente, na conjugação no presente do indicativo – eu sou, tu és, ele é, ela é, nós somos. Nesse sentido, ela começa por observar a ênfase de Winnicott em afirmar que o começo do *self* repousa na experiência de continuidade de ser: "É ela que permite ao bebê, nos momentos iniciais, reunir para si aquilo que nós, como observadores sabemos ser pessoal para ele, tal como os seus dedos das mãos e dos pés, bem como seus intensos sentimentos que num primeiro momento, podem ser esmagadores" (p. 85). Nos dizeres de Winnicott,

> A integração está intimamente ligada à função ambiental da segurança. A conquista da integração se baseia na unidade. Primeiro vem o 'eu'que inclui 'todo o resto é não-eu'. Então vem 'eu sou, eu existo, adquiro experiências, enriqueço-me e tenho uma

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> integração introjetiva e projetiva com o *não-eu*, o mundo real da realidade compartilhada. (Winnicott, 1962a, p.60).

O estágio do EU SOU deve preceder o EU FAÇO para que o fazer possa adquirir uma significação pessoal para o indivíduo. Momentos de EU SOU começam a aparecer à medida que a consecução mental ou ideacional no bebê de que 'todas as partes' lhe pertencem, torna-se gradualmente organizada. A chegada e a manutenção segura do estágio do EU SOU é um aspecto central do desenvolvimento humano. Winnicott sinaliza, no entanto, que o estabelecimento do estágio do EU SOU, concomitante à inserção e à coesão psicossomática, constitui um estado de coisas que se faz acompanhar de um afeto ansioso específico que tem uma expectativa de perseguição:

> Será que esse nome conferido a Deus (EU SOU) reflete o perigo que o indivíduo sente de estar alcançando o estado de um ser individual? Se eu sou, então o caso é que consegui agrupar isto e aquilo e reivindiquei que isto sou eu e que repudiei todo o resto; ao repudiar o não-eu, insultei o mundo, por assim dizer, e posso aguardar um ataque... Isso retrata de modo preciso a ansiedade inerente à chegada de todo ser humano ao estágio EU SOU (Winnicott, 1968c, p. 43).

Essa reação persecutória é inerente à idéia do repúdio do 'não-eu', que acompanha a delimitação da unidade do *self* dentro do corpo, tendo a pele como membrana limitante: "No começo do 'eu sou' o indivíduo é por assim dizer, cru, não definido, vulnerável, potencialmente paranóide (Winnicott, 1958b, p. 34-5 – o grifo é do autor). E, reafirma Winnicott:

> O estado de unidade é a conquista básica para a saúde no desenvolvimento emocional de todo ser humano. Com base nesse estado, a personalidade unitária pode se permitir a identificação com unidades mais amplas – digamos, a família, o lar ou a casa. Agora, a personalidade unitária é parte de um conceito de totalidade mais amplo. (Winnicott, 1968c, p. 47).

No início do estágio EU SOU não há necessidade de pressupor uma percepção da mãe por parte do bebê, pois a primeira unidade que surge inclui a mãe. Se tudo corre bem, o bebê chegará a perceber a mãe e todos os outros objetos como não-eu. No entanto, como observa Winnicott, os primórdios do EU SOU só se instala realmente no *self* do bebê a partir de um ambiente maternante suficientemente bom, no que diz respeito às experiências de adaptação e desadaptação. Desse modo, a mãe é, no início, "um delírio que o bebê precisa ser capaz de desautorizar, e aí precisa ser substituída pela desconfortável unidade EU SOU, que envolve a perda da segura fusão unitária original 'mãe-bebê'"

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

(Winnicott, 1968c, p. 49). É o suporte do ego materno que cria as condições necessárias para essa conquista pelo ego do bebê. Winnicott lança mão da figura de Humpty Dumpty para descrever a chegada da criança a esse estágio do desenvolvimento:

> Trata-se de um personagem que acabou de alcançar a integração, tornando-se um único todo, e recém-emergiu do conjunto ambiente-indivíduo, de modo que ele se vê em cima do muro, não mais sustentado com devoção. Ele está num momento visivelmente precário de seu desenvolvimento emocional, muitíssimo vulnerável a uma desintegração irreversível (Winnicott, 1952c, p. 313).

Para Winnicott, "quando a externalidade foi estabelecida na classificação que o bebê faz do caos potencial da vida, acha-se pronto o caminho para um enriquecimento pessoal que não possui limites, baseado na experiência pessoal e fazendo uso dos mecanismos mentais que são usualmente chamados de projeção e introjeção" (Winnicott, 1970b, p. 221). O estado de EU SOU, o estado de SER e o sentimento de realidade em existir constituem mais do que um fim em si. Marcam a conquista de uma posição subjetiva, a partir da qual a vida pode ser vivida criativamente.

Contudo, para que esses fenômenos aconteçam, há um processo em andamento. Quando a criança está começando a se separar da mãe, esta é ainda um objeto subjetivo. Winnicott chama atenção para o choque tremendo que representa para o bebê o contato com o princípio de realidade; ou seja, a experiência de ter de colocar algo intermediário entre o uso da mãe enquanto objeto subjetivo, e a sua percepção objetiva da mãe. Em outras palavras, a mãe, enquanto um aspecto do *self*, e como um objeto que, não sendo o *self*, se situa fora do controle onipotente do bebê. É a mãe que, ao se adaptar e desadaptar de modo adequado às necessidades da criança, acaba mitigando o choque inerente ao contato com o princípio de realidade.

Segundo Winnicott ocorre uma mudança radical no desenvolvimento dos seres humanos na transição entre esses dois tipos de relacionamento. Sua contribuição acerca dos fenômenos e objetos transicionais chama a atenção para "todas as coisas que a criança emprega quando está passando por essa fase, na qual a capacidade de realizar percepções objetivas é limitada e a principal experiência da relação com o objeto precisa continuar sendo o relacionamento com objetos subjetivos" (Winnicott, 1966b, p.128). Como já mencionamos, aqui, a palavra chave é tempo, a criança precisa de tempo para experimentar essa transição.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> No desenvolvimento normal, vou repetir, a criança precisa de *tempo* para que tal fase possa ser explorada por completo. Ou seja, a criança precisa ser capaz de experimentar os vários tipos de relações objetais num mesmo dia, ou talvez ao mesmo tempo; por exemplo: você pode ver uma criancinha aproveitando a relação com uma tia ou com um cachorro, ou uma borboleta, e pode ver que a criança não só está realizando percepções objetivas, como apreciando o enriquecimento proveniente da descoberta. Isso não significa, no entanto, que a criança esteja pronta para viver no mundo descoberto. A qualquer momento, a criança se mistura de novo com o berço, ou com a mãe, ou com os odores familiares, instalando-se outra vez num ambiente subjetivo. O que estou tentando dizer é que são os padrões familiares da criança, mais do que qualquer outra coisa, que a abastecem daquelas recordações do passado, de tal modo que, ao descobrir o mundo, a criança sempre realiza uma viagem de volta – e essa viagem faz sentido para ela (Winnicott, 1966b, p. 130).

Depreendemos daí que, à medida que os momentos EU SOU se tornam mais freqüentes, o que é 'não-eu' passa a ganhar, gradualmente, uma condição de existência separada. Uma noção de tempo começa, então, a surgir: "a mãe capacita o bebê a *completar* experiências e há um senso de tempo que surge da seqüência recorrente de estados de não-integração, necessidade, clímax, satisfação (frustração) (e suas conseqüências)" (Davis, 1981, p. 68). Vejamos, então, como Winnicott concebe a participação das raízes primitivas da agressão na conquista do estágio do EU SOU.

No artigo *As Raízes da Agressão*, ele observa que "podemos descrever o desenvolvimento de uma criança anotando a progressão desde um simples movimento até as ações que exprimem raiva ou estados que denunciam ódio e controle do ódio" (Winnicott, 1964a, p. 104). Estas primeiras ações – chutes, empurrões, pancadas - conduzem a criança à descoberta de um mundo que não- eu, e inauguram as relações do indivíduo com os objetos externos. O importante é que "o que logo será um comportamento agressivo não passa, portanto, no início, de um simples impulso que leva a um movimento de exploração. A agressão está sempre ligada, desta maneira, ao estabelecimento de uma distinção entre o que é e o que não é o eu" (Idem).

A partir dessa consideração, podemos compreender melhor a distinção que pode ser feita "entre um uso sofisticado da agressão como reativo e a destruição que é mais primitiva e próxima da raiz motora" (Davis, 1985, p.87). Enquanto a agressão reativa, usada a serviço do ódio ou da raiva é uma realização que vem com o tempo através da integração da personalidade, a destrutividade nos estágios do EU SOU e do TU ÉS não é reativa, embora, de acordo com a idéia de Winnicott, esteja começando a ser intencional.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Na saúde, se a criança puder dispor de um ambiente suficientemente-bom, ao mesmo tempo sensível e rigoroso, para evitar possíveis danos reais, a agressividade conduz tanto à descoberta das fronteiras do *self* quanto ao seu controle. No seu entender, "é uma coisa saudável para o bebê conhecer a extensão da sua capacidade de fúria" (Winnicott, 1945c, p. 69).

Davis (1985) chama a atenção para importância da fantasia no processo de separação entre a criança e a mãe: "Aqui, é preciso pensar que os movimentos do corpo da criança estão começando a adquirir um acompanhamento imaginativo rudimentar ou fantasia" (p.87). A elaboração imaginativa das funções somáticas levam, então, à terrível descoberta dos pensamentos destrutivos que acompanham os estados excitados do bebê:

> A medida em que a criança se desenvolve e a motilidade começa a ser utilizada por outras funções corporais e usada nos mais variados tipos primitivos de relações de objeto, a fantasia torna-se mais complexa. É bem conhecida a justaposição de "eu te amo", "eu te devoro" e "eu te destruo", mas existem fantasias mais simples e cruas mencionadas por Winnicott, tais como "eu te chuto e te coloco lá" ou "eu fecho os meus olhos e o mundo é aniquilado" as quais parecem ter uma relevância especial aqui. É esta fantasia de destruição mágica que a criança usa na separação do self do meio-ambiente (Davis, 1985, p. 87 – o grifo é do autor).

Nesse ponto, tocamos numa questão que apresenta conseqüências clínicas relevantes. Winnicott (1960d) observa que é relativamente simples chegarmos à destrutividade que nos habita a partir da raiva resultante de uma frustração, do ódio que deriva de algo que reprovamos, ou quando esta se manifesta como uma reação ao medo. A seu ver, "o difícil para cada indivíduo é assumir plena responsabilidade pela destrutividade que é pessoal e que pertence à relação com um objeto sentido como bom; em outras palavras, relacionado com o amor" (Idem, p. 155). Encontramos na passagem abaixo uma ilustração clínica sobre esse tema:

> Mostro um desenho de criança que é comum, mas se estivessem estado lá, saberiam que ele representou um clímax de aventura na situação de confiança de uma consulta terapêutica em que a meninazinha separou-se de uma dependência clínica pesadamente carregada junto à mãe. Houve muitas manifestações afetuosas que pareciam genuínas e, durante alguns segundos, a menina (de oito anos de idade) colocou a mãe *do lado de lá*, por chutá-la. Naturalmente, ficou assustada e precisou rapidamente restabelecer a mãe como disponível, acessível e responsiva sem vingança (Winnicott, 1970b, p. 221 – o grifo é do autor).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Aqui, o elemento de risco está claramente em evidência: a criança entra em contato com o medo da destrutividade que está lá e de não estar mais fusionada com a mãe. No entender de Winnicott (1955) "esse momento EU SOU é um momento cru; o novo indivíduo sente-se infinitamente exposto. Somente se alguém está com os braços em torno da criança nessa hora o momento EU SOU pode ser suportado ou preferencialmente, talvez arriscado" (p. 218).

É importante lembrar que Winnicott (1950-55) acreditava que os momentos de integração derivam especialmente dos estados excitados vivenciados pelo bebê. "Aqui, cada experiência no contexto do narcisismo primário enfatiza o fato de que o indivíduo está se desenvolvendo no centro, e o contato com o ambiente é uma *experiência do indivíduo* (no seu estado de ego-id indiferenciados, a princípio) (p. 297 – o grifo é do autor). Os momentos de relacionamento excitado com um objeto derivam a sua realidade e a sua intensidade da motilidade primitiva ou da destrutividade ou da voracidade que se encontra associada a eles:"um bebê colérico é uma pessoa autêntica. Sabe o que quer, sabe como conseguir o que quer e recusa-se a perder a esperança de o conseguir"(Winnicott, 1945c, p.69). Para Winnicott, mesmo na idade adulta, poder chorar, gritar, berrar, protestar iradamente, ou seja, poder se expressar livremente, é uma das coisas mais importantes para conectar a psique ao corpo e dar ao indivíduo um sentimento realidade a cerca de si mesmo.

Prosseguindo, "com o estabelecimento do EU SOU vem a possibilidade do TU ÉS, embora aqui, devemos considerar que o desenvolvimento cognitivo e emocional do bebê alcançou um estágio no qual a mãe (ou o pai) pode ser visto como uma pessoa total" (Davis, 1985, p.88). Em seu artigo *O Uso de Um Objeto e Relacionamento Através de Identificações*, Winnicott (1969d) fornece a seguinte seqüência: " (1) O sujeito *relaciona-se* com o objeto. (2) O objeto está em processo de ser encontrado, ao invés de ter sido colocado pelo sujeito no mundo; (3) o sujeito *destrói* o objeto; (4) o objeto sobrevive à destruição; (5) o sujeito pode *usar* o objeto (p. 131). Ele observa que "essa mudança (do relacionamento para o uso) significa que o sujeito destrói o objeto" (Idem, p. 125). Ele ilustra essa destruição da seguinte maneira:

> Um filósofo de gabinete poderia argumentar a respeito que, portanto, não existe na prática o uso de um objeto: se este é externo, então é destruído pelo sujeito. Contudo, se o filósofo deixasse seu gabinete e se sentasse no chão com o paciente, descobriria que existe uma posição intermediária. Em outros termos, descobriria que, depois de o 'sujeito relacionar-se com o objeto', temos 'o sujeito destrói o objeto' (quando se torna

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> externo), e, então, podemos ter '*o objeto sobrevive* a destruição pelo sujeito'. Porque pode haver ou não sobrevivência (Winnicott, 1969d, p. 126).

O ponto central do argumento de Winnicott é que a capacidade de usar um objeto advém da capacidade do objeto sobreviver à destruição perpetrada pelo sujeito. Como ele observa, é importante notar que essa sobrevivência pode não se dar. A não-sobrevivência do objeto é algo que pode se efetivar de muitas formas, incluindo:

> Retaliação, retraimento, defesa das mais variadas formas e, sobretudo, mudança de atitude na direção da suspeita ou diminuição da receptividade, e finalmente, um tipo de despedaçamento, no sentido da perda da capacidade para funcionar adequadamente como mãe ou, no dispositivo analítico, como analista (Ghent, 1990, p. 123, apud, Hopkins, 1998, p. 12).

Com a questão da sobrevivência do objeto, Winnicott (1969d) chama atenção para um novo aspecto da teoria da relação de objeto, mais especificamente a contribuição da destruição na criação dos objetos da realidade compartilhada. Como vimos no capítulo anterior, é o impulso destrutivo que cria a qualidade da externalidade. Além do mais, a sobrevivência do objeto não só confere valor à sua existência, bem como fornece a ele a qualidade de permanência:

> O sujeito diz ao objeto: 'Eu te destruí', e o objeto ali está, recebendo a comunicação. Daí por diante, o sujeito diz: 'Eu te destruí. Eu te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer, confere valor à tua existência, para mim. Enquanto estou te amando, estou permanentemente te destruindo na fantasia' (inconsciente) (Winnicott, 1969d, p. 126).

Winnicott (1969d) localiza, aqui, o início da fantasia para o indivíduo: "a partir desse momento, ou surgindo dessa fase, o objeto, na fantasia, está sempre sendo destruído" (p. 130 – o grifo é do autor). E esta destruição constitui um pano de fundo inconsciente para o desenvolvimento da capacidade de amar um objeto real, fora da área do controle onipotente do sujeito. Esta qualidade de 'estar sempre sendo destruído', torna cada vez mais consistente a realidade do objeto sobrevivente: fortalece o tom do sentimento, contribuindo para a constância objetal. O objeto, agora, pode ser usado. Um padrão essencial de conduta se estabelece, dessa maneira: "dessa forma, o objeto desenvolve sua própria autonomia e vida e (se sobrevive) contribui para o sujeito, de acordo com suas próprias propriedades" (Idem, p.126) – o sujeito pode *usar* o objeto. Daí em diante, tendo sido alcançada essa capacidade, "os mecanismos projetivos auxiliam no ato de *notar o que*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

está ali, mas não constituem *o motivo pelo qual o objeto está ali*" (Idem – o grifo é do autor). Aqui, mais uma vez é importante notar que, ainda que Winnicott chame a atenção para a importância vital dos fatores ambientais, há, de sua parte, uma ênfase na iniciativa da ação do sujeito e não no ambiente.

Ele chama a atenção para a novidade das suas formulações em relação à tradição da teoria psicanalítica da sua época: "na teoria ortodoxa, continua a suposição de que a agressividade é reativa ao encontro com o princípio de realidade, ao passo que, aqui, é o impulso destrutivo que cria a qualidade da externalidade" (Winnicott, 1969d, p. 130). Este é o ponto central à estrutura dos seus argumentos, *não há raiva* relacionada a destruição do objeto e sim alegria pela sua sobrevivência . No seu entender, "o ataque raivoso, relativo ao encontro com o princípio de realidade, constitui um conceito mais apurado, posterior à destruição" (Idem). Portanto, há uma destruição que é anterior ao contato com o princípio de realidade e é responsável pela criação da realidade. Na sua opinião, "isso se afasta da teoria que tende a conceber a realidade externa apenas em termos dos mecanismos projetivos do indivíduo" (Winnicott, 1969d, p. 126).

Davis (1985) observa o quanto a seqüência que Winnicott propõe, da passagem da relação ao uso de um objeto, é compatível com o desenvolvimento da agressividade. Com base nessa seqüência, podemos afirmar que com a posição EU SOU, chegamos a uma separação do *self* do meio-ambiente e a um repúdio do meio-ambiente. Já com a posição do TU ÉS, chegamos ao meio-ambiente interno à pessoa. Ao mesmo tempo, o indivíduo passa a perceber a realidade subjetiva do outro: a mãe é percebida como um fenômeno externo, um ser em seu próprio direito que pode ser vista como permanente, na medida em que sobrevive ao repúdio ou à destruição e, não mais um feixe de projeções. Sem dúvida, a mãe "é o primeiro 'objeto' a ser colocado fora e a adquirir permanência porque ela é, em parte ou no todo, o primeiro objeto catexizado, o objeto de criação primária que surge da necessidade básica. Ela é também o recipiente do ataque excitado *real*" (Davis, 1981, p.70).

Vale notar que o objeto transicional deve ser tomado como um caso especial desse processo de externalização da mãe, que se estabelece de modo gradual - juntamente com o senso de permanência - e que, pouco a pouco, irá se estender aos demais objetos. Para Winnicott, no entanto, o objeto transicional antecede o estabelecimento do teste de realidade. Embora ele retenha "qualidades mágicas até que, finalmente seja descatexizado,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

não obstante ele possui uma permanência e vida próprias, vinculadas a seu valor de sobrevivência" (Davis, 1981, p. 71).

O corolário dessa concepção é que "enquanto o sujeito não destrói o objeto subjetivo (material de projeção), a destruição surge e se torna característica central, na medida em que o objeto é objetivamente percebido, tem autonomia e pertence à realidade compartilhada" (Winnicott, 1969d, p. 129). Ou seja, a destruição real está relacionada ao fracasso do objeto em sobreviver e sem esse fracasso a destruição permanece potencial. Por outro lado, a destruição na fantasia inconsciente e a permanência em termos da sobrevivência, torna acessível ao uso todo um mundo de objetos, pessoas e coisas:

> O reconhecimento da outra pessoa como uma entidade viva por direito próprio é recíproco ao reconhecimento do *self* como um indivíduo que, sobretudo, pode usar a personalidade, o caráter, a experiência e o mundo criado pelo outro para crescer; e aqui está a base para a verdadeira aprendizagem. Além do mais, a sobrevivência da pessoa que foi destruída significa que é possível rebelar-se contra ela, ela pode ser odiada e repudiada com segurança, o que acaba por conduzir ao fortalecimento da aceitação, do amor e da confiança. (Davis, 1981, p. 72).

A mudança da relação de objeto para o uso de um objeto possibilita igualmente a distinção entre o sonho e o mundo de vigília. Daí Winnicott localizar o início da fantasia para o sujeito, nessa passagem: "Dessa maneira cria-se um mundo de realidade compartilhada que o sujeito pode usar e que pode retroalimentar a substância diferente-de-mim dentro do sujeito" (Winnicott, 1969, p. 131). O indivíduo pode, agora, começar a incorporar as substâncias outras-que-não-eu do mundo da realidade compartilhada para enriquecer o *self*:

> Desenvolve-se uma nova capacidade de relação de objeto, a saber, uma capacidade baseada num intercâmbio entre a realidade externa e exemplos oriundos da realidade psíquica pessoal. Essa capacidade se reflete no uso de símbolos pela criança, no brincar criativo e, como tentei demonstrar, na capacidade gradativa da criança de utilizar o potencial cultural, na medida da disponibilidade deste, no meio ambiente social imediato (Winnicott, 1971f, p. 178).

Na medida em que o bebê descobre as qualidades do mundo externo ele começa a se tornar um cientista, ou seja, "pode medir suas expectativas contra um mundo de fenômenos compartilhados e permanentes" (Davis 1981, p. 71). Podemos dizer que, "em termos de relacionamentos pessoais, a mudança da relação para o uso traz consigo o primeiro inter-relacionamento verdadeiro do bebê, entre ele e um objeto 'objetivamente

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

percebido' – entre um EU e um TU" (Idem - o grifo é do autor). Winnicott (1971f) localiza aqui um novo e importante desenvolvimento, a saber, "o estabelecimento de inter-relacionamentos baseados em mecanismos de projeção e introjeção, mais estritamente afins ao afeto do que ao instinto" (p.178): as identificações cruzadas, baseadas na empatia, na capacidade do sujeito de se colocar na 'pele' do outro.

Ainda que essa mudança signifique que o isolamento do *self* do bebê esteja mais definido, tanto o bebê quanto a criança em desenvolvimento ou mesmo o adulto "mantém a habilidade de inter-relacionar-se através da superposição dos espaços potenciais" (Davis 1981, p. 72). Essa habilidade é o que comumente designamos por brincar. Essa capacidade, aliada à crescente habilidade de se relacionar através das identificações cruzadas, permite que a nítida linha de separação entre EU e NÃO-EU seja mitigada.

Na medida em que o bebê consegue tolerar sua fantasia mágica ou destrutiva, ele se torna igualmente capaz de suportar o seu comportamento agressivo, próprio e natural (compatível com a sua idade). Assim, quando o objeto sobrevive sem retaliação, a agressividade torna-se algo que pode ser 'contido', ao invés de algo que somente pode ser retido, por meio de fantasias persecutórias (sem, no entanto, a responsabilização do sujeito).

Por tudo que já foi dito, "quase não é preciso dizer que é somente quando há EU SOU e TU ÉS que pode haver NÓS SOMOS" (Davis, 1985, p. 89). A conquista dessa posição torna o sujeito capaz de experimentar as mais variadas formas de conjugalidade, incluindo-se aí a sua participação como indivíduo na sociedade. Winnicott (1968g) considerava que se acreditamos na possibilidade da saúde, podemos "estudar a sociedade, onde ela representa a afirmação da realização pessoal" (p. 190). Ele postula o seu axioma da seguinte maneira:

> A sociedade existe como estrutura ocasionada, mantida e constantemente reconstruída por indivíduos, não havendo, portanto, realização pessoal sem a sociedade, assim como é impossível existir sociedade independente dos processos coletivos de crescimento dos indivíduos que a compõem (Winnicott, 1968g, p. 190).

4.3.2 A terceira pessoa: o pai, o ambiente indestrutível e o outro sexo

Resta-nos, agora, tecer algumas considerações a respeito da terceira pessoa. No entanto, antes de prosseguir, são necessárias algumas observações preliminares. Antes de qualquer coisa, é preciso lembrar que a passagem do mundo subjetivo para o mundo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

objetivamente percebido, além de se dar de forma gradual, não se dá de uma vez por todas. Assim, para Winnicott, o indivíduo, de início, emerge da solidão de seu mundo subjetivo para um relacionamento a dois. Vimos, no capítulo anterior, que a chegada a esse estágio é um marco importante do desenvolvimento emocional que, na teoria kleiniana, foi abordado através da noção de posição depressiva. Na década de 50, Winnicott empreende uma releitura desse conceito e, através da capacidade de preocupação (*concern*), fornece uma abordagem que valoriza os aspectos positivos dessa conquista do desenvolvimento emocional primitivo. Na década de 60, ele voltará a se referir à posição depressiva a fim de localizar o início dos fenômenos relativos à passagem da relação para o uso de um objeto.

Não é difícil perceber que, de várias maneiras, o conceito de uso de objeto está relacionado à descrição que ele faz sobre o desenvolvimento da capacidade de preocupação (*concern*). Em última instância, ambos dizem respeito à emergência do sujeito, a partir da sua solidão subjetiva. Contudo, há uma diferença entre esses conceitos que se mostra da maior importância no tocante à possibilidade de acesso à terceira pessoa. Para Winnicott (1958), com o conceito de posição depressiva, Melanie Klein havia desenvolvido "a idéia do conflito em um relacionamento simples a duas pessoas, do lactente com a mãe, conflito originado das idéias destrutivas que acompanham o impulso amoroso" (p. 25). Assim, ainda que o estágio do *concern* marque o início de um relacionamento entre duas pessoas, a questão da passagem para um relacionamento a três fica em aberto, não chegando a ser elucidada. É justamente sobre essa passagem do dois para o três que o conceito mais tardio de uso de objeto vem lançar luz. Como observa Davis (1985), tanto a capacidade de preocupação (*concern*) quanto o uso de objeto devem "acontecer sob a rubrica da 'destrutividade como uma realização'" (p. 88). Na capacidade de preocupação (*concern*),"é a destruição da mãe que está sendo atacada e devorada na fantasia que conduz à culpa na criança e à capacidade de reparação, de fazer o bem e, eventualmente, de assumir toda a responsabilidade pelo impulso pessoal" (Idem). Em seu artigo da década de 50, *A Agressividade em Relação ao Desenvolvimento Emocional*, Winnicott (1950-55) afirma que "*a atividade social não pode ser satisfatória* a não ser quando se baseia num sentimento de culpa *pessoal* a respeito da agressividade" (p. 291 – o grifo é do autor).

Se levamos adiante o paralelo entre essa duas noções, encontramos que "tanto a capacidade de preocupação (*concern*) quanto a capacidade de usar um objeto envolvem o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

suporte instintual da destrutividade" (Davis, 1985, p. 88). Em ambas, a sobrevivência do objeto é da maior importância. Ambas resultam na tolerância da ambivalência e da aceitação da agressividade pessoal. As aproximações, no entanto, parecem parar por aqui. Se, por um lado, a capacidade de preocupação (*concern*) - formulada na década de 50 -, nos remete aos momentos iniciais da responsabilidade social, por outro, "ela não explica como o bebê, a criança, o adulto ou o paciente pode usar as substâncias outro-que-não-eu para o crescimento pessoal" (Idem). Como assinala Davis (1985), a capacidade de preocupação (*concern*) "é baseada na fantasia do objeto destruído, consumido e esvaziado e nas atividades reparadoras do bebê, com relação ao objeto real diferenciado, o qual está presente de maneira confiável" (p.88). Ou seja, através da atividade reparadora, a fantasia do objeto torna-se completa mais uma vez.

No entanto, com a concepção de uso de um objeto, Winnicott afirma que a sobrevivência do objeto o torna permanente, atribuindo-lhe, ainda, a qualidade de externalidade. Ou seja, o objeto deixa de ser um mero feixe de projeções para, desde então, tornar-se algo que pode ser apreendido como uma entidade em seu próprio direito. Esta, não podendo ser destruída, torna o seu uso possível para o crescimento pessoa. Assim, em condições favoráveis, "a destruição torna-se um padrão essencial na medida em que o objeto é objetivamente percebido e, neste processo, o objeto torna-se destruído porque é real e real porque é destruído" (Idem)[18]. Ou seja, ao insistir na investigação acerca do papel positivo da destruição, com a noção de uso de objeto, Winnicott lança luz sobre a entrada, até então obscura, do terceiro no relacionamento entre duas pessoas.

A possibilidade do ELE É, a terceira pessoa, traz à cena a questão do pai. Embora, como sabemos, Winnicott tenha se ocupado, preferencialmente, com a relação do bebê com sua mãe, a natureza da relação com o pai aparece problematizada ao longo de toda a sua obra, ainda que de maneira esparsa e pouco sistemática. Encontramos um artigo, de 1945, intitulado *E o Pai?* que, a despeito de se referir ao papel desempenhado pelos

[18] Nesse ponto a experiência clínica teve um papel relevante, ajudando a Winnicott a chegar a uma melhor compreensão desses fenômenos. A seu ver, a "atividade destrutiva constitui a tentativa, empreendida pelo paciente, de colocar o analista para fora da área do controle onipotente, isto é, no mundo" (Winnicott, 1969d, p. 127). Ele observou que "para alguns pacientes o problema da transferência é que eles protegem o analista. A mudança crucial ocorre quando eles são capazes de assumir o risco de não proteger mais o analista e ele sobrevive. Isso levou Winnicott (1969d) a concluir que "sem a experiência da destrutividade máxima (objeto não protegido), o sujeito jamais coloca o analista para fora, e portanto, não pode mais do que experimentar uma espécie de auto-análise, usando o analista como projeção de uma parte do eu (*self*)" (p. 127).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

homens e mulheres daquela época, mantém, ainda, viva a pertinência da reflexão sobre esse conceito. Na década de 60, em um de seus últimos trabalhos, enquanto elaborava o conceito de uso de objeto e investigava o valor positivo da destruição, Winnicott (1969a) reconhece que os avanços teóricos e clínicos da psicanálise haviam conduzido os psicanalistas a terem que se confrontar com a questão do pai:

> Freud, no arcabouço de seu próprio e bem-disciplinado funcionamento mental, não sabia que temos hoje de lidar com um problema como o seguinte: O que há na presença real do pai e do papel que ele desempenha na experiência do relacionamento entre ele e a criança e entre a criança e ele? (Winnicott, 1969a, 188).

Sem dúvida, "no esquema de individuação de Winnicott e da jornada rumo à independência, o pai tem um papel especial a desempenhar" (Davis, 1985, p. 89). De início, "a função do pai (ao lidar com o ambiente para a mãe) não é conhecida da criança" (Winnicott, 1960b, p. 44), ou seja, ele ainda não funciona como um terceiro, a não ser, indiretamente:

> Eu diria que certas qualidades da mãe que não fazem essencialmente parte dela reúnem-se gradualmente na mente infantil; e essas qualidades atraem sobre si próprias os sentimentos que o bebê, com o tempo, acaba por dispor-se a alimentar em relação ao pai. É incomparavelmente melhor um pai forte, que pode ser respeitado e amado, do que apenas uma combinação de qualidades maternas, normas e regulamentos, permissões e proibições, coisas inúteis e intransigentes (Winnicott, 1945d, p. 128).

Winnicott (1945d) observa que ao entrar na vida da criança, o pai assume sentimentos que ela já alimentava em relação a certas propriedades da mãe. Em 1966, ele afirma que "o pai entra no quadro geral de duas maneiras. Até certo ponto ele é uma das duplicações da mãe" (Winnicott, 1966b, p. 126). No entanto, o modo como ele se torna real para os seus filhos interfere com a outra característica, segundo a qual:

> Ele [o pai] acaba entrando na vida da criança como um aspecto da mãe que é duro, severo, implacável, intransigente, indestrutível, e que, em circunstâncias favoráveis, vai gradualmente se tornando aquele homem que se transforma num ser humano, alguém que pode ser temido, odiado, amado, respeitado (Winnicott, 1966b, p. 127).

Percebemos, então, que o papel do pai como terceiro recebeu destaque não apenas como "o pai e quem ele é como pessoa em relação à mãe, mas também o que a mãe contém em sua mente durante a maternagem" (Abram, 2000, p. 23). No entanto, cada vez mais ele se perguntaria sobre a importância da presença real de um pai para a criança:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> O que há na presença real do pai e do papel que ele desempenha na experiência do relacionamento entre ele e a criança e entre a criança e ele? O que isto causa no bebê? Pois há uma diferença, que depende de o pai achar-se lá ou não, se é capaz de estabelecer um relacionamento ou não, se é são ou insano, se tem a personalidade livre ou rígida (Winnicott, 1969a, p.188).

Como observa Abram (2000), "Winnicott postula a existência de um pai que é sempre um objeto total para o bebê" (p. 23). Em seu artigo *O Uso de um Objeto no Contexto de Moisés e o Monoteísmo*, ao escrever sobre a tendência inata do bebê à integração fortalecida pelo suporte do ego materno, Winnicott avalia a importância da terceira pessoa, o pai, nos seguintes termos:

> A terceira pessoa parece desempenhar um grande papel, para mim. O pai pode ou não ter sido um substituo materno, mas em alguma ocasião ele começa a ser sentido como se achando lá em um papel diferente, e é aqui que sugiro que o bebê tem probabilidade de fazer uso do pai como um diagrama para sua própria integração, quando apenas se torna às vezes uma unidade. Se o pai não se encontra lá, o bebê tem de fazer o mesmo desenvolvimento, mas de modo mais árduo, ou utilizando algum outro relacionamento que seja bastante estável com uma pessoa total" (Winnicott, 1969a, p.188)

Davis (1985) enfatiza que o pai representa especialmente o ambiente indestrutível, possibilitando o comportamento agressivo efetivo da criança em decorrência do seu rigor paterno. Sem dúvida, ser indestrutível é a qualidade por excelência de um ambiente suficientemente-bom! Assim, com o pai, a questão da sobrevivência do objeto chega ao seu limite. E, como acabamos de ver, é a sobrevivência do ambiente que possibilita ao bebê sentir-se seguro e migrar da relação de objeto para o uso do objeto, seguindo o seu caminho rumo à independência. O pai, ao mesmo tempo em que dá continuidade ao fracasso de adaptação às necessidades do bebê que havia sido iniciado pela mãe, satisfaz a sua necessidade crescente de entrar em contato com o princípio de realidade.

Em 1967, ao examinar a questão da de-privação[19] da criança em termos do pai, Winnicott é enfático quanto a importância da sobrevivência do ambiente à destrutividade da criança, salientando a complexa integração que ela realiza, envolvendo os seus impulsos destrutivos e amorosos, e o reconhecimento da realidade das idéias destrutivas que são inerentes ao viver e ao amar:

> A criança... descobre que é seguro ter sentimentos agressivos e ser agressivo, por causa do quadro de referências da família, que representa a sociedade de forma localizada. A confiança da mãe em seu marido, ou o apoio que vai conseguir caso o solicite, da

[19] A noção de de-privação será abordada no próximo tópico.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> sociedade local, talvez o apoio de um policial, cria a possibilidade de a criança explorar rudemente atividades destrutivas que se relacionam ao movimento em geral, e mais especificamente à destruição relacionada à fantasia que se acumula em torno do ódio. Nesse caminho (por causa da segurança ambiental, da mãe sendo apoiada pelo pai, etc.), a criança torna-se capaz de fazer uma coisa muito complexa, ou seja, integrar seus impulsos destrutivos com os amorosos, e o resultado, quando tudo corre bem, é que a criança reconhece a realidade das *idéias* destrutivas que são inerentes, na vida, ao viver e ao amor, e encontra modos e maneiras de proteger de si mesma pessoas e objetos valorizados. Na verdade, a criança organiza sua vida de modo construtivo, a fim de não se sentir muito mal em relação à destrutividade real que passa por sua mente. Para adquirir isso em seu desenvolvimento, a criança *requer, de modo absoluto, um ambiente que seja indestrutível em certos aspectos essenciais* (Winnicott, 1967b, p. 85-6 – o grifo é do autor).

Winnicott (1945d) ressalta que a presença real do pai, em casa, é valiosa de diversas maneiras. A primeira coisa é que, "o pai é preciso em casa para ajudar a mãe a sentir-se bem em seu corpo e feliz em seu espírito" (p. 129). Sob a proteção paterna, a mãe pode se entregar, sem ansiedades, às necessidades do seu bebê. No seu entender, "uma criança é realmente sensível às relações entre seus pais e se tudo corre bem entre as paredes do lar, por assim dizer, a criança é a primeira a mostrar o seu apreço por encontrar a vida mais fácil, mostrando-se mais contente e mais dócil de conduzir" (Idem). Estaria aqui, o que "uma criança entenderia por segurança social" (Idem). Em segundo lugar, o pai é necessário "para dar à mãe apoio moral, ser um esteio para a sua autoridade, um ser humano que sustenta a lei e a ordem que a mãe implanta na vida da criança" (Idem).

Winnicott (1945d) esclarece que o pai "não precisa estar presente todo o tempo para cumprir essa missão, mas tem de aparecer com bastante freqüência para que a criança sinta que o pai é *um ser vivo e real*" (Idem – o grifo é nosso). Compreendemos, com isso, que a presença de ambos os genitores no lar constitui uma influência estabilizadora, posto que, "a criança está constantemente predisposta a odiar alguém e se o pai não estiver presente para servi-lhe de alvo, ela detestará a mãe e isso irá confundi-la, visto ser a mãe que a criança mais fundamentalmente ama (Idem, 130). Por fim,"a criança precisa do pai por causa das suas qualidades positivas e das coisas que o distinguem dos outros homens, bem como da vivacidade de que se reveste a sua personalidade" (Idem). A maneira como cada criança travará conhecimento com seu pai varia enormemente. Contudo, se o pai estiver presente e quiser conhecer o próprio filho, este é uma criança de sorte. Nas circunstâncias mais felizes o pai enriquece de maneira diversa e abundante o mundo do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

próprio filho. Seja servindo de base para a formação dos ideais que ampliam os horizontes infantis do mundo, seja apresentando novos e valiosos elementos que podem ser utilizados nas brincadeiras. Há algo, no entanto, que um pai faz por seu filho que, a despeito do imenso valor, é suscetível de ser facilmente esquecido, em virtude da sua extrema simplicidade: "é estar vivo e continuar vivo durante os primeiros anos das crianças" (Idem, p. 131). De modo que, "se o pai morre isto é importante, bem como quando ele falece, exatamente, na vida do bebê, e há muita coisa também a ser levada em conta que tem a ver com a *imago* do pai na realidade interna da mãe e com o destino dessa imago aí" (Winnicott, 1969a, p.188).

Sabemos que, ao fornecer o apoio (ou sustentação) necessário para que a mãe possa prover o seu bebê (ou a criança) com um ambiente suficientemente-bom, o pai torna-se o promotor do estágio de preocupação (*concern*). O importante aqui é a moldura, a força: "Um pai forte capacita a criança a correr o risco, ao se por no caminho ou se achar lá para corrigir as coisas ou impedi-las" (Winnicott, 1968e, p. 184). A privação em termos disso – do pai enquanto promotor de moldura, de limite -, está relacionada ao aparecimento de um tipo específico de tendência anti-social[20].

Assim, depois de haver sido um objeto subjetivo para a criança, mais especificamente o que há de duro e indestrutível no objeto subjetivo materno, o pai aparece, inicialmente, como uma duplicação da figura materna, aprimorada pelas idealizações a que dá suporte. O próximo passo, a relação triangular, depende, sobretudo, ainda, de um desenvolvimento complexo:

> Na relação triangular entre pessoas, [...] a criança é apanhada de surpresa pelo instinto e pelo amor. Este amor envolve mudanças no corpo e na fantasia, e é violento. Um amor que leva ao ódio. A criança odeia a terceira pessoa. Por ter sido um bebê, a criança já conhece o amor e a agressão, e também a ambivalência e o medo de que aquilo que é amado seja destruído. Agora finalmente, na relação triangular, o ódio pode aparecer livremente, pois o que é odiado é uma pessoa que pode se defender, e que na verdade já é amada; no caso do menino, trata-se do pai, do genitor, do marido da mãe. O amor pela mãe é liberado, nos casos mais simples, porque o pai se transforma no objeto do ódio, aquele capaz de sobreviver, e castigar, e perdoar (Winnicott, 1988[54], p.72).

Percebemos, então, ser um grande alívio para a criança poder experienciar as ansiedades que pertencem ao complexo edípico. Nessa condição, "a criança se acha suficientemente bem para ser uma pessoa total entre três, experienciar a situação triangular

[20] Essa temática será abordada de modo mais abrangente no próximo tópico deste capítulo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

e ser capaz de elaborar na presença dos pais, tudo o que se quer dizer por passagem do complexo edípico e estabelecimento de um superego" (Winnicott, 1960a, p. 357). No entanto, muitas crianças jamais alcançam este alívio. "O que acontece em casos desse tipo não é que não haja superego, mas que a formação do superego nunca se torna humanizada e continuará tal como o politeísmo antes do monoteísmo" (Idem).

Como já vimos, por um lado, essa passagem depende de fatores ambientais. Por outro, não podemos deixar de levar em conta o impulso biológico que há na criança por trás de todo progresso. No entanto, como observa Winnicott, "muito rapidamente, os bebês passam a proteger os seios" (Winnicott, 1968a, p. 26); ou seja, "se admitirmos que o bebê pode machucar, e sente um impulso para isso, teremos de admitir também a existência de uma inibição dos impulsos agressivos, facilitando a proteção do que é amado e está, portanto em perigo" (Winnicott, 1939, p. 97). Como observa Phillips (1988), na década de 60, Winnicott teria se perguntado como acontece que uma criança se lance em sua jornada rumo à independência, depois de haver recebido cuidados suficientemente-bons? É aqui que podemos perceber a importância da existência de um terceiro, o pai, para a criança:

> O bebê, no estágio em que se torna capaz de colocar o objeto na realidade externa, realizou (realize) o fato da sua dependência ao objeto e, penso, que o que deve ser um corolário necessário a essa realização é um esforço em direção à independência. Para adquirir autonomia ele necessita um mundo que seja externo e permanente e, também, ele precisa ser capaz de destruir um tipo de relacionamento e, de acordo com as necessidades das suas mudanças, criar um outro. Penso ser útil referir-se à palavra 'repudiar' que Winnicott usou quando falava acerca do estágio do EU SOU. Ele também falou sobre 'esquecimento' e sobre 'ir embora', e essas coisas parecem fazer parte do 'crescer para fora' que ele ligou ao uso de um objeto (Davis, 1985, p. 90 – o grifo é do autor).

Ao final desse percurso, arriscamos a fazer algumas inferências, suscitadas pelas colocações de Davis (1985). Em primeiro lugar, uma breve referência ao ELA É. Como vimos, na passagem da relação de objeto para o uso de um objeto, este é situado, pelo sujeito fora da área do seu controle onipotente. Disso decorre que o objeto, desde então, pode ser percebido em sua realidade, ou seja, como algo que tem existência própria e não como um mero feixe de projeções. Podemos, então, vislumbrar a ampliação que sofre a discussão sobre a temática da sexualidade, se agregamos a ela um enunciado acerca do valor positivo da destruição e, de modo especial o conceito de uso de um objeto. É fácil de concluir que sem a destruição que cria a externalidade, a sexualidade genital não seria

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

possível. A genitalidade seria, portanto, uma conquista do desenvolvimento que tem como pré-requisito a conquista do estatuto do eu separado do não-eu, ambos como pessoas totais.

Em segundo lugar, a partir da perspectiva desse estudo, podemos pensar na possibilidade de um NÓS que é dependente de um EU e de um TU, mas não necessariamente de um terceiro, um pai. Ou seja, existem elementos aqui que nos permitem cogitar na possibilidade de um coletivo que se aproximaria mais de uma 'coleção de dois', no qual uma verdadeira relação alteritária seria inexistente ou comprometida em algum grau.

Por fim, como observa Davis (1985), é importante notar "a ênfase de Winnicott no papel vital dos pais como facilitadores das transições maturacionais do *infans* desde a experiência de destrutividade mágica até os sentimentos normais de ódio e agressividade" (p. 91). No seu entender, podemos identificar a seguinte seqüência:

> Em primeiro lugar, Winnicott sugere, o *infans* sente que o "mundo pode ser aniquilado pelo fechar dos olhos e recriado através de um novo olhar e de uma nova fase de necessidades". Eventualmente, no entanto, se o *infans* recebe uma maternagem suficientemente boa, ele ou ela pode começar a se dar conta do mundo como tendo uma existência independente e estando fora do seu controle mágico. Conseqüentemente, o ódio normal e a destrutividade tornam-se tanto uma possibilidade quanto uma realização, que indicam o desenvolvimento bem sucedido do *infans* (Davis, 1985, p. 91).

Na abordagem de Winnicott, o êxito ou o fracasso no tocante a questão da agressividade dependerá sempre dos fatores ambientais. O corolário disso é que ele não cansou de enfatizar o seu ponto de vista de que a destruição real está relacionada ao fracasso do objeto em sobreviver, enquanto que, sem esse fracasso, a destruição permanece potencial. Ou seja, "na saúde o indivíduo pode guardar a maldade dentro de si para usá-la contra forças externas que ameaçam o que ele julga valioso. A agressividade tem, nesse caso, um valor social" (Winnicott, 1950-55, p. 295). Esse valor social advém do fato de que, "aqui, em contraste com a agressividade maníaca ou delirante, fica preservada a objetividade, e assim o inimigo pode ser enfrentado com economia de esforços. Trata-se de um inimigo que, para ser atacado, não precisa ser amado" (Idem).

Nesse contexto, podemos afirmar que, sem a sobrevivência do objeto num estágio inicial do desenvolvimento, o crescimento do indivíduo rumo à independência e à maturidade encontrar-se-á sempre, gravemente, comprometido. Nos termos de Winnicott:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> Quando existe participação adequada da mãe e boa orientação dos pais, a maioria das crianças alcança a saúde e a capacidade para deixar de lado o controle e a destruição mágicos, e para desfrutar da agressão que nelas acompanha as gratificações e todas as relações ternas e riquezas pessoais que compõem a vida da infância" (Winnicott, 1964a, p. 110).

Somente o indivíduo que teve sorte com respeito à maternagem e à paternagem pode continuar a conhecer sobre a destrutividade nos sonhos e através deles, e através das experiências culturais. Ou seja, através de todas as atividades que envolvem o *self* total e propiciam o sentimento de sentir-se real. De fato, através de todas as realizações que se originam do ser. Nesse caso, tanto a agressão quanto a destruição, além de ter um valor um positivo, representam uma conquista do desenvolvimento emocional.

4.4 A intrusão que obriga a reagir: as falhas do meio-ambiente e os transtornos no desenvolvimento da agressividade

De certo modo, até agora, nos ocupamos em descrever o desenvolvimento que se realiza a partir de uma provisão ambiental satisfatória, ou seja, num ambiente de *holding*, criado por uma maternagem suficientemente boa, através do qual o potencial herdado tem a chance de experimentar uma 'continuidade do ser' (*continuity of being*). É chegada a hora, no entanto, de podermos avaliar o que se passa quando o meio ambiente falha em proporcionar essas condições. Para Winnicott, "a alternativa a ser é reagir, e reagir interrompe o ser e o aniquila. Ser e aniquilamento são as duas alternativas" (Winnicott, 1960b, 47). Aqui, a provisão ambiental deve ser avaliada no contexto do apoio ao ego do bebê, propiciado pela adaptação ativa da mãe às suas necessidades. Quando existe uma falha real no âmbito desse apoio, o desenvolvimento emocional fica detido ou é adiado. A reação da criança toma o lugar do simples crescimento. Certamente, este é um tema complexo, em virtude dos graus e das variantes que podem se apresentar em termos de falhas ambientais. Além do mais, é preciso considerar ainda o estágio de desenvolvimento no qual elas incidem, seja a dependência absoluta ou relativa. Assim, dada a abrangência dessa temática, optamos por abordá-la a partir de duas rubricas: as distorções no desenvolvimento do Ego, em termos de Falso e Verdadeiro *Self* e a tendência anti-social. Primeiramente, pretendemos investigar as distorções relativas aos momentos iniciais do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

desenvolvimento emocional, no qual a dependência do bebê com relação aos cuidados maternos é absoluta. Os processos de integração, personalização e realização colocam-se em marcha, ajudados pela provisão ambiental. Desse modo, além do próprio ego, o Eu e o sentimento de *self* estão em vias de se estabelecer. Em seguida, nossa intenção é avaliar o aparecimento da tendência anti-social, num estágio posterior quando a dependência já é relativa e o bebê já é capaz de discernir entre um eu e um não-eu. Em ambos os casos, estaremos lidando com possibilidades de extravios da agressividade. Trata-se de uma agressividade que é reativa.

Como vimos no capítulo três desta tese, Winnicott considerava que a teoria psicanalítica havia deixado de lado "duas fontes vitalmente importantes da agressão: aquela inerente aos impulsos do amor primitivo (no estágio anterior ao *concern*, independentes das reações à frustração), e aquela pertencente à interrupção da continuidade do ser pela intrusão que obriga a reagir (Winnicott, 1988[54], p. 155). Até agora, nos ocupamos em investigar as possibilidades de destino da agressividade inerente aos impulsos do amor primitivo, no contexto de uma provisão ambiental satisfatória. Resta-nos, portanto, uma avaliação da segunda fonte de agressividade, "aquela pertencente à interrupção da continuidade do ser pela intrusão que obriga a reagir" (Idem).

O importante a ser destacado é que, ainda que estejamos falando de uma agressividade reativa, não se trata, contudo, de uma reação às frustrações inerentes ao exercício da vida pulsional. A reação em questão deve ser apreendida no contexto dos relacionamentos tranqüilos, na qualidade da provisão ambiental propícia à experiência de continuidade de ser. É essa continuidade de ser que, devido às falhas na provisão ambiental, encontra-se ameaçada, obrigando o indivíduo a reagir. Winnicott, no entanto, chama atenção para a enorme diferença que resulta do fato da falha ambiental incidir no momento inicial de dependência absoluta ou no momento posterior de dependência relativa.

> Perturbações ambientais que distorcem o desenvolvimento emocional de um bebê não produzem tendências anti-sociais; produzem distorções da personalidade que redundam em psicoses, que a levam de um hospital mental a outro, ou então sua vida vai seguindo com algumas distorções aqui e ali, no teste de realidade, e assim por diante, talvez do tipo de distorção que é socialmente aceito. A tendência anti-social não se relaciona com uma carência, mas sim com uma privação (Winnicott, 1967b, p. 83).

No primeiro caso, estaremos lidando com os efeitos de uma carência de aspectos essenciais do cuidado materno para a colocação em marcha dos processos de integração e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

personalização, bem como o estabelecimento do relacionamento com a realidade externa. Estamos falando da falta de algo que, na realidade, nunca existiu e que, dependendo do grau e da extensão, pode ter conseqüências devastadoras para o indivíduo por vir. Nesse momento,

> Amealhar fatores externos para dentro da área da onipotência da criança está no processo de formação. O auxílio ao ego do cuidado materno possibilita ao lactente viver e se desenvolver, a despeito de não ser capaz de controlar ou de se sentir responsável pelo que de bom e mau ocorre no ambiente... O Paradoxo é que o que é bom ou mau no ambiente do lactente não é de fato uma projeção. (Winnicott, 1960b, p. 39).

No segundo caso, a criança já se encontra desenvolvida o bastante para se conscientizar dos acontecimentos (ainda que de forma rudimentar) sendo capaz, portanto, de responsabilizar o meio ambiente pelo estado em que se encontra. "A pele se torna o limite entre o eu e o não-eu. A psique começa a viver no soma e uma vida psicossomática de indivíduo de inicia" (Winnicott, 1962a, p. 60). Em função de um ambiente estável e seguro a integração, agora, é um fato e marca o estabelecimento do estágio do EU SOU. E, como vimos no tópico anterior, "o estágio do EU SOU, a par da conquista da inserção psicossomática, constitui um estado de coisas que se acompanha de um afeto ansioso específico que tem uma expectativa de perseguição" (Idem). O contato com princípio de realidade é uma experiência pessoal, inaugurando a jornada rumo à conjugação do verbo SER, no presente do indicativo. Nessas condições, a incidência de uma falha ambiental significa a perda de algo que vinha sendo experimentado de maneira satisfatória, pela criança, até então – uma de-privação. De início, há o protesto da criança, próprio a este tipo de situação. Dependendo de como este for ou não acolhido, ele pode se intensificar em um pedido de ajuda, um SOS dirigido ao meio ambiente, dando origem à tendência anti-social. A progressão do quadro, sua reversão ou o seu agravamento é dependente dos cuidados e atenção dispensados pelo meio ambiente.

Nesse momento, cabe a observação de que o termo empregado por Winnicott para designar a privação que dá origem à tendência anti-social é *deprivation*. Este termo, por sua vez, não dispõe de uma tradução padronizada para o Português, sendo, às vezes, traduzido simplesmente por privação. Nosso intuito é de que, com essa ressalva, independente do termo que esteja sendo utilizado o leitor possa discernir o conceito em questão.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

4.4.1 A distorção em termos de verdadeiro e falso *self* ou a criatividade ameaçada

A preocupação com os primórdios da vida psíquica foi uma constante na obra de Winnicott. Em 1949 ele afirmaria: "É óbvio que antes do nascimento já há um início de desenvolvimento emocional, e é possível que mesmo nessa época já exista a capacidade para uma aceleração falsa ou não saudável desenvolvimento" (Winnicott, 1949a, p. 263). A condição de saúde seria, então, descrita por ele nos seguintes termos:

> Na saúde, as perturbações ambientais até certo grau constituem um estímulo valioso, mas para além desse grau tais perturbações são contraproducentes na medida em que dão margem a *reações*. Nesse estágio tão inicial do desenvolvimento ainda não há uma força do ego para que ocorra uma reação sem perda de identidade (Winnicott, 1949a, p. 263 – o grifo é do autor).

Ele enfatiza que a reação, nesse estágio do desenvolvimento humano, significa uma perda temporária de identidade. Trata-se de algo que "provoca um sentimento extremo de insegurança, e situa-se na base da expectativa de novos exemplos de perda da continuidade do ser, e mesmo de uma desesperança congênita (embora não herdada) quanto à possibilidade de alcançar uma vida pessoal" (Winnicott, 1949a, p. 265). No seu entender, faz parte desse sentimento de desesperança a intolerável experiência de sofrer o efeito de algo sem ter a mínima idéia de quando isto irá terminar. Por outro lado, a força do ego advém da sua integração, quando falamos de um ego fraco, na verdade, "o que é fraca é a integração da organização do ego total" (Winnicott, 1949a, p. 266).

Nesse contexto, muita coisa pode acontecer, quando o bebê, dotado de uma organização egóica extremamente imatura, é obrigado a entrar em contato com um ambiente que insiste em ser importante. Winnicott (1949a) sugere, então, a possibilidade de "uma *falsa integração* que implica em alguma forma de pensamento abstrato, o que não é natural" (p. 266 – o grifo é nosso). Essa falsa integração apareceria como uma reação a uma interrupção na continuidade do ser: o bebê perturbado por uma imposição que o faz reagir é empurrado para fora do estado de 'ser'. Como já vimos, apenas sob certas condições esse estado de 'ser' pode acontecer. Ao reagir, a continuidade de ser do bebê é interrompida. O

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

ambiente que se impõe "não pode ser sentido pelo bebê como uma projeção de seus impulsos agressivos pessoais, pois neste estágio tal coisa ainda não faz sequer sentido" (Winnicott, 1949a, p. 267 – o grifo é do autor).

Em 1949, Winnicott ainda não havia postulado o estágio inaugural relativo à fusão do bebê com sua mãe, anterior a toda e qualquer relação de objeto. Ele encontra-se às voltas, tentando estabelecer a noção de trauma e seu texto torna-se às vezes confuso, na sua tentativa de distinguir o que seria uma reação 'normal', que não estaria associada à interrupção na continuidade do ser de uma outra que seria traumatizante. Contudo, se não nos deixarmos capturar por uma necessidade de precisão conceitual podemos usufruir de suas descrições e intuições, extremamente elucidativas da sua maneira de conceber esses momentos precoces. Vale lembrar que ele irá descreve esses momentos iniciais da interação primitiva mãe-bebê como uma 'experiência de mutualidade':

> É possível assumirmos com certeza que a partir da concepção o corpo e a psique desenvolvem-se juntos, a princípio fundidos, e gradualmente tornando-se distinguíveis um do outro. Seria certamente possível dizer da psique (independentemente do soma) que antes do nascimento existe um estar-aí pessoal, uma continuidade da capacidade de ter experiências. Essa continuidade, que poderia ser vista como o início do eu, é periodicamente interrompida por fases de reações à intrusões. O eu começa então a incluir memórias dos curtos períodos em que a reação à intrusão perturba a continuidade. À época do nascimento o bebê está preparado para esse tipo de situação, e minha sugestão é de que *nos casos não-traumáticos a reação à intrusão implícita no nascimento não excede o nível de reação para o qual o feto já se encontra preparado* (Winnicott, 1949a, p. 274 – o grifo é do autor).

Ao investigar os processos relativos à integração psicossomática - o processo de personalização - ele estabelece uma distinção importante ao afirmar que, "*é em relação à linha de fronteira entre as fases de reação intolerável que o intelecto começa a funcionar como algo distinto da psique*" (Winnicott, 1949a, p. 274 – o grifo é do autor). No seu entender, "é como se o intelecto colecionasse as intrusões às quais foi necessário reagir e as guardasse detalhadamente e em seqüência, protegendo desta forma a psique até que seja restabelecido o estado de continuar a ser" (Idem). O funcionamento mental surge, assim, como um certo tipo de defesa altamente sofisticado da psique.

> Numa situação mais especificamente traumática o intelecto desenvolve-se excessivamente e pode mesmo tornar-se aparentemente mais importante que a psique,e depois do nascimento pode continuar a esperar e mesmo ir de encontro às perseguições, a fim de colecioná-las e preservá-las ainda no intuito de proteger a psique (Winnicott, 1949a, p. 274).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Ainda neste ano, Winnicott dedicará um artigo à investigação desse problema, *A Mente e sua Relação com o Psicossoma*. O que nos interessa assinalar, nesse momento, é que para ele, o funcionamento mental surge como um certo tipo de resposta às 'falhas'ambientais (não necessariamente intoleráveis), no limite, se assim podemos dizer, entre o tolerável e o intolerável: "Uma das raízes da mente, portanto, é o funcionamento variável do psicossoma, sempre às voltas com as ameaças à continuidade do ser que acompanham cada falha da adaptação ambiental" (Winnicott, 1949b, p. 335). O corolário disso é que, "o seu desenvolvimento é muitíssimo influenciado por fatores não especificamente pessoais, e isto inclui fatores aleatórios" (Idem).

Ao mesmo tempo, o intelecto será responsável pelo registro de memórias extremamente precoces[21], através do método da catalogação ou do congelamento da situação traumática. Winnicott acredita que, na saúde, "pode acontecer que os fatores ambientais sejam conservados fixos por esse método, até que o indivíduo esteja em condições de torná-los seus – após ter tido experiências libidinais e especialmente após experimentar impulsos agressivos, que podem ser projetados" (Winnicott, 1949b, p. 338).

Nesse contexto, o termo intrusão responde por tudo aquilo que, originando-se do meio ambiente, interrompe a continuidade do ser. No entanto, como observa Abram (2000), existem invasões que não são traumáticas, como a descrita acima. Em si mesma, a invasão "não causa nenhum prejuízo ao desenvolvimento do bebê; ela é, de fato um componente necessário ao desenvolvimento saudável" (p. 206). O que provoca as distorções no desenvolvimento são as reações à intrusão. A partir de 1952, Winnicott irá reservar a palavra *reação* para descrever as situações resultantes de falhas na adaptação ambiental, de algum tipo de intrusão. Ele atribui às reações à intrusão ocorridas durante certos períodos do desenvolvimento danos causados à personalidade, que resultam em fragmentação. Dessa forma

> Todas as falhas que poderiam engendrar a ansiedade inimaginável acarretam uma reação da criança, e esta reação corta a continuidade existencial. Se há recorrência da reação desse tipo de modo persistente, se instaura um padrão de fragmentação do ser. A criança cujo padrão é o de fragmentação da continuidade do ser tem uma tarefa de desenvolvimento que fica, desde o início, sobrecarregada no sentido da psicopatologia. Assim, pode haver um fator muito precoce (datando dos primeiros dias ou horas de

[21] Ao leitor interessado em aprofundar essa temática recomendamos a leitura dos artigos de Winnicott: *Memórias do Nascimento, Trauma do Nascimento e Ansiedade* e *A mente e sua Relação com o Psicossoma*, ambos de 1949.

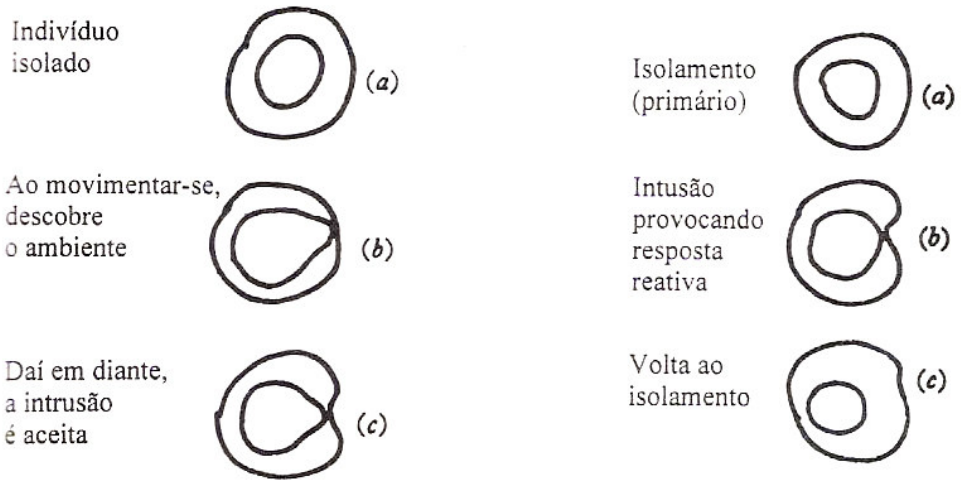
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> vida) na etiologia da inquietação, hipercinesia e falta de atenção (posteriormente designada como incapacidade de se concentrar) (Winnicott, 1962, p. 59).

Em 1952, no artigo *Psicose e Cuidados Maternos*, através de alguns diagramas Winnicott descreve o modo pelo qual o indivíduo é afetado pelas tendências do ambiente, enfocando, principalmente, o momento no qual o indivíduo - num estágio extremamente precoce -, começa a emergir do conjunto ambiente-indivíduo.

Fig. I Fig. II

CONJUNTO INDIVIDUO-AMBIENTE



A Fig. I "mostra como, por uma adaptação ativa às necessidades do bebê, o ambiente lhe permite manter-se em isolamento sem ser perturbado. O bebê de nada sabe. Nesse estado, ele faz um gesto espontâneo e o ambiente é descoberto sem perda da sensação de ser" (Winnicott, 1952c, p. 310). Por outro lado, a Fig. II "mostra uma adaptação falha, que resulta em intrusão do ambiente sobre a criança, levando-a a reagir. A sensação de ser é perdida nessa situação, e pode ser readquirida somente por uma volta ao isolamento" (Idem).

Assim, para Winnicott (1950-55), todo estímulo externo que se apresenta fora do contexto do apoio egóico fornecido pela mãe ao seu bebê, implica em reação. Ele observa que, de fato, a intrusão do ambiente pode variar em grau, respondendo, então, pelo aparecimento de dois padrões de comportamento (reativo).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> Num segundo padrão, o ambiente impõe-se ao feto (ou bebê), e em vez de uma série de experiências individuais, temos uma série de *reações à intrusão*. Aqui, portanto, desenvolve-se uma retirada em direção à quietude, única situação em que a existência individual é possível. A motilidade é, agora, parte da experiência da reação à intrusão.
> Num terceiro padrão, extremo, este último fenômeno [reação à intrusão] é exagerado a um tal grau que já não resta nem mesmo um lugar para a tranqüilidade que permite a existência individual, e a conseqüência é a de uma falha na capacidade do estado do narcisismo primário de transformar-se num indivíduo. O 'indivíduo' desenvolve-se então mais como uma extensão do ambiente invasor. O que resta no núcleo permanece oculto, por vezes a ponto de não ser encontrado nem mesmo através da mais profunda análise. O indivíduo, assim, *existe por não ser encontrado*" (Winnicott, 1950-55, p. 297 – o grifo é do autor).

Nesses casos, estamos considerando o fato da mãe que *não* é suficientemente boa, ou seja, que não sendo capaz de acolher o gesto espontâneo do seu bebê, sua motilidade primária, falha em propiciar a experiência de onipotência do lactente. Ao substituí-lo pelo seu próprio gesto, induz à criança a um padrão de submissão. Nessas condições, a força vital é consumida em reações à intrusão e a conseqüência é o comprometimento, em algum grau, de uma sólida instauração do *self*. Encontramos, então, um desenvolvimento baseado na experiência de reação: a existência do indivíduo será sentida como falsa, pois estará ausente sua impulsividade pessoal. O estágio inicial do falso *self* está localizado nessa submissão, resultante da inabilidade da mãe nesse momento. Nesse caso, dirá Winnicott, "não haverá fusão dos componentes agressivo e erótico, pois o *Eu* não está instaurado no momento da experiência erótica. O bebê vive, pois alguém o seduziu para a experiência erótica" (Winnicott, 1950-55, p. 303). Assim, paralelamente a uma vida erótica, jamais sentida como real, encontramos uma agressividade reativa, dependente exclusivamente de uma experiência de oposição. Ele insiste, no entanto, que o estado mais comum são os casos que se situam a meio caminho entre uma fusão satisfatória e a sua ausência, em outras palavras, aqueles que comportam "*a falta de fusão em algum grau*" (Idem - o grifo é do autor).

Nesse momento, Winnicott refere-se à existência de três *selves* em uma mesma personalidade. Vale notar que se trata da única vez que ele fez uma tal referência:

> A personalidade compõe-se de três partes: um *eu* verdadeiro, com um *Eu* e um *não-Eu* claramente constituídos, e com uma certa fusão dos elementos agressivo e erótico. Teremos aqui um eu que será facilmente seduzido rumo à experiência erótica, com o resultado de que haverá a perda da sensação de realidade; um eu que se entregará inteira e impiedosamente à agressividade (Winnicott, 1950-55, p. 303-4).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Winnicott observa que "essa agressividade nem mesmo está organizada para fins de destruição, mas é valiosa para o indivíduo, porque traz consigo a sensação de realidade e a sensação de estar se relacionando" (Winnicott, 1950-55, p. 304). No entanto, para que ela possa existir ela precisa ser despertada por uma oposição ou por uma (posterior) perseguição, mas faltam-lhe raízes no impulso pessoal motivado pela espontaneidade do ego. Ou seja, de um modo geral, encontramos em todo indivíduo uma certa porcentagem de agressividade que é reativa, mas que, ainda assim, mantém o seu valor por trazer consigo a experiência de sentir-se real e a sensação de estar se relacionando.

Disso resulta uma certa confusão quando empregamos o termo agressividade, e, na verdade, o que queremos dizer é espontaneidade. O importante a ser destacado é que para Winnicott (1963c), na área de desenvolvimento que estamos avaliando, que é anterior à conquista da fusão, ao considerarmos "o comportamento do lactente que é reativo a falhas do ambiente favorável, ou da mãe-ambiente, isso pode parecer agressão; na realidade é sofrimento" (p. 165).

Como observa Abram (2000), foi a partir da experiência clínica que Winnicott estabeleceu a diferença entre um verdadeiro e um falso *self*. Ele assevera que uma parte essencial da sua teoria repousa no argumento de que "o verdadeiro *self* não se torna uma realidade viva exceto como resultado do êxito repetido da mãe em responder ao gesto espontâneo ou alucinação sensorial do lactente" (Winnicott, 1960c, p. 128). Uma idéia que, no seu entender, encontra-se "intimamente ligada à de Secheaye contida na expressão 'realização simbólica'" (Idem, p. 133 – o grifo é do autor). Em condições de *holding* satisfatórias, "é o *gesto ou a alucinação* do lactente que se torna real, sendo a capacidade do lactente de *usar símbolos* o resultado" (Idem). Como já vimos, Winnicott vincula a idéia de um *self* verdadeiro com a do gesto espontâneo:

> No estágio inicial o verdadeiro *self* é a posição teórica de onde vem o gesto espontâneo e a idéia pessoal. O gesto espontâneo é o verdadeiro *self* em ação. Somente o se*l*f verdadeiro pode ser criativo e se sentir real. Enquanto o *self* verdadeiro é sentido como real, a existência do falso s*e*lf resulta em uma sensação de irrealidade e em um sentimento de futilidade (Winnicott, 1960c, p. 135).

Na década de 50, Winnicott apresentara o falso *self* avaliando-o em relação a uma condição doentia do ser. No entanto, em 1960, ao investigar *As Distorções do Ego em*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Termos de Falso e Verdadeiro Self, ele irá analisar a organização do falso *self* a partir de um espectro que se estende desde a patologia até a saúde. O falso *self* aparece, então, como "uma estrutura que existe para que possa defender o verdadeiro *self*, mesmo – e especialmente – no que se refere à saúde" (Abram, 2000, p. 227). Ele chama atenção para o fato de que a defesa em questão não é organizada contra os impulsos do id, mas se refere a uma organização defensiva contra o que seria inimaginável: a exploração e o aniquilamento do verdadeiro *self*.

No ponto de origem do falso *self*, "a adaptação da mãe às alucinações e impulsos espontâneos do lactente é deficiente, *não suficientemente boa*. O processo que leva à capacidade de usar símbolos não se inicia (ou então se torna fragmentado, com um recuo do lactente dos ganhos já atingidos)" (Winnicott, 1960c, p. 134). Ainda que nesses casos possa se esperar pelo pior: que o bebê morra fisicamente, porque o investimento dos objetos externos não é iniciado. Na prática, contudo, o bebê sobrevive, mas sobrevive de uma maneira falsa. Num primeiro momento, ainda é possível discernir um protesto por parte do bebê. Temos, então, um quadro clínico muito comum: irritabilidade generalizada, distúrbios da alimentação e de outras funções. Winnicott (1960c) adverte, no entanto, que esses sintomas podem desaparecer para surgir agravados em um estágio posterior.

Para Winnicott, quando esse protesto reaparece num segundo momento, o bebê é seduzido à submissão. Desde então ele passa a existir a partir de um falso *self* submisso que reage às exigências do meio aceitando-as aparentemente. A criança pode crescer se tornando exatamente como a mãe, babá, tia ou qualquer pessoa que no momento domine o cenário de sua vida.

Winnicott avalia, no entanto, que o falso *self* tem uma função positiva muito importante: ocultar o *self* verdadeiro - o que faz pela submissão às exigências do ambiente. Os relacionamentos podem, então, se estabelecer sem constituir uma ameaça para o indivíduo. Há, no entanto, um risco particular que se origina da não rara ligação entre abordagem intelectual e o falso *self*:

> Quando um falso *self* se torna organizado em um indivíduo em um indivíduo que tem um grande potencial intelectual, há uma forte tendência para a mente se tornar o lugar do falso *self*, e neste caso se desenvolve uma dissociação entre a atividade intelectual e a existência psicossomática (Winnicott, 1960c, p. 134).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Na saúde o funcionamento mental atua no sentido do fortalecimento da integração psicossomática. No entanto, a conjunção de uma organização defensiva tipo falso *self* e o uso de um intelecto apurado na resolução de problemas pessoais resulta num quadro clínico com características peculiares. Como bem nos relata o autor, "o mundo pode observar o êxito acadêmico de alto grau, e pode achar difícil acreditar no distúrbio do indivíduo em questão, que quanto mais é bem sucedido, mais se sente falso" (Winnicott, 1960c, p. 132).

Ao longo da década de 60, ficou cada vez mais evidente para Winnicott a necessidade de postular a existência de um núcleo incomunicável do *self*. Um núcleo que, conforme ele, nunca se comunica com o mundo dos objetos percebidos - a pessoa percebe que não deve nunca se comunicar com ou ser influenciado pela realidade externa. No seu entender, "*cada indivíduo é isolado, permanentemente sem se comunicar, permanentemente desconhecido, na realidade nunca encontrado*" (Winnicott, 1963c, p. 170 – o grifo é do autor). Uma realidade dura que, no entanto, pode ser amenizada através da experiência cultural já que,

> ...no centro de cada pessoa há um elemento não-comunicável, e isto é sagrado e merece muito ser preservado. [...] As experiências traumáticas que levam à organização das defesas primitivas fazem parte da ameaça ao núcleo isolado, da ameaça dele ser encontrado, alterado, e de se comunicar com ele (Winnicott, 1963c, p. 170).

Haveria, no entanto, uma clivagem saudável da personalidade: "cada pessoa tem um *self* educado ou socializado, e também um *self* pessoal privado, que só aparece na intimidade, Isso é comum e pode ser considerado normal" (Winnicott, 1964b, p. 55). Essa divisão do *self* é uma conquista inerente a um crescimento pessoal saudável. Na doença, a divisão é uma questão de cisão na mente, que varia em profundidade, sendo a mais profunda a esquizofrenia. A diferença é que esse *self* educado ou socializado tem como lastro o *self* verdadeiro que pode tornar-se, de fato, uma realidade viva. É importante notar que esse aspecto submisso do *self* verdadeiro no viver normal é resultante da habilidade do bebê de se submeter e de não se expor. A capacidade de conciliação surge como uma conquista do indivíduo.

Partindo dessas premissas, ele acaba por concluir que no caso da clivagem saudável o indivíduo se apresenta como um ser espontâneo e criativo, podendo dispor da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

área intermediária da experiência vinculada à vida cultural, bem como da capacidade de usar símbolos:

> No indivíduo normal, que tem aspecto de ser submisso ao *self*, mas que existe e que é um ser espontâneo e criativo, existe ao mesmo tempo a capacidade para o uso de símbolos. Dito de outro modo, normalidade aqui está intimamente ligada à capacidade do indivíduo de viver em uma área que é intermediária entre o sonho e a realidade, aquela que é chamada de vida cultural. Como contraste, onde há um alto grau de *splitting* entre o *self* verdadeiro e o falso *self* que oculta o *self* verdadeiro verifica-se pouca capacidade para o uso de símbolos, e uma pobreza da vida cultural. Ao invés de objetivos culturais, observam-se em tais pessoas extrema inquietação, uma incapacidade de se concentrar e uma necessidade de colecionar ilusões da realidade externa, de modo que a vida toda do indivíduo pode ficar cheia de reações a essas ilusões (Winnicott, 1960c, p. 137).

Por fim, resta salientar que as conseqüências de um apoio defeituoso ao ego por parte da mãe, nesse estágio precoce - antes que o bebê tenha estabelecido a distinção entre eu e não-eu -, podem ser devastadoras. Segundo Winnicott, além do desenvolvimento de uma defesa organizada nos termos de um falso *self*, essas distorções podem incluir as bases para o aparecimento de: esquizofrenia infantil ou autismo, esquizofrenia latente, falsa autodefesa e personalidade esquizóide. No seu entender, a psicose é uma doença provocada essencialmente por uma deficiência na provisão ambiental:

> É errado pensar na enfermidade psicótica como um colapso; ela é uma organização defensiva relacionada a uma agonia primitiva, e é geralmente bem-sucedida (exceto quando o meio ambiente facilitador não foi deficiente, mais sim atormentador, que é talvez a pior coisa que pode acontecer a um bebê humano) (Winnicott, 1963g, p. 72).

Desse modo, Winnicott associa a maternagem suficientemente-boa nesses momentos iniciais à prevenção das doenças mentais. Mais especificamente, a base para a saúde mental, no sentido da menor vulnerabilidade aos estados esquizóides e à esquizofrenia, é constituída nas etapas iniciais, quando o bebê está sendo gradualmente apresentado à realidade externa pela mãe.

4.4.2 A tendência anti-social ou a esperança ameaçada

Nada no mundo é feito sem esperança

Vinícius de Moraes

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

O conceito de tendência anti-social surgiu ao final da década de 40, como uma decorrência direta do trabalho realizado por Winnicott durante a Segunda Grande Guerra, como Consultor Psiquiátrico para o Plano de Evacuação do Governo nos arredores de Londres. Claire Winnicott, que travou conhecimento e trabalhou com ele nesse período, descreve algumas particularidades dessa experiência que teria um impacto profundo sobre ele, influenciando de maneira decisiva o seu pensamento em seus aspectos teóricos e clínicos:

> Embora as circunstâncias em que Winnicott se encontrava fossem anormais por ser tempo de guerra, os conhecimentos obtidos a partir dessa experiência têm aplicação geral porque, as crianças que sofrem privação e se tornam delinqüentes têm problemas básicos que se manifestam de modos previsíveis, sejam quais forem as circunstâncias. Além disso, as crianças que passavam à responsabilidade de Winnicott eram aquelas que necessitavam de providências especiais porque não podiam ser instaladas em lares comuns. Em outras palavras, já estavam em dificuldades em seus próprios lares antes da guerra...
>
> A experiência de evacuação teve um efeito profundo em Winnicott, pois teve de enfrentar, de um modo concentrado, a confusão gerada pela desintegração maciça da vida familiar, e teve de vivenciar o efeito da separação e da perda – e da destruição e morte. As reações pessoais sob a forma de comportamento bizarro e delinqüente compreendidas por Winnicott, trabalhando com uma equipe local. As crianças com quem ele trabalhou tinham chegado ao fim da linha; não tinham mais para onde ir, e como mantê-las tornou-se a principal preocupação de todos os que tentavam ajudá-las... Não há dúvidas de que trabalhar com crianças desapossadas deu uma dimensão inteiramente nova ao pensamento de Winnicott e à sua prática, e afetou seus conceitos básicos sobre crescimento e desenvolvimento emocionais. Cedo suas teorias sobre as pulsões que estão por trás da tendência anti-social começaram a tomar forma e a ser expressas (Winnicott, C., 1987, p. XI).

Até aquela época, a etiologia da delinqüência era vista principalmente pela teoria psicanalítica, em termos da luta que se trava no mundo interior, ou psique, do indivíduo. Em outras palavras, tanto a delinqüência quanto a criminalidade estavam associadas à ansiedade ou culpa resultante da inevitável ambivalência inconsciente. A idéia básica era de que quando a culpa se acumula e não encontra saída na sublimação ou reparação, algo tem que ser feito, ou atuado (*acted out*), para que o indivíduo se sinta culpado disso. Algum alívio advinha a partir do imperativo e da posterior punição (Abram, 2000). Em sua abordagem, Winnicott irá destacar o papel fundamental do meio ambiente externo na etiologia da tendência anti-social, vinculando-a à qualidade das relações objetais precoces. Ele emprega o termo de-privação para indicar a perda sofrida pela criança - num período de dependência relativa -, de algo que ela havia experimentado de maneira

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

satisfatória na etapa anterior, da dependência absoluta. A tendência anti-social constitui-se, portanto, em um imperativo – uma compulsão – resultante de uma falha ambiental ocorrida em um período de dependência relativa.

Em 1946, um ano após o término da guerra, Winnicott faz uma conferência para magistrados intitulada *Alguns Aspectos Psicológicos da Delinqüência Juvenil*. Nela, ao buscar estabelecer uma ligação entre um aspecto da delinqüência e uma de-privação sofrida pela criança na vida familiar, ele já apresenta os principais elementos que irão constituir o cerne do seu pensamento sobre esse problema. Dez anos depois, ele apresenta *A Tendência Anti-Social*, um trabalho que, segundo Abram (2000) irá se revelar como a sua expressão definitiva sobre esse assunto. Por fim, em 1967, em *A Delinqüência Como Um Sinal de Esperança*, encontramos formulada a última evolução do seu pensamento sobre esse tema, na qual a função do pai – presente em seu texto de desde 1946 – atinge o ápice da sua teorização.

Antes de qualquer coisa, Winnicott chama atenção para o fato de que, "a tendência anti-social não é um diagnóstico. Não se pode compará-la diretamente com outros tipos de diagnóstico, tais como neurose ou psicose. Pode ser encontrada tanto em indivíduos normais quanto em neuróticos ou psicóticos" (Winnicott, 1956b, p. 408). No seu entender, a sua etiologia é bem clara: *a tendência anti-social está associada à experiência de deprivação*. Em outras palavras, "pode-se dizer que as coisas *iam bem, mas, de repente, começaram a não ir tão bem assim*" (Winnicott, 1967b, p. 82 – o grifo é do autor). Ele esclarece que, apesar de estar se referindo apenas a crianças, trata-se de um fenômeno que pode ser encontrado em todas as idades. Assim, ele explica:

> Quando ocorre a tendência anti-social, *aconteceu uma de-privação propriamente dita* (não uma simples privação); ou seja, deu-se a perda de algo bom, de caráter positivo na experiência da criança até um certo momento, no qual esse elemento positivo foi retirado. A retirada estendeu-se por um período maior que aquele durante o qual a criança seria capaz de manter viva a memória da experiência. A definição abrangente da *de-privação* incluiria tanto a situação traumática tardia quanto a anterior, tanto o trauma específico quanto a situação traumática que se prolonga no tempo, e também simultaneamente a condição quase normal e a claramente anormal (Winnicott, 1956b, p. 410 – o grifo é do autor).

Essa noção encontra-se fortemente enraizada na maneira de Winnicott conceber as condições de desenvolvimento de uma criança normal. E com relação a esse aspecto, para ele, nem tudo são flores. A criança normal não apenas come, cresce e sorri docemente.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Nos seus termos, uma criança normal precisa poder contar com um ambiente estável e pessoal que a ajude a transpor as dificuldades inerentes aos estágios iniciais do seu contato com o princípio de realidade: conflitos e desintegrações potenciais. De modo que

> Uma criança normal, se tem a confiança do pai e da mãe, usa de todos os meios possíveis para se impor. Com o passar do tempo, põe à prova o seu poder de desintegrar, destruir, assustar, cansar, manobrar, consumir e apropriar-se. Tudo o que leva as pessoas aos tribunais (ou aos manicômios, pouco importa no caso) tem o seu equivalente normal na infância, na relação da criança com o seu próprio lar. Se o lar consegue suportar tudo o que a criança pode fazer para desorganizá-lo, ela sossega e vai brincar; mas primeiro os negócios, os testes têm que ser feitos e, especialmente, se a criança tiver alguma dúvida quanto a instabilidade da instituição parental e do lar (que para mim é muito mais do que a casa). Antes de mais nada, a criança precisa estar consciente de um quadro de referência se quiser sentir-se livre e se quiser ser capaz de brincar, de fazer seus próprios desenhos, ser uma criança irresponsável (Winnicott, 1946b, p. 129).

Os problemas começam a surgir caso o lar falte "à criança antes de ela ter adquirido uma idéia de um quadro de referências como parte de sua própria natureza" (Winnicott, 1946b, p. 130). Nesse caso, a criança buscará a segurança necessária fora de casa, recorrendo aos avós, tios, e tias, amigos da família, escola. Caso não encontre uma estabilidade externa, ela correrá o risco de enlouquecer. A estabilidade fornecida no momento oportuno passa a ser parte constituinte da própria criança e cria as condições para que, de forma gradual, ela possa avançar da dependência rumo à independência.

No caso da criança anti-social, é uma questão de grau: ela "está simplesmente olhando um pouco mais longe, recorrendo à sociedade em vez de recorrer à família ou à escola para lhe oferecer a estabilidade de que necessita a fim de transpor os primeiros e essenciais estágios de seu crescimento emocional" (Idem).

Ainda que Winnicott estabeleça uma distinção entre a tendência anti-social e a delinqüência, ele considera que ambas têm a mesma origem: a de-privação. O termo 'tendência anti-social' "pode ser aplicado a tendências que aparecem na extremidade normal da escala, de vez em quando em nossos filhos ou em crianças que vivem em bons lares, e é aqui que se pode ver melhor a conexão que creio existir entre a tendência e a esperança" (Winnicott, 1967b, p. 81). Por outro lado, no caso da delinqüência, encontramos uma defesa organizada, enrijecida por ganhos secundários que diminuem o sofrimento, mas dificultam o movimento pela busca de auxílio.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Desse modo, ele concebe um espectro que pode comportar várias gradações, desde a tendência anti-social passível de aparecer até mesmo em condições favoráveis de provisão ambiental, até o ponto extremo da delinqüência e da psicopatia. A progressão é dependente da maneira como as coisas irão se passar daí por diante e isso não implica em qualquer diagnóstico psiquiátrico. "A tendência anti-social caracteriza-se por um *elemento que compele o ambiente a tornar-se importante*" (Winnicott 1956b, p. 409 – o grifo é do autor). Esse elemento relaciona-se com o fato de que a criança, não tendo tido a oportunidade de criar um bom ambiente interno, passa a buscar uma moldura ou continência externa para os seus impulsos. Um controle externo é absolutamente necessário para que a criança, sentindo-se segura – *being held* -, possa brincar e viver livremente. Ë importante notar que há uma comunicação inconsciente em jogo.

Winnicott chama atenção para o fato de que a possibilidade de realização de tratamento da tendência anti-social depende da compreensão de um ponto que é essencial: *a tendência anti-social implica em esperança*. Ela funciona como um S.O.S da criança ao meio ambiente. Trata-se, sobretudo, de um momento de esperança, no qual a criança acredita poder chegar, novamente, àquilo que foi perdido. No entanto, "a falta de esperança é a característica central da criança de-privada que, obviamente, não é anti-social o tempo todo" (Winnicott, 1946b, p. 132 Idem). É importante notar que é apenas nos momentos de esperança que a criança manifesta a tendência anti-social. Vejamos a descrição de Winnicott:

> Uma criança que tenha sido submetida a uma tal privação sofreu inicialmente uma ansiedade impensável, e então reorganizou-se gradualmente, até atingir um estado razoavelmente neutro: fica concordando com tudo, pelo fato de que uma criança não pode fazer nada mais além de concordar. Tal estado pode ser razoavelmente satisfatório, do ponto de vista das pessoas que dirigem o local. Então, por uma razão ou por outra, começa a surgir a esperança; isso significa que a criança , sem ter a menor consciência do que está ocorrendo, começa a sentir um impulso de voltar para antes do momento da privação, e assim desfazer o medo da ansiedade impensável ou da confusão que existiam antes que se organizasse o estado neutro. É exatamente este o aspecto enganoso que pessoas que cuidam de crianças anti-sociais precisam conhecer, se quiserem ver sentido no que está se passando em torno delas. Toda vez que as condições fornecerem um certo grau de novas esperanças, *então a tendência anti-social transforma-se numa característica clínica: a criança torna-se difícil* (Winnicott, 1967b, p. 84 – o grifo é do autor).

Para Winnicott (1963d), o indivíduo que sofre uma de-privação encontra-se sobrecarregado por duas moções distintas. Por um lado, existe a carga crescente do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

processo de maturação perturbado e em certos aspectos detido ou adiado. Por outro, existe a esperança, sinalizando a existência de uma crença, que nunca se extingue completamente, de que possa ser ouvido e compensado pela falha sofrida. Nesse sentido, a criança, mesmo sem saber, acredita ser possível encontrar alguém que a ouça e a ajude a recordar o momento em que a privação ocorreu ou a época em que a privação tornou-se uma realidade incontornável. Caso não seja oferecida nenhuma ajuda por ocasião da manifestação da tendência anti-social, "os ganhos secundários rapidamente assumem o comando, diminuem o sofrimento e interferem no empenho do indivíduo em procurar por ou aceitar o auxílio que se ofereça" (p. 186). Ou seja, é possível que os próprios atos adquiram importância adicional para o indivíduo e o sentimento de culpa se extravie. A reincidência dessas condições podem levar ao que Winnicott denominou como delinqüência não-curada.

Ele enfatiza, no entanto, que "o tratamento da tendência anti-social não é psicanálise mas o manejo, o ir ao encontro do momento de esperança e corresponder-lhe" (Winnicott, 1956b, p. 409). Muitos momentos de esperança podem ser desperdiçados por manejo inadequado ou pela falta de tolerância. Para Winnicott (1963d), a tentativa de ir ao encontro da tendência anti-social do paciente tem dois aspectos: a tolerância das exigências do paciente, sem retaliação - reveladora da consistência do amor e da disponibilidade pessoal do terapeuta acolher -, e a provisão de uma estrutura de apoio ao ego que seja relativamente indestrutível.

Nesse ponto, é importante considerarmos a existência de duas vertentes da tendência anti-social, ainda que a ênfase possa recair, em alguns momentos, mais sobre uma do que a outra. Uma das vertentes é representada pelo roubo e a outra é a da destrutividade ou explosões agressivas. Em linhas gerais, elas podem ser descritas da seguinte maneira:

> *Em uma* das vertentes, a criança procura algo em algum lugar e, fracassando em seu intento, procura-o em outro lugar, quando tem esperança. *Na outra*, a criança busca a quantidade de estabilidade ambiental necessária para suportar o embate do comportamento impulsivo. Trata-se da busca por uma provisão ambiental perdida, uma atitude humana que, por ser confiável, proporciona ao indivíduo a liberdade de mover-se e agir e excitar-se (Winnicott, 1956b, p. 411 – o grifo é do autor).

No entender de Winnicott, o primeiro desses aspectos, o roubo, encontra-se relacionado "à interação da criança pequena com a mãe; e o outro com o desenvolvimento posterior, que constitui a interação da criança com o pai. O primeiro se refere a toda

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

criança, e o segundo se refere aos meninos" (Winnicott, 1967b, p. 84). Ele esclarece: "falo de um menino, mesmo que seja uma menina, continuo falando sobre o menino que há na menina". Aqui, vale lembrar que o que Winnicott (1971e) define como "elemento 'masculino' transita em termos de um relacionamento ativo ou passivo, cada um deles apoiado pelo instinto[22]" (p. 113).

Ele observa que, quando a criança encontra-se às voltas com a vertente do segundo tipo, as reações que ela provoca mobilizam o ambiente como um todo, "como se buscasse uma moldura cada vez mais ampla, um círculo que teria como seu primeiro exemplo os braços ou o corpo da mãe" (Winnicott, 1956b, p. 411). No seu entender, seria possível perceber uma série, nessa busca, pela criança, de um ambiente confiável que possa lhe oferecer a segurança necessária: "o corpo da mãe, seus braços, o relacionamento dos pais, o lar, a família, incluindo primos e parentes próximos, a escola, o bairro com sua delegacia, o país e suas leis" (Idem).

Winnicott (1956b) localiza o roubo, juntamente com o seu correlato a mentira, no centro da tendência anti-social, relacionando-os com a perda da mãe. Mais especificamente, da sua aptidão em se adaptar às necessidade de seu filho, capacitando-o a encontrar objetos de maneira criativa, ou seja, da mãe que o inicia no uso criativo do mundo:

> A criança que rouba um objeto não está em busca *do objeto roubado, mas da mãe sobre a qual ela tem direito*. Esses direitos derivam do fato de que (do ponto de vista da criança) a mãe foi criada por ela. A mãe correspondeu à criatividade primária da criança, tornando-se assim o objeto que a criança estava pronta para encontrar. (A criança não poderia ter criado a mãe, mas o significado da mãe para ela depende da sua criatividade.) (Winnicott, 1956b, p. 411- o grifo é do autor).

Na medida em que a adaptação da mãe às necessidades do filho falha, a criança perde contato com os objetos e, com isso, perde também a capacidade de encontrar qualquer coisa criativamente. No momento de esperança, a criança tenta alcançar um objeto, ela o rouba. Trata-se de "um ato compulsivo e a criança não sabe por que age assim. Muitas vezes, a criança se sente louca por ter tido uma compulsão de fazer algo sem saber por quê" (Winnicott, 1967b, p. 84). Naturalmente, o objeto roubado não a satisfaz. Afinal,

[22] Em seus últimos trabalhos, Winnicott estabelece a distinção entre os elementos masculino e feminino puro. Enquanto o último tem suas raízes na experiência fusional com a mãe, o elemento masculino encontra-se vinculado ao brincar na luta travada pelo bebê a fim de estabelecer a distinção entre eu e não-eu; denota uma capacidade de diferenciação que está fundada sobre uma separação, bem como no desenvolvimento do ego.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

não era um objeto o que estava sendo procurado, mas, sim a capacidade de encontrar; ou melhor, a capacidade de encontrar os objetos criativamente.

Winnicott chama atenção para o fato de que a manifestação do primeiro tipo de expressão da tendência anti-social é algo que, de tão comum, chega a ser normal. Assim, ele concebe a existência de uma escala que teria em um dos extremos algo que "está enrijecendo como ato compulsivo sem significado e sem produzir satisfação direta, mas florescendo enquanto habilidade; e em outro extremo existe algo que acontece repetidamente em toda família" (Idem, p. 85). Em outras palavras, em qualquer família pode acontecer de a criança sofre uma de-privação, mesmo que relativa, e reagir fazendo uso de algum ato anti-social. É comum, nessas ocasiões, os pais respondem de modo indulgente durante um certo período, compreendendo que a criança está passando por uma fase difícil. Trata-se de algo que freqüentemente acontece, por exemplo, por ocasião do nascimento de um irmão.

Nesse ponto Winnicott coloca a questão: "é possível reunir numa só as duas vertentes, o roubar e o destruir, a busca do objeto e aquilo que esta provoca, a compulsão tanto libidinal quanto agressiva?" (Winnicott, 1956, p. 411). A seu ver, "a união das duas vertentes está na criança, e representa uma tendência em direção à autocura, a cura da des-fusão dos instintos" (Idem). Tudo vai depender do grau de fusão que a criança dispõe à época da de-privação original.

> Quando já existe, à época da de-privação original, algum grau de fusão da raiz agressiva (ou motilidade) com a raiz libidinal, a criança reivindica a mãe através de uma mistura de roubos e agressões e desordens, de acordo com o aspecto específico do seu desenvolvimento emocional. Quando o grau de fusão é menor, a busca pelo objeto e a agressão estão mais separadas, e haverá um grau maior de dissociação na criança. (Winnicott, 1956b, p. 412).

Winnicott chega, então, à "proposição de que *o grau da perturbação causada pela criança anti-social é um aspecto essencial*, indicando uma potencialidade de recuperação da perdida fusão entre os impulsos libidinal e motor" (Winnicott, 1956b, p. 412 – o grifo é do autor). Ao desempenhar as suas funções, toda mãe depara-se constantemente com algum grau de perturbação em seu bebê: molhar o colo da mãe enquanto mama, regurgitar, sujar as fraldas com muita freqüência, etc... Desde o início, a busca se adaptar às necessidades do seu bebê, levando em conta as alterações que ele expressa em episódios cotidianos. No entanto, para Winnicott "todo e qualquer exagero no

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

grau de perturbação provocada pelo bebê pode indicar a existência de um certo grau de de-privação e de tendência anti-social. (Idem). Assim, o que caracteriza a tendência anti-social enquanto sintoma é o seu *caráter perturbador*. Pode-se dizer que esse caráter perturbador explorado pela criança deriva, em grande parte, de moções inconscientes porém, não tem nada de casual. Isso significa que o bebê, mesmo não podendo dar uma 'conferência' sobre o que está se passando, sabe muito bem do que se trata. Ele percebendo a falha ambiental, reage, comunicando à mãe o seu desconforto.

Em 1956, Winnicott se detém em investigar a natureza, bem como a origem e os primeiros sinais da tendência anti-social, relacionando-os, principalmente, à vertente do roubo. Nesse momento, sua intenção é mostrar que "os primeiros sinais de *de-privação* são tão comuns, que muitas vezes passam por algo normal" (Winnicott, 1956b, p. 412 – o grifo é do autor). Eles surgem, inicialmente, como pequenas alterações no comportamento do bebê, uma reação ao sofrimento oriundo das falhas no cuidado materno.

Winnicott atenta para a valorização da experiência de frustração no âmbito da teoria psicanalítica, que resultaria na idéia de que a mãe deve falhar em sua capacidade de adaptar-se às necessidades da criança. A seu ver, trata-se de "uma idéia errônea, baseada na consideração pelas necessidades do Id e no desprezo pelas necessidades do ego" (Idem). Aqui é preciso um parêntese. Como vimos no início deste capítulo, na abordagem de Winnicott encontramos uma valorização da vida. Ele tem por máxima que o Ser deve vir antes do Fazer, pois, afinal, a vida "está mais próxima do SER do que do sexo" (Winnicott, 1967a, p. 18). Nesse contexto, ele chama atenção para a existência de necessidades do ego, em contraposição às necessidades do Id, enfatizando que a principal tarefa da mãe após propiciar a experiência de ilusão, é a desilusão. Ou seja, é importante que a mãe tenha sucesso na sua adaptação à necessidade crescente do bebê de entrar em contato com o princípio de realidade. Assim:

> A mãe necessariamente falha em satisfazer as exigências instintivas, mas pode ser perfeitamente bem-sucedida em jamais deixar que o bebê se sinta desamparado, *provendo as suas necessidades egóicas* até o momento em que ele já possua introjetada uma mãe que apóia o ego, e tenha idade suficiente para manter essa introjeção apesar das falhas a esse respeito (Winnicott, 1956b, p. 413 – o grifo é do autor).

Desse modo, Winnicott entende os primeiros sinais da tendência anti-social como uma reação a uma quebra na continuidade de ser e não à experiência de frustração. A

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

partir desse ponto de vista, ele faz observações importantes, extremamente elucidativas sobre alguns significados do comportamento infantil. Primeiramente, ele comenta a manifestação do comportamento tirânico que, freqüentemente, induz os pais a uma reação de submissão à criança. Ele é enfático ao afirmar que "*não se trata, neste caso, de onipotência infantil*, pois esta é uma questão de realidade psíquica, não de comportamento" (Winnicott, 1956b, p. 412 - o grifo é do autor). Em outras palavras, quando a onipotência infantil se manifesta em termos de comportamento é porque ela já se transformou em um dos primeiros sinais da tendência anti-social.

Da mesma forma, ele avalia as alterações, muito comuns, no comportamento relativo à alimentação, tais como a sofreguidão e o seu correlato, a inibição de apetite, chamando atenção para a necessária distinção entre sofreguidão e voracidade. O ponto central do seu argumento é que voracidade é uma formulação teórica e não um comportamento efetivo.

> O termo voracidade é utilizado nas *formulações teóricas* sobre as tremendas reivindicações instintivas feitas às mães pela criança no início, isto é, na época em que a mesma está apenas começando a admitir a existência separada da mãe, na aceitação inicial do princípio de realidade (Winnicott, 1956b, p. 412 – o grifo é nosso).

A sofreguidão é a precursora da compulsão a roubar, podendo ser enfrentada e curada apenas pela adaptação terapêutica da mãe, que comumente denominamos 'mimar'. Em seu exame do ato de roubar, Winnicott ainda associa a compulsão de sair e comprar algo, bem como, o 'sair por aí', a *vadiagem*, como uma forma de ampliação dos horizontes da busca.

Em 1956, ele se detém em avaliar o ponto de origem da tendência anti-social, enfatizando a necessidade de se considerar que na sua base existe uma experiência inicial boa que foi perdida.

> Como toda a certeza, *um dos aspectos essenciais é o de que o bebê tenha alcançado a capacidade de perceber que a causa foi devida a uma falha no ambiente*. A compreensão correta de que a causa da depressão ou da desintegração é externa, e não interna, provoca a distorção da personalidade e o impulso de buscar a cura numa provisão ambiental. O grau de maturidade do ego que permite a percepção desse tipo determina o desenvolvimento de uma tendência anti-social em vez de uma doença psicótica. (Winnicott, 1956b, p. 415 – o grifo é do autor).

Segundo Winnicott, "o momento para a ocorrência da *de-privação* original é durante o período em que o ego do bebê ou da criança pequena encontra-se em processo de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

alcançar a fusão das raízes libidinal e agressiva (motilidade) do Id" (Winnicott, 1956b, p. 415). Em função disso, ele descreve o momento de esperança como um momento em que a criança:

> Percebe um novo contexto que apresenta certos aspectos confiáveis.
> Experimenta um impulso que poderia ser chamado de 'busca de objeto'.
> Reconhece o fato de que a ausência de compaixão está à beira de transformar-se numa característica, e então,
> Agita o ambiente à sua volta na intenção de alertá-lo para o perigo e fazê-lo organizar-se para tolerar a perturbação.
> Se a situação continua firme. O ambiente terá de ser testado e retestado quanto a sua capacidade de suportar a agressão, de prevenir ou reparar a destrutividade, de reconhecer o elemento positivo da tendência anti-social, e de prover e preservar o objeto que deve ser buscado e encontrado (Winnicott, 1956b, p. 415).

Winnicott (1967c) confessa ter precisado de uns quatro anos para, finalmente, compreender o caráter destrutivo da outra vertente da tendência anti-social. Nesse meio tempo, torna-se mais evidente para ele a função do pai com relação a esses acontecimentos, o que permite que as duas vertentes possam ser recolocadas em termos da perda mãe e da perda do pai – "o pai paterno, não o pai que fica em lugar da mãe. O importante é a moldura, a força – a privação em termos disso" (p. 440). Ele relata que chegou a essa conclusão observando o comportamento da criança quando ela "fica bem e começa a sentir confiança em um homem, em uma estrutura ou em uma instituição. Ela começa a quebrar coisas para ficar inteiramente certa de que o arcabouço pode agüentar" (Idem).

Winnicott tem em mente, nesse momento, o menino, ou seja, os relacionamentos nos quais a agressividade (motilidade) tem apoio instintual. No seu entender, é no quadro de referências da família - que representa a sociedade de forma localizada – que a criança adquire a segurança necessária para explorar o mundo, experimentando suas idéias e sentimentos agressivos. De modo que

> O pai rigoroso que a criança evoca também pode ser amoroso mas deve ser, antes de tudo, severo e forte. Somente quando a figura paterna rigorosa e forte está em evidência a criança pode recuperar seus impulsos primitivos de amor seu sentimento de culpa e seu desejo de corrigir-se (Winnicott, 1946b, p. 131).

Por outro lado, através da observação do comportamento do delinqüente ele pode avaliar os efeitos, para a criança, da de-privação da referência paterna.

> A menos que se veja em apuros, o delinqüente só poderá tornar-se cada vez mais inibido no amor e, por conseguinte, cada vez mais deprimido e despersonalizado,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> tornando-se por fim totalmente incapaz de sentir a realidade das coisas, exceto a realidade da violência (Winnicott, 1946b, p. 131).

Como temos observado, a segurança ambiental encontra-se intimamente relacionada à figura paterna. Ela imprescindível à criança para a realização de uma tarefa complexa do desenvolvimento: a integração de seus impulsos destrutivos com os amorosos. O resultado disso, se tudo corre bem, é que "a criança reconhece a realidade das *idéias* destrutivas que são inerentes, na vida, ao viver e ao amor, e encontra modos e maneiras de proteger de si mesma pessoas e objetos valorizados" (Winnicott, 1967b, p. 85). Winnicott acredita na existência de uma tendência inata que conduz a criança a um viver construtivo, encontrando os meios adequados de conviver sua destrutividade real que passa por sua. Para a criança, o prazer em construir uma torre de cubos resulta do reconhecimento do seu desejo por destruí-la. Uma brincadeira tão comum que, no entanto, para ser usufruída exige a conquista, pela criança, de uma etapa complexa etapa do desenvolvimento. Os cuidados paternos são vitais: "para adquirir isso em seu desenvolvimento, a criança *requer, de modo absoluto, um ambiente que seja indestrutível em certos aspectos essenciais*" (Winnicott, 1967b, p. 85-6 – o grifo é do autor). Em outras palavras, nesse processo, é preciso que o pai possa representar, para a criança, o ambiente indestrutível: aquele que não pode ser destruído nem pelo seu ódio, nem pela sua agressão.

Assim, quando por algum motivo a estabilidade familiar é perdida, ocorre uma de-privação. A criança torna-se, então, insegura em virtude de suas idéias e de seus impulsos agressivos, tendo que assumir a função de controle que foi perdida, identificando-se com o novo quadro de referências:

> A criança perde sua própria impulsividade e espontaneidade. O nível de ansiedade é tão alto que o ato de experimentar, que poderia fazê-la chegar a um acordo com a própria agressividade, torna-se impossível. Segue-se um período que pode ser outra vez (como no primeiro tipo de privação) razoavelmente satisfatório do ponto de vista daqueles que cuidam da criança, no qual o menino está mais identificado com os tutores do que com seu próprio *self* imaturo (Winnicott, 1967b, p. 86).

A possibilidade de retorno da segurança renova as esperanças da criança, permitindo que ela manifeste a tendência anti-social, redescobrindo assim sua própria agressividade. Seja por meio do roubo ou de uma explosão agressiva, o importante é de que se trata de uma agressão que para a criança é desprovida de lógica (conscientemente).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

No entender de Winnicott, essas duas vertentes da tendência anti-social estão relacionadas entre si, apenas a experiência de de-privação que originou o roubo ocorreu muito antes de a criança ser capaz de uma explosão agressiva. Ele chama atenção para fato de que a sociedade, de maneira geral, responde a essas condutas de forma moralista, o que contribui, na maioria das vezes, para acirrar as defesas e incrementar os ganhos secundários. Algo totalmente ineficaz se a intenção for chegar à verdadeira causa ou à etiologia da perturbação.

O trabalho realizado durante a guerra com crianças de-privadas teve importância decisiva tanto na elaboração da teoria do desenvolvimento emocional primitivo de Winnicott, quanto na sua maneira de conceber a prática clínica. No seu entender,

> Não há necessidade de que o indivíduo no papel de psicoterapeuta seja inteligente. A única coisa necessária é o desejo de se envolver, naquele período de tempo particular, limitado, com o que quer que o paciente produz, a qual logo se desenvolve e desencadeia um processo poderoso. É esse processo nas crianças que torna essas sessões valiosas (Winnicott, 1967b, p. 89).

Haveria, portanto, um outro significado para a palavra 'terapêutico'. Nesses casos, o indivíduo pode encontrar ajuda na psicoterapia ou em uma instituição onde existam pessoas sensíveis às suas necessidades, capazes de comunicar com o paciente em nível profundo. Winnicott, no entanto, acreditava que a grande maioria das crianças de-privadas podem ser ajudadas dentro de suas próprias famílias. Em todo caso, a chave para o tratamento é dada "pela parte que o ambiente exerce no caso de *curas naturais*. Nos casos leves o ambiente pode 'curar', porque a causa era uma falha ambiental na área de auxílio ao ego e proteção em estágio de dependência individual" (Winnicott, 1963d, p. 186 – o grifo é do autor).

Khan (2000) confessa que a hipótese de Winnicott acerca da tendência anti-social teve um impacto enorme em sua própria prática clínica, modificando profundamente todo o seu modo de se relacionar com os seus pacientes. Através dela ele pode "reavaliar inteiramente o que à primeira vista seria identificado como resistência ou reação terapêutica negativa sob uma luz bem mais positiva" (p. 35) – uma comunicação. Ele resume o seu ponto de vista da seguinte maneira:

> As pesquisas de Winnicott ampliam e intensificam a tremenda tarefa terapêutica que herdamos de Freud, a qual consiste em criar um ambiente onde o outro, a partir de sua carência e de sua incapacidade, poderia crescer e aprender a testar e a experimentar

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> tudo aquilo que até então era uma tentativa de autocura emudecida, ferida e vingativa, a fim de transcendê-la em direção à verdadeira capacidade de confiar nos outros e de personalizar a si mesmo, sem mais sentir-se ameaçado nem pela aniquilação nem por aquela submissão conivente representada pela definitiva *dissociação do Verdadeiro Eu* (Khan, 2000, p. 36).

Na opinião de Khan (2000), enquanto "Freud havia mostrado que todo sintoma traz consigo a realização de um desejo; Winnicott leva tal idéia adiante, mostrando que todo comportamento anti-social carrega dentro de si a proclamação da necessidade original não preenchida" (Idem, p. 36). De um modo geral, os pacientes que manifestam uma tendência anti-social apresentam sérias dificuldades em simbolizar. "Enquanto desejos reprimidos transformam-se facilmente em processos simbólicos,... a de-privação de necessidades busca a realização antes que processo de simbolização possa iniciar-se" (Idem, p. 37). No entanto, "se o analista entender o ato anti-social como um sinal de esperança, a comunicação do paciente terá sido recebida. Por isso passa a existir a chance de que os imperativos desemboquem na capacidade do paciente em simbolizar e, portanto de fazer uso do espaço transicional" (Abram, 2000, p. 54). A compreensão das necessidades da criança anti-social é fundamental para o seu tratamento, ao atribuir ao gesto o valor de uma comunicação. O corolário disso é restauração do processo de realização simbólica, iniciado pela mãe, ao corresponder ao gesto espontâneo do bebê.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

5.

Do amor em tempos de cólera

As crianças que tiveram a mente e o corpo danificados por intrusões de abuso sexual, violência, ou negligência, e aquelas outras, muito diferentes destas, que foram prejudicadas por sua própria e misteriosa sensibilidade exagerada que as tornou extremamente vulneráveis a privações muito menores, podem vivenciar um tipo de profundo desespero e ceticismo que requer um tratamento prolongado e põe à prova, ao máximo, a resistência do psicoterapeuta.
(Anne Alvarez, 1994, Companhia Viva)

O trabalho realizado por Winnicott, durante a guerra, com as crianças evacuadas de Londres e suas famílias, bem como a supervisão das equipes que trabalhavam nos alojamentos criados para acolherem essas crianças, "deixaram Winnicott numa posição única de acesso à importância relativa daquilo que ele denominou 'provisão ambiental'" (Phillips, 1988, p. 63). Impossível ignorar o impacto da realidade externa na vida daquelas pessoas. Durante esse tempo, esteve a seu encargo organizar e prover o ambiente que pudesse acolher essas crianças, bem como os profissionais que delas se encarregavam. A isto veio se somar a sua experiência clínica com pacientes psicóticos, reforçando ainda mais a sua visão de que era a provisão ambiental, e não exclusivamente a constituição humana, tal como sugerido pela teoria psicanalítica, que contribuía para a psicopatologia.

Na década de 50, ainda que se pudesse encontrar na literatura psicanalítica diversas referências quanto ao papel da mãe com relação ao seu bebê, a ênfase, no entanto, recaía sobre o indivíduo e o mundo interior. O impacto do ambiente sobre a saúde mental do indivíduo não estava verdadeiramente em consonância com a importância que havia sido revelada pela própria teoria psicanalítica. Nesse contexto, a contribuição de Winnicott foi pioneira. Não apenas, ele chamou atenção para o fato da dependência do bebê humano ao nascer, como também, a partir dessas idéias ele introduziu modificações na técnica analítica. De maneira especial, ele enfatizou a importância do tratamento de problemas emocionais pela não-interferência, pela provisão de um ambiente de *holding* no qual os processos 'naturais' de crescimento pudessem ser revalidados. Ou seja, Winnicott acreditava que o curso do desenvolvimento, detido pela incidência de falhas ambientais, pode ser retomado através da provisão de um *holding* satisfatório.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> No início o lactente é completamente dependente da provisão física pela mãe viva em seu útero e depois com o cuidado do lactente. Mas em termos de psicologia devemos dizer que o lactente é ao mesmo tempo dependente e independente. Este paradoxo é um paradoxo que precisamos examinar. Há tudo que é herdado, incluindo os processos de maturação, e talvez tendências patológicas herdadas; estas têm uma realidade própria, e ninguém pode alterá-las; ao mesmo tempo, *o processo maturativo depende para a sua evolução da provisão do ambiente*. Podemos dizer que o ambiente favorável torna possível o progresso contínuo dos processos de maturação (Winnicott, 1963b, p. 81 – o grifo é nosso).

Mais uma vez, é importante lembrar que, por mais que os fatores ambientais tenham uma importância vital na teoria de Winnicott, ele não deixa de assinalar que, apesar de tudo, "o ambiente não faz a criança. Na melhor das hipóteses possibilita à criança concretizar seu potencial" (Winnicott, 1963b, p. 81). A idéia geral que está por trás de uma tal concepção foi expressa por ele numa palestra para parteiras: "existem processos naturais que servem de alicerce a tudo que está acontecendo; e a condição de fazermos um bom trabalho como médicos e enfermeiras é a de respeitarmos e facilitarmos esses processos naturais" (Winnicott 1957, p. 107). No seu entender, antes de qualquer coisa, "*é preciso que haja no analista uma crença na natureza humana e nos processos de desenvolvimento* para que algum trabalho possa ser feito" (Winnicott, 1954, p. 390 – o grifo é do autor). Ainda que as pessoas estejam aptas para o desenvolvimento, elas precisam ser abastecidas com um dispositivo relativamente não-intrusivo no qual o desenvolvimento possa se tornar viável. Ou seja, "a provisão ambiental deve ser suficientemente 'boa' para que a maturação se torne um fato no caso de cada criança" (Winnicott, 1963d, p. 187). Na opinião de Phillips (1988), a crença de Winnicott na Natureza acabou por se transformar numa crítica velada da valorização excessiva dos métodos interpretativos da psicanálise em detrimento da tendência humana natural para o desenvolvimento.

Para finalizar o nosso percurso, pretendemos abordar, através do conceito de provisão ambiental, o problema relativo ao manejo da agressividade no contexto da prática clínica. Para tal, encontramos no trabalho realizado pela ONG Casa da Árvore – um projeto de atendimento coletivo a crianças de 0 – 12 anos de idade, realizado em comunidades carentes e creches comunitárias da cidade do Rio de Janeiro – o material necessário para fundamentar nosso painel expositivo. No entanto, antes que possamos passar a este relato será necessário introduzirmos, além do conceito de provisão ambiental, alguns elementos do pensamento clínico de Winnicott.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

5.1
Os conceitos de provisão ambiental e regressão no contexto do dispositivo analítico

> *A tarefa terapêutica que herdamos de Freud, a qual consiste em criar um ambiente onde o outro, a partir de sua carência e de sua incapacidade, poderia crescer e aprender a testar e a experimentar tudo aquilo que até então era uma tentativa de autocura emudecida, ferida e vingativa, a fim de transcendê-la em direção à verdadeira capacidade de confiar nos outros e de personalizar a si mesmo, sem mais sentir-se ameaçado nem pela aniquilação nem por aquela submissão conivente representada pela definitiva dissociação do Verdadeiro Eu [self].*
> *(Masud R. Khan,2000)*

Em 1954, Winnicott apresenta perante a Sociedade Britânica de Psicanálise o trabalho *Aspectos Clínicos e Metapsicológicos da Regressão no Contexto Analítico*. Trata-se de um logo e denso estudo elaborado a partir da experiência clínica com pacientes para os quais a interpretação analítica mostrava-se ineficaz, ou mesmo, inadequada. O trabalho com esses pacientes tinha-o obrigado, não apenas uma revisão quanto aos limites da técnica analítica, como também um enfrentamento mais profundo do problema da regressão. Tratava-se de pacientes que regrediam durante o tratamento ou já chegavam a ele regredidos. No seu entender, essa regressão além de significar o retorno a um estágio inicial do desenvolvimento, estava relacionada às reações às falhas ambientais sofridas pelo indivíduo nesse período:

> Para mim o termo regressão indica simplesmente o contrário de progresso. Esse progresso em si mesmo consiste na evolução do indivíduo, psicossoma, personalidade e mente junto com (eventualmente) a formação do caráter e a socialização. O progresso tem início numa data certamente anterior ao nascimento. Há um impulso biológico por trás do progresso. Um dos postulados da psicanálise é o de que saúde significa maturidade do desenvolvimento emocional adequado à idade do indivíduo, sendo óbvio que tal maturidade refere-se a esse progresso evolutivo (Winnicott, 1954, p. 377).

Para Winnicott, no interior de cada indivíduo existe uma força que o impulsiona para a saúde e o desenvolvimento. Através do trabalho clínico, ele observou que a regressão do paciente era uma regressão à dependência e se mostrava freqüentemente associada a um retorno a experiências não-verbais precoces, muitas vezes vinculadas a mecanismos psicóticos. O ponto central de tudo isso, como ele mesmo afirmaria, é o fato de que, a partir desses tratamentos, ele precisou rever a sua técnica. É esta revisão que ele apresenta nesse

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

trabalho de 1954, após já haver formulado a sua teoria sobre o *Desenvolvimento Emocional Primitivo*, em 1945, e de já ter elaborado boa parte da sua investigação acerca de *A Agressividade em Relação ao Desenvolvimento Emocional*.

Do mesmo modo que Winnicott valoriza a experiência de continuidade de ser (*going on being*) em sua teoria do desenvolvimento, ele enfatiza a sua importância como uma dimensão inerente à experiência analítica. A seu ver, na prática clínica, a partir do momento em que "alcançamos um certo estágio na aquisição da técnica básica, aquilo que passamos a poder fazer é cooperar com o paciente no seguimento de *processo*, processo este que em cada paciente possui o seu próprio ritmo e caminha no seu próprio rumo" (Winnicott, 1954, p. 374 – o grifo é do autor). No entanto, ele não deixa de assinalar que, "todos os aspectos importantes desse processo originam-se no paciente, e não em nós enquanto analistas" (Idem).

Um dos pré-requisitos fundamentais para a realização de um tratamento é que o analista conheça a natureza do trabalho a que se propõe. Existem "métodos legítimos de seleção de casos, permitindo que se evite o confronto com aspectos da natureza humana, os quais nos levariam para além do alcance do nosso equipamento técnico" (Idem, p. 375). Winnicott propõe, então, uma classificação dos casos em três categorias, tendo em mente os estágios do desenvolvimento do ego e a dependência que é inerente a cada um deles. No primeiro grupo, ele coloca "os pacientes que funcionam em termos de pessoa inteira, cujas dificuldades localizam-se no reino dos relacionamentos interpessoais" (Idem). Ele assevera que a técnica utilizada para o tratamento desses pacientes "faz parte da psicanálise desenvolvida por Freud no início do século" (Idem). Sua atenção, no entanto, ao longo de todo o artigo, estará voltada para os dois grupos seguintes:

> *Segundo*, os pacientes nos quais a personalidade recém-começou a integrar-se a tornar-se algo com o qual se pode contar. De fato, é possível dizer que a análise tem a ver com esses primeiros momentos vinculados – e imediata e inerentemente subseqüentes – não só à aquisição do *status* de unidade mas também à junção do amor e do ódio e ao reconhecimento incipiente da dependência. Aqui se trata da análise do estágio do concernimento, e do que se tornou conhecido como 'posição depressiva'. Estes pacientes requerem uma análise do estado de espírito. A técnica para este tipo de trabalho não difere daquela adequada aos pacientes da primeira categoria. No entanto, surgem aqui novos problemas de manejo, devido ao espectro mais amplo do material clínico abordado. Do ponto de vista aqui adotado, o elemento importante é a sobrevivência do analista na condição de fator dinâmico.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> No *terceiro*, grupo incluo todos aqueles pacientes cuja análise deverá lidar com os estágios iniciais do desenvolvimento emocional, remota e imediatamente anteriores ao estabelecimento da personalidade como uma entidade, e anteriores à aquisição do *status* de unidade em termos de espaço-tempo. A estrutura pessoal não está ainda solidamente integrada. A respeito desse terceiro grupo, a ênfase recai mais freqüentemente sobre o manejo, e por vezes passam-se longos períodos em que o trabalho analítico normal deve ser deixado de lado, o manejo ocupando a totalidade do espaço (Winnicott, 1954, p. 375 – o grifo é do autor).

Como podemos observar, cada grupo encontra-se relacionado com um estágio de dependência. No segundo, encontramos os pacientes que conseguiram alcançar, em algum grau, a dependência relativa. Apesar da proximidade com o primeiro grupo, Winnicott (1954) chama atenção para o fato de que, nesse contexto, a técnica a ser utilizada "é a sobrevivência do analista na condição de fator dinâmico" (p. 375). Ou seja, encontramos aqui transtornos da agressividade relativos à complexa passagem do *self* impiedoso para o estágio de preocupação ou concernimento[1]. Podemos, então, supor que as falhas de adaptação às necessidades do ego do bebê ocorreram num momento em que ele já era capaz de discernir entre um eu e um não-eu. Assim, devemos incluir nesse grupo o tratamento dos comportamentos anti-sociais, relativos à experiências de deprivação vivenciadas em período de dependência relativa. Vale notar ainda que a importância da sobrevivência do objeto, resultou na formulação da sua contribuição sobre *O uso de um objeto...*, em 1969.

No terceiro grupo, estão os pacientes que sofreram as conseqüências de uma falha de adaptação nos momentos iniciais do desenvolvimento, quando a dependência era absoluta. Trata-se de pacientes que são geralmente classificados como regredidos e rotulados como *borderlines*, esquizóides, esquizofrênicos, e assim por diante. Estamos lidando com o extravio precoce da agressividade, que resulta num sentimento de inutilidade por parte dos pacientes, carência, se assim podemos dizer, do sentimento de sentir-se real. Winnicott (1954) reconhece que, nesses casos, encontramos "um desenvolvimento muito precoce de um falso eu" (p. 376), dando mostras de que, à essa altura, a sua teoria acerca do verdadeiro e do falso *self* já se encontra em vias de elaboração. Vale assinalar, no entanto, que ainda que ele enfatize a importância clínica de uma classificação e avaliação dessa

[1] Essa temática foi abordada no tópico 3.3.1.2 desta tese.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

natureza, ele não se furta de deixar patente as dificuldades encontradas para se levar a cabo uma empreitada como essa.

Analisando o trabalho clínico de Freud, Winnicott (1954) chama atenção para a existência de dois aspectos da técnica psicanalítica: a interpretação e o *setting*, o contexto ou dispositivo no qual a análise se realiza. Em outras palavras, interpretação e provisão ambiental. A essa altura, ele já não tinha mais dúvidas com relação a diferença entre um ambiente bom e um que não o é. Torna-se evidente para ele que a proposta terapêutica de Freud "considera óbvia a situação da maternagem inicial" (p. 381). No seu entender, trata-se de algo que "*transparece no contexto por ele estabelecido para poder trabalhar*" (Idem – o grifo é do autor). Assim, depois de descrever os doze aspectos daquilo que ele considera ser o contexto clínico de Freud, ele conclui: "pode-se notar que existe uma semelhança marcante entre todas estas coisas e as tarefas comuns dos pais, especialmente as da mãe com o seu bebê ou do pai que desempenha o papel da mãe, e em certos aspectos também com as tarefas da mãe no início" (Winnicott, 1954, p. 383). Ou seja, Winnicott estabelece uma analogia entre a relação mãe-bebê e a situação analítica. Do mesmo modo que ele havia reconhecido uma importância decisiva no papel mãe para o desenvolvimento infantil, ele passa a avaliar a função do analista, nos relacionamentos primitivos que são recriados na análise em virtude do processo de regressão, sob esse novo prisma. A seu ver, o ponto central aqui é o de que, enquanto com os pacientes do primeiro grupo "o analista *comporta-se*[2], e o faz sem muita dificuldade simplesmente por ser uma pessoa relativamente madura" (Idem), nas análises ou fases da análise que envolve alguma regressão do paciente, cada detalhe do contexto no qual o trabalho é realizado "pode ser de extrema importância" (Idem).

Winnicott observa que, no contexto da experiência clínica, "para Freud existem três pessoas, uma delas está fora do consultório" (Winnicott, 1954, p. 384). No seu entender, "quando existem apenas duas pessoas, terá ocorrido uma regressão do paciente no contexto, e o contexto então representa a mãe com sua técnica, sendo o paciente um bebê" (Idem). Existiria, ainda, um estado mais avançado de "regressão no qual apenas uma pessoa está presente, ou seja, o paciente, e isto é verdade mesmo que num outro sentido, do ponto de vista do observador, existam ali duas pessoas" (Idem).

[2] No original, *behaving himself*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Ele resume a sua tese nos seguintes termos:

> A doença psicótica está relacionada a uma falha ambiental num estágio primitivo do desenvolvimento emocional. A sensação de inutilidade e irrealidade derivam do desenvolvimento de um eu falso que surge como proteção ao eu verdadeiro.
> O contexto analítico reproduz as técnicas de maternagem da primeira infância e dos estágios iniciais. O convite à regressão resulta da sua confiabilidade.
> A regressão de um paciente organiza-se como um retorno à dependência inicial ou dupla dependência[3]. O paciente e o contexto amalgamam-se para criar a situação bem sucedida original do narcisismo primário.
> O progresso a partir do narcisismo primário tem novo início, com o eu verdadeiro agora capaz de enfrentar as falhas do ambiente sem a organização de defesas que impliquem num eu falso protegendo o verdadeiro.
> Nesta medida, a doença psicótica pode ser tratada apenas pelo fornecimento de um ambiente especializado acoplado à regressão do paciente.
> O progresso a partir dessa nova posição, com o eu verdadeiro entregue ao ego total, pode agora ser estudado em termos dos complexos processos do crescimento individual (Winnicott, 1954, p. 384).

A isto, ele acrescenta uma seqüência de eventos que ocorreria na prática, "repetindo-se inúmeras vezes" (Idem):

> 1. O fornecimento de um contexto que proporciona confiança.
> 2. a regressão do paciente à dependência, com a devida percepção do risco envolvido.
> 3. O paciente sente o eu de um novo modo, e o eu até aqui oculto é entregue ao ego total. Novo progresso do indivíduo a partir de onde o processo havia parado.
> 4. Descongelamento da situação da falha original.
> 5. a partir da nova posição de força do ego, raiva relativa à situação da antiga falha, sentida no presente e explicitada.
> 6. Retorno da regressão à dependência, num progresso organizado em direção à independência.
> 7. Necessidades e desejos instintivos tornados realizáveis com vigor e vitalidade genuínos (Winnicott, 1954, p. 384).

A essa altura já podemos, ao menos, vislumbrar a complexidade do pensamento clínico de Winnicott. Certamente trata-se de uma temática extremamente rica, cuja extensão ultrapassa em muito as possibilidades da presente exposição. Nosso interesse prende-se ao fato de que, como já vimos nos capítulos precedentes, apenas em condições satisfatórias de desenvolvimento a agressividade, inerente à natureza humana, pode vir a significar uma conquista do para o indivíduo, de valor social extremamente positivo. O corolário disso é que, os transtornos da agressividade encontram-se relacionados à deficiências da provisão ambiental em atender as necessidades do ego imaturo do

[3] Segundo Abram (2000), era assim que Winnicott designava a dependência absoluta no início da década de 50.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

indivíduo. Se por um lado, as falhas na provisão ambiental tem por conseqüência deter o desenvolvimento do indivíduo e o deixar às voltas (bem como a sociedade) com as conseqüências de seu padrão reativo de relacionamento, por outro, Winnicott, acena com a possibilidade de um novo recomeço, uma retomada do desenvolvimento detido, através do fornecimento de uma provisão ambiental adequada às necessidades do paciente.

Nossa intenção, nesse momento, é fornecer os elementos mínimos necessários de modo que possamos avaliar o trabalho realizado pelo projeto Casa da Árvore em termos de provisão ambiental. Se conseguirmos instigar o leitor a se aprofundar nessa temática já teremos cumprido os nossos objetivos.

5.1.1 A teoria da regressão

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Winnicott postula a existência de uma regressão que se manifesta em termos de um retorno à dependência, que deve ser avaliado no contexto da situação analítica e ser distinguido da regressão própria aos 'pacientes regredidos'. Enquanto no primeiro caso, estamos lidando com um fenômeno que acontece em decorrência da relação transferencial, no segundo, estamos diante de um paciente que, em virtude de uma falha ambiental precoce, não conquistou maturidade emocional. Assim, quando falamos de regressão à dependência, estamos nos referindo a um retorno aos momentos iniciais do desenvolvimento, passível de acontecer quando o paciente torna-se capaz de depositar confiança no ambiente de *holding*, fornecido pelo analista. Trata-se de "uma forma de reviver o ainda não experimentado trauma sucedido no momento da falha ambiental precoce" (Abram, 2000, p. 204). Por trás disso encontra-se o despertar da "esperança inconsciente de que, em alguma oportunidade, o trauma original brotará para ser vivido e, portanto, vir á luz" (Idem), propiciado pelo *holding*. No contexto analítico, a experiência da regressão, favorece o aparecimento, no paciente, do movimento de busca pelo verdadeiro *self* inerente a todo processo de cura.

Observando atentamente o fenômeno da regressão Winnicott concluiu que, nesse caso, "*não pode haver uma simples reversão do progresso*. Para que esse progresso seja revertido, é preciso que haja no indivíduo uma organização que possibilite o acontecimento de uma regressão" (Winnicott, 1954, p. 377 – o grifo é do autor). Com isso

ele chama atenção para a necessidade do paciente dispor de uma organização interna, de modo a tornar possível o uso da regressão. A fim de que se possa compreender melhor a natureza dessa organização, ele fornece a seguinte seqüência:

> Uma falha na adaptação por parte do ambiente, resultando no desenvolvimento de um falso eu.
> A crença numa possibilidade de correção da falha original, representada por uma capacidade latente de regredir, o que implica numa organização egóica complexa. Uma provisão ambiental especializada, seguida por uma regressão propriamente dita.
> Um novo desenvolvimento emocional, com as complicações que serão discutidas adiante (Winnicott, 1954, p. 378).

Como efeito da reação à intrusão ambiental, desenvolve-se um falso *self* que tem por finalidade a defesa do núcleo do verdadeiro *self*. Em seguida, vemos surgir um elemento característico da teorização de Winnicott: sua crença na capacidade do indivíduo, ainda que no nível inconsciente, saber sobre a possibilidade de encontrar uma oportunidade de resolução para a falha original. A possibilidade de regressão encontra fundamento nessa crença e envolve uma complexa organização egóica.

Para Winnicott, "quando falamos de regressão em psicanálise, estamos implicitamente presumindo uma organização do ego e uma ameaça de caos" (Winnicott, 1954, p. 378). No seu entender, essa organização encontra-se diretamente relacionada com "o modo como o indivíduo armazena memórias e idéias e potencialidades" (Idem). Trata-se de uma questão que ele avalia nos seguintes termos:

> É preciso incluir na teoria do desenvolvimento de um ser humano a idéia de que é normal e saudável que o indivíduo seja capaz de defender o eu contra falhas ambientais específicas através do *congelamento da situação da falha*. Ao mesmo tempo há uma concepção inconsciente (que pode transforma-se numa esperança consciente) de que em algum momento futuro haverá oportunidade para uma nova experiência, na qual a situação da falha poderá ser descongelada e revivida, com o indivíduo num estado de regressão dentro de um ambiente capaz de prover a adaptação adequada. A teoria aqui proposta é a da regressão como parte de um processo de cura, na verdade como fenômeno normal que pode ser produtivamente estudado em pessoas saudáveis (Winnicott, 1954, p. 378 – o grifo é do autor).

Como sempre na obra de Winnicott, além do caráter paradoxal de suas afirmações, a linha divisória entre o 'normal' e o patológico é muito tênue, geralmente uma questão de grau. Assim, ao mesmo tempo em que ele afirma que o processo de memorização ou catalogação está associado a uma falha do ambiente em adaptar-se ativamente às necessidades do bebê, ele afirma que, "na saúde, pode acontecer que os

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

fatores ambientais sejam conservados fixos por esse método" (Winnicott, 1949b, 338). De qualquer modo, "*esse tipo de funcionamento mental revela-se uma sobrecarga para o psicossoma*... ele age como um corpo estranho, sempre que fica associado a uma falha do ambiente que for impossível de compreender ou prever" (Idem – o grifo é do autor). Nos casos mais felizes, trata-se de lembranças que o indivíduo poderá utilizar em algum momento posterior, ao brincar ou numa análise. Vale assinalar, no entanto, que, em todos os casos, "em vez de odiar as falhas do ambiente, o indivíduo se desorganiza devido a elas, pois o processo transcorreu antes que houvesse ódio" (idem).

O importante a ser destacado na maneira de Winnicott conceber a regressão é que, juntamente com o 'congelamento da situação da falha', encontramos a esperança de que haverá uma oportunidade, em função de uma nova provisão ambiental, de efetuar o necessário descongelamento, propiciando a retomada do desenvolvimento no ponto em que ele havia sido detido. No seu entender, em casos extremos, "o terapeuta teria que ir até o doente e proporcionar-lhe ativamente uma boa maternagem, experiência pela qual o paciente não poderia estar esperando" (Idem). Nesse contexto, a noção de *holding* talvez seja a que melhor descreva o que Winnicott pretende com a expressão 'boa maternagem'. A noção de *holding* compreende a provisão ambiental total durante o período que antecede ao estabelecimento das relações objetais. Aqui a dependência é absoluta e "a unidade não é o indivíduo, a unidade é o contexto ambiente-indivíduo" (Winnicott, 1952b, p. 166). Assim sendo, a sustentação do paciente resulta da capacidade do analista ir ao encontro das suas necessidades, numa atitude que tem como modelo a preocupação materna primária.

No artigo *Retraimento e Regressão*, Winnicott (1954), apresenta o recorte de seis casos clínicos com o intuito de, ao mesmo tempo, poder diferenciar e ilustrar o manejo clínico de dois fenômenos que estão associados às reações às falhas do ambiente: o retraimento e a regressão. Por retraimento, ele entende, um certo tipo de isolamento, "um retirar-se do relacionamento consciente com a realidade externa, sendo essa retirada por vezes da ordem de um breve sono" (p. 346). No caso da regressão, ele assinala que se trata sempre de "uma regressão à dependência, não especificamente regressão em termos de zonas erógenas" (Idem). O cerne da sua argumentação está contido na seguinte passagem:

> *No estado de retraimento o paciente está dando uma sustentação para o eu*, e que se no momento em que o retraimento aparece *o analista consegue fornecer uma sustentação para o paciente*, então aquilo que teria sido em retraimento transforma-se

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> em regressão. A vantagem da *regressão* é a de que ela traz consigo a possibilidade de corrigir uma adaptação inadequada à necessidade do paciente na sua infância precoce. Ao contrário, o estado de *retraimento* não apresenta utilidade alguma, e quando o paciente recupera-se dele, nada mudou (Winnicott, 1954, 354 – o grifo é do autor).

A noção de *holding* é essencial, nesse contexto, pois, é através dele que o paciente encontra as condições necessárias à transformação de um estado de retraimento em regressão. A importância dessa transformação repousa no fato de que, diferentemente do retraimento, a regressão traz consigo a esperança quanto a possibilidade de retomada do desenvolvimento. Desse modo, Winnicott chama atenção para a potencialidade de cura inerente a uma experiência de *holding* que é vivida pela primeira vez. Isso, muitas vezes, pode significar "transmitir em palavras, no momento apropriado, algo que revele que o analista se dá conta e compreende a profunda ansiedade que o paciente está experimentando" (Winnicott, 1963f, p. 216). Ele esclarece, no entanto, que, "ocasionalmente o holding pode tomar uma forma física, mas acho que é somente porque houve uma demora na compreensão do analista do que ele deve usar para verbalizar o que está ocorrendo" (Idem). Como observa Abram (2000), "embora Winnicott admita tocar em seus pacientes regredidos, devemos acrescentar que, em sua obra, o conceito de *holding* [sustentação] é predominantemente metafórico. O analista pode proporcionar literalmente um *holding* sem que haja o toque" (p. 208).

Trata-se de um ponto extremamente importante, ao qual ele retornará inúmeras vezes. Assim, ao comentar a natureza de uma intervenção que havia feito numa sessão, ele nos fornece as pistas do que entende por *holding*, fazendo recair a ênfase, mais uma vez, sobre a necessidade que o paciente tem de se sentir compreendido. Ele afirma: "... era importante que eu *não* segurasse realmente a sua cabeça, pois isso seria o mesmo que aplicar mecanicamente princípios técnicos. *O importante era que eu compreendesse imediatamente do que ele necessitava*" (Winnicott, 1954, p. 353 – o grifo é do autor). No seu entender, "toda vez que compreendemos profundamente um paciente, e o mostramos através de uma interpretação correta e feita no momento certo, estamos de fato sustentando o paciente, e participando de um relacionamento no qual ele se encontra até certo ponto regredido ou dependente" (Idem). Nesse contexto, *holding* significa o estabelecimento do contato de intimidade a dois, indispensável à emergência do *self* e a experiência de ser. Além de constituir um convite à regressão do paciente, ele permite que os fenômenos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

relativos às falhas ambientais possam ser experimentados de uma nova maneira, resultando na possibilidade de uma retomada do desenvolvimento emocional, do ponto em que ele estava detido.

5.1.2 O conceito de provisão ambiental

> ...Não existe possibilidade de progresso, salvo em circunstâncias favoráveis.
>
> *Charles Darwin*
>
> *O desenvolvimento, em si mesmo, não é um objeto que possa ser desejado*
>
> *W.R. Bion*

O tema da provisão ambiental é central no pensamento de Winnicott. No seu entender, na medida em que exista uma organização social que garanta a existência de condições satisfatórias para o indivíduo quanto à alimentação, à moradia, e saúde, relativa ao desenvolvimento do lado físico, a expressão 'provisão para a saúde' pode significar provisão para a saúde mental. Trata-se de uma noção que está intimamente relacionada à sua crença de que o desenvolvimento emocional somente é passível de acontecer se for possível ao potencial herdado de cada criança dispor de uma provisão ambiental suficientemente boa por um certo período de tempo. Um ambiente facilitador, digamos assim, que propicie a colocação em marcha dos impulsos inatos para o desenvolvimento.

> As forças no sentido da vida, da integração da personalidade e da independência são tremendamente fortes, e com condições suficientemente boas a criança progride; quando as condições não são suficientemente boas essas forças ficam contidas dentro da criança de uma forma ou de outra (Winnicott, 1962b, p. 63).

Certamente, "o ambiente não faz o lactente crescer, nem determina o sentido do crescimento" (Winnicott, 1963e, p. 200). Apenas "o ambiente, quando suficientemente bom, facilita o processo de maturação" (Idem). Para isso acontecer, é preciso uma provisão ambiental que, de modo extremamente sutil, se adapte ativamente às necessidades variáveis do bebê que se originam do processo de maturação. Como vimos no capítulo anterior, através do conceito de 'preocupação materna primária' Winnicott enfatiza que uma adaptação às necessidades do bebê dessa natureza "só pode ser propiciada por uma pessoa, e uma que no momento não tenha nenhuma outra preocupação e que 'esteja identificada com o lactente' de modo a sentir e satisfazer as necessidades do mesmo, como por um

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

processo natural" (Idem – o grifo é do autor). Dentre as várias metas com as quais o bebê encontra-se envolvido, num ambiente facilitador, estão a integração, a personalização e as relações objetais. Se tudo correr bem, os impulsos para o desenvolvimento acabam por se transformar "nos impulsos familiar e social" (Winnicott, 1962b, p. 63) e o indivíduo passa a contribuir ativamente para a manutenção e o enriquecimento da sociedade. "Digamos que um homem ou uma mulher saudáveis sejam capazes de *alcançar uma certa identificação com a sociedade sem perder muito de seus impulsos individuais ou pessoais*" (Winnicott, 1967a, p. 9 – o grifo é do autor).

Winnicott (1967a) acredita que esse "ambiente facilitador e seus ajustes adaptativos progressivos às necessidades individuais poderiam ser isolados, para estudo, como uma parte do estudo da saúde" (p. 5). Ele sugere que é preciso entender saúde como sinal de maturidade, "maturidade de acordo com a idade do indivíduo" (Winnicott, 1962b, p. 63). E, como ele observa, "embora a sociedade possa utilizar as tendências agressivas dos indivíduos, não pode utilizar sua imaturidade" (Idem). De fato, a noção de saúde que ele tem em mente é um tanto complexa: antes de qualquer coisa, ele se recusa a pensá-la, apenas, em termos da ausência de doença psiconeurótica - "em termos dos distúrbios relativos à progressão das posições do id em direção à genitalidade plena e a organização de defesas relativas à ansiedade e a relações interpessoais" (Winnicott, 1967a, p. 10). No seu entender, precisamos de critérios mais sutis que nos permitam levar em conta a qualidade da realidade psíquica pessoal.

Para Winnicott (1967a), "a avaliação da saúde em termos das posições do id fica insatisfatória pela ausência da psicologia do ego" (p. 10). Trata-se de uma concepção que decorre, não apenas, da sua teoria sobre a dependência do bebê humano ao nascer, como também está em sintonia com a sua crença de que o Ser deve vir antes do Sexo. Assim, "um exame do ego nos leva direto aos estágios pré-genitais e pré-verbais do desenvolvimento individual e à provisão ambiental" (Idem). De início, é impossível pensar no bebê sem os cuidados que lhes são dispensados. E, nesse caso, cuidar é também dar atenção, importar-se, inquietar-se, preocupar-se, etc..

O corolário disso é que, ele irá conceber a doença mental, principalmente, em termos de "padrões de conciliação entre êxito e fracasso no estado do desenvolvimento emocional do indivíduo" (Winnicott, 1963e, p. 200), Desse modo, enquanto "saúde é

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

maturidade emocional, maturidade de acordo com a idade; a doença mental tem subjacente uma detenção da mesma" (Idem). A característica essencial do pensamento de Winnicott reside no fato dele acreditar que, mesmo na doença, "a tendência no sentido do amadurecimento persiste e é este que provê o impulso no sentido da cura, e de uma autocura se não há auxílio disponível" (idem). Na sua opinião, "é isto que está por trás do *processo* que se pode esperar ocorrer, se se pode proporcionar um ambiente facilitador, bem adequado às necessidades imediatas do estágio de maturação da pessoa" (Idem – o grifo é do autor).

É fácil perceber que, com a noção de provisão ambiental, tocamos na delicada questão da prevenção em saúde mental[4]. Neste ponto, duas observações são de extrema importância, na medida em que nos auxiliam avaliar ao alcance dessa prevenção que está implícita, quando falamos de provisão ambiental.

> 1- Provisão ambiental suficientemente boa realmente tende a prevenir doença esquizofrênica ou psicótica, mas
> 2- Apesar do melhor cuidado do mundo a criança ainda está sujeita aos distúrbios associados com conflitos originados da vida instintiva (Winnicott, 1962b, p. 65).

Aqui é necessário abrirmos um parêntese, a fim de que possamos compreender a classificação que Winnicott faz das doenças mentais. De um lado, ele coloca a neurose, reunindo sob essa rubrica "a doença das pessoas que ficam doentes no estágio do complexo de Édipo, no estágio de experimentar relacionamentos entre três pessoas totais[5]" (Winnicott, 1963e p. 197). Nesse campo, ele assevera, "as defesas são organizadas ao redor de ansiedades e conflitos de pessoas relativamente normais" (Idem, p. 198). Por outro lado, "todo o resto das doenças mentais (afora as neuroses) faz parte da formação da personalidade na meninice mais precoce e na infância, conjuntamente com a provisão ambiental que fracassa ou tem êxito em sua função de facilitar o processo de maturação do indivíduo" (Idem). Ou seja, para Winnicott, a conquista do complexo de Édipo funciona como um importante critério de avaliação clínica, indicativo, sobretudo, do grau de dependência do indivíduo em relação à provisão ambiental.

---

[4] Recomendamos ao leitor interessado nesse tema a leitura do capítulo 2 da tese de doutorado de Aline De Leo, intitulada *"Na Praia do Mar dos Mundos Sem Fim... Mães e Crianças Brincam": criando um espaço terapêutico para mães e bebês*, PUC-RJ, 2005.

[5] Segundo Winnicott (1963d), "os conflitos originados desses relacionamentos levam a medidas defensivas que, se se organizaram em um estado relativamente rígido, se qualificam para o rótulo de neurose" (p. 197).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Em outras palavras, em Winnicott, a noção de prevenção em saúde mental tem um sentido específico. Ela diz respeito à provisão ambiental satisfatória à facilitação dos processos de integração, personalização e relações objetais. Em todos os casos, a provisão ambiental visa facilitar "a tendência inata da criança de habitar o corpo e apreciar as funções dele, e de aceitar a limitação que apele acarreta, como membrana limitante, separando o eu do não-eu" (Idem). Estamos no âmbito das pré-condições necessárias ao estabelecimento do complexo de Édipo: o estabelecimento de "uma continuidade da existência, que se transforma num senso de existir, num senso de *self*, e finalmente resulta em autonomia" (Winnicott, 1967a, p. 11). Estamos, pois, no plano das necessidades e não dos desejos.

Aqui é importante lembrar a distinção que Winnicott (1960c) estabelece entre as 'necessidades do ego' e as 'necessidades do id'. A satisfação das necessidades do ego, relativas às etapas iniciais do desenvolvimento, não envolve a satisfação dos instintos, diretamente. Como ele mesmo assinala, trata-se de uma área na qual "os instintos não estão ainda claramente definidos como internos ao lactente. [...] O ego do lactente está criando força e como conseqüência, está a caminho de um estado em que as exigências do id serão sentidas como parte do *self*, não como ambientais" (p. 129).

Como vimos no capítulo anterior, a natureza do relacionamento entre a mãe e o bebê, nesse momento, pode ser descrita em termos de relacionamento de ego. "Dizemos que o apoio do ego materno facilita a organização do ego do bebê" (Winnicott, 1966c, p. 9). Winnicott (1958b) identifica nesse relacionamento, não apenas, o substrato de que é feita toda amizade como também a possibilidade de que uma *matriz da transferência* possa vir a se constituir. No seu entender, "o impulso do id só é significativo se contido na vivência do ego[6]. O impulso do id ou perturba um ego fraco ou então fortifica um ego forte. Pode se dizer que a relação com o id fortifica o ego quando ocorre em um contexto de relação com o ego" (p. 35).

A valorização desses fenômenos levou Winnicott (1958b) a estabelecer a 'capacidade de ficar só' como o ponto de partida para um desenvolvimento emocional

[6] A noção de continente psíquico está intimamente vinculada a noção de *holding* em Winnicott. Ao leitor interessado nessa temática recomendamos a leitura do artigo *Os continentes psíquicos e o vazio em psicanálise*, de Octávio de Souza, In: Da Poian, C. (org), *Formas do vazio: desafio ao sujeito comtenporâneo*. São Paulo: Via Lettera, 2000.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

saudável[7]. Trata-se de uma capacidade que encontra o seu fundamento em um paradoxo: a experiência de estar só, na presença de alguém. Estamos no âmbito da experiência que resulta do apoio do ego consistente da mãe ao ego fraco do bebê. "É somente quando só (isto é, na presença de alguém) que a criança pode descobrir sua vida pessoal própria" (p.35). Caso a capacidade de ficar só não possa se efetivar como uma conquista do desenvolvimento emocional, o que encontramos é o sentimento de inutilidade, expressão de "uma vida falsa fundamentada em reações a estímulos externos" (Idem). Por outro lado, num ambiente de *holding*, que se torna confiável em função do apoio egóico que ele provê, a experiência de estar só, na presença de alguém é equivalente ao que no adulto chamamos relaxar. Algo que é descrito por Winnicott nos seguintes termos:

> A criança tem a capacidade de se tornar não-integrada, de devanear, de estar num estado em que não há orientação, de ser capaz de existir por um momento sem ser nem alguém que reage às contingências externas nem uma pessoa ativa com uma direção de interesse ou movimento. A cena está armada para uma experiência do id. Com o passar do tempo surge uma sensação ou um impulso. Nesse estado a sensação ou impulso será sentida como real e será verdadeiramente uma experiência pessoal (Winnicott, 1958b, p. 36).

Embora, na teoria de Winnicott, a noção de *holding* esteja relacionada ao estágio de dependência absoluta, na qual o bebê encontra-se fundido à sua mãe, "o apoio egóico continua a ser uma necessidade da criança em crescimento, do adolescente e, por vezes, mesmo do adulto, sempre que há uma pressão que ameaça confusão ou desintegração" (Davis, 1981, p.99). É importante notar que, para ele, a experiência de sentir-se real que acompanha a emergência do *self* somente pode acontecer a partir de um estado de não-integração primária. Como observa Abram (2000), em 1971, no livro *O Brincar e a Realidade*, ele se refere a essa não-integração primária como um 'estado de repouso' ou 'amorfia'. "A experiência é a de um estado não intencional, uma espécie de tiquetaquear, digamos assim da personalidade não integrada" (Winnicott, 1971d, p. 81). Resulta dessa concepção que, o paciente que, em virtude de falhas ambientais, não pode experimentar esse estado de não-integração nos primórdios da sua existência, necessita encontrá-la num ambiente especializado. Trata-se de uma condição indispensável para que seu desenvolvimento emocional possa ser retomado. A partir dessa perspectiva, podemos

[7] Clinicamente, a capacidade de ficar só não deve ser confundida com o estado de retraimento, que se manifesta como uma organização defensiva em virtude de uma expectativa de perseguição.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

perceber a importância que a temática da provisão ambiental adquire, especialmente, no tratamento dos casos que estão relacionados à incidência de falhas ambientais precoces. Torna-se imprescindível para o paciente a existência de um dispositivo no qual ele possa se sentir seguro e confiar, no qual o analista esteja disponível, como alguém presente sem, no entanto, fazer exigências. Certamente, se tudo correr bem, "com o passar do tempo o indivíduo se torna capaz de dispensar a presença real da mãe ou da figura materna" (Winnicott, 1958, p. 36). Dizemos, então, que ele dispõe de um ambiente internalizado e conquistou a independência, o que o torna capaz de cuidar de si mesmo.

Como assinala Khan (1964), "a tarefa do analista não é ser a mãe ou transformar-se na mãe. [...] O que realmente suprimos são algumas das funções da mãe com escudo protetor e ego auxiliar" (p.87). Tal como acontece com os pais, "o padrão consiste em nos identificarmos de algum modo com o indivíduo, de tal maneira que possamos prover aquilo de que ele necessita a qualquer momento" (Winnicott, 1962b, p. 67). Uma questão muito mais de sensibilidade do que de razão.

> Não temos que planejar os detalhes do que prover para as crianças sob os nossos. Devemos nos organizar de modo que em cada caso haverá alguém com tempo e inclinação para saber o que a criança precisa. Pode-se saber disso na base de alguém conhecer a criança. A identificação com a criança não precisa ser tão profunda como a da mãe com o recém nascido, exceto, naturalmente, quando a criança considerada está doente – imatura ou deformada emocionalmente, ou incapacitada por alguma doença física. Quando a criança está doente, há uma crise, e a terapia necessária envolve o terapeuta pessoalmente; o trabalho não pode ser feito em outras bases (Winnicott, 1962b, p. 68).

A partir dessas considerações, o cuidado infantil pode ser descrito "em termos de *holding*, *holding* que começa tremendamente simples, e que se torna extremamente complexo, permanecendo contudo exatamente o mesmo, um *holding*" (Winnicott, 1963e, p.205). Da mesma forma que o *holding*, de uma maneira geral, encontra-se relacionado com os processos de integração, Winnicott chama atenção para dois aspectos dele - o manejo (*handling*) e a apresentação de objetos -, que se encontram, respectivamente, relacionados ao processo de personalização e ao estabelecimento do relacionamento com a realidade externa.

O manejo diz respeito à maneira que, de início, a mãe toca o seu bebê durante os cuidados do dia-a-dia. Além do toque das mãos, o manejo inclui o olhar e as palavras maternas. Nesse começo, o amor se traduz em termos de cuidados físicos, dando

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

continuidade ao aconchego assegurador experimentado, usualmente, pelo feto no útero. Através do contato vivo, terno e constante com o corpo materno o lactente é estimulado a viver "uma vida saudável dentro do próprio corpo, da mesma forma como os modos de segurar a criança auxiliam o processo de integração" (Winnicott, 1988[54], p. 143). A experiência de personalização compreende o estabelecimento de um vínculo entre o psiquismo nascente e o corpo do lactente que favorece que um sentimento de *self* encontre aí a sua morada. Algo que Winnicott descreve nos seguintes termos:

> O ego se baseia em um ego corporal, mas só quando tudo vai bem é que a pessoa do bebê começa a ser relacionada com o corpo e suas funções, com a pele como membrana limitante. Usei a palavra personalização para descrever esse processo, já que o termo despersonalização parece no fundo significar a perda de uma união firme entre o ego e o corpo, inclusive impulsos e satisfações do id (Winnicott, 1962a, p. 58).

Apesar de, geralmente, nos parecer óbvia a localização da psique no corpo, Winnicott faz questão de assinalar que se trata, de fato, de uma conquista do desenvolvimento emocional, passível de não acontecer. Nos casos favoráveis, a mãe ao desempenhar as suas funções está "constantemente apresentando e reapresentado o corpo e a psique do bebê um à outra (Winnicott, 1970a, p.210). O corolário disso é que "distorções do ego podem provir de distorções na atitude daqueles que cuidam da criança"(Idem). A falta de contato físico pode acarretar grandes transtornos no desenvolvimento. Em determinados casos, através da tradução das "necessidades [do lactente] para uma linguagem que é apropriada a todas as idades" (Winnicott, 1962b, p. 66), o manejo pode ser reforçado pela provisão social.

> Isso se relaciona com a provisão que é apropriada ao tratamento de certas doenças. De um lado se relaciona coma terapia ocupacional, que tem grande valor em certos estágios do tratamento do doente mental; e por outro lado, se relaciona com a fisioterapia, que é apropriada, por exemplo, no tratamento de crianças espásticas (Winnicott, 1962b, p. 66)

Em todos os casos, um manejo adequado facilita a tendência inata da criança de habitar o próprio corpo, fortalecendo o vínculo entre a psique e o soma, propiciando as condições necessárias à separação entre eu e não-eu.

Chegamos, então, à questão da apresentação de objeto, um tema vasto que abrange desde o início das relações interpessoais, até a introdução dos elementos da realidade compartilhada para o bebê e para a criança em crescimento. No começo e, antes

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

mesmo de qualquer coisa, ela significa a apresentação que a mãe faz de si mesma ao bebê. Gradativamente, a mãe fornece ao bebê as condições necessárias para ele possa construir na sua imaginação aquilo mesmo que ela tem para lhe oferecer. A mãe é auxiliada em sua tarefa pelo fato de estar viva e ter imaginação, lançando mão de suas capacidades e instintos para adaptar-se ao seu bebê. Como observa Winnicott (1968b), "o uso que o bebê faz do meio ambiente não humano depende do uso que ele fez de um ambiente humano" (p. 82). Como vimos no capítulo anterior, ele postula a existência de dois tipos de relacionamento com a realidade externa: o excitado e o tranqüilo que, a seu ver, é o mais primário. Assim sendo, a mais primitiva das relações é a que ele se refere em termos de elemento feminino puro: um aspecto do *holding* que é responsável pela mais simples de todas as experiências, a experiência de ser. Estamos falando do estado de fusão inicial, no qual a mãe e o bebê ainda não estão separados na mente rudimentar do bebê. Aqui, a continuidade do ser significa saúde.

> Nenhum sentimento do eu (*self*) surge, exceto na base desse relacionamento no sentimento de SER. Este último é algo que precede a idéia de estar-em-união-com, porque ainda não houve nada mais, exceto identidade. Duas pessoas separadas podem sentir-se em união, mas aqui, nessa área que examino, o bebê e o objeto são um. O termo identificação primária talvez tenha sido usado para designar exatamente isso que descrevo, além de tentar demonstrar *quão vitalmente importante é essa primeira experiência para o início de todas experiências subseqüentes de identificação* (Winnicott, 1971e, 114 – o grifo é nosso).

Somente num ambiente de *holding* podemos falar de uma relação primitiva com a mãe, através da qual o bebê experimenta o sentimento de ser que, para Winnicott, seria a identidade primária. Trata-se do alicerce fundamental para toda e qualquer relação objetal - relacionamento excitado. Como vimos no capítulo anterior, o relacionamento com a realidade externa só é passível de se efetivar sobre o pano de fundo dessa relação primitiva, própria dos momentos tranqüilos. É importante lembrar que, para Winnicott, fora do contexto do apoio egóico, os estímulos externos significam intrusões que obrigam a reagir. Ainda que se trate de algo que é absolutamente essencial para o desenvolvimento do ser humano, não há motivo algum, para o bebê, tomar conhecimento de um ambiente suficientemente bom" (Winnicott, 1988[54], p. 149). Em outras palavras, aqui se decide o destino do potencial criativo (e agressivo) de cada criança. A reação à intrusão, além de significar uma interrupção na continuidade de ser, "subtrai algo da sensação de um viver

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

verdadeiro, que é recuperada apenas através do retorno ao isolamento, na quietude" (Winnicott, 1988[54], p. 149). A possibilidade de um viver criativo é, portanto, dependente da qualidade do *holding* inicial. Ao escrever sobre as origens da criatividade ele falou:

> Ë possível demonstrar que, em certas pessoas e em determinadas épocas, as atividades que indicam que uma pessoa está viva não passam de reações a estímulos. Retire os estímulos e o indivíduo não tem vida. Mas, em caso tão extremo, a palavra ser não tem relevância. Para poder ser, e para ter o sentimento de que é, deve-se ter uma predominância do fazer-pelo-impulso sobre o fazer-reativo (Winnicott, 1970c, p. 21).

Esse cuidado adaptativo em relação à infância pode ser feito, com sucesso, por alguém que não tenha o menor conhecimento intelectual daquilo que está ocorrendo com o indivíduo; o que se exige é a capacidade de se identificar, de perceber as suas necessidades e acolher o gesto espontâneo em seu estado nascente. No artigo, *Tratamento em Regime Residencial para Crianças Difíceis*, de 1947[8], encontramos uma descrição de Winnicott do perfil que ele entende ser necessário às pessoas envolvidas com a tarefa de cuidar de crianças, especialmente, daquelas consideradas difíceis em virtude de terem sido de-privadas de uma vida familiar satisfatória.

> Em todo trabalho que envolva cuidar de seres humanos, são necessárias pessoas dotadas de originalidade e de um senso agudo de responsabilidade. Quando esses seres humanos são crianças, crianças que carecem de um ambiente especificamente adaptado às suas necessidades individuais, a pessoa que tem preferência por seguir um plano rígido não é adequada à tarefa. Qualquer plano amplo que envolve cuidados para com crianças privadas de uma vida familiar adequada deve, por conseguinte, permitir e facilitar ao máximo a adaptação local, e atrair pessoas de mente aberta para trabalhar nele (Winnicott, 1947a, p. 60).

Trata-se de um comentário extremamente oportuno aos nossos objetivos de avaliação do atendimento à infância realizado pela ONG Casa da Árvore, em populações de baixa renda da cidade do Rio de Janeiro. O ponto em comum reside no fato de que cada um desses serviços ser voltado para crianças que, em alguma medida e em algum momento, se encontraram de-privadas de uma experiência de lar primário satisfatória. "Por experiência de lar primário entende-se a experiência de um ambiente adaptado às necessidades especiais da criança, sem o que não podem ser estabelecidos os alicerces da saúde mental" (Winnicott, 1947a, p. 63). Além de serem dotadas de originalidade e de um senso agudo de

[8] Este artigo resulta do trabalho realizado durante a guerra, na organização dos alojamentos para as crianças evacuadas de Londres.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

responsabilidade, as pessoas envolvidas com esse tipo de trabalho devem, ainda, saber da importância de algumas qualidades essenciais do ambiente:

> Da *continuidade* do ambiente humano, e do mesmo modo, do ambiente não-humano, que auxilia a integração da personalidade do indivíduo;
> da *confiança*, que torna o comportamento da mãe previsível;
> da *adaptação gradativa* às necessidades cambiantes em expansão da criança, cujo processo de crescimento a impele no sentido da independência e da aventura;
> *da provisão para concretizar o impulso criativo da criança* (Winnicott, 1962b, p. 68).

O desenvolvimento emocional dos primeiros anos é complexo e não pode ser omitido ou evitado. Toda criança necessita, de maneira incondicional, de um certo grau de ambiente favorável se quiser transpor as etapas iniciais e essenciais desse desenvolvimento. Como observa Khan (1970), "só por intermédio do uso humano de seres humanos, pode ser alcançada uma verdadeira definição da experiência de *self*, e isto abrange mais que amor. Inclui forçosamente o ódio" (p. 139). Segundo Winnicott (1962b), poderíamos "usar a palavra 'amor' aqui, correndo o risco de soar sentimental.[...] Muitas vezes, sem deixar a área abrangida pela palavra amor, verificamos que uma criança necessita de firmeza na orientação precisando ser tratada como a criança que é e não como um adulto" (p. 69). O risco da atitude sentimental é porque nela existe um ódio não-reconhecido, recalcado. Como vimos no tópico 3.2.1 desta tese, o ódio é um elemento importante, no tratamento de pacientes psicóticos ou anti-sociais, chegando, em determinados momentos, a tornar-se um fenômeno central. O corolário disso é que as pessoas envolvidas com esse tipo de atendimento devem buscar auxílio, não apenas em um estudo sobre os estágios primitivos do desenvolvimento, como também em uma investigação sobre a natureza da carga emocional que recai sobre o terapeuta nessas ocasiões. "Por mais que estes amem os seus pacientes, não podem evitar odiá-los e temê-los, e quanto melhor eles o souberem mais difícil será para o medo e o ódio tornarem-se os motivos determinantes do modo como lês tratam esses pacientes" (Winnicott, 1947b, p. 278).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

5.2 A Casa da Árvore[9]

A alegria de viver, a solidariedade, a compaixão pelos outros devem ser considerados como sentimentos em vias de desaparecer e, por isso, convém protegê-los, revivê-los, reimpulsioná-los por novos caminhos.
(Félix Guattari, Le Monde, 1992.)

A Casa da Árvore é uma ONG que desenvolve um projeto de atenção à infância, inspirado no modelo criado, há mais de vinte e cinco anos, por Françoise Dolto na França – *La Maison Verte*. Ela nasceu da iniciativa das psicólogas Lulli Milman e Maria Fernanda C. da Cunha Baines junto à Sub-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. A intenção era criar um serviço de atendimento psicológico, dirigido ao público infantil que fosse mais efetivo e contemplasse um número maior de crianças. Lulli conhecia de perto o problema das longas filas de espera, bem como todos os tipos de dificuldades que as populações de baixa renda tem de enfrentar para ter acesso a qualquer tipo de auxílio psicoterápico. Ela vinha de uma experiência de mais de vinte anos à frente do Serviço de Psicologia Aplicada da UERJ, do qual havia sido uma das fundadoras. De imediato, tornou-se patente a necessidade de se buscar alternativas que pudessem viabilizar o projeto economicamente. A solução encontrada foi a criação de uma Organização Não-Governamental que, no entanto, continuaria a manter o vínculo com a universidade.

O trabalho desenvolvido por Dolto visava prevenir problemas de socialização e violência. A proposta original, tal como foi implantada em Paris, no final década de setenta, era dirigida a um público composto por crianças de zero a 4anos de idade, acompanhadas dos responsáveis. A intenção era acompanhar os pais no processo de formação de seus filhos, permitindo às crianças e aos adultos o convívio com outras crianças e adultos em um espaço que privilegiava o valor das palavras e fazia circular a conversa. Utilizando o conceito de fala verdadeira, Dolto pretendia auxiliar as famílias durante a travessia do tumultuado período no qual, de maneira geral, se efetiva uma importante mudança no mundo da criança: a transição entre o ambiente familiar e a inserção social, representada pela entrada da criança na creche.

[9] O leitor encontra nos capítulos 3 e 4 desta tese o subsídio necessário à compreensão mais abrangente dos conceitos winnicottianos utilizados neste tópico.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

A primeira Casa da Árvore foi inaugurada no Morro dos Macacos, em outubro de 2001. Em pouco tempo, no entanto, tornou-se evidente para a equipe fundadora a necessidade de algumas modificações na proposta original. 'Na prática' ela havia se mostrado inviável: as crianças chegavam desacompanhadas e, em sua grande maioria, eram maiores de seis anos. Após um tempo de insistência, optou-se por receber as crianças como elas chegavam: desacompanhadas e até os 12 anos de idade. A única exigência era de que os menores de 6 anos viessem acompanhados de um irmão mais velho. Desde o início, a principal preocupação dos fundadores da Casa da Árvore foi a adaptação do modelo '*Maison Verte*' à realidade das comunidades de baixa renda da cidade do Rio de Janeiro, tendo em vista a possibilidade de sua multiplicação e integração às políticas oficiais de cuidados com a infância.

Atualmente a Casa da Árvore está presente em cinco comunidades: no morro do Chapéu Mangueira (Leme/RJ), no morro do Turano (Tijuca/RJ), na Ilha da Conceição (Niterói), na creche do Morro Azul (Flamengo/RJ) e na creche do Morro do Pavão-pavãozinho (Copacabana/RJ). A Casa do Morro dos Macacos precisou encerrar as suas atividades em 2004, inviabilizada pela violência da guerra pelo tráfico de drogas. À despeito da proposta de trabalho ser uma só, os atendimentos são bastante diferenciados entre si, adaptando-se às exigências, às necessidades e às características de cada local Como eles mesmos dizem, a Casa da Árvore é, antes de qualquer coisa, uma proposta ética com relação à infância. Do mesmo modo que não existe nenhuma linha teórica privilegiada que oriente a condução dos trabalhos, não se exige dos participantes, além de serem psicólogos, psicanalistas ou estudantes de psicologia, nenhuma formação específica.

Em 2001, eu ingressava no mestrado da PUC/RJ e acompanhava, de longe, toda essa movimentação que era realizada por algumas amigas. Em 2003, iniciei o doutorado. A essa altura, minha curiosidade começou a crescer na medida em que percebia inúmeros pontos de contato entre o meu projeto e o delas. Cada vez mais os relatos que chegavam até mim deixavam transparecer uma certa 'sensibilidade e orientação winnicottiana' na maneira de se conduzir os trabalhos. Antes de qualquer coisa estava o reconhecimento da importância da difusão de uma atitude respeitosa com relação a infância: sensível às suas agruras e corajoso o suficiente para não se deixar abater pelos obstáculos, aceitando correr o risco da ousadia das soluções criativas, fora dos padrões já estabelecidos. Além do mais,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

era para mim impossível não perceber a afinidade entre essa maleabilidade na postura clínica e o conceito de 'uso de objeto' formulado por Winnicott. O corolário disso é que, nesse deixar-se-usar-pelo-paciente o psicanalista se vê enredado num árduo questionamento sobre os limites da sua ação, da sua função e do dispositivo analítico, trazendo à tona a questão da provisão ambiental.

É importante deixar claro que essa imagem que traço da Casa da Árvore resulta de minha maneira pessoal de avaliar o projeto. Da parte do pessoal engajado nele, é buscado, de maneira diversificada e sem nenhum partidarismo, referências teóricas que possam auxiliar-lhes na reflexão e na sustentação da prática inovadora que realizam. Em outras palavras, o relato que se segue é decorrência de um olhar e de uma preocupação que não necessariamente é coincidente com o de cada um dos participantes, por mais que possamos reconhecer as inúmeras afinidades existentes entre nós.

Ao final de 2004 já estava segura do quanto gostaria de poder participar e utilizar a experiência desse projeto como material clínico extremamente propício à reflexão da minha tese. Acertamos que minha participação, num primeiro momento, se daria na forma de visitas a todos os locais de trabalho, incluindo-se as reuniões e supervisões, de modo que pudesse dar a eles um retorno. A alegação era de que o trabalho havia se expandido muito e eles gostariam de poder contar com um olhar de quem não estava muito envolvido. Em maio de 2005, comecei a freqüentar o projeto. O relato que se segue é fruto desse um ano e meio de convivência, observação e participação em inúmeras discussões, durante o qual fui acolhida, de maneira extremamente generosa, e tenho partilhado de uma experiência clínica ímpar, viva e estimulante.

"O trabalho da Casa da Árvore não se pauta por nenhuma orientação teórica específica. Aqui o trabalho se define por uma postura ética". Esta foi a frase que mais escutei durante o período em que buscava compreender a proposta e o funcionamento do projeto. Por mais que ninguém me deixasse muito claro o que entendia por isso – 'postura ética' – o funcionamento era harmonioso, dando provas de que, de algum modo, todos partilhavam de um objetivo comum. O corolário disso foi um dos primeiros pontos a me chamar atenção: a extrema plasticidade do dispositivo criado, aliada a uma enorme sintonia no funcionamento, a despeito de todas as diferenças existentes entre os participantes. Era interessante perceber o quanto cada local de atendimento conseguia, ao mesmo tempo,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

imprimir uma identidade própria ao trabalho e partilhar do 'espírito comum' que identifica o projeto como um todo. E, mais interessante ainda, era perceber que esse fato não decorria de uma unidade quanto à orientação teórica dos participantes do projeto, mas, muito pelo contrário, encontrava-se associado a uma convivência plural dos mais variados aspectos. As discussões clínicas nunca se transformaram em discussões teóricas. Aliás, cheguei a me espantar quando, depois de um bom tempo, descobri a variedade enorme de formação entre os participantes, tamanha era a sintonia que se manifestava no plano do trabalho – fosse nas reuniões, nas supervisões ou nos atendimentos. Certamente, além das qualidades pessoais de cada participante, devemos creditar à experiência, à sensibilidade e ao talento pessoal das profissionais envolvidas na coordenação o êxito dessa empreitada.

Em linhas gerais, podemos dizer que a proposta atual pode ser definida em termos bem simples: prover um lugar para se conversar e brincar. Em última instância, todas as ações e intervenções visam permitir que tal aconteça. Por trás disso está o reconhecimento da criança como alguém que merece respeito e a intenção de promover a irradiação de uma certa postura com relação à infância, ao mesmo tempo acolhedora e respeitosa. Como eles mesmos dizem, "na Casa da Árvore não se fala sobre crianças, se fala com crianças". A palavra é o principal recurso. Ela está sempre presente construindo brincadeiras resolvendo problemas, lidando com impasses, integrando e socializando. A Casa da Árvore se oferece como um ponto de encontro entre o individual e o coletivo. Um espaço social no qual se cria um campo transferencial, onde se daria o que Dolto chamou de 'psicanálise na cidade'. Fora do seu 'habitat natural' – o dispositivo convencional – o psicanalista precisa estar, a todo instante, reinventando a sua função e os modos de intervir num espaço onde o que se presentifica não é só a subjetividade, mas também, a cidadania. Sem propósitos pedagógicos ou educativos, mas ainda assim, freqüentando as fronteiras entre a psicanálise e a pedagogia, busca-se situar a criança frente a sua identidade e história familiar, no limite entre o individual e o coletivo.

Em cada plantão três profissionais estão sempre à disposição para escutar, conversar e brincar, com a atenção voltada para cada um e para a relação entre todos. Não é necessário inscrição e o tempo de permanência é livre. Solicita-se apenas o primeiro nome de cada criança, que fica escrito num quadro, juntamente com a sua idade, enquanto ela

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

permanecer no local. A intenção é que esse gesto simples tenha efeito de reconhecimento, responsabilizando cada criança por sua presença individual neste ambiente coletivo.

Doze pessoas encontram-se à frente do projeto que, atualmente, conta a participação de 50 profissionais. São elas: Helena Maria (Lulli) Milman, responsável pela direção geral e Ma. Fernanda C. Cunha Baines, Ma. Beatriz Carneiro da Cunha, Cláudia Prado Alves Pinto, Kátia Heloiza de Farias, Paula Chaves, Cecília de Aquino Barbosa, Júlia Milman, Christianne Dutra Pereira, Maria Nazaré A. Avelino da Silva, Daniela Albrecht Garritano e Letícia da Costa Barbosa, responsáveis pelos demais cargos de coordenação. Cada unidade tem um coordenador, responsável pela condução local do trabalho. Em Julho de 2002 foi criado um Centro de Estudos, coordenado pelo professor Benilton Bezerra Junior, do Instituo de Medicina Social da UERJ. Em uma reunião semanal alterna-se a discussão entre questões locais e gerais. Existem supervisões em grupos menores, dadas pela Lulli e pela Beatriz C. da Cunha e uma reunião mensal do Centro de Estudos, que reúne toda a equipe. Paralelamente, pequenos grupos de estudos (atualmente em número de quatro) são organizados a fim de atender os interesses de pesquisa suscitados pelo trabalho. Além disso, existe ainda um grupo envolvido com uma pesquisa, financiada pela FINEP, que se destina a investigar uma nova metodologia para aplicação de modelo em saúde mental.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

5.2.1 Cada Casa é um caso: adaptando-se às particularidades de cada comunidade

Tal como os cinco dedos das mãos, os cincos locais de atendimento possuem especificidades e características próprias, fruto da adaptação exigida por diversos fatores. Dentre eles estão a localização na comunidade, o espaço físico das instalações e a população que freqüenta. O ponto em comum é o fato de que todos estão alocados em comunidades de baixa renda, em condições de desvantagem social. Minha intenção é fornecer uma visão panorâmica sobre as condições do trabalho, dispensando, ao final, uma atenção especial à experiência desenvolvida no Morro do Chapéu Mangueira. Através dela pretendo trazer à discussão algumas situações e alguns impasses dessa clínica que se realiza

mediante uma proposta de atendimento coletivo à infância, problematizando, de maneira especial, a questão da agressividade e da violência.

Primeiramente, podemos dividir o trabalho em dois grandes grupos: aquele que se realiza em um local específico – a Casa da Árvore – instalado na comunidade e aquele que acontece em uma instituição já existente - as creches -, o qual já é um desdobramento da concepção original. O primeiro grupo é composto por três unidades e o segundo por duas. Não é difícil de imaginar a enorme diferença, com relação ao tipo de trabalho e à natureza das intervenções, existente entre esses dois grupos. Em função do nosso interesse, escolhemos observar mais atentamente os trabalho realizado nas Casas propriamente ditas. Assim sendo, após uma breve referência ao tipo de atendimento que é empreendido nas creches, dedicaremos nossa atenção ao dispositivo terapêutico estabelecido pela Casa da Árvore em cada comunidade, a partir das suas necessidades e especificidades.

Em Abril de 2003, o grupo espírita Lar Paulo de Tarso, que mantém, no Morro do Pavão-Pavãozinho, a creche-escola Solar Meninos da Luz, convidou a Casa da Árvore a participar do seu projeto. Trata-se de uma instituição que funciona em horário integral, atendendo a mais de trezentas crianças, desde a creche até a oitava série. Inicialmente, o trabalho da Casa da Árvore esteve orientado para as crianças de até 4 anos, acompanhadas de suas professoras. Em cada uma das quatro turmas, duas estagiárias participam das atividades, intervindo e atuando nas situações que surgem, tanto nas que se desencadeiam a partir das educadoras quanto as que se originam nas crianças. Atualmente, vem sendo discutida a possibilidade de atuação junto aos adolescentes e pré- adolescentes.

Em Fevereiro de 2004, teve início o trabalho na Creche Casulo Padre Aleixo que atende a 75 crianças, no Morro Azul. Esta creche é mantida pela Paróquia Santíssima Trindade, localizada no Flamengo, conta ainda com o apoio da prefeitura para aquisição de alimentos e mantém uma relação amistosa com a Associação de Moradores. As três instituições divulgam e participam de programas e atividades organizadas pela creche. Uma das exigências do administrador da creche foi que a psicóloga da Casa da Árvore deveria ser contratada pela creche, tornando-se, assim funcionária da creche. Além dela, duas estagiárias compõem a equipe da Casa na instituição.

O principal diferencial do trabalho realizado nas creches é que, na maior parte das vezes, ele não se efetiva a partir de uma intervenção direta sobre as crianças. Em linhas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

gerais, podemos dizer que ele consiste na criação das condições necessárias aos profissionais - encarregados diretamente pela atenção e pelos cuidados com as crianças -, para desempenharem de maneira satisfatória a sua função. As situações de 'conflitos entre partes' são muito mais freqüentes, deixando o terapeuta às voltas com a tarefa de intermediar relacionamentos e trocas das mais diversas naturezas. Seja entre as crecheiras e as crianças, seja entre as próprias crecheiras ou mesmo, entre elas e a direção da instituição, seja entre pais e filhos, seja entre eles e a instituição (ou crecheiras). Por meio de uma política de valorização dos cuidados e da atenção à infância, busca-se o estabelecimento de um convívio em termos de parcerias de trabalho, que tem por objetivo último a criação de um ambiente que seja propício tanto para as crianças, quanto para as pessoas que lhes prestam assistência. Como fruto dessa política e desse trabalho, em setembro de 2006, aconteceu o I Encontro para a Capacitação de Profissionais de Creches Comunitárias. Sediado no campus da UERJ, ele contou com a participação de 146 profissionais inscritos.

De volta ao primeiro grupo, ao atendimento realizado nas Casas, é importante notar que ele exige, de imediato, uma primeira subdivisão: as características da comunidade da Ilha da Conceição são bem distintas das demais, do Morro do Turano e do Morro do Chapéu Mangueira, o que se reflete no tipo de atendimento que é realizado em cada uma dessas unidades. A Ilha da Conceição foi único local onde a proposta original ainda se mantém: receber crianças de zero a seis anos de idade, acompanhadas por um responsável.

Trata-se, de fato, de uma ilha assoreada, uma antiga colônia de pescadores que, atualmente, conta com a presença marcante de empresas de construção naval instaladas em suas cercanias, o que contribui para a existência de um bom número de empregos. A própria Casa da Árvore é mantida por uma dessas empresas – a Subsea. Em termos estéticos, a comunidade da Ilha da Conceição em nada se aproxima com a de uma favela, ainda que se trate de população de baixa renda e parte da comunidade esteja localizada no morro. Os versos de Chico Buarque sempre me vêm à cabeça quando penso em descrever aquele bairro. A moradia, em sua maioria, é composta de casas com muros relativamente baixos: "são casas simples com cadeiras nas calçadas e na varanda está escrito que é um lar". O aspecto familiar é notável. À tarde, quando finda o expediente comercial e escolar, o vai-e-vem de transeuntes nas ruas é intenso. Colegas de trabalho caminhando, em pequenos grupos de conversa, na volta para casa. Mães, avós e tias carregando mochilas, às voltas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

com as crianças. O clima de camaradagem entre as pessoas é o que prevalece. Aqui, a presença do trafico de drogas não é algo que seja notada: seja, visualmente, na paisagem da comunidade, seja de forma indireta, nas falas das pessoas que freqüentam o projeto. Afora isso, a comunidade ainda conta com uma rede de serviços da prefeitura que funcionam de maneira regular: um posto de saúde atuante, que adota o programa de saúde da família e da comunidade e uma creche. Digamos que, dentre as comunidades em que a Casa da Árvore está presente, é nesta que encontramos as condições de vida da população menos degradada.

Há dois anos e meio na Ilha da Conceição, a Casa da Árvore vem desenvolvendo o seu trabalho instalada na parte superior do prédio que abriga a associação de moradores do bairro. Ela está localizada ao lado da creche da prefeitura, num local de bastante movimento, próximo ao posto de saúde. Atualmente, além de participar do Fórum Municipal de Atenção em Saúde Mental da Criança e do Adolescente de Niterói, busca estabelecer parcerias com a creche, o posto de saúde e a rádio comunitária, com o objetivo de participar mais ativamente na criação de uma rede de assistência à infância. No início de 2006 a Casa da Árvore abrigou as reuniões do programa de incentivo ao aleitamento materno, promovido pelo posto de saúde, como resultado de uma primeira ação conjunta.

O Morro do Turano e o Morro do Chapéu Mangueira guardam muitas semelhanças entre si. Ambas as comunidades são bem características daquilo estamos acostumados a designar por favela (carioca). Nesse contexto, além da localização no morro e da precariedade das condições de vida em geral, o traço comum mais marcante é a presença do tráfico de drogas no cotidiano de cada uma dessas comunidades. O ponto interessante é que, a semelhança acaba por aqui. O perfil do serviço oferecido, em cada uma delas, acaba ganhando contornos bem distintos, do mesmo modo que as questões suscitadas por ele. O problema das manifestações de violência e agressividade durante o atendimento, por exemplo, está muito mais presente no Morro do Chapéu Mangueira. Como avaliar esse fenômeno, já que, em princípio, não existe nenhuma diferença gritante entre as condições de vida dessas crianças, nem com relação aos problemas que elas apresentam ao começarem a freqüentar a Casa da Árvore? Uma das questões que sempre retorna, no tocante a esse aspecto, é: em que medida é importante levar em conta a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

diferença quanto às condições físicas do espaço ocupado pela Casa da Árvore, bem como a sua localização e inserção, em cada uma dessas comunidades?

No Turano, ela está acomodada numa pequena garagem, numa das ruas de acesso ao morro, próximo ao campus da Universidade Estácio de Sá. Um pouco mais adiante do local, existe uma barricada, no meio da rua, colocada pelos traficantes para demarcar o território, indicando que dali em diante o acesso é controlado. A presença dos 'soldados do tráfico' é parte constituinte do ambiente. Às vezes ela é discreta, outras é ostensiva. A possibilidade do tiroteio está sempre presente: seja pela disputa entre facções, seja em virtude da invasão da polícia. A Casa da Árvore encontra-se, portanto, na fronteira da comunidade e não exatamente no seu interior – ela não está no morro. Em função disso, é freqüentada não apenas por crianças da comunidade. Algumas moram até bem longe, elas chegam encaminhadas pelo Hospital Salles Neto. Além disso, o fato de o espaço ser tão exíguo faz com que a maioria das atividades transcorra na calçada.

5.2.2 A Casa do Chapéu Mangueira

Quando comecei a freqüentar o projeto Casa da Árvore, dentre as três Casas, a unidade do Morro do Chapéu Mangueira era a que atendia a um maior número de crianças de forma extremamente regular. Vislumbrei nessa característica uma condição que propiciaria a um acompanhamento do atendimento de forma mais consistente. Essa possibilidade, com o passar do tempo se confirmou, e acabou por se constituir na principal razão da minha escolha pela observação e discussão mais atenta do trabalho realizado nessa unidade. De início, não tinha muita idéia do que encontraria. Não se tratava de fazer uma pesquisa. Apenas acreditava que, certamente, haveria muito material para ser utilizado, ilustrando as discussões da minha tese. Minha exposição baseia-se, principalmente, nas minhas anotações que foram de duas natureza: as realizadas durante as reuniões e supervisões e as realizadas em casa, ao chegar de uma visita ao local de atendimento. Além disso, recorri aos trabalhos escritos pelos participantes do projeto. Não pretendo fazer um retrato das crianças que moram em favelas do Rio de Janeiro, nem mesmo das crianças do Chapéu Mangueira, apenas falar sobre as crianças que freqüentam a Casa da Árvore daquela localidade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

A Casa da Árvore do morro do Chapéu Mangueira está instalada no segundo andar de um pequeno sobrado, que é ocupado por um posto de saúde, que funciona, de modo precário, por iniciativa voluntária. A Casa é composta por uma sala, na qual estão dispostos, em prateleiras, todos os materiais, jogos e brinquedos, bem como algumas mesas e cadeiras. Uma saleta pequena de uso privativo da equipe de plantão onde ficam os objetos de uso pessoal, o bebedouro e o material de uso interno. E, finalmente, uma área externa, onde se encontra uma casa de madeira, confeccionada, especialmente para as crianças. Num certo sentido, trata-se efetivamente de uma 'casa' e, em alguns casos, bem maior do que a que alguns deles moram. Trata-se, portanto, de um espaço com fronteiras delimitadas, situado no seio da comunidade. Conseqüentemente, todas as crianças são da comunidade e geralmente já possuem um relacionamento anterior à Casa da Árvore.

A primeira vez que fui ao Morro do Chapéu Mangueira foi em setembro de 2004, para fotografar um grupo de mães e bebês, que participavam do trabalho realizado por uma amiga naquela comunidade. Foi uma experiência extremamente marcante, que me deixou impactada por alguns dias. Por mais que a gente leia e se julgue uma pessoa informada, o contato com uma realidade que extrapola a nossa capacidade de imaginação é desnorteante. A construção em que está localizada a Casa da Árvore fica defronte à creche comunitária, o espaço entre elas funciona como uma área de convivência para onde convergem todos caminhos, todas as entradas, becos, ruelas e escadarias. Estamos, portanto, no 'coração' da comunidade, na principal via de acesso, por onde se faz toda a movimentação do ir e vir dos moradores. Para se chegar lá basta subir uma ladeira situada quase no final da praia do Leme. Quando a rua termina, à esquerda está a entrada para o Morro da Babilônia e à direita a do Chapéu Mangueira. Uma cabine da PM está localizada bem na encruzilhada. Na esquina do Chapéu Mangueira, está o prédio (novo) que abriga as quadras polivalentes da Associação de moradores. Seguindo adiante, há menos de trinta metros da polícia, a rua termina, blocos de concreto impedem a passagem dos veículos, formando um pequeno largo. Em meio às pequenas biroscas e barracas do comércio local estão jovens entre 16-18 anos, encostados nos muros e nos carros estacionados, 'armados até os dentes', tomando conta da entrada da boca-de-fumo. Eles exibem, orgulhosos, suas armas potentes, diante dos transeuntes e das crianças que brincam. O vai-e-vem das pessoas acontece, de forma extremamente natural, como se nada de mais estivesse acontecendo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Difícil descrever o que a gente sente ao se confrontar com uma cena destas e, ainda por cima, ter de agir como os demais, como se fosse tudo 'muito natural'. É perturbador testemunhar todos esses elementos compondo uma mesma cena, com tamanha intimidade e naturalidade: polícia, bandidos, crianças, etc... Por mais que já tenhamos lido relatos sobre essa realidade ou assistido na TV, quando estamos ali a coisa é diferente. Sentimos na carne que estamos cruzando uma barreira, adentrando um universo onde todas as fronteiras, com as quais estamos acostumados a conviver, parecem estar subvertidas. É perturbadora essa naturalidade com que tudo isso transcorre. Afinal, trata-se apenas mais um dia, como outro qualquer, no cotidiano da comunidade.

Aqui a ameaça de tiroteio é uma constante. Seja porque a polícia resolve subir o morro, seja por brigas entre facções, seja pela chegada de uma simples escolta policial para entrega de intimações ou ordens de prisão. Às vezes o tiroteio deixa de ser uma ameaça e se torna real. Todos dos dias, a cada plantão, a chegada e a saída da Casa da Árvore é sempre um sobressalto, um misto de temor e apreensão. Impossível se acostumar a uma tal realidade! Estamos sempre tentando identificar algum sinal suspeito que possa nos antecipar algo, num mundo que parece dispor de um código próprio, ao qual não temos acesso de maneira imediata. De repente, tem um 'caveirão', uma espécie de tanque blindado da PM, na entrada do morro. _ "Fica tranqüila moça, né nada não! Tá limpo". De outra feita, um rapaz armado se aproxima e, gentilmente, informa: "Dona, não dá pra estacionar aqui, porque fica bem na linha de tiro". Teve um dia que os tiros começaram a comer solto e, pouco depois, descobrimos que era a Rede Globo filmando (?!). Nesse dia foi interessante, uma mãe não deixou o filho fazer o papel do bandido que atirava. Ele podia vender maconha, mas pegar em arma de fogo, não, ainda que fosse de brinquedo. Contudo, na maioria das vezes, quando escutamos os tiros é verdade verdadeira e, aí, a gente treme. É realmente muito sinistro. De certa forma, para se levar esse trabalho adiante temos que arranjar um jeito de lidar com essa realidade. A tensão é constante, o que nos obriga a estar nos perguntando, a todo instante, sobre os nossos limites. Numa das últimas vezes que estive lá presenciei uma troca de tiros (leve). Um batalhão do Bope tinha subido buscando por um endereço. Um policial, todo paramentado, empunhando um fuzil enorme, entrou na Casa atrás de informação. De repente tudo se transforma, estamos participando de uma cena guerra, real. Soldados de cara pintada dizem que está tudo bem, que a gente pode

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

ir, como se fosse natural se caminhar em meio à escolta policial com fuzis e metralhadoras, sentindo-se um alvo vivo e ambulante. No outro dia o tiroteio durou mais tempo. As plantonistas ficaram acuadas dentro da sala com as crianças, esperando tudo passar. O nosso descontrole é visivelmente maior do que o das crianças. Elas parecem dispor de uma técnica para lidar com esse tipo de situação: ficam abaixadas em uma rodinha, batendo palmas e cantando. De alguma forma elas tiveram que aprender a conviver com isso sem ter para quem reclamar (não estou dizendo que isso seja bom, nem melhor). Diante do desabafo de uma estagiária que diz estar doida para aquilo acabar e ela poder ir embora, uma criança comenta, "- Mas você tem para onde ir!". De outra feita, foi a vez de A.C., uma menina de 9anos confessar, visivelmente abalada: "Por isso que eu não gosto de morar no morro, lá embaixo tem roubo, mas não tem tiro". Uma das crianças já foi atingida no braço, por uma bala perdida durante um tiroteio no fim de semana. Apesar disso, existem momentos em que essa realidade é esquecida: são aqueles em que ela é substituída por uma outra realidade, constituída pelo trabalho realizado com as crianças dentro da Casa (quando não é perturbado pelos estampidos ou outra movimentação qualquer). A verdade, no entanto, é que é sempre um choque descer a ladeira e perceber que o 'mundo' (que nos é familiar) continua lá, girando, totalmente alheio a tudo isso.

Atualmente a Casa da Árvore oferece atendimento no morro do Chapéu Mangueira, diariamente, no período das 13hs às 16hs, para crianças de até 12 anos de idade. Caso a criança tenha até seis anos, exige-se a companhia de um irmão mais velho. As manhãs de quinta feira são destinadas às crianças de até 6anos, acompanhadas de, pelo menos, um responsável (pode ser um irmão mais velho, maior de 6 anos). A maioria das crianças que freqüenta a Casa tem entre 9 e 12 anos. Em 2004 (set-dez), foram realizados 448 atendimentos; em 2005 (jan-dez) 1540 atendimentos; em 2006 (Jan-out), 2881atendimentos. Atualmente, a média mensal gira em torno de 250 a 300 atendimentos.

As crianças que freqüentam a Casa da Árvore estão inseridas nas mais variadas constelações familiares. De um modo geral, elas estão acostumadas a circularem sozinhas pela comunidade e os pais não demonstram muito interesse em conhecer o trabalho. Apesar dos convites, e da insistência em um horário (5af. pela manhã) destinado, especialmente, às crianças até seis anos acompanhadas de um responsável, a freqüência dos pais ainda é muito baixa. Geralmente é o irmão mais velho quem realiza essa função. Poucas crianças

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

dispõem de uma estrutura familiar mais convencional (pai-mãe-filhos). É muito freqüente a mãe ter tido cada filho com um homem diferente e ter, atualmente, um amante ou namorado. Às vezes, eles até moram juntos, mas as crianças não se referem ao namorado da mãe como uma figura paterna. Tem criança que a mãe ou o pai estão presos e eles, então, vivem com a avó ou com a tia. Tem criança que o pai ou um irmão já foi assassinado. Tem criança que diz ser parente do dono da boca. Poucas são as crianças que trazem a história familiar na conversa, de forma natural, como um recurso enriquecedor e positivo, tipo: um dia o meu tio (ou pai, ou mãe, ou avó) me contou, (me ensinou)... Elas lêem e escrevem de maneira precária. Algumas não chegam sequer a freqüentar a escola. De um modo geral, têm uma curiosidade enorme sobre as nossas condições de vida: "Aonde você mora? É casa ou apartamento? Você é rica, não é?". Do mesmo modo, há um verdadeiro fascínio por carros: "Você tem carro, qual é o nome dele? Quanto ele custa". Essas conversas são sempre muito embaraçosas. Algumas crianças vêm apenas para brincar, outras estipulam uma regularidade na freqüência. Tem criança que necessita de investimento psicoterápico massivo. Tem criança que nitidamente busca se tratar, realizando uma busca sobre si mesmo, que mais parece uma análise clássica.

Cada plantão da Casa da Árvore conta com a presença de três pessoas (estagiários e profissionais). Atualmente, cogita-se na possibilidade de se aumentar esse número para quatro, especialmente, no Chapéu Mangueira, em virtude do número de crianças e dos transtornos gerados pela agitação delas. De um modo geral, cada dia da semana conta com uma equipe, que é sempre a mesma. Em caso de necessidade, é permitida a substituição de um membro da equipe, mas a regularidade dos plantões é o que prevalece. Isso permite que cada criança freqüente os plantões de sua preferência e evite os que assim o desejar.

5.2.3 Vidas em construção: o um a um da dimensão pessoal, em um atendimento coletivo

> *Como, fisicamente, poderia a mente do bebê identificar pessoas? Que aspectos de seu comportamento as diagnosticam como tal? O comportamento intencional apresenta inúmeras características que não são próprias das coisas inanimadas: assim, um grande agente intencional pode estar equipado para responder aos seus iguais... O movimento inanimado desloca-se rapidamente, oscila em*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> *trajetórias simples, salta, mas não surge em decorrência de impulsos autogerados. Qualquer coisa que tenda a produzir um rompimento espontâneo de ritmo, como um raio de luz solar refletido, parece ter vida. Essa vitalidade rítmica do movimento é o que primeiro identifica a companhia viva.*
> *(Colwyn Trevarthen, 1978)*

No início, havia um desconforto enorme por parte da equipe com relação à natureza do trabalho que era realizado. O incômodo decorria do fato de que, na maior parte das vezes, eles se sentiam meros recreadores ou, até mesmo, educadores. Nesse momento, recorreu-se a leitura de alguns textos de Winnicott a fim de se encontrar o auxílio necessário para a condução dos trabalhos. A noção de 'uso de um objeto' foi de extrema importância e permitiu que a ética do deixar-se usar pelas crianças orientasse a condução dessa etapa inicial do trabalho. Eis aqui o relato da primeira visita que fiz à Casa da Árvore do Chapéu Mangueira, no dia 5 de maio de 2005:

> Ao chegar, havia em torno de dez crianças e a equipe era composta por três terapeutas: duas mulheres e um homem. Este estava na parte externa com R. (4a), brincando de o rodar pelos braços e o resto das crianças permanecia na parte interna. Os mais velhos (uns quatro) jogavam jogo da memória e os demais brincavam de casinha. O número de crianças rapidamente aumentou. Hoje foi um dia excepcional em virtude de não ter havido aula na escola. O número de crianças chegou a trinta e seis, variando entre 1 ano e 4 meses até 13 anos, nenhum responsável acompanhava, a não ser os irmãos mais velhos. Normalmente a freqüência gira em torno de 15-20 crianças. Próximo ao final do período a coisa já estava ficando meio tumultuada. Como atender a tantas crianças ao mesmo tempo e, ainda mais, demandando tanta atenção?

Desde de que foi fundada, há dois anos, a Casa do Chapéu Mangueira é freqüentada por um contingente de crianças que é, basicamente, o mesmo, salvo algumas exceções. Com o passar do tempo, cada criança acabou por constituir o seu próprio ritmo de freqüência. A partir da continuidade no atendimento, cada criança começa a emergir da massa indistinta do coletivo ganhando singularidade, criando uma história que pode ser contada. Muito facilmente somos tentados a atribuir os problemas apresentados pelas crianças às condições gerais de suas vidas: a miséria, a precariedade das habitações, as famílias pouco estruturadas, a violência presente, de modo constante, no ambiente, a delinqüência de alguns familiares, etc. Diante de tamanho colapso da provisão social, somos levados a identificar as crianças como 'carentes', o que nos deixa automaticamente na desconfortável condição de abastados. Certamente o ambiente sócio-cultural no qual estamos inseridos é determinante em nossa maneira de ser. Contudo, no âmbito de uma

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

proposta de atendimento psicoterápico, mostra-se útil termos em mente a definição que Winnicott (1968) fornece de criança carente: aquela que não experimentou um cuidado pré-verbal satisfatório, em termos do *holding* e do *handling*.

Sabemos que, em virtude da sua extrema prematuridade, o bebê humano, ao nascer, é absolutamente dependente da mãe ou de alguém que possa atendê-lo em suas necessidades básicas (do corpo e da alma). Nessa condição, a mãe, ao fornecer a sustentação (*holding*) necessária à continuidade do ser, "transmite ao bebê, através de um idioma próprio muito particular – mamanhês- uma estética do ser, que se transforma em um padrão do *self* do bebê" (Bollas, 1987, p. 13). A maneira como a mãe segura o seu bebê, o modo como responde aos seus gestos e percebe as suas necessidades, contribui para a sua inserção tanto na cultura quanto na sociedade. A mãe, por sua vez, necessita de um ambiente que a sustente em sua função. Todos nós precisamos de uma família. Por mais que possamos reinventar sua estrutura, não podemos prescindir do caráter vital, para a sobrevivência do bebê humano, da existência de uma organização baseada na relação viva entre pessoas e voltada para o atendimento das suas necessidades. "A forma como organizamos nossas famílias praticamente mostra como é a nossa cultura, assim como a fotografia de um rosto retrata o indivíduo" (Winnicott, 1957, 150). O corolário disso é que, através um exame das etapas de integração do ego, podemos acompanhar, no um a um do cuidado infantil pré-verbal (seja ele positivo ou negativo), a transformação de um fenômeno social em uma característica psicológica, pessoal.

Por exemplo, no tocante ao tema de nossa pesquisa, é muito comum relacionarmos a violência do tráfico de drogas, presente nessas comunidades, às manifestações de agressividade e violência entre as crianças. Certamente existe uma relação. No entanto, é importante lembrar que, para Winnicott, tanto a agressividade quanto a destrutividade representam uma conquista do desenvolvimento emocional, com enorme valor, não apenas individual como também social. No seu entender, agressividade e destrutividade apenas se constituem em uma ameaça para a sociedade em virtude da falência na provisão ambiental, em momentos cruciais do desenvolvimento emocional. A partir dessa consideração, é possível renovar o entendimento da correlação, tão usual, entre população carente e violência. É importante que fique claro que a carência de que se trata é uma carência de *holding,* dos cuidados que são imprescindíveis às etapas inicias da vida,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

independente do sexo ou da classe social. Por mais que o colapso na provisão social possa favorecer a sua emergência, ele não é determinante. Trata-se de uma carência relativa à falhas na provisão ambiental pré-verbal, passível, igualmente, de intervir nos meios mais abastados. Como observa Winnicott (1946a), "a vida é inerentemente difícil e nenhuma criança pode evitar a revelação das provas de suas dificuldades" (p. 142). Nesse ponto, vale lembrar a advertência de Winnicott (1950-55) de que uma das dificuldades para o estudioso da psicologia da agressividade resulta do seguinte fato:

> Numa psicologia total, ser roubado é o mesmo que roubar, e é tão agressivo quanto. Ser fraco é tão agressivo quanto o ataque do forte ao fraco. Assassinato e suicídio são fundamentalmente a mesma coisa. E o mais difícil de tudo isso, possuir é tão agressivo quanto apoderar-se vorazmente. Na verdade possuir e o apossar-se formam uma unidade psicológica, cada qual ficando incompleto sem o outro. Isso não implica em dizer que possuir e adquirir sejam bons ou maus (Winnicott, 1950-55, p. 288).

Na medida em que Winnicott atribui à agressividade a condição de motor propulsor do desenvolvimento humano, é fácil de concluir que os transtornos relativos ao desenvolvimento da agressividade constituem um problema inerente ao atendimento de 'crianças carentes'. As dificuldades que recaem sobre o psicoterapeuta são imensas! A carga emocional que recai sobre o seu ombro é enorme e requer que ele esteja 'em dia' com a própria agressividade. "O psicoterapeuta tem que ser capaz de ficar suficientemente perturbado para sentir pelo paciente, e, ao mesmo tempo, ser suficientemente sadio para pensar com ele, até que o próprio ego do paciente, cresça o bastante para fazê-lo por si mesmo" (Alvarez, 1992, p. 4). Como observa Winnicott, "ser capaz de tolerar tudo o que podemos encontrar em nossa realidade interior é uma das grandes dificuldades humanas" (Winnicott, 1939, p. 98). É fácil admitirmos nossa destrutividade quando associada à raiva e a experiências de frustração. Difícil, no entanto, é assumir plena responsabilidade pela agressividade que se encontra, paradoxalmente, relacionada ao amor. Além do mais, em se tratando de crianças carentes, somos facilmente capturados pela 'necessidade' de sermos 'generosos', o que nos deixa às voltas com a preocupação quanto ao que fazer ou oferecer. De fato, é difícil compreender, principalmente nesse contexto, "que uma criança tenha necessidade de dar, ainda mais do que receber" (Winnicott, 1964a, p. 108). O que elas necessitam, de fato, são de condições favoráveis a que isso aconteça. Em outras palavras, oportunidade para que possam existir a partir de seu potencial criativo/agressivo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Através de alguns episódios, pretendemos trazer o trabalho que é realizado na Casa da Árvore do Chapéu Mangueira, ilustrando, não apenas algumas das intervenções que ele propicia, como também, as várias questões que ele suscita. A intenção é, num primeiro momento, mostrar como a dimensão pessoal pode ser tocada, mesmo num atendimento coletivo à infância para, em seguida, dedicarmos atenção especial à questão da tendência anti-social.

Ainda que, em muitos casos, não se possa dizer que intervenção, em especial, teve um caráter mutativo, não podemos deixar de considerar o potencial transformador dos relacionamentos que se estabelecem num ambiente de *holding*. Relacionamentos que dispõem de uma qualidade especial, gerada, principalmente, pela presença de uma 'companhia viva'[10] disposta a fornecer, a cada criança, um suprimento básico indispensável à experiência inaugural de onipotência. Nesse contexto a noção de 'fala verdadeira'de Dolto desempenha um papel fundamental, funcionando como um dos principais recursos terapêuticos. A partir de uma experiência de envolvimento emocional, busca-se descrever, por meio de palavras, as angústias vivenciadas pelas crianças. Milman (2005)[11] acredita que o que contribui, de maneira decisiva, para o caráter terapêutico da fala verdadeira é que esta, na verdade, é "*uma fala de identificação, de 'vivência cúmplice', em que se consegue abraçar a experiência vivida pela criança*" (s/p. – o grifo é nosso). Não é difícil perceber como a utilização da noção de 'fala verdadeira' propicia a criação do *holding* – sustentação - necessário à realização de um trabalho dessa natureza. Podemos, então, falar de um ambiente coletivo que favorece o aparecimento de relacionamentos pessoais 'curativos', na medida em que se busca atender às necessidades relativas ao desenvolvimento infantil. De uma maneira geral, esse objetivo é alcançado ao oferecer às crianças um local para brincar e conversar. No entanto, a especificidade das necessidades particulares de cada criança, só pode ser atendida por meio do *holding*, propiciado por uma companhia viva.

Uma discussão acerca da natureza da transferência que se desenvolve nessas circunstâncias, apesar de ser extremamente oportuna, não esteve no foco do nosso interesse. Considerando que as crianças que freqüentam a Casa da Árvore são, na grande maioria, crianças carentes, que apresentam o seu desenvolvimento detido em virtude da incidência

[10] Título do livro, de 1992, de Anne Alvarez.
[11] Texto retirado do site www.casadaarvore.org.br

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

de falhas ambientais em etapas precoces da existência, nosso interesse voltou-se para a identificação dos elementos que configurassem uma provisão do *holding* terapêutico, condição fundamental para a na retomada do desenvolvimento.

Episódio (I): três irmãos, três histórias

N(11) L (8) e R(4)[12] são três irmãos. Eles fazem parte de uma família que se mostra extremamente insuficiente na provisão dos cuidados necessários às crianças. Elas sequer vão à escola e as condições de moradia são bem precárias. Conheci N e R em setembro de 2004, na minha primeira visita ao Chapéu Mangueira, quando ainda não participava do projeto. Encontrei N acompanhada de R no meio do caminho. Ela insistiu muito em me acompanhar, mesmo sendo explicado que a atividade para a qual me dirigia não se destinava à crianças da sua idade, mas sim, à bebês com suas mães. Em função da sua insistência, acabei concordando. Impossível saber, nessa ocasião, a idade de N, bem como a do seu irmão, tamanha a desconexão do discurso de N. Tentando se mostrar solícita, a cada momento ela falava uma coisa ou contava uma história sem pé nem cabeça. Por sua vez, R, que na ocasião tinha dois anos, estava mal-cheiroso, vestia fraldas (sujas) e permaneceu durante todo o tempo sentado num canto de uma sala (cheia de brinquedos) com o olhar perdido em algum canto do espaço, sem emitir nenhum som, sem esboçar a menor reação ou expressão facial – praticamente um autista. Menos de um ano depois, quando comecei a participar do projeto e tive oportunidade de reencontrá-los, era notável a diferença observada no comportamento de N e R. Nessa ocasião tive oportunidade de conhecer L(8), o irmão do meio.

Agora, a fala de N já era mais inteligível e coerente, ainda que trouxesse as deficiências de uma criança que não freqüenta a escola e é, visivelmente, carente de muitos outros cuidados. A mudança de R era assombrosa! Como já mencionei, quando o reencontrei, na primeira visita que fiz ao projeto, ele brincava com um terapeuta que o fazia girar pelos braços. Há pouco tempo, R completou quatro anos e sua mudança tem sido motivo de constantes comentários na supervisão. Ele, agora, mais parece um verdadeiro molequinho, brincalhão e sorridente que em nada lembra aquela criança ausente, com

[12] A referência aos nomes das crianças é feita através de iniciais maiúsculas. Cores serão utilizadas para indicar o gênero: as vermelhas indicam o sexo feminino e as azuis o sexo masculino.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

aparência autística. R já é capaz de sentir raiva, protestando enfaticamente quando se sente contrariado. Demonstra com isso os enormes avanços em seu desenvolvimento emocional: tornou-se capaz de protestar, de reagir com raiva ao invés de permanecer traumaticamente paralisado pelas insuficiências da mãe. Sinal de que a continuidade de sua existência pôde ser recuperada, permitindo que o sentimento de *self*, de sentir-se real pudesse, finalmente, se estabelecer como uma característica da sua personalidade. No seu caso, bem como no da sua irmã, não foi possível identificar uma intervenção que tenha se destacado, produzindo algum efeito em especial. Isso, no entanto, não impede que possamos creditar à continuidade no tempo da qualidade do ambiente e dos relacionamentos estabelecidos na Casa da Árvore as mudanças ocorridas.

No caso de L foi diferente. Quando o conheci, ele tinha visivelmente problemas de coordenação motora e era tratado pelos outros como uma criança seriamente comprometida. Tinha dificuldades de participar da maioria das brincadeiras e era incapaz de entender as regras de qualquer jogo por mais simples que fossem. No seu caso, no entanto, foi possível localizar uma situação que se mostrou decisiva para o início da sua transformação. Podemos acompanhá-la através do relato de Lulli Milman, durante a supervisão de 6 de Outubro de 2005:

> 5ª.feira, 14 de Julho de 2005
> A brincadeira, naquele momento, era de pular corda. Uma menina de 11anos era sem dúvida muito mais hábil que os outros e dominava a corda. Eram oito crianças, ao todo, brincando. L não conseguia participar da brincadeira. Resolvi intervir e propor que a melhor de todas virasse a professora. A brincadeira ganha mais organização. L entra na brincadeira, mas não consegue pular corda nem uma vez. Tenta de novo. Seu olhar se dirige a mim que, naquele momento batia a corda junto com uma outra criança. Reconheço neste olhar um pedido e, em função disso, o sustento fixamente. Sem tirar os olhos de mim, L pula a corda 22 vezes. Performance difícil de ser alcançada por qualquer um. Ele é ovacionado[13].

Lulli relata que sua sensação era de que o corpo do menino estava sendo sustentado por esse olhar. Mais que sustentado, o corpo de L pareceu ter se organizado nesse episódio e ganhado vida. Em um texto de 1967, intitulado *O Papel de Espelho da Mãe e da Família no desenvolvimento Infantil*, Winnicott chama atenção para a função do rosto materno, como precursor do estágio do espelho, enfatizando a distinção entre a sua concepção e a de Lacan. À questão: "o que vê o bebê quando olha para o rosto da mãe?" (p.

[13] Relato feito por Lulli Milman, na supervisão de 6/10/2005.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

154) ele responde: "Sugiro que, normalmente, o que o bebê vê é ele mesmo. Em outros termos, a mãe está olhando para o bebê e aquilo com o que ela se parece se acha relacionado com o que ela vê ali (Idem). Winnicott descreve a interpenetração do olhar da mãe com o do seu bebê como uma experiência de mutualidade, através da qual o bebê começa a experimentar o sentimento de *self*. Trata-se de um fenômeno perceptivo que é distinto da percepção, já que é relativo à etapa inicial de fusão entre eu e não-eu. Descobrir o ambiente, nesse momento, não significa, para o bebê, reconhecer a qualidade de externalidade dos objetos. Pela repetição das experiências de contato começa a haver um crescente 'conhecimento' que não é mental, mas baseado na familiaridade que vai sendo construída através dos atributos experimentados. A ênfase, aqui, repousa na experiência de continuidade de ser e no enriquecimento do sentimento de *self*. Winnicott utiliza o termo filosófico apercepção para se referir a esse fenômeno que está na base de toda e qualquer possibilidade de percepção. Ele enfatiza o fato de que, ao receber um estímulo, o sujeito o faz sempre de maneira criativa, conferindo um sentido próprio ao que está sendo 'percebido'. Ele vincula, portanto, "apercepção e percepção, ao postular (no indivíduo) um processo histórico que está na dependência de ser visto" (Winnicott, 1967e, p. 157). Uma experiência que Winnicott descreve por meio de um poema:

> Quando olho, sou visto; logo existo.
> Posso agora me permitir olhar e ver.
> Olho agora criativamente e sofro a minha apercepção
> e também percebo.
> Na verdade, protejo-me de não ver o que ali não está para ser visto (a menos que esteja cansado) (Winnicott, 1967e, p. 157).

Como observa Winnicott (1955), antes que a integração resulte em uma conquista para indivíduo – o estádio do EU SOU - há uma etapa em que o indivíduo só existe para aqueles que o observam. Digamos que, nesse contexto, ser é antes de tudo ser percebido, ser visto por um outro.

Na passagem anterior, encontramos a descrição de uma experiência de mutualidade que se estabelece a partir de um olhar correspondido. Uma experiência de contato, de intimidade a dois, indispensável ao *self* para que ele possa se tornar ele mesmo. Nessa experiência, L sente-se integrado, capacitado subjetivamente a realizar uma ação criativa num contexto, até então, inédito para ele. Ao descobrir o seu próprio *self* no olhar de Lulli, L pode retomar a continuidade da sua existência e sentir-se real. Como observa

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Winnicott (1967), "sentir-se real é mais do existir; é descobrir um modo de existir como si mesmo, relacionar-se aos objetos como si mesmos e ter um eu (*self*) para o qual retirar-se para relaxamento" (p. 161).

Na opinião de Lulli, devemos reconhecer o primeiro passo dessa intervenção no reconhecimento da maior habilidade da menina. A seu ver, este reconhecimento possibilita a diferenciação de lugares, onde ninguém se exclui e todos são diferentes. Desse modo, a existência de L como participante de uma ordem, ainda que no nível mais baixo, está garantida. O segundo momento, quando L busca o olhar, já é conseqüência desse reconhecimento anterior. O importante é que, desde então, L sentiu-se encorajado a experimentar novas situações, encontrando em outras equipes pessoas atentas à importância de poder sustentá-lo em suas investidas. Hoje, pode-se dizer que L é uma outra criança. Sorridente, perdeu a sua aparência comprometida, bem como a sua falta de coordenação extrema é uma coisa do passado. Mesmo que não possamos dizer que todos os seus problemas tenham sido resolvidos, sem dúvida a experiência vivida por L foi fundamental para o seu processo de vir-a-ser.

Episódio (II): trocando segredos - uma conversa intimista

Numa quinta-feira de Dezembro de 2005, chovia e havia poucas crianças na Casa. Uma terapeuta jogava cartas com J(9), T(9) e N(11). Nesse momento, I(12), uma criança bem problemática, que está sempre criando confusão, conhecida por sua natureza briguenta, chega e, olhando para N, pergunta: "Você já contou o que aconteceu? Você tem que contar. Elas são psicólogas e vão poder te ajudar. É aqui que você tem que falar, fala". N fica relutante e pede, ao final, para T contar o ocorrido. Há uns dois dias ela estava voltando da aula de Judô, à noite, com as outras crianças e encontrou o padrasto no larguinho próximo à creche. Ele, sem mais nem porquê, bateu muito nela e a ameaçou de bater ainda mais se ela falasse alguma coisa para alguém. Seu corpo, pernas e braços, estavam muito machucados, com hematomas e arranhões. A partir desse momento, as crianças iniciaram uma conversa num tom mais intimista, comentando ser comum o padrasto de N fazer esse tipo de coisa e que a mãe de N sabe e nada faz. J comenta: "É muito ruim a gente ter padrasto. Desde que minha mãe se casou com o meu padrasto que ela não olha mais para mim". N permaneceu em silêncio durante toda a conversa. A

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

terapeuta pergunta a N se ela não teria vontade de falar sobre isso. Ela responde que não, apenas com a cabeça, visivelmente constrangida. A terapeuta comenta que seria bom para ela se pudesse conversar com alguém da casa sobre isso. "a hora que você quiser a gente pode conversar e você pode ficar tranqüila que ninguém vai ficar sabendo de nada". N não aparece nos próximos plantões, retornando apenas na 5ª.feira da semana seguinte, no plantão da mesma terapeuta. Chega sem muita conversa e passa todo o período brincando sozinha de casinha, sem deixar ninguém entrar na brincadeira. Ela é mãe e cuida de sua filha devotadamente.

Escolhi esse episódio por acreditar que ele retrata um dos muitos usos que as crianças fazem da Casa da Árvore, no caso, explicitamente, clínico. Vale notar que tudo isso aconteceu durante um período em que o atendimento na Casa encontrava-se às voltas com as freqüentes manifestações de agressividade e violência por parte das crianças. Ainda que essas manifestações parecessem monopolizar o trabalho àquela época, percebemos que mesmo as crianças 'briguentas' atribuíam ao local uma qualidade terapêutica, o que revelava a confiança e a segurança sentidas em relação ao ambiente e às equipes.

Sentir-se compreendida em seu sofrimento permitiu a N sentir-se real e integrada, franqueando a ela a possibilidade de recriar (e restaurar), através da brincadeira, os cuidados de uma maternagem insuficiente. Como observa Costa (2004), "se sentir existindo é unir, em uma mesma história, a realidade subjetiva do que fomos e a realidade objetiva na qual seremos" (p. 109). N demonstrou que era importante que isso fosse realizado na presença e sob o olhar da mesma terapeuta: somente ela estaria em condições de avaliar o valor construtivo de sua 'brincadeira' e de seu gesto espontâneo, liberado, agora, por meio daquela conversa. Sabemos que o reconhecimento de um objetivo construtivo é fundamental para que o indivíduo possa suportar a destrutividade inerente aos impulsos de seu amor primário. Sentir-se compreendida em seu sofrimento permitiu a N experimentar um sentimento de identidade, possibilitando-lhe de abandonar o padrão da submissão e subserviência ao qual se encontrava aprisionada em seu falso *self*, encorajando-a a correr, novamente, os riscos de sua criatividade primária, através do exercício de seu amor incompadecido (*ruthless love*). As queixas com relação ao comportamento de N começaram a aparecer nas reuniões: ela agora se tornara capaz de desobedecer de forma desafiadora.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Episódio (III): vidas em construção

G e J – são dois irmãos. Quando os conheci, em maio de 2005, eles tinham respectivamente 4 e 8 anos de idade. G gostava de se fantasiar de mulher: vestia várias saias de babado e ficava dançando em frente a um espelho. Colocava-se meio de lado, de modo a poder ver seu bumbum se remexer. Quando perguntado sobre o que estava fazendo, respondia estar dançando 'funk'. Passava praticamente o tempo todo envolvido nessa atividade, não demonstrando o menor interesse em brincar com outras crianças e recusando todos os convites nesse sentido. Seu irmão J também gosta de se vestir de mulher, porém, está sempre brincando com outras crianças. Enquanto G parece ficar siderado pela imagem de seu bumbum dançando no espelho, J dá mostras de freqüentar o universo feminino de outra maneira. Além de estar sempre organizando desfiles de modas, gosta de brincar de casinha e fazer comidinha com as meninas. É ele quem lidera, geralmente, as brincadeiras das quais participa, sendo respeitado pelas demais crianças como um verdadeiro diretor de cena. É inegável seu potencial criativo na elaboração de enredos e de roteiros.

Houve muito questionamento com relação à atitude que se deveria ter frente a esses comportamentos. Algumas crianças comentavam que a mãe deles proibia que eles se vestissem dessa maneira em casa e que, possivelmente, não deixaria eles freqüentarem a Casa caso soubesse do que se passava ali. Numa das vezes em que se propôs uma reunião com os pais, a mãe deles foi a única a comparecer e falou do seu medo de eles se tornarem homossexuais, em função de eles conviverem com um tio que o é. Ela tem quatro filhos (dois homens e duas mulheres), todos os nomes começam pelo mesmo fonema - [gê] - e cada um é de um pai. G e J são os mais novos. Atualmente ela tem um namorado que não é pai de nenhum deles. Ela já tem um neto da filha mais velha, o qual é criado igualmente por ela. Ela sustenta a todos, sendo a única mão de obra produtiva da família. Em uma conversa com Jurandir F. Costa, em Dezembro de 2005, ele observou a importância para as crianças de experiências que franqueassem a possibilidade de novas identificações, que permitissem a imaginação fluir e não apenas permanecer fixada em um único modelo. Como observa Costa (2004), as falhas no processo de integração "dão lugar à imobilidade 'do sonho e da realidade psíquica' que se traduz na imobilidade da ação e da vida e na ruptura da continuidade da existência" (p. 107). Nesse ponto é que se revela a importância da ação

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

criativa, própria ao brincar do espaço transicional: somente por meio dela torna-se possível recuperar a continuidade do ser.

Costa (2004) argumenta que a vida mental se estrutura pela ação de duas intencionalidades: "uma que deriva do sistema autoregulatório do corpo e a outra da ação do corpo sobre o entorno" (Idem, p. 108). Desse modo, ele pretende marcar a diferença, significativa para a estruturação da vida psíquica, entre os resultados do funcionamento corporal e das experiências corporais. Enquanto o funcionamento corporal propicia a emergência de uma intencionalidade, oriunda da satisfação alcançada no prazer da atividade fantasmática, na experiência corporal, o prazer é obtido por meio da atividade motora e agressiva. Ainda que esses processos caminhem de mãos dadas, cada um tem a sua especificidade. Enquanto a atividade fantasmática induz o indivíduo ao engodo do prazer oriundo da satisfação das necessidades estereotipadas da auto-regulação, o prazer inerente à atividade motora agressiva e criadora, insistindo na busca pelo contato com outro ser vivo, renova a possibilidade de reparação da continuidade da existência.

Por meio do prazer fantasiado, o indivíduo retorna à fusão original, própria ao estado de dependência absoluta em relação ao outro ou ao objeto perdido; pela ação criativa, ele "segue em frente, ampliando a percepção de outros aspectos de si próprio e do ambiente" (Idem, p. 110). Sabemos que a fusão originária representa uma importante conquista do desenvolvimento emocional, constituindo-se como um ponto de ancoragem para as identificações narcísicas. Contudo, ela não é tudo. Como vimos no capítulo anterior, no processo do tornar-se pessoa, é necessário que o indivíduo possa se separar do objeto primário – a mãe -, fantasiado ou idealizado nessa etapa do desenvolvimento. Isso implica numa trajetória que abarca desde a relação inaugural (fantasiada ou idealizada) com um objeto subjetivo, até a colocação, pelo sujeito, do objeto fora da área de onipotência. "Dessa maneira, cria-se um mundo de realidade compartilhada que o sujeito pode usar e que pode retroalimentar a substância diferente-de-mim dentro do sujeito" (Winnicott, 1969d, p. 131). Vale lembrar que essa importante conquista do desenvolvimento emocional se realiza sob os auspícios da criatividade primária que, nesse momento, é indiscernível da agressividade e da destrutividade, também primárias.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Encontramos expressa nas palavras de Costa (2004) a diferenciação, muito oportuna, entre a continuidade (de ser ou existir) que se estabelece a partir da ação criativa e a indiferenciação simbiótica vivenciada pelo retorno ao estado de fusão original:

> Continuidade não é indiferenciação simbiótica ou estagnação em hábitos de prazer fossilizados. Tampouco é fechar as portas da percepção ao mundo para abri-las à rememoração. É passar pelo teste de realidade no confronto com os objetos externos. Na fantasia, nos sonhos ou devaneios, a realidade é desfigurada, porquanto reduzida ao eco de uma passado amortecido. Na ação criativa, ao contrário, ela ganha densidade e convoca o eu a recriá-la ou a respeitá-la, se não puder modificá-la. A experiência da realidade do eu nasce do desafio à realidade do outro (Costa, 2004, p. 110).

A Casa da Árvore, ao se propor como um espaço para a conversa e a brincadeira, tem um importante papel a desempenhar na facilitação dos processos que instauram no indivíduo a capacidade de usar objetos. Nos casos que resultam de falhas na provisão materna inicial, a existência de uma companhia viva, de um outro a quem a criança possa desafiar e que, ainda assim, a possa sustentar em sua trajetória, sem retaliação, é condição imprescindível à retomada do seu desenvolvimento. Dito isso, voltemos ao relato do caso.

A dificuldade de atrair a atenção de G para qualquer brincadeira era enorme – nada parecia perturbá-lo em seu êxtase. Em Junho de 2006, quando a transformação de G era comentada numa reunião de supervisão, uma das atendentes contou que já fazia um bom tempo que vinha adotando a técnica de ficar 'colada' nele, durante os plantões, incentivando-o a participar das atividades. Os resultados são assombrosos. G quase não vai mais ao espelho e, quando vai, já não está mais fantasiado. Há dois meses, ele e R (do episódio I) estão 'unha e carne', brincando juntos animadamente, o tempo todo. Algumas desavenças entre eles já começaram a aparecer.

J é um menino extremamente criativo, dotado de enorme capacidade de liderança. Durante um bom tempo ele costumava chegar, se fantasiar de mulher e organizar alguma brincadeira, geralmente um desfile de moda, do qual a maioria das crianças participava, acatando as suas orientações. Numa das primeiras visitas que realizei presenciei uma cena que me deixou intrigada. J estava sentado na parte de dentro de um alambrado reservado à caixa d'água e parecia acabrunhado. Enquanto isso, do lado de fora do alambrado, mas bem próximo de J, outras crianças brincavam animadamente. Perguntei a elas sobre o que era a brincadeira e A (11), um menino grande e forte, me respondeu: -

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Estamos brincando de loja: eu sou o dono da loja e eles (fez um gesto indicando J e uma menina) são os meus funcionários. A continuou, apontando para J, - "ele está de castigo porque veio trabalhar vestido de mulher e eu não dou 'essas confianças' para empregado. Não pode!", exclamou. Fiquei intrigada como J tinha acatado as ordens de A, ainda que se tratasse de uma brincadeira. Em Dezembro de 2005 aconteceu um episódio marcante. Em Outubro as crianças haviam participado de uma filmagem, feita por uma das equipes e que tinha por objetivo uma apresentação em um congresso. Nela, um desfile de modas organizado por J havia sido amplamente retratado. Com a proximidade do fim do ano, resolveu-se passar o vídeo para que as crianças pudessem se ver. Elas ficaram eufóricas. No entanto, no momento em que J se viu na tela o ambiente se transformou: o desespero tomou conta dele, deixando-o totalmente transtornado. Chorando e muito descontrolado ele pediu para parar a exibição. J não apenas foi atendido no seu pedido, como também foi assegurado de que o vídeo não seria passado para mais nenhuma criança da Casa.

Desde Outubro de 2005, quando as manifestações de agressividade e violência nos plantões começaram a ficar mais freqüentes, J deixou de ser o único na liderança das brincadeiras. Aparentemente, isso não foi um problema para ele, que estava sempre conversando ou brincando. Os desfiles de modas começaram a ficar mais esparsos e, cada vez mais, ele sentia menos necessidade de se fantasiar de mulher durante os plantões. Ultimamente, as mudanças de ambos, de J e de G, eram motivos de comentários recorrentes nas reuniões. Recentemente, após um mês em que eles faltaram de maneira incomum, uma criança contou a razão: a mãe deles ficara sabendo, através de uma menina, que eles se vestiam de mulher na Casa. Dias depois, J apareceu acompanhando G e contou o ocorrido. Percebemos que, durante todo o tempo, J esteve preocupado se G se comportava adequadamente: não se vestindo de mulher ou usando brinquedos femininos. J confessou que seu medo é de que a mãe os proíba novamente de freqüentarem a Casa.

Sem dúvida, o caso desses dois irmãos levanta uma série de questões que apontam para os limites de um atendimento dessa natureza. Por exemplo, as crianças não chegam com uma demanda formal de tratamento. Do mesmo modo, existe uma dificuldade enorme de acesso à história familiar de cada criança. Esses limites, no entanto, não devem ser considerados em seu caráter restritivo mas sim, qualificativo. Na realidade, o trabalho da Casa da Árvore se constrói e se renova a partir desses limites.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Como analistas de crianças estamos sempre correndo o risco de portar um saber antecipado sobre elas, que amorteça o impacto das novidades e das surpresas que elas nos reservam. Nesse sentido, vale lembrar que Winnicott foi um dos poucos a enfatizar, de maneira incomum, a importância de o analista poder suportar em sua *práxis* um não saber. A expressão 'ficar colada', utilizada pela terapeuta, é um jargão comum de ser escutado nas supervisões da Casa da Árvore. Ela foi cunhada com o intuito de descrever a atitude de uma companhia viva que, por meio de uma atenção sensível, busca mitigar o sofrimento de cada criança, identificando e atendendo às suas necessidades no aqui e agora de cada encontro. Certamente, daí provém os efeitos terapêuticos do *holding*, responsável pela emergência de um saber não antecipado, construído, muito mais, a partir da sensibilidade do que da razão.

Como nos lembra Costa (2006)[14], Winnicott nos legou uma série de critérios para a avaliação da cura clínica. Primeiramente, encontramos a capacidade de *concern*, que aponta para o desenvolvimento que deve acontecer a todo indivíduo, de modo que ele possa assumir "plena responsabilidade por *todos* os sentimentos e idéias que acompanham o estar vivo" (Winnicott, 1960d, p. 153 – o grifo é do autor). No entender de Winnicott, a conquista da capacidade de *concern* deve ser o objetivo de todo tratamento e só pode ser alcançada por uma pessoa plenamente integrada. Costa (2006) ressalta ainda, dentre esses critérios de avaliação, a capacidade de o indivíduo ficar só, bem como a capacidade dele poder retornar, através do brincar, à condição da não-integração primária, como forma de relaxamento.

Vale assinalar, no entanto, a enorme diferença que há entre a proposta de Winnicott e a teoria psicanalítica tradicional. Na análise tradicional a criatividade é um fenômeno secundário que encontra a sua origem na atividade reparadora; ou seja, o paciente só alcança uma atitude construtiva mediante a conscientização da própria destrutividade. Em contrapartida, em Winnicott, a criatividade é primária e encontra-se associada ao componente agressivo dos impulsos do amor primário. O corolário disso é que, para ele, *são as experiências construtivas que capacitam o indivíduo a experimentar sua destrutividade*, mais especificamente, é o exercício dos impulsos agressivos/criativos, em um ambiente de *holding* satisfatório, que franqueia ao indivíduo essa possibilidade. Por

[14] Este parágrafo foi redigido a partir das anotações sobre a palestra proferida por Jurandir F. Costa, no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, em 13 de Março de 2006.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

holding satisfatório, entendemos um *holding* capaz, dentre outras coisas, de sobreviver sem retaliação aos impulsos impiedosos do *self* emergente.

Ao longo do seu trabalho, cada vez mais, Winnicott afirmaria a importância vital do brincar para o desenvolvimento emocional do indivíduo. De maneira enfática, em 1971, ele declara que o objetivo de toda análise deve de ser o de favorecer essa conquista pelo paciente. No seu entender, o brincar é essencial porque é por meio dele que o indivíduo manifesta a sua criatividade primária, veículo primordial de toda e qualquer possibilidade de desenvolvimento. Trata-se de uma tese que ele formula da seguinte maneira:

> *A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas de do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em conseqüência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é dirigido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que o é* (Winnicott, 1971c, p. 59 – o grifo é do autor).

O trabalho realizado na Casa da Árvore, ao fomentar uma postura ética, que tem por objetivo criar as condições necessárias para que o brincar aconteça, encontra enorme sintonia com a proposição de Winnicott. Sabemos da importância de uma provisão ambiental satisfatória para a facilitação dos processos maturacionais da criança. A oposição sensível e responsiva de uma companhia viva é condição fundamental para a jornada que se inicia na paradoxal experiência criativa de destrutividade primária, chegando até à conquista pela criança dos sentimentos normais de ódio e agressão. Nesse percurso, é essencial que as crianças possam dispor de oportunidades para contribuir, para a atividade criativa, para o jogo imaginativo e o trabalho construtivo.

5.2.4 Dias de fúria: o desafio das manifestações agressivas e destrutivas no dispositivo terapêutico

> *Podemos formular um princípio fundamental da existência:* ***aquilo que advém do verdadeiro self é sentido como real (e mais tarde como bom), qualquer que seja a sua natureza, de qualquer modo sempre agressiva****; aquilo que ocorre no indivíduo como reação à invasão operada pelo ambiente é sentida como irreal, fútil (e mais tarde mau), entretanto sensualmente satisfatório (Winnicott, 1954 – o grifo é nosso).*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Desde que iniciei as visitas à Casa do Chapéu Mangueira, em maio de 2005, venho acompanhando o trabalho que ali se realiza semanalmente, seja por visitas ao local, seja através dos relatos das equipes em supervisões e reuniões. Durante um período de, aproximadamente, um ano e meio pude acompanhar a emergência e a evolução da questão relativa às manifestações de agressividade e destrutividade, durante os plantões. Vale ressaltar que, apesar dessas manifestações estarem presentes desde o começo, elas só se tornaram um 'problema' em meados de outubro de 2005. Até então, elas ficavam dentro de parâmetros que não despertavam atenção, nem justificavam uma discussão nas reuniões. Tenho muito nítida na lembrança a reunião de supervisão, na qual, pela primeira vez, o problema surgiu. Algo havia mudado no comportamento das crianças, mesmo que não se pudesse dizer, naquela ocasião, o quê e o porquê. Trago em seguida as anotações que fiz àquela ocasião.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

5ª. feira, 20 de Outubro de 2005

Hoje, na supervisão, a conversa girou em torno da questão da violência (termo utilizado pelo pessoal da equipe) das crianças durante os plantões. Duas terapeutas chegaram agitadas, contando que o plantão (do qual acabavam de chegar) havia sido terrível: vinte e seis crianças e apenas elas duas: a terceira tinha ficado doente e não compareceu. As crianças estavam insuportáveis, brigando de modo generalizado. Elas relatam que um primeiro episódio dessa natureza havia acontecido na última terça-feira, quando oito meninos haviam 'tocado o terror', como eles dizem, o período todo. Hoje, um grupo de seis ocupou a casinha (nova) de madeira e não deixou mais ninguém entrar. Em represália, as outras crianças montaram uma outra casa ao lado, com os restos da antiga casa de plástico. Nessa brincadeira T-O-D-O-S os brinquedos foram levados para fora, a fim de mobiliar as duas casas e, era justamente em relação a eles que aconteceram a maior parte das disputas. Brigas e mais brigas, que fizeram as terapeutas, por várias vezes, ameaçarem fechar a casa: - "Pessoal, assim não vai dar! Nós vamos ter que fechar!" A balbúrdia era tanta que a mãe de uma menina que mora nas proximidades, ouvindo os gritos, resolveu aparecer para ver o que estava acontecendo. Uma das terapeutas tentou tranqüilizar a mãe: - "Não é nada não, não precisa se preocupar! Sabe como é criança!... é assim mesmo. Pode deixar que está tudo sob controle". A mãe, mesmo desconfiada, foi

embora. Daqui a pouco a avó de um dos meninos que comandavam a arruaça apareceu – a mãe da menina havia telefonado contando que o seu neto estava impossível. Novamente a terapeuta buscou tranqüilizar, agora a avó: "Não é nada não, não precisa se preocupar! Sabe como é criança!...

No entanto, em meio a essa situação de briga generalizada que beirava o caos, houve uma intervenção que mostrou ter um efeito transformador. Uma das terapeutas tentava intermediar as brigas quando eles propuseram construir duas novas casas, que agora seriam uma para as meninas e outra para os meninos. A terapeuta discordou argumentando que desse jeito as coisas continuariam na mesma. Ela, então, propôs: "Por que vocês, ao invés de separar as casas, não constroem uma casa só, mas com vários ambientes? Toda casa é assim, tem cozinha, sala, banheiro... E cada um fica aonde quiser". As crianças aceitaram prontamente a sugestão e, como num passe de mágica, a situação como um todo se transformou.

Após construírem uma casa grande, com vários ambientes, decidiram dar uma festa. Todas as crianças acabaram participando da brincadeira. Era uma festa de criança, o aniversário de um ano do filho da 'Maria'. Havia gente namorando, bebendo 'skol gelada', embriagada, enrolando e fumando baseado e cheirando pó. O que foi acompanhado dos seguintes comentários, feitos pelas próprias crianças: "Olha isso aqui é uma festa de criança, não dá pra fumar aqui! Tem que ser lá fora" "Fumar maconha tudo bem, mas cheirar, não. Aí já é demais!"

Essa semana, em Outubro de 2005 - um ano e dois meses após o início do atendimento -, marcou o começo de uma temporada que bem poderia ser chamada 'dias de fúria'. A brincadeiras de fazer baseado, fumar maconha e cheirar cocaína tornaram-se freqüentes, alternando-se com episódios de briga generalizada. - "Violência por nada. Basta alguém falar alguma coisa e de repente todos estão brigando", diria uma terapeuta.

Antes de prosseguir, alguns comentários são necessários. Primeiramente, é preciso esclarecer o porquê da referência aos fenômenos em questão em termos de manifestações agressivas e destrutivas e não de violência. Como foi comentado no capítulo 2 desta tese, atualmente, quando empregamos a palavra violência corremos o sério risco de alocar sob a mesma rubrica fenômenos de natureza muito distinta. No entanto, a partir de Winnicott, ao fazermos coincidir a agressividade, em sua origem, com a motilidade

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

inerente à afirmação da própria vida, torna-se possível restaurar uma certa pluralidade fenomênica. Como já tivemos oportunidade de observar, em sua perspectiva, além de chamar atenção para a importância de o analista poder distinguir entre o plano das idéias e o da experiência, ele entende que a base para o estudo da agressividade real deve implicar, em todos os casos, em um estudo sobre as raízes da intenção agressiva. Em outras palavras, enquanto o 'comportamento' agressivo se manifesta no ser humano, desde os albores da sua existência, a intenção agressiva é uma conquista do seu desenvolvimento emocional. O corolário disso é que as manifestações agressivas devem de ser avaliadas em relação às etapas do desenvolvimento infantil, o que permite que a violência seja considerada apenas uma dentre as várias vicissitudes possíveis da agressividade, aquela que veicula um desejo de destruição. Para Winnicott, a agressividade é o motor propulsor do desenvolvimento. Não apenas a manifestação agressiva modifica as suas características à medida que o bebê cresce, como também o seu sentido varia, de acordo com o ambiente com que o indivíduo se depara. Impossível avaliar o sentido de uma manifestação agressiva ou destrutiva sem levar em conta o contexto no qual ela se encontra inserida. O termo *violência* será utilizado em duas situações: quando for apropriado à descrição de um fenômeno ou consistir numa referência à fala dos terapeutas, que o utilizam de forma coloquial.

Assim sendo, é importante lembrar que estamos falando de crianças que, em sua maioria, têm entre 6 e 12anos e, portanto, ainda se encontram em vias de formação tanto do caráter quanto da personalidade. Além do mais, na medida em que essas manifestações não estiveram presentes desde o início, devem ser consideradas como um efeito do próprio atendimento. Vejamos, então, como isso poderia ser. Em se tratando de crianças que, de algum modo e em alguma medida, tiveram o seu desenvolvimento detido em virtude de falhas ambientais, o que se busca, em todos os casos, é a provisão de um ambiente no qual, cada criança, a partir de sua carência e de sua incapacidade, possa "crescer e aprender a testar e a experimentar tudo aquilo que até então era uma tentativa de autocura emudecida, ferida e vingativa" (Khan, 2000, p.36). O que se pretende é que, por meio de um ambiente confiável e seguro, cada criança possa dar seguimento ao seu desenvolvimento, no seu próprio ritmo e no seu próprio rumo. Em suma, que cada criança possa avançar em seu processo de integração, de tal modo que um verdadeiro *self* possa, então, emergir sem sentir mais ameaçado nem pela aniquilação nem pela submissão.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Nesse ponto, duas observações nos ajudam a compreender, não apenas o porquê da importância vital das manifestações agressivas em todo e qualquer dispositivo terapêutico, como também o incremento dessas manifestações como um sinal de que a tarefa terapêutica a que a Casa da Árvore se propõe está alcançado os seus objetivos. Em primeiro lugar, devemos lembrar que para Winnicott, *a emergência do verdadeiro self, em todos os casos, tem sempre uma qualidade agressiva*. Como tivemos oportunidade de ver no capítulo 4, o gesto espontâneo – leia-se agressividade/criatividade/destrutividade primárias – é o verdadeiro *self* em ação. É imprescindível aos implacáveis impulsos do amor primário (*ruthless love*) poder dispor de um acolhimento pessoal sensível, tolerante e sem retaliação. Uma oposição responsiva propiciada por uma companhia viva que, sobretudo, sobrevive aos seus ataques impiedosos.

Em segundo, é preciso levar em conta a questão da tendência anti-social, presente, em alguma medida, na maior parte da população de crianças que freqüenta a Casa da Árvore. Estamos falando dos casos em que a criança sofreu a perda de algum(s) aspecto(s) essencial (ais) da vida familiar, num estágio de dependência relativa, no qual já era possível responsabilizar o ambiente pelo ocorrido - uma de-privação. As coisas iam bem para a criança e, de uma hora para outra, deixaram de ir. Nessa condição, a criança se vê diante de duas alternativas: aniquilar seu verdadeiro *self* ou sacudir a sociedade até que esta lhe forneça a cobertura necessária. Winnicott chama atenção para o fato de que, nesses casos, "toda vez que as condições fornecem um certo grau de novas esperanças, *então a tendência anti-social transforma-se numa característica clínica: a criança torna-se difícil*" (Winnicott, 1967b, p. 84 – o grifo é do autor). Sempre que a criança sentir alguma esperança de retorno da confiança e da segurança que haviam sido perdidas o que emerge é um S.O.S, um pedido de ajuda, dirigido ao meio ambiente, em termos de roubo ou de uma explosão agressiva. Segundo Winnicott (1956b), "a tendência anti-social caracteriza-se por um *elemento que compele o ambiente a tornar-se importante*" (p. 409). Por meio de impulsos inconscientes, a criança obriga a alguém se encarregar de cuidar dela, atendendo as suas necessidades. Para a criança, o retorno da segurança significa a possibilidade de poder redescobrir a própria agressividade. A partir dessas considerações, não é difícil perceber que a questão da agressividade é inerente a um atendimento clínico dessa natureza. Podemos até dizer que se trata da 'substância' mesma a partir da qual ele se faz.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Por outro lado, como tivemos oportunidade de acompanhar nos capítulos 3 e 4 desta tese, as possibilidades de manifestação da agressividade e da destrutividade além de inúmeras, estão intrinsecamente relacionadas à questão da criatividade.

Ainda que essas observações sirvam de subsídio para a compreensão da natureza das manifestações agressivas e destrutivas, esse auxílio tem um caráter limitado pelo fato de não podermos evitar tais manifestações. Há um comentário de Winnicott acerca das dificuldades que são inerentes aos pais em sua tarefa de criar os filhos, que se mostra muito oportuno a todos aqueles que se encarregam de cuidar de crianças em desenvolvimento, especialmente aquelas que se aproximam da adolescência:

> É importante observar que, embora tenhamos cumprido bem nossa tarefa durante os estágios primitivos e observado resultados positivos, não podemos contar com um melhor funcionamento da máquina. *Na verdade, podemos esperar por problemas*. Certas dificuldades são inerentes a esses estágios posteriores (Winnicott, 1968g, p. 194 – o grifo é nosso).

Winnicott (1968g) nos adverte de que, mesmo nos melhores casos, ou seja, aqueles que puderam contar com uma maternagem suficientemente boa nas etapas iniciais do desenvolvimento, *devemos esperar por problemas*. Tais problemas são relativos às descobertas que cada criança é levada a fazer sobre si mesma, à medida que cresce e se depara com a totalidade de sua realidade interna, e isso incluirá a sua agressividade e os elementos destrutivos aí existentes. Considerando-se que os transtornos da agressividade, em última instância, resultam das falhas do meio ambiente nas etapas iniciais do desenvolvimento, podemos imaginar o quanto esses 'problemas' não se agravam, em se tratando de crianças que, em alguma medida, são carentes de algum(s) aspecto(s) dessa maternagem suficientemente boa. Feitas essas observações, podemos prosseguir no relato.

A repetição compulsiva da brincadeira de fazer baseado, fumar maconha e cheirar cocaína, alternando-se com episódios de briga generalizada, além de deixar as equipes totalmente mobilizadas, sem saber como lidar com a situação, tornou-se motivo de discussão e preocupação nas supervisões. Em um plantão de Novembro de 2005, a balbúrdia foi tamanha que o dentista do posto de saúde (a Casa da Árvore fica em cima do Posto de Saúde) veio reclamar, dizendo que alguma coisa deveria ser feita porque daquele jeito era impossível trabalhar. O mal-estar junto às equipes é enorme: o sentimento de impotência e ultrapassamento abate a todos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

À tarde, na reunião de supervisão, a repercussão que a repetição desses episódios pudesse ter na comunidade foi motivo de grande preocupação e discussão. Além do Posto de Saúde, ao lado e à frente da Casa, algumas casas da comunidade estão bem próximas e na mesma altura. Certamente, do interior delas, é possível acompanhar em detalhes (visuais e auditivos) tudo o que se passa durante os plantões. A tia de um dos meninos que freqüentam a Casa mora ao lado e, por mais de uma vez, já expressou sua desconfiança com relação ao trabalho: - "Aqui pode cada coisa!". Do outro lado, um pouco mais distante, mas ainda perto o suficiente para um acompanhamento auditivo e visual acurado, está o pátio aberto da creche comunitária. É comum encontrarmos as funcionárias e as crianças olhando, curiosas, o desenrolar das atividades. Decide-se que seria bom chamar alguém de fora para uma supervisão. O nome de Jurandir Freire da Costa é o escolhido.

Mas, como 'Deus é Pai', providenciou uma trégua: um período de chuvas e feriados contribuiu para desmobilização de toda essa agitação: a freqüência diminuiu, os ânimos se acalmaram, trazendo a tranqüilidade de volta aos plantões, melhor dizendo, a níveis toleráveis de agitação. O último plantão de Dezembro foi marcado por um tiroteio. Durante o recesso de fim-de-ano uma menina que freqüenta a Casa foi baleada no ombro por uma bala perdida. Em janeiro, o ano começa de mansinho: as crianças estão no período de férias escolares, freqüentando a colônia de férias que é oferecida pelo exército, no Forte do Leme. A freqüência é bem menor, só aumentando próximo da hora de encerrar o expediente.

Em Fevereiro volta tudo ao 'normal'! As crianças insistem nas brincadeiras de fumar baseado e cheirar pó, alternando com os episódios de explosão agressiva. A grande questão é como lidar com esse tipo de situação. Permitir? Mas, como? Por um lado, essa 'brincadeira' parece deixar as crianças extremamente agitadas/excitadas, por outro, essa agitação/excitação se transforma, com muita facilidade, em uma explosão de destrutividade: - "do nada!". É difícil para os terapeutas suportarem a destruição dos brinquedos: - "Eles quebram tudo. Não adianta falar". Eles comentam que as crianças parecem nem se dar conta dessa destruição, tamanha a naturalidade com que elas jogam brinquedos pela janela. - "É impressionante! Não é uma questão de raiva". Abre-se uma discussão sobre a questão dos limites que traz à tona a questão da relação entre psicanálise

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

e pedagogia. Tem-se a nítida impressão de que alguns limites precisam ser ensinados. Mas, quais? Como?

Nesse ponto, vale a pena abrir um parêntese e lembrar da importância que Winnicott (1967b) atribui aos limites – a moldura – que a função paterna instituída pelo pai real provê. Trata-se de limites que dão ao ambiente a qualidade de *ser indestrutível*, fornecendo a segurança necessária para a criança explorar o ambiente a partir de seus impulsos e idéias destrutivas. O comportamento agressivo efetivo de uma criança é, portanto, uma conquista que só é possível em decorrência do rigor paterno. Toda criança, para levar a cabo a complexa tarefa de integrar seus impulsos destrutivos aos amorosos, "*requer, de modo absoluto, um ambiente que seja indestrutível em certos aspectos essenciais*" (p. 86 - o grifo é do autor). Um ambiente no qual ela, sentindo-se à vontade para colocar à prova toda a sua destrutividade, encontra os meios de conviver com a realidade de suas idéias destrutivas, que são inerentes ao viver e ao amar, protegendo de si mesma as pessoas e os objetos que ama. Winnicott, como foi visto ao longo dos demais capítulos, não cansa de enfatizar a importância do meio ambiente para a conquista, pela criança, dessa etapa complexa do desenvolvimento que, no entanto, não pode ser omitida.

> Sem um ambiente humano e físico limitado que ela possa conhecer, a criança não pode descobrir até que ponto suas idéias agressivas não conseguem realmente destruir e, por conseguinte, não pode discernir fantasia de fato. Sem um pai e uma mãe que estejam juntos e assumam juntos a responsabilidade por ela, a criança não pode encontrar e expressar seu impulso para separá-los nem sentir alívio por não conseguir fazê-lo. O desenvolvimento emocional dos primeiro anos é complexo e não pode ser omitido, e toda criança necessita absolutamente de um certo grau de ambiente favorável se quiser transpor os primeiros e essenciais estágios desse desenvolvimento (Winnicott, 1947a, p. 64).

Somente em condições favoráveis a destruição fantasiosa, com tudo o que ela traz para o desenvolvimento e para o enriquecimento do *self* pode vir a ser tolerada, pela criança. Trata-se da maneira possível para o potencial agressivo/destrutivo de cada indivíduo pode vir a ter um valor positivo e representar uma conquista do seu desenvolvimento. Apenas o indivíduo que teve sorte com respeito aos cuidados maternos e paternos pode continuar a conhecer sobre a destrutividade através dos sonhos e das experiências culturais. Em suma, de toda contribuição feita à sociedade, ao perseguir objetivos pessoais, por meio de atividades que envolvem o *self* total e fornecem o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

sentimento de sentir-se real. Digamos, através de todas as realizações que se originam do ser.

Winnicott (1967c) confessa ter demorado uns quatro anos para chegar a uma coisa bem simples: a existência de dois tipos de de-privação na origem da tendência anti-social. Uma coisa é a perda da mãe, a outra, muito diferente, é perda do pai. "O importante, segundo ele, "é a moldura, a força – a privação em termos disso" (440). Quando a criança sofre uma perda em termos do controle ambiental, ela perde completamente a sua identidade, a sua impulsividade e espontaneidade. Ela assume, então, o controle, identificando-se com a situação parental ou com o meio ambiente. O corolário disso é que quando, novamente, ela começa a experimentar a confiança em um controle externo, a primeira coisa que faz é testar se os controles serão suficientes. Ela se torna, então, agressiva (difícil ou destrutiva). Para Winnicott, o ponto principal é que elas estão começando a existir. Trata-se de uma experiência de extrema importância para a criança. Somente através dela é possível completar a tarefa complexa relativa ao desenvolvimento dos impulsos agressivos e destrutivos, interrompida pela falha na provisão paterna. Tal qual um bebê, que por inúmeras vezes, ao fechar os olhos, destrói os pais e eles permanecem lá, a criança descobre que destruiu o mundo muitas vezes, mas, contudo, o mundo ainda se acha lá. Somente experimentando os limites de um ambiente indestrutível, torna-se possível para a criança perceber que existe uma fantasia de destruição que é diferente da realidade. Uma lição essencial que nem todas as crianças têm a sorte de ter acesso quando ainda são bebês, mas que, no entanto, é imprescindível aprender para poder seguir à adiante, desfrutando do valor positivo de suas moções agressivas e destrutivas.

De um modo geral, podemos localizar o ponto de origem de toda delinqüência e violência que encontramos na sociedade nas experiências de de-privação relativas às etapas iniciais do desenvolvimento. Seja em relação aos cuidados maternos, seja em relação aos cuidados paternos. Clinicamente, esses dois tipos estão relacionados entre si, ainda que a ênfase possa recair mais sobre um em determinado momento. O primeiro encontra expressão no roubo, e aponta para a ocorrência de uma de-privação em um momento anterior à explosão agressiva. A provisão dos limites paternos, no entanto, ao estar diretamente relacionada ao desenvolvimento das moções agressivas e destrutivas, é imprescindível ao processo de recuperação de ambos. Em sua origem, esses fenômenos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

acontecem de forma corriqueira em toda família. Daí, Winnicott ter formulado o conceito em termos de uma tendência, própria à natureza humana. A criança sofre uma de-privação (mesmo que relativa) e reage a ela lançando mão de algum comportamento anti-social. Durante um certo período, os pais respondem de forma indulgente, compreendendo que a criança está passando por uma fase difícil. A compreensão, a tolerância e a restauração da provisão ambiental contribuem para a superação do problema, após um certo período, sem maiores problemas. Por outro lado, a delinqüência aponta para a existência de uma de-privação que não pode ser superada: defesas rigidamente estabelecidas, agravadas por ganhos secundários. Desse modo, quanto mais prontamente as crianças que sofreram algum tipo de de-privação puderem ser atendidas em seus apelos desesperados por uma provisão ambiental adequada, maiores serão as chances de recuperação. Aqui se revela a importância do atendimento realizado pela Casa da Árvore como um trabalho de prevenção. Fecha parêntese.

Não sei se quem lê um relato como esse consegue imaginar o que significa suportar vinte e cinco crianças 'tocando o terror'. Pensar sobre essas questões à distância é uma coisa; vivenciá-las é outra muito diferente! É sentir na pele a sensação de caos, de desespero, de descontrole e de loucura que acompanha esses episódios e, ainda assim, tentar manter o controle da situação. Algo da ordem quase do impossível.

Em uma das supervisões de Fevereiro de 2006, uma das terapeutas chama atenção para um fato que, com o passar do tempo, seria uma unanimidade: quando se entra na brincadeira fica muito mais fácil de se controlar a situação. Em Março, o problema da agressividade e da destrutividade chega ao seu ápice. Ninguém mais agüenta a falta de limite e de controle das crianças. Como lidar com a questão da 'porrada'entre eles e da destruição generalizada dos brinquedos? Este é o questionamento freqüente nas supervisões. Constata-se que esse problema afeta preferencialmente a Casa do Chapéu Mangueira em todos os plantões, à exceção de 5af. pela manhã, que são os pequeninos acompanhados dos responsáveis, e segunda pela manhã (o que é um enigma - as crianças estariam com sono?). A queixa maior é sobre o estado de conservação da Casa e dos brinquedos, que estão sendo depredados pelas crianças. Tem sido freqüente as situações em que as crianças encontram-se extremamente excitadas e logo acaba virando briga generalizada. De igual modo, tem sido freqüente 'brincar' de quebrar os brinquedos: jogar

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

no ventilador, pisar para quebrar, jogar pela janela, chutar com força. As crianças ficam fora de controle, num estado em que não escutam nada e ninguém.

Na reunião geral, alguém dá a sugestão de se tirar tudo de dentro da casa. A idéia evolui e, depois de muito se debater, decide-se pela realização de "Assembléias Gerais" na próxima semana. A idéia é discutir com as crianças todas as regras e a forma de funcionamento da Casa, que voltaria a abrir, depois desse período, reformada (pintada e com os brinquedos recolocados). Fica estabelecido que o procedimento teria início na 3ª.feira, já que os plantões de 2ª.feira são normalmente mais tranqüilos. A partir de 3ª.f, à medida que as crianças fossem chegando, dever-se-ia explicar os motivos e propor a realização de uma assembléia.

Como o planejado, é realizada a 1ª. Assembléia da Casa da Árvore, no Morro do Chapéu Mangueira. Dezesseis crianças participaram, no primeiro dia. Era visível a cara de espanto de cada criança, ao chegar no plantão. Algumas perguntavam abertamente – o que aconteceu? Outras só o conseguiam fazer cochichando no ouvido de alguém. Algumas tentavam disfarçar, fazendo de conta de que nada de mais tinha acontecido. A Casa estava completamente vazia, restavam apenas as cadeiras que foram deixadas para que se pudesse sentar em roda na Assembléia. De um modo geral, as crianças receberam bem a iniciativa, conversando de maneira descontraída na 'roda' formada com a equipe e chegando, até mesmo, a irem buscar alguns faltosos. Ao ser proposta uma discussão para a elaboração de regras para a Casa, elas sugerem a confecção de um cartaz para ser colocado na parede. O resultado é bem próximo da tábua dos dez mandamentos, com o imperativo do NÃO iniciando cada proposição: Não baterás, não cuspiras, não..... Dentre os comentários das crianças que se sobressaíram estão: "Na Escola é melhor porque a professora põe de castigo". "Os pais das crianças que dão problema deveriam ser chamados para conversar". "Vocês deviam mandar para casa quando a criança estiver fazendo muita bagunça". Aliás, esse foi quase uma unanimidade entre as crianças. Outra sugestão muito recorrente foi de se fazer reunião com as mães ou responsáveis até uma vez por mês. Algumas crianças demonstraram gostar muito dessa idéia, outras pareciam ter dúvidas, mas ainda assim apoiavam. Apenas dois meninos demonstraram abertamente não gostar: - "Já pensou se minha mãe fica sabendo o que faço aqui?". Eles, que normalmente encabeçam o grupo da bagunça, haviam sido os únicos que tentaram fazer graça, em alguns momentos, falando

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

coisas mais ousadas: "- não pode tocar p..., não pode fazer saliência...". Ao final de uma hora e meia as crianças começaram a se dispersar.

Na reunião geral de 5ª. feira, discute-se o resultado das Assembléias. Todos acreditam que, de uma maneira geral, o saldo foi altamente positivo. As crianças, mesmo sabendo que aquela semana seria de Assembléias, ainda assim, retornaram na 4ª.f. e na 5ª.f.. Certamente, em número menor do que o habitual, mas retornaram. Na quarta, eles fizeram uma dramatização sobre o trabalho, encenando o papel dos terapeutas durante o atendimento. Chamou atenção o fato da equipe estar sempre às voltas com o celular. Na quinta ficaram apenas conversando. Na reunião geral, questiona-se a necessidade da reforma da Casa e da reposição dos brinquedos, para a retomada do atendimento semana seguinte. Em que medida as crianças não precisam se deparar com os resultados da destruição que elas promovem? Depois de muito se debater, fica resolvido que a Casa será pintada e que os brinquedos sofrerão uma seleção prévia quanto à adequação: brinquedos maiores (sem tantas pecinhas) e que instiguem mais o uso da imaginação. É sugerida a substituição das fantasias por pedaços de tecidos, bem como a elaboração de uma caixa de livros. É muito enfatizada que a disposição de entrar na brincadeira é fundamental, pois, contribui para a manutenção de um ambiente sem brigas. Ao final da reunião, decide-se pela realização de uma Assembléia Geral, no dia 7 de Abril, que reúna, agora, os profissionais e estagiários de todas as unidades da Casa da Árvore. A intenção é discutir de forma mais ampla a questão da agressividade e da violência, de modo que se possa incluir o papel dos terapeutas nesse processo. É sugerida a leitura do texto *O Ódio na Contratransferência*, de Winnicott.

Na semana que se seguiu à da Assembléia com as crianças, já foi possível perceber alguns efeitos: num dos plantões, as crianças fizeram uma 'roda' para resolver o problema de uma briga por um biscoito. Quando indagados sobre o que estava acontecendo, elas responderam que estavam fazendo uma assembléia.

Na Assembléia dos profissionais, a discussão girou em torno da diferença entre ética e moral, ressaltando-se a importância de que o trabalho seja conduzido por uma postura ética e não moralista. Mais uma vez é reforçada a conclusão de que as brigas só acontecem quando o pessoal da equipe está disperso. As pessoas estão bastante

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

mobilizadas, mesmo as que não trabalham no Chapéu Mangueira, estudando e discutindo. Uma nova reunião é marcada para dar continuidade aos debates.

Em Maio acontece a segunda Assembléia dos profissionais. Todos estão empenhados em discutir e descobrir novas possibilidades de encaminhamento dos problemas. Lulli abre o encontro fazendo uma breve retrospectiva sobre a história e o trabalho da Casa da Árvore, ressaltando a importância de uma política que valorize a difusão de uma atitude ética com relação à infância, mais acolhedora e respeitosa. O que significar criar uma criança? Comenta-se a diferença entre o atendimento realizado nas Casas e nas creches, observando-se a necessidade e a relevância de um trabalho voltado para os profissionais que atendem às crianças. A diferença de inserção em cada comunidade é igualmente notada. Alguém observa que toda essa mobilização foi desencadeada a partir dos transtornos causados pelas crianças do Chapéu Mangueira – a capacidade de mobilização da tendência anti-social é realmente estupenda! Os plantões de lá têm estado mais tranqüilos, o que deixa as pessoas mais relaxadas para falarem sobre o modo de intervir. Cita-se como exemplo o dia anterior que tinha transcorrido de maneira totalmente prosaica. Todos são unânimes em reconhecer isso como efeito das Assembléias realizadas com as crianças. Elas teriam aberto a possibilidade para as crianças participarem na construção de algo melhor. -"A violência nos plantões depende muito do nosso *mood*. Da nossa disponibilidade de estar ali com eles". Fala-se da importância de não se sentir obrigado a ter de criar algo extraordinário, para dar conta do trabalho. De se poder falhar e de poder 'chegar junto' com as crianças. Comenta-se sobre a brincadeira recorrente das crianças de encenar situações relativas ao tráfico: "quando a gente resolveu que não ia fazer nada com isso, acabou. As intervenções eram como se se tratasse de um assunto com outro qualquer, sem valorizar o aspecto 'drogas', em especial". Ao final da reunião, decide-se pela realização de um evento que tenha por objetivo capacitar os profissionais que trabalham em creches comunitárias[15].

Definitivamente, a partir da Assembléia realizada com as crianças, as manifestações de agressividade e destrutividade começam a ganhar novos contornos, deixando de ser 'o problema'. Inaugura-se uma nova fase que terá a duração de,

[15] No dia 2 de setembro de 2006, no Campus da UERJ, foi realizado o I Encontro para Capacitação de Profissionais de Creches Comunitárias, com 146 inscritos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

aproximadamente, seis meses. Agressividade e violência ainda são temas recorrentes nas brincadeiras mas, na maioria das vezes, as situações são todas reversíveis, a partir das intervenções das terapeutas. Por exemplo: num plantão de Maio, as crianças brincaram de boca-de-fumo, encenando todo o funcionamento, nos mínimos detalhes. Primeiro teve a venda, depois um assalto com mortes, a chegada da polícia, brigas e por fim um estupro. Não houve brigas, apesar de todos os brinquedos terem se transformado em armas. Os terapeutas apenas acompanharam, observando.

Debate-se a questão sobre o quando e o como entrar nas brincadeiras. Comenta-se um episódio em que os meninos estavam brincando de 'boca de fumo', a terapeuta se aproxima e eles pedem para ela sair, "tia, isso aqui é muito barra pesada, não é para você". A terapeuta se afasta e fica observando de longe. Com o passar do tempo, quase na iminência da porrada ela resolve intervir, perguntando sobre a brincadeira. Cada um começa a falar sobre o seu papel na brincadeira: "eu sou o dono da boca, ele é o...." A terapeuta resolve, então, perguntar sobre o que eles gostariam de ser quando crescer. A partir desse ponto a brincadeira muda e eles começam a falar sobre os seus sonhos.

Discute-se os casos das crianças que, de modo freqüente, criam problemas. A recomendação é "colar" nelas, desde a hora que elas chegam. Essa tática tem funcionado bem, promovendo uma mudança significativa no comportamento de algumas crianças.

Ao final de Maio, a sexualidade começa a estar mais presente em brincadeiras de parto e masturbação. O caos ameaça tomar conta da Casa nos momentos que antecedem a hora de fechar. As crianças pegam todos os brinquedos e começam a tacar. A estratégia tem sido guardar os brinquedos 'tacáveis' antes de chegar a hora 'H'. Tem funcionado.

Durante o mes de Junho, as crianças estão muito excitadas com o tema da sexualidade, cada vez mais recorrente. As brincadeiras de trepar, estuprar e se masturbar têm sido muito freqüentes, gerando um mal-estar enorme nos terapeutas. Como intervir? Conclui-se pela necessidade de se pensar em novas formas de abordagem, observando-se que "eles não testam limites, eles pedem presença". Levanta-se a possibilidade de se fazer um grupo para maiores de 15 anos, que pudesse abordar questões tipo o primeiro namorado. Com o passar do tempo, algumas crianças, que freqüentam a Casa desde a inauguração, começam a ultrapassar o limite estipulado dos 12 anos e esse tipo de conversa tornou-se mais freqüente.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Em Julho e Agosto ocorrem vários plantões tranqüilos, nos quais as crianças maiores brincam de pique-pega, guerra de almofadas, etc., enquanto os menores brincam de boneca. Os comentários nas supervisões, ao invés de serem gerais, são, agora, mais pessoais. Houve um dia em que uma menina pediu para conversar sobre menstruação. A conversa 'rolou na maior', com muitas crianças participando e acabou tocando na questão das brigas. Por ocasião de uma filmagem no morro, coloca-se em discussão na supervisão a questão da dificuldade de se discernir entre o que é fato e o que é fantasia. Às vezes, a mesma coisa acontece nos plantões, é difícil saber o que é brincadeira e o que é realidade – quando a porrada é "pra valer ou não". Na semana seguinte houve um novo tiroteio, mas este era de verdade. A sexualidade deles tem estado à flor da pele. Num dos plantões, eles brincaram de 'jogar o ursinho de pelúcia'. Uma brincadeira que juntava sexo, agressividade e amor e que, em nenhum momento deixou de ser brincadeira - porrada sexualizada - própria da idade de 12-14 anos. "Só poderia ser com um ursinho de pelúcia. Foi muito divertido e não deu em nenhuma confusão". Uma terapeuta relata que ficou 'filosofando', por uns quarenta minutos com um menino. Ele começou falando sobre o filme Mulan (Walt Disney) e aí a conversa chegou no símbolo do Tao. Ele dizia que não concordava com a idéia de que aquilo significa 'o mal que há em Deus e a bondade que há no Diabo'. - "Deus tem que ser todo bom, se tem maldade não é Deus", era o seu argumento.

Na última semana de setembro voltam as queixas sobre as manifestações agressivas e destrutivas nos plantões. Esse tema norteará as discussões das reuniões, durante o mês de Outubro. O mal-estar com a situação é geral, como se todos os progressos que se acreditava terem sido alcançados tivessem ido por 'água à baixo'. Um clima de retrocesso parece abater a todos. Busca-se encontrar as falhas na condução dos problemas, atribuindo-se a uma certa filosofia de que "na Casa da Árvore, tudo pode", esse estado de coisas. Discute-se sobre a necessidade de se estabelecer limites mais rígidos e definidos. Mas quais? Alguns comentários se sobressaem: -"Precisamos nos antecipar!", -"Esses episódios não podem ficar se repetindo dessa maneira, precisamos fazer alguma coisa". As dúvidas e as incertezas são muitas e inauguram um novo período de debates, na busca por melhores soluções para o encaminhamento dos impasses. Termina aqui o período de observação das atividades que serviu de subsídio à esta tese.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

5.2.4.1 A tendência anti-social e o dispositivo terapêutico

Como entender esse retorno das manifestações agressivas e destrutivas? Como avaliar o impacto desse retorno sobre os terapeutas? Como um misto de desânimo e decepção pode se instalar, tão rapidamente (bastou uns poucos episódios) sobre eles? As dificuldades enfrentadas por uma proposta terapêutica dessa natureza estavam bem ali, palpáveis, encarnadas pela presença viva e sensível de cada um deles, apontando para a enorme diferença que há entre pensar e vivenciar esses acontecimentos em meio ao 'calor da luta'.

Segundo Winnicott (1956b), a compreensão de que *a tendência anti-social é uma expressão de esperança* é vital, tanto para a avaliação como para o tratamento de fenômenos dessa natureza. Isso, no entanto, envolve a aceitação de alguns pressupostos: em primeiro, o processo de amadurecimento pelo qual toda criança passa e em segundo, a existência de forças que impulsionam o indivíduo em direção à saúde. Winnicott (1965) acredita que sempre que a esperança for renovada para a criança, ela produzirá um sintoma (roubar ou ser roubado, destruir ou ser destruído), obrigando o meio não apenas a notar, como também a atuar. O indivíduo é impelido a fazer com que meio corrija a omissão sofrida e não esquecida. Sob a rubrica da tendência anti-social devemos alocar não apenas as manifestações agressivas e destrutivas, mas qualquer reclamação da criança que exija, daqueles que dela se ocupam, "*uma dose de energia, tempo, credulidade e tolerância além da que parece ser razoável*[16]" (p.295 – o grifo é nosso). O poder de mobilização da tendência anti-social é enorme. Vide, no relato do caso, a série de assembléias, discussões e modificações que foram desencadeadas e implementadas a partir das manifestações agressivas e destrutivas das crianças. A manifestação da tendência anti-social é o meio que o paciente encontra (inconscientemente) de obrigar que o tratamento seja adaptado às suas necessidades.

Se consideramos com Winnicott, que uma criança que sofreu algum tipo de deprivação é uma criança *carente*, seria um raciocínio muito simplista imaginar que, apenas com uma provisão ambiental satisfatória as coisas estariam resolvidas e, como num passe de mágica, a criança retomaria o passo do seu desenvolvimento. Antes de qualquer coisa, é

[16] Winnicott observa que este critério deve ser mantido ainda que ele varie de pessoa para pessoa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

importante tentarmos compreender o que se passa com a criança nessas condições. Isso envolve, além de uma séria exploração sobre as condições que estiveram presentes à época do fracasso ambiental, uma compreensão sobre a questão do desenvolvimento emocional do indivíduo. Um conhecimento que se mostra indispensável tanto para a avaliação do caso quanto para o acompanhamento da evolução do tratamento. Por exemplo, uma manifestação de raiva, além de indicar que existe esperança – mesmo que momentânea -, pode sinalizar a conquista, pela criança, de uma integração que a torna "capaz de sentir o choque entre o que é concebível e o que é realmente possível de ser encontrado no que chamamos de realidade compartilhada" (Winnicott, 1950, p. 200).

De um modo geral, nos casos de de-privação, "o ódio ao mundo está em algum lugar, e enquanto este ódio não for sentido não poderá haver saúde" (Idem, p.198). Desse modo, à medida que a criança começa a melhorar, em função dos benéficos experimentados por uma provisão ambiental adequada, ela se tornará cada vez mais capaz de enfurecer-se com as falhas ambientais do passado. No entanto, os sintomas que ela manifesta - tentativas de recuperação do que lhe é devido -, estão fadados ao fracasso em virtude dela não ter consciência do que está acontecendo - a criança não sabe (conscientemente) da de-privação original. Uma quantidade enorme de material, em termos de sentimentos e memórias associadas ao fracasso ambiental, não é acessível à consciência. O indivíduo encontra-se diante de duas alternativas: aniquilar o verdadeiro *self* ou, quando há esperança, mobilizar a sociedade, a fim de reivindicar o que lhe é devido.

Como já mencionamos, as falhas na provisão dos cuidados de uma criança são corriqueiras e podem ser 'curadas' normalmente por um período de 'mimos', no seio da própria família, compreensiva das dificuldades pelas quais a criança está passando. Contudo, quando a família é insensível (mesmo involuntariamente) a essas falhas, a criança segue em frente com certos danos. Por um lado, ela buscará acomodar as coisas de modo que se torne possível viver, apesar de seu desenvolvimento emocional ter sido detido. Por outro, ela estará sujeita a atuar (*acting out*), sempre que lhe parecer possível forçar o ambiente a realizar a cura – os momentos de esperança. Winnicott (1963d) utiliza a expressão *distúrbio de caráter* para descrever a distorção da personalidade que ocorre "*quando a criança necessita acomodar algum grau de tendência anti-social*" (p. 185 – o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

grifo é do autor). Trata-se de uma tentativa da criança de se adaptar às deficiências e anormalidades de seu desenvolvimento:

> A criança ao acomodar a tendência anti-social que carrega, pode ocultá-la, desenvolver uma formação reativa contra ela, se tornando um moralista, pode desenvolver uma querela e adquirir um caráter lamuriento, pode se especializar em devaneios, mentira, atividade masturbatória crônica média, enurese noturna, chupar o dedo compulsivamente, esfregar coxas, etc., ou pode periodicamente manifestar a tendência anti-social (que é sua) como distúrbio de conduta. Este último sempre associado à esperança, e é ou da natureza do roubo, ou atividade agressiva (Winnicott, 1963d, p. 185).

As distorções na personalidade, associadas aos distúrbios de caráter, resultam dos elementos anti-sociais que se encontram ali presentes de maneira oculta. Em alguma medida, eles sempre determinam o envolvimento da família ou da sociedade, desafiadas a gostarem ou não do caráter ou do distúrbio de caráter.

No entender de Winnicott, o tratamento da criança que sofreu de-privação não é psicanálise, mas a provisão de um ambiente especializado, que possua um objetivo terapêutico, capaz de dar uma resposta à altura das suas necessidades. Nos casos em que a doença está oculta, manifesta apenas como um distúrbio de caráter, será necessário um tempo preliminar, durante o qual a criança será 'convidada' a desarmar as suas defesas e se tornar uma criança doente. Por sua vez, a manifestação da tendência anti-social exige do terapeuta uma resposta fundamentada na realidade da esperança, expressa pelo sintoma. Em ambos os casos, deve-se levar em consideração tanto as distorções do ego que a criança apresenta, quanto a exploração que ela faz dos impulsos do Id, em sua tentativa de autocura.

Essa tentativa de ir ao encontro da tendência anti-social tem dois aspectos. Por um lado, a criança necessita da disponibilidade pessoal do terapeuta em acolher as suas exigências com tolerância e sem retaliação, revelando, assim, a consistência do seu amor por ela. Por outro, é necessário a provisão de uma estrutura de apoio egóico que tenha a qualidade de ser indestrutível – a sobrevivência do terapeuta é imprescindível. De todo modo, é preciso ter em mente que um tratamento dessa natureza, para ser eficaz, demanda *um longo período de tempo*, em virtude da quantidade enorme de material que se encontra inacessível à consciência. Antes de qualquer coisa, "a criança terá que adquirir confiança no novo ambiente, em sua estabilidade e capacidade para objetividade, antes que as defesas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

possam ser abandonadas – defesas contra a ansiedade intolerável que é sempre suscetível de ser reativada por uma nova privação" (Winnicott, 1950, p.201). De tempos em tempos – sempre que a esperança se renovar - o paciente estará atuando.

A questão que se coloca, então, é: no que consiste essa esperança? Movida por impulsos inconscientes, "a criança espera conseguir levar alguém que a ouça a recordar-se do momento de privação ou da fase em que a privação consolidou-se numa realidade inescapável" (Winnicott, 1967b, p. 89). Em outras palavras, a criança tem a esperança de encontrar alguém com quem possa estabelecer uma relação estável e segura, por meio da qual se torne possível reexperimentar o intenso sofrimento que vivenciou à época da de-privação, em um momento anterior à sua reação a ela. Através de seu comportamento, ela busca desesperadamente um outro ser humano com quem possa se relacionar. Aqui se revela a importância, para a criança, de poder contar com um dispositivo terapêutico capaz de fornecer um suporte dessa natureza: depois de alcançar esse intenso sofrimento, segue-se a memória da época anterior à de-privação. Ou seja, através da regressão à dependência – propiciada pelo dispositivo terapêutico e pela pessoa do próprio terapeuta -, a criança é capaz de retornar à situação original do trauma e vivenciá-la de uma outra maneira. Desse modo, o *holding* oferecido pelo terapeuta permite à criança redescobrir a possibilidade de um relacionamento criativo com a realidade externa, não mais reativo: "a criança chega à capacidade de encontrar objetos, ou à segurança perdida do quadro de referências" (Idem, p. 90).

Winnicott (1967b) descreve o sofrimento de uma criança, vítima de de-privação, como um "estado de confusão, de desintegração da personalidade, um cair para sempre, uma perda de contato com o corpo, uma desorientação completa, e outros estados dessa natureza" (p. 90). Como observa Alvarez (1992), nesses casos, "o psicoterapeuta tem que ser capaz de ficar suficientemente perturbado para sentir pelo paciente, e, ao mesmo tempo, ser suficientemente sadio para pensar com ele, até que o próprio ego do paciente cresça bastante para ser capaz de fazê-lo por si mesmo" (p. 4). Winnicott acredita que somente as crianças que são capazes de encontrar alguém que torne possível, a elas, uma regressão nesses termos encontram-se em condições de se reconciliarem com suas próprias vidas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

O retorno ao trauma original, que é buscado pela tendência anti-social, exige do terapeuta que ele suporte uma carga emocional tremenda. Winnicott (1963d) alerta que nesse tipo de tratamento "*os fracassos do terapeuta ou daqueles que administram a vida da criança serão reais e pode-se demonstrar que reproduzem os fracassos originais, de forma simbólica*" (p.189 – o grifo é nosso). Os fracassos do terapeuta são importantes, especialmente, quando a criança teve acesso ao estado de regressão à dependência promovida por um dispositivo terapêutico. Nessa condição, "a percepção da falha do analista ou do responsável possibilita ao paciente ficar furioso, apropriadamente, ao invés de traumatizado. *O paciente precisa remontar através do trauma da transferência ao estado de coisas que prevalecia antes do trauma original*" (Idem – o grifo é do autor). Do ponto de vista da criança, a reação à falha atual só será significativa se a falha atual *for* a falha ambiental original. Para Winnicott, a possibilidade de o paciente retornar, no tratamento, à situação original da falha ambiental - podendo experimentar agora a raiva que lhe é apropriada - tem um caráter libertador para o paciente. Somente a partir dessa experiência devemos esperar por um período de crescimento emocional no qual o caráter se constrói positivamente e perde suas distorções.

A chave para o tratamento da tendência anti-social está na compreensão, pelo terapeuta, da sua significação e sentido. A maior parte do tempo, a criança que sofreu de-privação não tem esperança de poder restaurar o trauma original. Ela vive em "um estado de depressão relativa ou de dissociações que mascaram o estado de caos que estará sempre a ameaçá-lo" (Idem, p. 190). Esse quadro somente se altera quando a criança começa a estabelecer uma relação objetal significativa – catexizar uma pessoa. A tendência anti-social torna-se, então, manifesta: a atuação torna-se uma alternativa para o desespero - "uma compulsão ou para reclamar ou para ativar um controle duro ou mesmo vingativo através de comportamento destrutivo" (Idem).

É importante notar que, para Winnicott, a tendência anti-social é *um transtorno do comportamento de caráter compulsivo – acting out*. O indivíduo desconhece as razões que o impelem a uma repetição na qual não encontra o menor sentido. Não é bom perguntar à criança que age dessa maneira sobre o porquê do seu comportamento, seja ele destrutivo ou não. Do mesmo modo, uma resposta moralista só tende a acirrar as suas defesas e propiciar os ganhos secundários. Winnicott (1965) concebe esse fenômeno em termos de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

uma *desintegração parcial* - um certo retrocesso na integração que já havia se estabelecido à época da de-privação original – que se manifesta como uma *dissociação* do eu. Diferentemente do mecanismo de cisão[17], na dissociação "podemos nos comunicar com um eu principal a respeito de uma fração do eu" (p.294). Assim, no estágio inicial da tendência anti-social, a criança fica transtornada, ao sentir-se compelida a atuar, de maneira compulsiva, mesmo sem saber o porquê. Em sua aflição a criança, então, mente. Ela nega reconhecer como seu o ato que cometeu sob o impulso de uma compulsão, cuja origem é inacessível à sua consciência. A mentira, apenas vem atestar uma verdade: ela nada sabe sobre o que se passa. Nesses casos, a existência do embaraço ou do sofrimento sinaliza a possibilidade de ajuda. Pressionar a criança a admitir a culpa pode forçar a realização de uma outra espécie de integração - por meio da área intelectual do ego. Nesse caso a culpa é admitida, mas não é sentida. O dano emocional permanece, agora mais enrijecido.

Somente o estabelecimento de uma 'intimidade à dois', que permita ao indivíduo se comunicar 'em nível profundo' com um outro, pode funcionar como um 'contato terapêutico'. Um relacionamento com alguém disposto a sustentar o eu não-integrado do paciente e tolerar (e sobreviver) suas manifestações agressivas, com compreensão e firmeza. Nesse contexto, não há lugar para atitudes sentimentalistas por parte do terapeuta. Por mais que o terapeuta ame o seu paciente, não poderá evitar odiá-lo em determinados momentos. Assim, quanto mais o terapeuta souber sobre o seu próprio ódio, mais difícil será para o ódio se tornar o motivo determinante de sua conduta com o paciente.

5.2.4.2 Provisão ambiental e tendência anti-social

Winnicott acreditava que o tratamento de crianças de-privadas não era uma questão de psicoterapia, mas sim da provisão de um ambiente, que pudesse se constituir como uma alternativa para a criança. Um ambiente que pudesse conjugar estabilidade ambiental, cuidados pessoais e continuidade desses cuidados. Em todos os casos, um tratamento adequado à crianças deve envolver seres humanos, pessoas dotadas de

[17]Winnicott reserva o termo cisão (*splitting*) para designar os mecanismos primitivos de defesa, subjacentes às personalidades esquizóides.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

sensibilidade, uma boa dose de criatividade e responsabilidade e que tenham disponibilidade para o envolvimento emocional que ele exige. O objetivo é atender a necessidades das crianças, de modo que elas possam retomar os processos de integração, personalização e realização, que estão detidos. Em alguns momentos será necessário absorver a raiva que a criança está começando a ser capaz de exprimir e sentir, e que está associada ao fracasso no próprio lar. Por vezes, a criança muito habilmente provocará um tratamento rude, tentando, por meio desse expediente, atualizar uma maldade que possa ser recebida com ódio. O ódio que traz dentro si busca encontrar alívio por meio da confrontação com um ódio que seja externo – objetivo e sob controle. Em todos os casos, o mais importante é a sobrevivência da pessoa encarregada pelo cuidado da criança. Para Winnicott, "*o trabalho só vale a pena ser feito se for pessoal e se aqueles que o estão realizando não forem sobrecarregados*" (Winnicott, 1950, p. 210 – o grifo é do autor). É muito importante dimensionar a carga de trabalho em função do que pode ser suportado pelas pessoas que estão envolvidas.

Em se tratando de crianças anti-sociais, quando não for possível prover um ambiente com cuidados pessoais, a severidade torna-se o elemento central. Nesse caso, quando o rigor do ambiente torna-se a base de tudo, as crianças se sentirão desorientadas quando ele falhar e houver exceções. Se é preciso haver um ambiente rigoroso, então que ele seja coerente, confiável e justo, para que possa ter valor positivo.

Para que o tratamento funcione, é preciso que a criança esteja no início de sua carreira anti-social, ou seja, antes que os ganhos secundários e as habilidades delinqüentes tenham se estabelecido. Para Winnicott, os ganhos secundários têm início logo que começam a ocorrer os primeiros choques entre a tendência anti-social e a reação social, colocando criança a caminho do enrijecimento da organização defensiva associada à delinqüência. Disso resulta a importância, para a condução do tratamento, de uma avaliação criteriosa da de-privação sofrida pela criança: determinação do montante de desenvolvimento normal alcançado e avaliação do dano causado, quando começou e como persistiu. Um levantamento cuidadoso da história da criança, ou mesmo um período de observação atenta mostram-se como recursos valiosos para a determinação, não apenas do grau de deficiência como também, dos elementos que foram preservados e poderão ser utilizados na recuperação. Nos casos em que a criança já manifesta um comportamento

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

enrijecido - uma tendência anti-social fixada, fomentada pelos ganhos secundários – é importante que o controle rigoroso possa ser exercido por pessoas compreensivas, com capacidade para envolvimento emocional.

5.2.4.3 Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais

Resta-nos agora abordar um ponto vital para o tratamento: a questão dos objetos e fenômenos transicionais. Durante a guerra, Winnicott observou que muitas crianças eram privadas de seus lares e de tudo que lhes era familiar sem, no entanto, adoecer. Em alguns casos, as crianças foram capazes de atravessar esse período de turbulência em suas vidas, não apenas sem serem perturbadas mas, até mesmo, sendo enriquecidas por essa experiência. Em 1951, ele apresentaria o seu artigo seminal *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais*, chamando a atenção para a importância dos objetos que a criança leva para a cama na hora de dormir, a fim de ajudá-la na transição da vigília para o sono. Esses objetos podem adquirir as mais variadas formas – uma boneca, um ursinho, a ponta de uma fralda, etc. Em alguns casos em que ele não existe, a criança lança mão do recurso de chupar o que estiver ao seu alcance - o punho, o polegar, etc. Às vezes, até mesmo uma atividade genital (masturbatória) pode exercer igualmente essa função. Em outras, é simplesmente o comparecimento pessoal de um ser humano que é exigido – freqüentemente a mãe. Winnicott observou que os pais, não apenas reconheciam, como também respeitavam a importância desse objeto para a criança: carregando-o aonde quer que a criança fosse e mantendo-o em seu 'estado de uso', sem lavagem nem reparos.

Para Winnicott, o objeto transicional realiza a importante função de auxiliar a criança na difícil tarefa de relacionar a realidade subjetiva com a realidade compartilhada, que pode ser objetivamente percebida. Trata-se de um objeto que é precioso para a criança. Sua existência é fruto de um entendimento tácito: ninguém questionará se essa coisa real é uma parte do mundo ou foi criada pelo bebê. Winnicott localiza nesse objeto a raiz do simbolismo no tempo: a primeira possessão do bebê, símbolo da união com sua mãe. O importante, no entanto, não é tanto o seu valor simbólico, mas a sua realidade. É essa qualidade de 'ser real' do objeto transicional que "ajuda a criança a sustentar uma realidade interna que se amplia e evolui, e a auxilia a diferenciá-la do mundo que é o eu" (Khan,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

2000, p. 21). Ele inaugura, assim, a possibilidade para o indivíduo alimentar-se de substâncias diferentes-de-mim na criação de si-mesmo e do mundo. Com o passar do tempo, a tendência é ele perder a sua função. O seu destino é ser simplesmente descatexizado - ser 'relegado ao limbo' -, e não esquecido:

> Na saúde o objeto transicional não 'vai para dentro'; tampouco o sentimento a seu respeito necessariamente sofre repressão.Não é esquecido e não é pranteado. Perde o significado, e isso se deve ao fato de que os fenômenos transicionais se tornaram difusos, se espalharam por todo o território intermediário entre a 'realidade psíquica interna'e o 'mundo externo, tal como percebido por duas pessoas em comum', isto é, por todo o campo cultural (Winnicott, 1951, p. 19).

Winnicott (1950) constatou que "a maioria das crianças incluídas na categoria de desajustadas ou não tiveram um objeto desse tipo ou o perderam" (p. 211). A situação dessas crianças, no entanto, não pode ser alterada pelo simples fornecimento de objetos. "É preciso que exista alguém que esse objeto represente ou simbolize" (Idem). Antes de qualquer coisa, a criança necessita de uma companhia viva que forneça o *holding* necessário à criação (pela criança) de um mundo interno subjetivo. A possibilidade de ajuda às crianças de-privadas surge quando se torna possível para elas, mais uma vez, confiar na pessoa encarregada pelos seus cuidados: objetos profundamente simbólicos dessa pessoa não tardarão a aparecer.

É importante notar que, para Winnicott, são os objetos e fenômenos transicionais que capacitam a criança a suportar as frustrações e as privações que o contato com o princípio de realidade lhe impõe. Por meio desses fenômenos, a criança conquista a capacidade para se privar, até certo ponto, de coisas a que está acostumada ou mesmo necessitada. No seu entender, devemos associar os transtornos na conquista do objeto transicional a distúrbios do comportamento, tais como: fetichismo, mentir, furtar, perda de sentimentos afetuosos, a drogadição, os rituais obsessivos... Em outras palavras, à tendência anti-social.

Quando a criança encontra-se privada de seu objeto transicional, ou mesmo dos fenômenos transicionais já estabelecidos, ela só encontra saída em uma dissociação da personalidade. Uma metade será responsável pelo contato íntimo com o mundo subjetivo, a outra reagirá, de modo complacente e submisso, ao mundo objetivo com o qual entrou em contato. As pontes entre o subjetivo e o objetivo são, desse modo, destruídas ou nunca chegam a ser bem estabelecidas. A criança encontra-se à mercê de seu mundo interno,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

privada do conforto proporcionado pela realidade externa, ao colocar freios em suas fantasias. Fica vetada à criança a possibilidade de funcionar como um ser humano total.

Por todas essas razões, o objeto transicional tem a desempenhar um importante papel na recuperação da continuidade da existência de crianças de-privadas. Como assinala Costa (2004) "Sua função é retirar o eu da inércia narcísica e entregá-lo ao mundo das coisas e pessoas não-eu, isto é, à vida pragmática. [...] Lidar com o objeto objetivo passa a ser tão importante quanto fantasiar o objeto subjetivo" (p. 111). Sabemos, no entanto, que a emergência desse objeto é um tanto paradoxal: ele tanto resulta da atividade criativa da criança, quanto da qualidade da atitude do meio no qual ela se encontra. Em sua precariedade, a criança necessita ser sustentada por alguém que acolha seu gesto (ou comportamento) em sua expressividade e potencialidade criadora. É justamente essa sustentação, *holding*, que, em algum momento, faltou à criança de-privada.

Como já vimos, o gesto criativo tem sua origem nas experiências corporais, nascidas de uma experiência de mutualidade com outro ser humano. Por mais que o ser humano, em virtude de seu potencial inato, seja potencialmente criativo, ele é absolutamente dependente da existência de um outro para começar (e continuar) a existir, tornando-se ele mesmo. O objeto transicional é o resultado primeiro de um fazer e um agir comprometidos com a criação de uma realidade compartilhada. Essa primeira possessão não-eu representa tanto o primeiro uso de um símbolo pela criança, quanto a sua primeira experiência de brincadeira. Mais do que receber objetos, a criança necessita encontrar alguém disposto a receber suas doações[18]. Alguém que lhe apresente o mundo de tal modo que permita a ela acreditar tê-lo criado. Alguém que propicie a emergência de um vínculo emocional - no qual possa a depositar confiança necessária – que sobreviva à sua destrutividade criativa. Antes de qualquer coisa, o objeto para ser transicional precisa ser um símbolo de união – símbolo do ser. Só assim ele poderá exercer a sua função de ser tão objetivo quão subjetivo, ou seja, simbolizar "a união de duas coisas agora separadas, bebê e

[18] Winnicott (1960d) observa que, de um modo geral, a oportunidade para contribuir ajuda a aceitar a destrutividade que é pessoal e inerente a cada um de nós. Contudo, ele adverte que tanto o propiciar a oportunidade quanto o perceber os momentos construtivos das pessoas, nem sempre funcionam. Quando damos a oportunidade para alguém contribuir, podemos obter três resultados: 1) era justamente o necessário; 2) A oportunidade é utilizada de maneira falsa, o que resulta numa inibição das atividades construtivas (por terem sido sentidas como falsas); 3) A oportunidade quando é oferecida a alguém incapaz de entrar em contato com a destrutividade pessoal é sentida como uma recriminação e o resultado é clinicamente desastroso.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

mãe, *no ponto, no tempo e no espaço, do início de seu estado de separação* (Winnicott, 1967d, p. 135 – o grifo é do autor).

5.2.4.4 O brincar e as manifestações agressivas e destrutivas, no dispositivo terapêutico da Casa da Árvore.

Ao longo de toda a sua obra, Winnicott não cansou de enfatizar a importância do brincar, afirmando que, talvez, fosse somente ali que a criatividade e a busca do *self* pudessem realmente existir. Desde muito cedo, já na década de 30, ele afirmaria a potencialidade terapêutica do brincar, reconhecendo-o como um dos principais recursos que a criança lança mão para enfrentar as dificuldades inerentes à vida. Em 1946, ele já alertava para a importância de estimularmos, nas crianças, a capacidade de brincar:

> Se uma criança estiver brincando, haverá lugar para um sintoma ou dois, e se ela gostar de brincar, tanto sozinha como na companhia de outras crianças, não há qualquer problema grave à vista. Se nessas brincadeiras for empregada uma fértil imaginação e se, também, o prazer que houver nelas depender de uma exata percepção da realidade externa, então a mãe poderá sentir-se bastante feliz, mesmo que a criança em questão urine na cama, gagueje, demonstrando explosões de mau humor, ou repetidamente sofra ataques biliosos ou depressão. Suas brincadeiras revelam que essa criança é capaz, dado um ambiente razoavelmente bom e estável, de desenvolver um modo de vida pessoal e, finalmente converter-se num ser humano integral, desejando como tal e favoravelmente acolhido pelo mundo (Winnicott, 1946a, p. 147).

Para Winnicott, o brincar é uma extensão dos fenômenos transicionais e acontece, igualmente, em uma área intermediária da experiência - o espaço potencial - entre o eu individual e a realidade externa, entre a realidade subjetiva e o mundo real em que o indivíduo vive. Haveria uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, e do brincar para o brincar compartilhado, e disto para experiências culturais. No seu entender, é um sinal favorável a criança ser capaz de brincar. O brincar implica confiança no ambiente e a capacidade de estar só (na presença de alguém). Somente no brincar o gesto espontâneo – o verdadeiro *self* em ação – pode surgir em sintonia com os acontecimentos do mundo. A busca do *self* apenas acontece a partir do funcionamento amorfo e desconexo próprio ao brincar rudimentar. É desse brincar que emerge a zona de amorfia: uma zona neutra da experiência (não-intencional), na qual uma espécie de tiquetaquear da personalidade não-integrada pode ser experimentado sem ameaças, como

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

uma forma de relaxamento que, de maneira geral, torna possível a experiência de um estado não-intencional.

Vale ressaltar que "*os fenômenos aqui descritos não possuem um sustentáculo instintual*, em que o elemento orgiástico desempenha papel essencial e onde as satisfações estão estreitamente vinculadas ao clímax" (Winnicott, 1967d, p. 136 – o grifo é nosso). A importância do brincar advém das experiências não-culminantes, dotadas de uma intensidade imensa, que ele propicia. Algo que se relaciona ao viver, ao estar vivo. Como observa Winnicott (1967d), ainda que esta teoria não afete o que conhecemos a respeito da etiologia e do tratamento das psiconeuroses, ainda que ela tampouco se choque com a teoria estrutural da mente formulada por Freud em termos de ego, id e superego; ela afeta, consideravelmente, "nossa visão da pergunta: sobre o que versa a vida?" (p. 138). Uma questão básica à qual ele confessa ter chegado a partir da experiência clínica com pacientes psicóticos. Suas principais idéias a esse respeito estão contidas na seguinte passagem:

> Não é a satisfação instintual que faz um bebê começar a ser, sentir que a vida é real, achar a vida digna de ser vivida. Na verdade, as gratificações instintuais começam como funções parciais e tornam-se *seduções*, a menos que estejam baseadas numa capacidade bem estabelecida, na pessoa individualmente, para a experiência total, e para a experiência na área dos fenômenos transicionais. É o eu (*self*) que tem de preceder o uso do instinto pelo eu (*self*); o cavaleiro deve dirigir o cavalo, e não se deixar levar (Winnicott, 1967d, 137 – o grifo é do autor).

Paralelamente à criação da condição favorável à experiência de ser, o brincar proporciona algo que é essencial a todo ser humano: oportunidades para drenar, de maneira segura, a maldade que existe em seu mundo interno. Para isso, no entanto, é imprescindível que o brincar seja a expressão manifesta do interjogo entre o indivíduo e o seu entorno - um fenômeno transicional -, e não a mera repetição de um comportamento compulsivo.

Winnicott reconheceu na superposição da área de brincar de uma criança com a de outra pessoa, a possibilidade de uma experiência enriquecedora para ambos. Segundo Khan (2000), essa constatação, juntamente com a noção de objeto transicional e a distinção entre relação de objeto e uso de objeto, permitiu a ele conceber o espaço clínico sob o prisma de uma nova potencialidade. Além das já esperadas repetições de relações objetais primitivas e reedições de fantasias inconscientes que refletem impulsos arcaicos do Id, o dispositivo terapêutico abrigará novas realizações: analista e paciente estarão sendo 'criados' e 'encontrados', ao mesmo tempo, a partir de uma experiência de mutualidade e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

reciprocidade. Winnicott instaura um novo dinamismo dialógico, no espaço clínico que resulta ser "mais importante que a mera relação objetal na transferência" (Khan, 2000, p. 23). Nesse contexto, o brincar é o elemento que permite conjugar intimidade e espontaneidade, numa reciprocidade compartilhada, criando, desse modo, as condições necessárias à sustentação da regressão à dependência no dispositivo terapêutico.

Winnicott considerava que "conseguir que as crianças possam brincar é em si mesmo uma psicoterapia que possui aplicação imediata e universal, e inclui o estabelecimento de uma atitude social positiva com respeito ao brincar" (Winnicott, 1971c, p. 75). Pare ele, uma atitude de respeito ao brincar

> Deve incluir o reconhecimento de que o brincar é sempre passível de tornar-se assustador. Os jogos e sua organização devem ser encarados como uma tentativa de prevenir o aspecto assustador do brincar. Pessoas responsáveis devem estar disponíveis quando crianças brincam, mas isso não significa que precisem ingressar no brincar das crianças. Quando o organizador tem de se envolver, numa posição de administrador, ocorre então a implicação de que a criança ou crianças são incapazes de brincar no sentido criativo que pretendo expressar nessa comunicação (Winnicott, 1971c, p. 75).

Essa passagem mostra-se muito oportuna para tecermos alguns comentários sobre as manifestações agressivas e destrutivas, no âmbito do dispositivo terapêutico oferecido, pela Casa da Árvore, principalmente, pela referência a esse elemento potencialmente 'assustador' inerente ao brincar, que exige a presença e a disponibilidade de pessoas responsáveis, quando as crianças brincam.

Vejamos, então, a evolução dessas manifestações, ao longo desse um ano e meio de observação. Num primeiro momento, as manifestações agressivas e destrutivas não tinham um caráter compulsivo e se mantinham dentro de parâmetros que não despertavam nenhuma atenção. Demorou praticamente um ano para que a brincadeira de 'desfiles de modas' - organizada por J, praticamente em todo plantão -, cedesse lugar aos episódios que alternavam a brincadeira de fumar maconha e cheirar cocaína com explosões agressivas e destrutivas. Nessa mudança, J deixa de ser o único a, mais freqüentemente, liderar as brincadeiras e um número maior de crianças passa à capitanear a 'nova brincadeira'.

Segundo Winnicott (1961b), a vida cultural de crianças anti-sociais encontra-se seriamente comprometida, pois, para elas, "não existe liberdade, exceto numa fuga para o sonho não recordado ou para a realidade" (p. 272). Para essas crianças, qualquer tentativa de exploração da área intermediária conduz não ao brincar, "mas para o comportamento

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

anti-social, que é compulsivo e inerentemente desestimulante para o indivíduo, bem como pernicioso para o indivíduo" (Idem).

Desde o começo, J encontrou na Casa da Árvore a oportunidade para um brincar no qual fosse possível encenar suas fantasias, o que, até então, lhe era vetado por sua mãe. O caráter repetitivo dessas brincadeiras denunciava, no entanto, a existência de um elemento anti-social ao qual sua personalidade já havia se acomodado, deixando-o fixado e limitando os domínios de sua criatividade. No entanto, ele tinha o mais importante: a capacidade de brincar. Não houve necessidade da participação dos terapeutas nesse brincar para que, ainda assim, ele pudesse mostrar os seus efeitos terapêuticos. A simples presença dos terapeutas não apenas validava a existência subjetiva de J – o que contribuiu para o abrandamento das suas defesas -, como também concedia a sua brincadeira a qualidade de comunicação. Desse modo, ele passou a contar com um dispositivo para objetivar e enriquecer seu mundo subjetivo, de maneira segura: capaz de conter a ameaça das idéias e sentimentos destrutivos inerentes ao exercício dos impulsos instintuais. Por mais idealizado que o mundo subjetivo possa ser, ele tem a desvantagem de, também, poder ser cruel e persecutório, para a criança. A partir de determinado momento, a criança passa a acolher, de braços abertos, os freios que a realidade externa impõe às suas fantasias. Ao final, esse brincar, que contou com a participação de outras crianças, mostrou-se uma experiência altamente enriquecedora para J. Gradativamente, suas brincadeiras começaram a se diversificar, sinalizando o abrandamento do elemento compulsivo e o progresso da integração.

Muitas crianças, no entanto, precisaram de mais tempo para adquirir a confiança necessária no ambiente, que permitisse a elas se 'soltar', ou seja, expressar um mundo subjetivo proscrito. Apesar do cotidiano do tráfico de drogas fazer parte da vida dessas crianças, quem vê com bons olhos uma brincadeira de boca de fumo? Ou mesmo, de fumar maconha, ou cheirar cocaína? Trata-se de crianças que, na maioria das vezes, não dispõem de uma figura paterna a quem recorrer e, em muitos momentos, se viram obrigadas a conhecer o que a mãe sente quando está apavorada. Sem ter a quem recorrer – sem contar com a proteção e a segurança de cuidados paternos satisfatórios -, essas crianças encontram-se à mercê da violência de um mundo subjetivo fantasmagórico, impossibilitadas de discernir entre o que é fato e o que é fantasia. Entre a violência da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

realidade subjetiva, nascida das idéias e sentimentos destrutivos que acompanham os estados excitados, inerentes ao viver e a violência da realidade cotidiana, real e manifesta, essas crianças restam acuadas, reagindo à violência sofrida, mutiladas emocionalmente, sem saber a quem amar e a quem odiar - comprometidas na sua capacidade de amar.

Desse modo, quando elas finalmente, conseguiram se 'soltar', o que aconteceu? Um caráter compulsivo insidioso tomou conta do brincar, exigindo a participação efetiva dos terapeutas na brincadeira, exigindo que eles introduzissem elementos novos, que garantissem a manutenção da qualidade e do *status* do brincar. É como se a pergunta da terapeuta, "- Por que vocês ao invés de separar as casas não constroem uma casa só, mas com vários ambientes?", pudesse ser traduzida da seguinte maneira: "- Olha, mesmo a gente vivendo em uma cidade partida[19], é possível sonhar com um mundo em que todos façam parte". A essa altura, já era possível para as crianças acolher e investir emocionalmente na sugestão: eles já dispunham de um vivido de convivência satisfatória entre universos tão díspares – o deles e o dos terapeutas em geral – e um vínculo afetivo consistente com a terapeuta, em questão.

Em outro momento, - quando as crianças brincavam de 'boca de fumo' sem deixar a terapeuta participar, porque é muito barra-pesada -, a transformação da situação veio com a pergunta libertadora, "- o que vocês querem ser quando crescer?". É como se ela tivesse dirigido a sua palavra ao 'menino, amedrontado, vulnerável e escondido' que há, dentro de cada uma dessas crianças, libertando-o do esconderijo que o aprisiona, resgatando, mais uma vez a capacidade de sonhar.

A presença de uma companhia viva foi, assim, intimada a 'ferro e fogo', colocando à prova a sobrevivência do dispositivo, incluindo-se aí, a dos terapeutas. Ainda que de maneira totalmente distinta, o elemento anti-social mais uma vez se manifestava, especificando as suas necessidades e proclamando aos brados a sua demanda. Não tardou aos terapeutas chegarem a conclusão que era preciso 'colar' nas crianças mais problemáticas, assim que elas chegavam no plantão. Era preciso estreitar os laços, para conter o excesso de agitação que transbordava.

[19] Alusão à expressão utilizada por Zuenir Ventura em seu livro homônimo, para falar da extrema diferença sócio-cultural existente entre algumas partes da Cidade do Rio de Janeiro. Como resultado, encontramos verdadeiras fronteiras (não-declaradas) sensíveis. Ao cruzá-las, nossos sentidos não têm dúvida: 'entramos em um outro mundo'.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

A mobilização que as crianças promoveram foi enorme: discussões, assembléias, etc. E, ao final, um período de seis meses dentro de parâmetros aceitáveis de convivência. Mas, como observa Winnicott,

> O que acontece quando uma criança começa a sentir-se livre, livre para pensar no que gosta, pra brincar do que lhe vier à cabeça, para encontrar as partes perdidas de sua personalidade? Por certo ela também começa a agir livremente, a descobrir impulsos que tinham permanecido adormecidos enquanto ela esteve ausente, e a manifestá-los. Começa a ficar insolente, a fazer birra, [...] Tudo isso pode ser sinal de avanço no desenvolvimento da criança – o primeiro estágio do sentimento de segurança (Winnicott, 1945b, 56).

Segundo Winnicott, o tratamento da criança de-privada é longo (em torno de uns dez anos, na estabilidade de um lar substituto). Há muito material que ficou inacessível à consciência da criança e precisa ser reexperimentado, por meio da regressão à dependência, propiciada pelo *holding* do novo ambiente. A cada progresso na integração corresponderá uma nova bateria testes, colocando à prova a confiança e a segurança do ambiente: será ele indestrutível? Daí a insistência de Winnicott em afirmar que, o mais importante é a sobrevivência do terapeuta. A tendência é a repetição desses episódios até que todo material relativo ao trauma tenha se tornado acessível à consciência da criança.

Existem ainda outros aspectos que devem ser levados em conta. Por exemplo, o fato de que cada criança faz seus progressos em seu próprio ritmo e tempo. Do mesmo modo, os efeitos de um funcionamento de grupo devem ser levados em conta por várias razões. Dentre elas, é preciso considerar o fato de que enquanto "as crianças angustiadas mudam de amigos com muita freqüência e facilidade, as crianças seriamente perturbadas só conseguem filiar-se a bandos[20]" (Winnicott, 1947a, p. 72). Paralelamente a um estudo sobre o desenvolvimento emocional infantil, Winnicott (1955) considera que o estudo sobre a formação de grupos compostos por adultos, adolescentes ou crianças saudáveis é muito importante para o manejo de grupo quando as crianças são desajustadas, ou seja, sofreram algum tipo de de-privação.

[20]Steiner (1993) aborda o fenômeno das gangues a partir do conceito de "refúgio psíquico", o qual aponta para a atividade de uma organização patológica da personalidade. O refúgio psíquico comporta tanto um agrupamento de defesas, quanto um sistema altamente estruturado e coeso de relacionamentos objetais. Sua principal função é conter, neutralizar e controlar a destrutividade primitiva.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Sem dúvida, um dos maiores desafios colocados por esse trabalho é a colocação de limites. Afinal, como já vimos, a tendência anti-social é, antes de qualquer coisa, uma busca por limites. Mas, quais? Como? Devemos escutar a afirmação de Lulli - essas crianças não pedem limites, elas pedem presença"- como um sinal que nos alerta para a necessidade de uma reflexão mais aprofundada sobre essa temática. Winnicott (1967b) chama atenção para a enorme diferença que há na atitude de *ser responsável pela direção total do ambiente* e *estar em uma relação pessoal com a criança*. Enquanto certas atitudes anti-sociais são inadmissíveis para alguém que seja responsável por um grupo, na relação terapêutica não há lugar para a moralidade, a não ser a que surge da própria criança. Ele acredita que facilita muito o trabalho quando essas funções são exercidas por diferentes pessoas. Ainda que ele não esclareça muito, de todo modo, permanece a importância da observação de Lulli - "eles pedem presença". De fato, essas crianças estão em busca de contato. Em busca da oposição sensível e responsiva proporcionada por uma companhia viva. Às vezes a simples experiência de se sentir compreendida(o) opera uma transformação (e contenção) de importância vital: uma angústia impensável torna-se um afeto válido e reconhecido. Outras, no entanto, podem exigir uma contenção física. Uma contenção muito mais custosa de se fazer quando a criança já não é tão pequena. Há ainda, aquelas vezes em que o que se necessita é de alguém para odiar, ou mesmo alguém que possa manifestar um ódio objetivo – controlado e adequado. De todos os modos, o que está na base de qualquer limite a ser estabelecido é a experiência do 'sentir com' que introduz o indivíduo na comunidade dos humanos. Somente em um ambiente seguro a criança poderá retomar sua agressividade efetiva, perdida por ocasião da experiência de de-privação. A sobrevivência do objeto é essencial para que a destruição fantasiosa, com tudo o que ela representa para o desenvolvimento emocional e para o enriquecimento do *self* , possa vir a ser tolerada pela criança. Eventualmente, o autocontrole pode surgir dessa experiência da agressividade em um dispositivo controlado, atestando a transformação da agressividade manifesta em potencial agressivo, que o indivíduo pode dispor na forma que melhor lhe convir – destruição fantasiosa ou efetiva, para fins de defesa.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas por esse dispositivo terapêutico é o difícil acesso à história familiar de cada criança – as crianças, em sua grande maioria, chegam sozinhas e sem responsáveis. É inegável a importância do auxílio prestado pela

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

história familiar aos terapeutas na recuperação da experiência traumática, nos termos de Winnicott. A partir dessa constatação, somos levados a refletir sobre a enorme diferença entre a experiência de Winnicott com crianças anti-sociais e projeto da Casa da Árvore com as crianças do Morro do Chapéu Mangueira. Sabemos que o trabalho realizado por ele durante a guerra, com as crianças removidas de Londres, foi fundamental para a formulação da noção de tendência anti-social. A vasta contribuição que ele nos legou sobre esse tema é resultado não apenas dessa experiência, como também da prática clínica privada, exercida tanto no consultório quanto no ambulatório do *Paddington Green Children's Hospital*, por cerca de quarenta anos. Em termos gerais, o aspecto central do tratamento de crianças de-privadas consistia no fornecimento de um lar substituto, uma alternativa, para a criança, do lar que havia sido desfeito, fossem eles lares substitutos ou alojamentos coletivos. Em todos os casos tratava-se de uma atenção em regime integral - 24hs. Além do mais, o contexto sócio, histórico e cultural era absolutamente distinto do da Casa da Árvore, o que nos coloca diante de uma série de questões.

Primeiramente, tratava-se de uma guerra, uma condição excepcional que, de alguma maneira, atingia a todos. 'Os ingleses' formavam uma nação. Além do mais, os personagens desse enredo (por mais horripilante que fosse) eram definidos: era fácil saber quem eram os 'amáveis' e os 'odiáveis'. Não havia propriamente uma diferença cultural entre o ambiente em que Winnicott vivia e o das crianças que ele atendia. Em segundo, a organização da sociedade era muito distinta, principalmente, no tocante ao que podemos designar por 'unidade familiar', à qual ele reputava como uma parte essencial da civilização. Ainda que, no âmbito desta tese, não nos tenha sido possível aprofundar essas questões (que não se reduzem, apenas, a essas mencionadas), é importante tê-las em mente, para uma investigação futura.

Por fim, resta-nos, comentar a proposta da Casa da Árvore em prover um local para brincar e conversar. Quando nos voltamos para a última década da obra de Winnicott, a perspectiva de um trabalho que é dificultado pela escassez de dados da história familiar de cada criança é amenizada. Nela, a potencialidade terapêutica do brincar emerge com um vigor sem precedentes, correlativo à ênfase, cada vez maior dada, por ele, à criatividade primária e à noção de uso de objeto. Nesse contexto, ele não cansa de enfatizar que o brincar por si só é uma terapia. O mais fundamental são as experiências criativas (de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

destrutividade máxima) aliadas à sobrevivência do objeto. Ao mesmo tempo, Winnicott, cada vez mais, aponta para a necessidade do analista ser capaz de suportar um não-saber em sua prática. Ele não precisa ser arguto, deve apenas fornecer as condições de emergência das potencialidades que impelem o indivíduo rumo a um viver criativo.

De qualquer modo, Winnicott foi incansável em nos alertar sobre a tarefa extenuante que recai sobre aqueles que se encontram envolvidos com os cuidados de crianças que sofreram algum tipo de de-privação. As palavras de Clare Winnicott (1984) atestam o reconhecimento do peso dessa tarefa ao expressarem sua preocupação com a provisão de um ambiente que pudesse conter não apenas as crianças carentes, como também '*os que prestam assistência*' a elas.

> Hoje, como sempre, a questão prática é como manter um ambiente que seja suficientemente humano e suficientemente forte, para conter os que prestam assistência e os destituídos e delinqüentes, que necessitam desesperadamente de cuidados e pertencimento, mas fazem o possível para destruí-los quando os encontram (Winnicott, 1984, xvi).

Para Winnicott (1968d), a única coisa que uma 'criança carente' (de cuidados pré-verbais) necessita é amor. Amor, em termos de segurar e manejo (*holding* e *handling*), ou seja, a concessão de oportunidades para que a criança possa transpor a dependência rumo à independência. Quanto maior for a criança, maiores serão as dificuldades para a realização dessa tarefa: a necessidade de a criança fazer testes, para ver se esse amor é capaz de suportar/tolerar a destrutividade ligada ao amor primário, aumenta. Com certeza, haverá o momento em que ela retorna à necessidade de vivenciar esse amor primitivo. Como observa Winnicott (1968), sempre que começamos a amar uma criança que não foi amada no sentido pré-verbal, não demorará muito para estarmos em apuros. De todos os modos, a destruição é o que se segue, ao encontro com uma pessoa que pode ser amada. Ainda que possamos empregar a palavra amor, com freqüência parece mais um ato de ódio e a palavra-chave não é tratamento ou cura, mas sobrevivência. É a sobrevivência do objeto que viabiliza a emergência, nas crianças, de uma atitude construtiva com relação à vida e ao seu entorno, de uma maneira geral.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

6.

Conclusão:

E a esperança, onde mora a esperança?

... uma civilização que deixa insatisfeito um número tão grande de seus participantes e os impulsiona à revolta, não tem e nem merece a perspectiva de uma existência duradoura.
(Freud, 1926)

Uma das conseqüências de um estudo sobre a agressividade é que, ao final, nos encontramos às voltas com as questões da relação do indivíduo e a sociedade. O acesso à qualidade de externalidade dos objetos, que se realiza às expensas das moções agressivas, é apenas o primeiro passo rumo às inevitáveis questões que nos são colocadas pela vida societária. Se com o amor conhecemos a segurança de um mundo confiável, posto que já conhecido, com a agressividade corremos o risco de novas descobertas, do contato com o desconhecido. Acontece, no entanto, que somente a partir de uma base segura podemos correr o risco de explorar o mundo, sem estarmos mobilizados pelo medo ou pela vingança.

Para Winnicott, as relações entre o indivíduo e a sociedade é uma conseqüência natural da sua teoria do desenvolvimento emocional, que tem por fundamento o fato da dependência individual. Ainda que o desenvolvimento comporte uma mudança gradativa desde o estado inicial de dependência absoluta, nossa independência é sempre relativa – uma meta nunca atingida de modo absoluto. Daí a sua insistência em pensar a existência humana a partir de uma área intermediária da experiência: o espaço potencial, no qual acontece o paradoxal interjogo entre o indivíduo e o meio que conjuga *holding* – sustentação - e espontaneidade. A imagem que ele nos legou foi a de círculos concêntricos que encontram o seu o centro de gravidade na figura do bebê envolvido pelos braços maternos: os círculos benígnos. Sustentando e protegendo esta unidade-dupla, encontramos o círculo constituído pelo pai e seus substitutos. Por fim, amparando a todos por meio dos mais variados dispositivos e políticas, está a sociedade. Do mesmo modo que não podemos pensar na realização pessoal sem o suporte do meio social, impossível pensar na sociedade independente dos processos (individuais e coletivos) de crescimento dos indivíduos que a compõem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Winnicott acreditava que tanto o indivíduo quanto a sociedade correm sérios riscos pelo não reconhecimento e respeito desse fato inaugural de nossa existência – a dependência. Nem o declínio da função paterna nem a transformação da estrutura familiar, que encontramos de forma acentuada em nossos dias, diminuem a necessidade absoluta que o bebê tem de receber cuidados humanos adaptados às suas necessidades, nas etapas iniciais do desenvolvimento. Até segunda ordem, a afirmativa de Winnicott continua válida: "*isso que chamam um bebê não existe!* O que vemos é a dupla amamentante" (Winnicott, 1952, p. 165 – o grifo é do autor). Podemos mudar os nomes, mas não podemos mudar o fato: onde houver um bebê em crescimento encontraremos sempre uma organização voltada para a atenção das suas necessidades – chamemos isso de família ou não. Em suma,

> Winnicott divisou precisamente na vulnerabilidade do homem o seu verdadeiro potencial para relacionar-se com o outro a partir da necessidade e do desejo, não meramente visando à gratificação autônoma de impulsos compulsórios do id através da cumplicidade com os demais (Khan, 2000, p. 46).

Tanto Freud quanto Winnicott não deixaram de reconhecer a ameaça que a agressividade, inerente à natureza humana, pode representar para a sociedade. Contudo, a maneira como cada um encarou o problema foi bem distinta. Subjacente a essa diferença está o modo como cada um concebe a relação do indivíduo com a cultura. Em Winnicott, a cultura deixa de ser fonte de mal-estar para ser a matéria-prima a partir da qual o processo de tornar-se pessoa se realiza: "ela é o lugar onde simbólico e o pulsional interagem [...] o teatro onde a vida aparece e permanece como testemunho da atividade e engenho humanos" (Costa, 2000, p. 24). Em suma, o "*foyer* da capacidade de desejar" (Idem, p. 26). Foi a partir da noção de fenômenos transicionais que Winnicott buscou redefinir o lugar metapsicológico da cultura, introduzindo a noção de experiência cultural. Na opinião de Khan (2000), este seria o principal legado que ele nos deixou: "Winnicott passou a interessar-se mais e mais por compreender não apenas aquilo que leva o humano a adoecer, mas *aquilo que os leva a nutrir-se ao cuidarem uns dos outros em meio à herança cultural*" (p. 52 – o grifo é nosso).

Para ele, ao falarmos em experiência cultural, o acento deve recair na experiência: "a cultura não é algo exterior ao 'substrato' do sujeito e tampouco é o outro da pulsão" (Costa, 2000, p. 24 – o grifo é do autor). Quando utilizamos a palavra cultura

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

devemos pensar na tradição herdada, "algo que pertence ao fundo comum da humanidade, para o qual indivíduos e grupos podem contribuir, e do qual todos nós podemos fruir, se tivermos um lugar para guardar o que encontramos" (Winnicott, 1967d, p. 138 – o grifo é do autor).

Winnicott concebe a experiência cultural como uma ampliação dos fenômenos transicionais e do brincar, acontecendo, portanto, no espaço potencial entre o indivíduo e o seu entorno: "para todo indivíduo, o uso desse espaço é determinado pelas *experiências de vida* que se efetuam nos estágios primitivos da sua existência" (Idem, p.139 - o grifo é do autor). São essas experiências primitivas que dão ao indivíduo a oportunidade de se sentir integrado à sua linhagem - a tradição que o antecede -, constituindo, assim, o alicerce necessário ao exercício da sua criatividade. Para Winnicott (1967d), "*em nenhum campo cultural é possível ser original, exceto numa base de tradição*" (p. 138 – o grifo é do autor).

A noção de experiência cultural, juntamente com a de brincar, influenciaram de maneira decisiva a maneira de Winnicott conceber a prática clínica. Ainda que essas experiências tenham início nos momentos mais primitivos da existência, de fato elas estão sempre recomeçando, re-instaurando, desse modo, a possibilidade de um viver criativo para o indivíduo. Vale lembrar que essas experiências apenas acontecem como resultado do sentimento de confiança relacionado à fidedignidade da figura materna. Elas constituem a parte da organização do ego que tem origem nas *experiências* corporais e, não apenas, no funcionamento corporal. Ou seja, são experiências que resultam da intimidade e da continuidade de um contato pessoal a dois. Como observa Costa (2000), Winnicott postula o valor positivo da cultura, demonstrando que esta "pode oferecer saídas criativas às pulsões, capazes de competir com o gozo da crueldade. Por exemplo, os 'orgasmos de ego' presentes na fruição de realizações simbólicas. [...] Ela não é só o que diz 'não!' à pulsão; é o que diz 'sim!' à imaginação criativa" (p. 25).

É importante notar que quando falamos de ação criativa estamos nos referindo às moções agressivas, responsáveis pela manutenção e restauração da continuidade da existência (*going on being*). Para Winnicott, é pelo gesto espontâneo – agressivo por natureza - que o indivíduo ingressa na comunidade dos homens. Sabemos que nesse processo é vital o papel desempenhado pela provisão ambiental: é ela que decide quanto ao

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

sentido e ao destino desse gesto que, em sua origem, é criativo/agressivo/destrutivo. No tocante ao meio ambiente, tolerância e sobrevivência são as palavras-chaves. Como já vimos, os transtornos da agressividade decorrem da sua inibição: seja por invasão, seja por omissão do meio ambiente.

Entendemos que com a noção de experiência cultural Winnicott reafirma a potencialidade terapêutica do brincar, valorizando, agora, a importância para o indivíduo da sua integração com a tradição que o antecede. Ou seja, a experiência cultural é correlativa ao aparecimento, no indivíduo, do sentimento mais abrangente de pertencer à comunidade dos homens. De certo, trata-se de uma noção muito oportuna, que nos permite uma certa reflexão sobre algumas dificuldades inerentes à atividade terapêutica destinada à populações que se encontram em desvantagem social.

Sabemos que utilização de expressões tais como periferia, população carente ou em desvantagem social é sempre problemática. Qualquer que seja a designação, ela traz a reboque uma certa ordenação viciada expressiva de um pré-juízo e um pré-conceito que não pode ser evitado. Na maioria das vezes, não estamos apenas falando de uma diferença social e cultural: é um verdadeiro abismo social e cultural que se interpõe entre o terapeuta e o paciente.

Será que desvantagem social significa, necessariamente, desvantagem cultural? Para Winnicott, não necessariamente. Como vimos, a experiência cultural que é fundamental para o indivíduo é aquela que o permite integrar-se à tradição que o antecede – *sua* linhagem. Algo que, a princípio, não está vetado ao indivíduo experimentar, mesmo nas populações carentes. O exercício de uma maternagem suficientemente boa não depende exclusivamente das benesses de uma vida abastada. Por mais que essas possam facilitar, resta o empenho (e a sorte) de cada mãe (família) na superação das situações adversas. No entanto, se consideramos o abismo social e cultural que segrega os vários segmentos da nossa sociedade, o esforço materno, por mais que se empenhe, estará sempre fadado a ter o seu alcance limitado. Há uma parte cindida em nossa sociedade, bem como uma modificação em sua organização social que ultrapassa a capacidade de superação de qualquer mãe. Falta-lhe o círculo mais amplo da sociedade a sustentá-la em suas funções

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

apoiada pelo círculo do pai; do mesmo modo que este, na maioria das vezes, também lhe falta.

Nesse ponto, é importante abrirmos um parêntese e tecermos alguns comentários sobre a questão da violência em nossa sociedade. Certamente, trata-se de um fenômeno complexo que não temos a pretensão de esgotar mas, apenas, fazer algumas observações. Recentemente, uma pesquisa divulgada pela Macroplan e pelo Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (Iets) aponta a violência como o maior problema do Estado do Rio de Janeiro[1]: a falta de segurança é a principal queixa de 99% dos entrevistados. Inúmeros estudos apontam para a vinculação entre a expansão do narcotráfico, ocorrida na década de 80, e a disseminação da violência nos laços sociais[2]. Um fenômeno que, por sua vez, deve ser apreendido no contexto da sua emergência: uma sociedade marcada pelo cultivo do individualismo, pelo princípio de mercado, pela lógica do consumo, pelo enfraquecimento do sentido de comunidade e declínio de valores coletivos (Santos, 1995). O resultado é a propagação de padrões de sociabilidade marcados pela violência: "As relações entre os diferentes segmentos sociais nos percursos da cidade acontecem atravessadas pela desconfiança e o temor ao outro, e a juventude pobre é freqüentemente vista como instável e perigosa por essência" (Vilhena, Zamora e Dimenstein, 2005, p.31). Ou seja, a incidência da violência no cotidiano conduz as pessoas – direta ou indiretamente – a adotarem medidas defensivas (protetivas) que têm como principal conseqüência o esgarçamento do tecido social. Desconfiança mútua e exclusão social permeiam os relacionamentos. Segundo as autoras, o corolário disso é "um confinamento geográfico, político, cultural e subjetivo que produz relações de sociabilidade muito particulares" (Idem). Um padrão que perpassa a todos e contribui para a disseminação silenciosa da violência, em todos os estratos da sociedade. Os canais de comunicação e os espaços de convivência tornam-se cada vez mais restritos, potencializando a distância entre os habitantes. A insegurança torna-se, assim, um solo fértil, propício à proliferação do confinamento subjetivo: "Não só o Estado tem sido falho em cumprir com sua parte no contrato social, como o comportamento da polícia apresenta

[1] Informação retirada do Jornal *O Globo* de 15 de Dezembro de 2006.

[2] O advento da venda de cocaína na década de 80 resultou numa corrida armamentista: por um lado, as 'bocas-de-fumo' cariocas começaram a se organizar 'militarmente', por outro, a repressão policial passa a ter armamentos compatíveis com os da força armada. (Dimenstein, Zamora e Vilhena, 2005).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

um histórico de violência letal e corrupção, fazendo com que sejam temidos e detestados nas localidades pobres" (Idem, p. 25). Fecha parêntese.

A partir da observação do trabalho realizado pela Casa da Árvore, constatamos que a conseqüência clínica desse abismo social além de enorme é inevitável. Encontramos uma mobilização exacerbada das moções hostis e agressivas nos participantes dessa experiência, seja na condição de terapeuta, seja na condição de paciente. Por exemplo, é perturbadora a curiosidade compulsiva das crianças sobre os detalhes da vida pessoal dos terapeutas – onde você mora? É casa ou apartamento? Qual é o 'nome' do seu carro, quanto ele custa? Você é rica, não é? A diversidade se transforma, assim, em adversidade por não se dobrar tão facilmente aos sentidos e à compreensão: o ódio e a cobiça encontram agora um suporte que é real. Nessa condição, a segurança, oriunda da confiança em um mundo já conhecido está sempre prestes a nos abandonar e nos deixar à mercê da ameaça brutal que advém do contato com o desconhecido, mediatizado por uma cultura (da violência) que incita a desconfiança mútua. O que é deficiente a esses encontros é a mediação de uma cultura mais compassiva e solidária. Além da sorte, do desejo e do empenho pessoal de cada participante, só nos resta como amparo um tecido social e cultural esgarçado, na iminência de se romper.

Desse modo, tocamos no ponto nevrálgico dos dispositivos que se aventuram a um atendimento nessas condições: enquanto terapeutas, estamos constantemente sob a ameaça do excesso das cargas emocionais despertadas. Além da tremenda carga inerente a todo tratamento e, de modo especial, aos casos de tendência anti-social, encontramos a sobrecarga que advém da falta de proteção e sustentação na esfera social. O risco das intervenções (e omissões) mobilizadas pelo ódio ou pelo medo torna-se, assim, uma realidade incontornável. Ou melhor, é a matéria-prima a partir da qual esses encontros se realizam.

O primeiro passo, para a restauração das condições necessárias à realização de um encontro terapêutico, reside no reconhecimento de:

> o poder da cobiça e da agressão que todo indivíduo tem que enfrentar dentro do próprio *self*, se quiser parecer civilizado. A maneira mais fácil para o indivíduo é ver as suas partes desagradáveis apenas quando elas aparecem em outras pessoas. O difícil é que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

> ele veja que toda cobiça, agressão e embuste no mundo bem poderiam ter sido sua responsabilidade, mesmo que o fato em si não o seja (Winnicott, 1940, p. 217).

Reconhecer e aceitar a responsabilidade pela agressividade e a destrutividade que é nossa talvez seja a parte mais difícil nesse tipo de atendimento. Ainda mais quando se trata de uma agressividade e uma destrutividade que são involuntárias e estão relacionadas a questões sociais e culturais. Mais uma vez, vale lembrar que em termos de uma psicologia total, "possuir é tão agressivo quanto apoderar-se vorazmente" (Winnicott, 1950-54, p. 288). O reconhecimento do poder e da importância das moções hostis e agressivas nas questões humanas é vital. Somente por meio dele teremos a chance de encontrarmos algo além da cobiça e do ódio: subjacente à aparência feroz das moções hostis e agressivas, estão os impulsos de um amor primitivo. Segundo Winnicott (1940), "nossa tarefa fica imensamente simplificada se aceitamos o fato de que, em nossa natureza, somos basicamente iguais aos nossos inimigos" (p. 218). Algo que, em determinados momentos, exige deveras do terapeuta para ser sustentado.

O individualismo e o declínio da função paterna são apontados como traços marcantes da nossa sociedade, aos quais atribuímos um valor negativo por contribuírem para o esgarçamento do tecido social. Nesse contexto, gostaríamos de assinalar o que talvez possamos considerar o seu contraponto: as iniciativas pessoais. Do mesmo modo que encontramos uma gama enorme de iniciativas mobilizadas, principlamente, pela tendência anti-social – buscando restaurar uma situação perdida – encontramos aquelas que, das mais variadas formas, aceitam correr o risco de corresponder a esses apelos desesperados, de maneira não reativa, mas criativa. O trabalho realizado pela Casa da Árvore, nesse sentido, é exemplar. Através dele podemos avaliar a sobrecarga emocional que recai sobre cada um dos participantes, em uma experiência que resulta ser não apenas terapêutica, mas também de restauração social e cultural. No entanto, é importante assinalar que a potência dessa experiência somente se atualiza em condições específicas: a de um encontro que se realiza a partir de um contato pessoal – uma intimidade à dois - sob os auspícios da esperança em uma potência transformadora: a vida!

Contando apenas com a sustentação e a proteção de uma instância paterna social e culturalmente debilitada, os participantes dessas iniciativas buscam forjar através e na própria experiência - a partir dos elementos pessoais e culturais de cada um -, a rede de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

cuidados e de sustentação que, em alguma medida, é deficiente para todos. A sobrevivência à esse encontro tem como resultado a restauração dos laços sociais enfraquecidos bem como a produção de uma nova cultura, nascida de sentimentos compassivos e solidários. Algo que apenas se realiza na intimidade dos pequenos encontros, às expensas das moções hostis e agressivas – leia-se criativas - que são aí mobilizadas em cada um dos participantes. Vale lembrar, como assinala Costa (2000), que, em Winnicott, "a pulsão agressiva apresenta uma relação agônica com a interdição, da qual depende para se robustecer e à qual fornece a energia necessária ao exercício da coerção" (p. 21). Elas buscam por uma oposição sensível e responsiva que as possa acolher sem, no entanto, deixar de oferecer a resistência necessária e adequada. Nessas condições, "a relação da pulsão [agressiva] com a instância que limita o seu fluxo é de instigação recíproca. Uma incita a outra a se tornar mais forte e expansiva, dando andamento ao movimento criativo" (Idem).

Por mais que possamos promover políticas de incentivo a tais encontros, vale lembrar que é unicamente no plano do contato pessoal que tais mudanças são passíveis de acontecer. Sabemos que a esperança mora no potencial criativo inerente a todo ser humano: no gesto espontâneo que se aventura na busca por novos encontros. No entanto, existe aí um paradoxo que deve ser aceito e não contestado: ainda que seja uma iniciativa pessoal, o gesto espontâneo precisa de um outro ser humano para ser ele mesmo – espontâneo, criativo e em sintonia com os acontecimentos do mundo.Toda iniciativa pessoal é no fundo o resultado de um encontro venturoso.

Ao longo da nossa tese, tivemos oportunidade de avaliar a importância dos cuidados iniciais (maternais e paternais) para a vida de uma pessoa. São eles que propiciam a experiência de onipotência inicial que permite ao bebê vir ao mundo de maneira criativa. Somente nessa condição o mundo poderá ser significativo para ele:

> A partir desta experiência de onipotência inicial o bebê é capaz de começar a experimentar a frustração, e até mesmo a de chegar um dia ao outro extremo da onipotência, isto é, de perceber que não passa de uma partícula do universo, um universo que ali já estava antes mesmo da concepção do bebê, e que foi concebido por um pai e uma mãe que gostavam um do outro. Não é a partir da sensação de ser Deus que os seres humanos chegam à humildade característica da individualidade humana? (Winnicott, 2002[68], p. 90).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Sabemos, no entanto, que nem todas as crianças têm a sorte de contar com uma maternagem satisfatória (incluindo-se aí os cuidados paternos) nas etapas iniciais do seu desenvolvimento. Estamos, igualmente, cientes dos transtornos (da agressividade) que decorrem das falhas nesses cuidados. A manutenção das falhas na provisão ambiental só faz acirrar esses transtornos, enrijecendo a organização defensiva que deles resulta. Nesse caso, ainda que a esperança não morra, ela resta em compasso de espera, aguardando pelo momento oportuno para, novamente, renascer por meio de um gesto espontâneo. Quanto mais o transtorno persiste no tempo, maiores serão as dificuldades do seu tratamento.

Ao final, acompanhar de perto os resultados do atendimento realizado pela Casa da Árvore, nos permitiu confirmar a importância de um trabalho que tem na criança o seu centro de gravidade. Não temos dúvida de que a promoção de uma política de atenção à infância resulta em um trabalho efetivo de prevenção em saúde mental, principalmente, no tocante à prevenção da violência, da delinqüência, dos distúrbios de conduta de caráter compulsivo e das doenças psicóticas. Seja pela valorização e promoção das condições necessárias para que estes cuidados se transformem em uma realidade efetiva desde a gestação; seja pela criação de dispositivos que possam auxiliar as crianças e seus cuidadores a transpor as inúmeras dificuldades inerentes à vida e ao viver. Em nome de todas as crianças, de hoje e de amanhã, re-lançamos, mais uma vez, o apelo do *rapper*, na esperança de que não falte a nenhuma delas o amparo necessário, imprescindível à experiência inaugural que nos permite vir ao mundo de forma criativa: "*queria que Deus ouvisse a minha voz e transformasse aqui no mundo mágico de oz... Hey mano, será que ele terá uma chance?... eu penso que poderia ser um filho Meu, moro?"* (Racionais MC's).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

7.
Referências Bibliográficas

ABRAM, J. (1996) *A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

ALVAREZ, A. (1992) *Companhia Viva.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

ARENDT, H. (1969) *Sobre a violência* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

BEZERRA JR., B. (1999) *Seremos sujeitos amanhã?* In: *Cadernos de Psicanálise*, CPRJ. Rio de Janeiro. Vol. 21, no. 13.

BOGOMOLETZ, D. (2000) Sobre a Tradução. In: (1958) *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. s/n.

BOLLAS, C. (1987) *The Shadow of the Object*. New York: Columbia University Press.

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio *Novo dicionário Aurélio* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

COSTA, J.F. (2004) *O Vestígio e a Aura*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____(2000) *Playdoier pelos irmãos* In: KHEL, M. R. (0rg.) *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará,.

____ (1984) *Violência e Psicanálise***.** 2a.ed. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1985.

CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1982.

DAVIS, M. & WALLBRIDGE, D. (1981) *Boudary and Space: na introduction to the work of D.W***.** Winnicott. London: Karnac Books,.

DAVIS, M. (1985) Destruction as an Achievement in the work of Winnicott. In: *Winnicott Studies, No. 7.* London: Karnac Books.

DE LEO, A. *Na Praia do Mar dos Mundos sem Fim... Mães e Crianças Brincam: criando um espaço terapêutico para mães e bebês*. Tese de doutorado. PUC-Rio, Departamento de Psicologia, 2005.

DIAS, E. O. (2000) *Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento* In: Natureza Humana: Revista internacional de Filosofia e práticas psicoterápicas. Vol. 2, no. 1, pp. 9-48.

_____(2003)*A Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott.* Rio de Janeiro, Imago Editora.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

DIMENSTEIN, M.; ZAMORA, M. H. & VILHENA, J. (2005) Sobre a Vida dos Jovens nas Favelas Cariocas. In: *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*. Niterói, UFF, 16.1. pp. 24-39.

FERREIRA, F. P. *A Teoria das Pulsões: uma discussão sobre a sua utilidade e atualidade.* Projeto para concurso de doutorado, PUC-Rio, Out. de 2003.

FIGUEIREDO, L. (1999) *Palavras Cruzadas entre Freud e Ferenczi..* São Paulo: Escuta.

FIGUEIREDO, L. C. e CINTRA, E.M. (2004) *Melanie Klein: estilo e pensamento.* São Paulo: Escuta.

FREUD, S. *(1895) Projeto para uma psicologia científica vol.I.* In: ESB Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____ *(1905[1901]) Fragmento da Análise de um Caso de Histeria vol.VII.* In: ESB Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____ *(1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade vol.VII.* In: ESB Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____ *(1909) Análise de uma Fobia em um Menino de cinco anos vol.X* In: ESB Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____*(1911) Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um caso de Paranóia (Dementia Paranoides) vol.XII.* In: ESB Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____*(1911) Formulações sobre os dois Princípios do Funcionamento Mental vol.XII.* In: ESB Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____ *(1912) A Dinâmica da Transferência vol.XII.* In: ESB Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____*(1913) Totem e Tabu vol.XIII* In: ESB Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____*(1914) Sobre o Narcisismo: Uma Introdução vol.XIV* In: ESB Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____*(1915) Os Instintos e suas Vicissitudes vol.XIV* In: ESB Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____*(1920) Além do princípio do Prazer vol. XVIII.* In: ESB Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____*(1924) O Problema Econômico do Masoquismo vol.XIX.* In: ESB Rio de Janeiro: Imago, 1974.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

_____ *(1930[29])O Mal-estar na Civilização vol.XXI.* In: ESB Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____*(1932) Por que a guerra? Vol. XXII.* In: ESB Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____*(1933[1932]) Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise" vol.XXI.* In: ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GREEN, A. (1988) *Narcisismo de Morte.* São Paulo: Editora Escuta.

_____(1990) *Le Tournant des Années Folles.* In: La Follie Privée. Paris: Gallimard, pp. 9-33.

HANNS, L. (1996) *Dicionário Comentado do Alemão de Freud***.** Rio de janeiro: Imago.

HEIMANN, P. (1950) On Coutertransference, *International Journal of Psycho-Analysis,*31, pp. 81-84.

HOPKINS, L. (1998) D. W. Winnicott's Analysis of Massud Khan: a preliminary study of failures of object usage. *Contemporary Psycoanalysis*, pp. 5-47.

HOUAISS, A. *Webster's Dicionário Inglês-Português*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

KAUFMANN, P. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud a Lacan.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

KHAN, M. *Introdução* In: WINNICOTT, D. W. Da Pediatria à Ppsicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____(1970) Montaigne, Rousseau e Freud. In: Khan, (1974) *Psicanálise: teoria, técnica e casos clínicos.* Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1977, pp. 125-139.

_____(1964) Distorção do Ego, Trauma Cumulativo e o Papel da Reconstrução na Situação Analítica. In: Khan, (1974) *Psicanálise: teoria, técnica e casos clínicos.* Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1977, pp. 77- 88.

LAPLANCHE, J., PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise* Santos: Martins Fontes, 1970.

LOPARIC, Z. (1999) O Conceito de *Trieb* na Psicanálise e na Filosofia. In: Machado (org.) *Filosofia e Psicanálise: um diálogo.* Porto Alegre: Edipuc, 1999. pp. 97-157.

_____(1995) Winnicott e o Pensamento Pós-Metafísico. In: *Revista de Psicologia da USP.* São Paulo, Vol. 6. N.2, pp. 39-61.

MARIN, I. S. K. (2002) *Violências* São Paulo: Escuta/Fapesp.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

MEZAN, R. (2001) *Freud: A Trama dos Conceitos* São Paulo: Perspectiva.

PHILLIPS, A. (1988) *Winnicott.* London: Fontana Press.

PONTALIS, J. B. (1977) *Naissance er Reconnaissance du "Soi"*. In: Entre le Revê et la Doleur: Paris, Gallimard.

RODMANN, R. (1987) *O Gesto Espontâneo: D.W. Winnicott*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ROUDINESCO, E, PLON, M. (1998) *Dicionário de Psicanálise* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

SANTOS, B.S. (1995) *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez.

SOUZA, O. (2000) Aspectos do Encaminhamento da Questão da Cientificidade da Psicanálise no Movimento Psicanalítico. In: PACHECO FILHO, A.; ROSA, M. D. & COELHO Jr., N. (orgs.) *Ciência e Realidade na Psicanálise Contemporânea.* São Paulo: EDUC/Casa do Psicólogo, pp. 205-34.

_____(2001) Os Continentes Psíquicos e o Vazio em Psicanálise. In: DA POIAN, C. (org.) *Formas do Vazio: desafio ao sujeito contemporâneo.* São Paulo: Via Lettera, pp. 131- 41.

_____(2001) Nota sobre algumas diferenças clínicas na valorização dos afetos nas Teorias Psicanalíticas. In: PLASTINO, C. A. e BEZERRA Jr., B. (orgs.) (2002) *Corpo, Afeto e Linguagem.* Rio de Janeiro: Contra-capa, pp. 285-298.

STEINER, J. (1993) Refúgios Psíquicos: organizações patológicas em pacientes psicóticos, neuróticos e fronteiriços. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.

STRACHEY, J. (1969) *Nota do Editor Inglês* In: Freud, *(1930[29]) O Mal-estar na Civilização vol. XXI.* In: ESB Rio de Janeiro: Imago, 1974.

VILHENA, J. (2002) A Arquitetura da violência.Reflexões acerca da violência e do poder na cultura. In: *Cadernos de Psicanálise*. Rio de Janeiro, SPCRJ. Vol.18. N.21, 2002.

WINNICOTT, C. (org) (1989) *Explorações Psicanalíticas: D.W. Winnicott.* Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

WINNICOTT, C. (1984) Introdução. In: Winnicott, (1984) *Privação e Delinqüência.* São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. XI-XVI.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

WINNICOTT, C. et all. (1984) Introdução. In: Winnicott, (1984) *Privação e Delinqüência.* São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 3-7.

WINNICOTT, D. W. (1935) A Defesa Maníaca. In: Winnicott, (1958) *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp.199-217.

_____ (1939) Agressão e suas raízes. In: Winnicott, (1984) *Privação e Delinqüência.* São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 93-102.

_____ (1940) Discussão dos Objetivos da Guerra. In: Winnicott, (1986) *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.215-227.

_____ (1942) Por que as crianças brincam. In: Winnicott, (1957) *A Criança e o seu Mundo*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1977,pp. 161-165.

_____ (1945a) Desenvolvimento Emocional Primitivo. In: Winnicott, (1958) *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp.218-232.

_____ (1945b) De Novo em Casa. In: Winnicott, (1984) *Privação e Delinqüência.* São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.53-58.

_____ (1945c) Por que Choram os Bebês?. In: Winnicott, (1957) *A Criança e o seu Mundo*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1977, pp.60-75.

_____ (1945d) E o Pai?. In: Winnicott, (1957) *A Criança e o seu Mundo*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1977, pp.127- 133.

_____ (1946a) Que Entendemos por uma Criança Normal?. In: Winnicott, (1957) *A Criança e o seu Mundo*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1977, p.140-147.

_____(1946b) Alguns Aspectos Psicológicos da Delinqüência Juvenil. In: Winnicott, (1984) *Privação e Delinqüência.* São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 127-134.

_____ (1947a) O Ódio na Contratransferência. In: Winnicott, (1958) *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp.277-287.

_____(1947b) Tratamento em Regime Residencial para Crianças Difíceis. In: Winnicott, (1984) *Privação e Delinqüência.* São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 59-80.

_____ (1948a) A Reparação Relativa à Defesa Organizada da Mãe contra a Depressão. In: Winnicott, (1958) *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp.156-162.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

_____ (1948b) Alojamentos Para Crianças em Tempo de Guerra e em Tempo de Paz. In: Winnicott, (1984) *Privação e Delinqüência.* São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 81- 86.

_____ (1949a) Memórias do Nascimento, Trauma do Nascimento e Ansiedade. In: Winnicott, (1958) *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp.254-276.

_____ (1949b) A Mente e sua Relação com o Psicossoma. In: Winnicott, (1958) *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp.332-346.

_____ (1950) A Criança Desapossada e Como Pode Ser Compensada pela Falta de Vida Familiar. In: Winnicott, (1984) *Privação e Delinqüência.* São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp.195-213.

_____ (1950-55) A Agressividade em Relação ao Desenvolvimento Emocional. In: Winnicott, (1958) *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp.288-304.

_____ (1951) Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais. In: Winnicott, (1971) *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975, p.13-44.

_____ (1952a) Carta a Roger Money-Kyrle. In: Rodmann, (1987) *O Gesto Espontâneo: D.W. Winnicott*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, pp. 35-38.

_____ (1952b) Ansiedade Associada à Insegurança. In: Winnicott, (1958) *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp.163-167.

_____ (1952c) Psicoses e Cuidados Maternos. In: Winnicott, (1958) *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp.305-315.

_____ (1954) Aspectos Clínicos e Metapsicológicos da Regressão no Contexto Analítico. In: Winnicott, (1958) *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp.374-92.

_____ (1954-55) A Posição Depressiva no Desenvolvimento Emocional Normal. In: Winnicott, (1958) *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp.355-373.

_____ (1955) Influências de Grupo e a Criança Desajustada: o aspecto escolar. In: Winnicott, (1984) *Privação e Delinqüência.* São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.215-226.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

_____ (1956a) A Preocupação Materna Primária. In: Winnicott, (1958) *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp.399-405.

_____ (1956b) A tendência anti-social. In: Winnicott, (1958) *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p.406-416.

_____(1957) The Contribuition of Psycho-Analysis to Midwifery. In: Winnicott, (1965) *The Family and Individual Development*. London and New York: Tavistock/Routledge, 1989.

_____ (1958a) Psicanálise do Sentimento de Culpa. In: Winnicott, (1979) *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, pp.19-30.

_____ (1958b) A Capacidade de Estar Só. In: Winnicott, (1979) *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, pp.31-37.

_____ (1959-64) Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? In: Winnicott, (1979) *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, p.114-127.

_____ (1960a) Joseph Sandler: comentários sobre On The Concept of the Superego. In: Winnicott, C. (org.), (1989) *Explorações Psicanalíticas: D.W. Winnicott.* Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994, p.353- 358.

_____ (1960b) Teoria do Relacionamento Paterno-Infantil. In: Winnicott, (1979) *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, pp.38-54.

_____ (1960c) Distorção do Ego em Termos de Falso e Verdadeiro *self*. In: Winnicott, (1979) *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, p.128-139.

_____ (1960d) Agressão, Culpa e Reparação. In: Winnicott, (1984) *Privação e Delinqüência.* São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp.153-162.

_____ (1961a) Comentários sobre o "Report of The Commitee on Punishment in Prisons and Borstals". In: Winnicott, (1984) *Privação e Delinqüência.* São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.229-236.

_____ (1961b) Variedades de Psicoterapia. In: Winnicott, (1984) *Privação e Delinqüência.* São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.263-273.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

_____ (1962a) A Integração do Ego no Desenvolvimento da Criança. In: Winnicott, (1979) *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, pp.55-61.

_____ (1962b) Provisão para a Criança na Saúde e na Crise. In: Winnicott, (1979) *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, pp.62- 69.

_____ (1962c) Enfoque Pessoal da Contribuição Kleiniana. In: Winnicott, (1979) *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, pp.156-162.

_____ (1963a) O Desenvolvimento da Capacidade de se Preocupar. In: Winnicott, (1979) *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, pp.70-78.

_____ (1963b) Da Dependência à Independência no Desenvolvimento do Indivíduo. In: Winnicott, (1979) *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, p.79-87.

_____ (1963c) Comunicação e Falta de Comunicação Levando ao Estudo de Certos Opostos. In: Winnicott, (1979) *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, p.163-174.

_____ (1963d) A Psicoterapia dos Distúrbios de Caráter. In: Winnicott, (1979) *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, pp. 184-195.

_____ (1963e) Os Doentes Mentais na Prática Clínica. In: Winnicott, (1979) *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, p.196-206.

_____ (1963f) Distúrbios Psiquiátricos e Processos de Maturação. In: Winnicott, (1979) *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, pp. 207-217.

_____ (1963g) O Medo do Colapso (*Breakdown*). In: Winnicott, C. (org.), (1989) *Explorações Psicanalíticas: D.W. Winnicott.* Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994, pp.70-76.

_____ (1964a) Raízes da Agressão. In: Winnicott, (1984) *Privação e Delinqüência.* São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 102-110.

_____ (1964b) O Conceito de Falso *Self*. In: Winnicott, (1986) *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.53-58.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

_____ (1965) Dissociação Revelada numa Consulta terapêutica. In: Winnicott, (1984) *Privação e Delinqüência.* São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 291-319.

_____ (1966a) A Ausência de Um Sentimento de Culpa. In: Winnicott, (1984) *Privação e Delinqüência.* São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.119-126.

_____ (1966b) A Criança no Grupo Familiar. In: Winnicott, (1986) *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.123-136.

_____ (1966c) A Mãe Dedicada Comum. In: Winnicott, (1987) *Os Bebês e Suas Mães*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, pp.1-11.

_____ (1967a) O Conceito de Individuo Saudável. In: Winnicott, (1986) *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 3-22.

_____ (1967b) A Delinqüência como Sinal de Esperança. In: Winnicott, (1986) *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.81-91.

_____ (1967c) Pós-Escrito: D.W.W. sobre D.W.W. In: Winnicott, C. (org.), (1989) *Explorações Psicanalíticas: D.W. Winnicott.* Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994, p.433-443.

_____ (1967d) A Localização da Experiência Cultural. In: Winnicott, (1971) *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975, pp.133-144.

_____ (1967e) O Papel de Espelho da Mãe e da Família no Desenvolvimento Infantil. In: Winnicott, (1971) *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975, pp.153-162.

_____ (1968a) A Amamentação como Forma de Comunicação. In: Winnicott, (1987) *Os Bebês e Suas Mães*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, pp. 19-27.

_____ (1968b) A Comunicação entre o Bebê e a Mãe e entre a Mãe e o Bebê: convergências e divergências. In: Winnicott, (1987) *Os Bebês e Suas Mães*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, pp.79-92.

_____ (1968c) *Sum*: Eu sou. In: Winnicott, (1986) *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp.41-51.

_____ (1968d) O Aprendizado Infantil. In: Winnicott, (1986) *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp.137-144.

_____ (1968e) Sobre "O Uso de um Objeto". Ilustração Clínica de o Uso de um Objeto. In: Winnicott, Clare (org.), (1989) *Explorações Psicanalíticas: D.W. Winnicott.* Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994, p.183-185.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

_____ (1968f) Sobre "O Uso de um Objeto". Comentário sobre Meu Artigo "O Uso de um Objeto". In: Winnicott, C. (org.), (1989) *Explorações Psicanalíticas: D.W. Winnicott.* Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994, p.185-6.

____ (1968g) Conceitos Contemporâneos de Desenvolvimento Adolescente e suas Implicações para a Educação Superior. In: Winnicott, (1971) *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975, pp. 187-202.

_____ (1969a) Sobre "O Uso de um Objeto". O Uso de Um Objeto no Contexto de *Moisés e o Monoteísmo*. In: Winnicott, C. (org.), (1989) *Explorações Psicanalíticas: D.W. Winnicott.* Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994, p.187-191.

_____ (1969b) A Experiência Mãe-Bebê de Mutualidade. In: Winnicott, C. (org.), (1989) *Explorações Psicanalíticas: D.W. Winnicott.* Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994, pp.195- 202.

_____ (1969c) Melanie Klein: sobre o conceito de inveja. Contribuição a um Simpósio sobre Inveja e Ciúme. In: Winnicott, C. (org.), (1989) *Explorações Psicanalíticas: D.W. Winnicott.* Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994, pp.350-352.

_____ (1969d) O Uso de um Objeto e Relacionamento através de Identificações. In: Winnicott, (1971) *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975, pp.121-131.

_____ (1970a) As Bases para o *Self* no Corpo. In: Winnicott, C. (org.), (1989) *Explorações Psicanalíticas: D.W. Winnicott.* Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994, p.203-10.

_____ (1970b) Individuação. In: Winnicott, C. (org.), (1989) *Explorações Psicanalíticas: D.W. Winnicott.* Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994, pp.219-222.

_____ (1970c) Vivendo de Modo Criativo. In: Winnicott, (1986) *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.23-39.

_____ (1971a) Introdução. In: Winnicott, (1971) *Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1984, pp.9-19.

_____ (1971b) Introdução. In: Winnicott, (1971) *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975, s/p.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

_____ (1971c) O Brincar: uma exposição teórica. In: Winnicott, (1971) *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975, pp.59-77.

_____ (1971d) O Brincar: a atividade criativa e a busca do *self*. In: Winnicott, (1971) *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975, pp.79-93.

_____ (1971e) A criatividade e suas origens. In: Winnicott, (1971) *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975, pp.95-120.

_____ (1971f) Inter-relacionar-se Independentemente do Impulso Instintual e em Função de Identificações Cruzadas. In: Winnicott, (1971) *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975, pp. 163-186.

_____ (1971g) O Lugar em que Vivemos. In: Winnicott, (1971) *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975, p.145-152.

_____(1957b) *A Criança e o seu Mundo*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1977.

_____ (1958c) *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____ (1971h) *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975.

_____ (1971i) *Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1984.

_____(1979) *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____(1984) *Privação e Delinqüência.* São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____(1986) *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____(1987) *Os Bebês e Suas Mães*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____ (1988[54]) *Natureza humana*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1990.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Anexos:

MAGICO DE OZ - Racionais MC's

Aquele moleque, sobrevive como manda o dia a dia, tá na correria, como vive a maioria, preto desde Nascença escuro de sol, eu to pra ver alí igual no futebol, sair um dia das ruas é a meta final viver Descente, sem ter na mente o mal, tem o instinto, que a liberdade deu, tem a malicia, que a cada Esquina deu, conhece puta, traficante ladrão, toda raça uma par de alucinado e nunca embaçô, Confia neles mais do que na polícia, quem confia em polícia, eu não sou louco, a noite chega, e o frio Também sem demora, e a pedra o consumo aumenta a cada hora, pra aquecer ou pra esquecer, viciar, deve Ser pra se adormecer, pra sonhar, viajar na paranóia na escuridão, um poço fundo de lama, mais um Irmão, não quer crescer, ser fugitivo do passado, envergonhar-se aos 25 ter chegado, queria que Deus ouvisse a minha voz e transformasse aqui no mundo mágico de oz...

Queria que deus ouvisse a minha voz!!!! (que deus ouvisse a minha voz) no mundo mágico de oz – 2 Vezes –

Um dia ele viu a malandragem com o bolso cheio, pagando a roda da risada e vagabunda no meio, a Impressão que dá, é que ninguém pode parar, um carro importado,som no talo, homem na estrada Eles gostam, só bagaceira só, o dia inteiro só, como ganha o dinheiro, vendendo pedra e pó, rolex Ouro no pescoço a custa de alguém, uma gostosa do lado pagando pau pra quem? a polícia passou e Fez o seu papel, dinheiro na mão, corrupção à luz do céu, que vida agitada hein? gente pobre tem, Periferia tem, você conhece alguém, moleque novo que não passados doze, já viu viveu, mais que Muito homem de hoje, vira a esquina, e para em frente a uma vitrine, se vê, se imagina na vida do Crime, dizem que quem quer segue o caminho certo, ele se espelha em quem tá mais perto, pelo Reflexo do vidro ele vê, seu sonho no chão se retorcer, ninguém liga pro moleque tendo um ataque, Foda-se quem morrer desta porra de crack, relaciona os fatos com seus sonhos, poderia ser eu no Seu lugar, ah, das duas uma eu não quero desandar, por aqueles mano que trouxeram essa porra pra Cá, matando os outros, em troca de dinheiro e fama, grana suja como vem vai não me engana, queria Que deus, ouvisse a minha voz e transformasse aqui no mundo mágico de oz...

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA

Queria que deus ouvisse a minha voz!!!! (que deus ouvisse a minha voz) no mundo mágico de oz – 2 Vezes –

Hey mano, será que ele terá uma chance, quem vive nesta porra,merece uma revanche, é um dom Que você tem de viver, é um dom que você recebe pra sobreviver,história chata, mas você tá ligado? Que é bom lembrar, que quem entrar é um em cem, pra voltar, quer dinheiro pra vender, tem um Monte aí, tem dinheiro quer usar, tem um monte aí, tudo dentro de casa, vira fumaça, é foda, será Que deus deve ta provando minha raça? só desgraça, gira em torno daqui, falei do jb, é o que Queria fazer, rezei pra um moleque que pediu, qualquer trocado qualquer moeda, me ajuda tio? Pra Mim não faz falta, uma moeda não neguei, e não quero saber, o que que pega se eu errei, Independente a minha parte eu fiz, tirei um sorriso ingênuo,fiquei um terço feliz, se diz que Moleque de rua rouba, o governo, a polícia no brasil quem não rouba? ele só não têm diploma pra Roubar, ele não se esconde atrás de uma farda suja, é tudo uma questão de reflexão irmão, é Uma questão de pensar, ah, a polícia sempre dá o mal exemplo, lava minha rua de sangue, leva o Ódio pra dentro, pra dentro, de cada canto da cidade, pra cimados quatro extremos da Simplicidade, a minha liberdade foi roubada, minha dignidade violentada, que nada, os manos se Ligar, parar de se matar, amaldiçoar, levar pra longe daqui essa porra, não quero que um filho meu Um dia deus me livre morra, ou um parente meu acabe com um tiro na boca, é preciso morrer pra Deus ouvir minha voz, ou transformar aqui no mundo mágico deoz...

Queria que deus ouvisse a minha voz!!!! (que deus ouvisse a minha voz) no mundo mágico de oz – 2 Vezes –

Jardim filhos da terra e tal, jardim ebrom, jaçanã, jaba rural,piquiri e mazém, nova galvão, Jardim curusco, fontaros e então, campo limpo, guarulhos jardim peri, jb, edu chaves e tucuruvi, Alo doze, mimosa e são rafael, zacki narchi tem um lugar no céu, às vezes eu fico pensando se deus Existe mesmo, moro? porque meu povo já sofreu demais, e continua sofrendo até hoje! só quero ver Os moleque nos farol, na rua, muito louco de cola, de pedra, e eu penso que poderia ser um filho Meu, moro? mas aí! eu tenho fé, eu tenho fé... em deus.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0313383/CA